

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

SANDRA QUAREZEMIN

ESTRATÉGIAS DE FOCALIZAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO –
UMA ABORDAGEM CARTOGRÁFICA

FLORIANÓPOLIS
2009

SANDRA QUAREZEMIN

**ESTRATÉGIAS DE FOCALIZAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO –
UMA ABPORDAGEM CARTOGRÁFICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Miotto

FLORIANÓPOLIS

2009

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

Q1 Quarezemin, Sandra
Estratégias de focalização no português brasileiro
[tese] : uma abordagem cartográfica / Sandra
Quarezemin ; orientador, Carlos Miotto. -
Florianópolis, SC, 2009.
198 f.: tabs., graf.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão.
Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Inclui bibliografia

1. Linguística. 2. Cartografia. 3. Língua
Portuguesa - Sintaxe. I. Miotto, Carlos.
II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Linguística.
III. Título.

CDU 801

Sandra Quarezemin

Estratégias de Focalização no Português Brasileiro – uma abordagem cartográfica

Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Linguística
Prof^a. Dr^a. Rosângela Hammes Rodrigues

Tese defendida e aprovada no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de DOUTOR em Linguística, pela comissão examinadora composta pelos professores:

Prof. Dr. Carlos Miotto - orientador
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof^a. Dr^a. Esmeralda Negrão – Membro externo
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Prof^a. Dr^a. Maria José Foltran – Membro externo
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Figueiredo Silva – Membro interno
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof^a. Dr^a. Izete Coelho – Membro interno
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof^a. Dr^a. Roberta Pires de Oliveira - Suplente
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Florianópolis, julho de 2009.

"If you have found an answer to all yours
questions, it means that the questions
you have asked were the wrong ones" –
Oscar Wilde

Aos pilares da minha vida
– minha Mãe e meu Pai –
que de tudo fizeram para que eu
chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

A Deus que trilhou ao meu lado durante todo este percurso, principalmente, nos momentos em que a angústia, a fraqueza e a insegurança fizeram-se presentes na trajetória acadêmica/intelectual.

Ao meu sempre orientador, Carlos Mito, pelo exemplo de profissionalismo, pela atenção, pelo incentivo de sempre, por ter confiado em mim e ter acreditado no meu trabalho. Obrigada, Mito, pela paciência e pela compreensão, afinal foram nove anos de convivência sendo sempre o meu querido orientador!

À Adriana Belletti e Luigi Rizzi pela receptividade e pela acolhida durante a minha estada na Università di Siena. Obrigada, Adriana, por ter me orientado no doutorado sanduíche e ter contribuído intensamente com a produção e o desenvolvimento da minha tese. Obrigada, Luigi, pelos seus atendimentos, pelos valiosos comentários, pelas sugestões, pelo interesse em meu trabalho.

À minha filha, Julia, pela companhia, pelas palavras carinhosas, pelo sorriso, e, especialmente, pela sua compreensão. Obrigada, minha grande amiga, por acreditar em mim e torcer pela realização dos meus sonhos!

Aos meus pais, Ari e Teresinha, que sempre estiveram por perto e não permitiram que eu desistisse dos meus projetos quando alguns obstáculos apareceram em meu caminho. Obrigada, mãe, por ter me proporcionado dias maravilhosos em Siena. Esta visita recarregou a bateria que já estava fraca dentro de mim.

À minha afilhada, Isabella, pelos sorrisos que alegravam os meus dias durante o ano em que estive longe das pessoas que amo!

Às minhas irmãs, Shay e Jana, e aos meus cunhados, Cris e Gregory, pelo apoio de todas as horas, pelos momentos de descontração, pela amizade verdadeira. Por terem proporcionado o meu encontro com a Julia, por duas vezes, no período do doutorado sanduíche. Serei eternamente grata a vocês!

À minha irmã postiça, Simone Guesser, pela receptividade, pelo companheirismo, pela solidariedade, pela amizade, por ter compartilhado comigo momentos difíceis e complicados sem pedir nada em troca. Obrigada, Saimon, pela presença constante na minha estada em Siena. Tu és um exemplo a ser seguido!

Aos meus familiares em geral, tios e tias, primos e primas, pelo carinho e incentivo. Agradeço, especialmente, ao tio Pedro e à Márcia que me visitaram em Siena e me proporcionaram dias incríveis viajando pelo "velho mundo".

À Fátima pelo carinho de sempre, pelas palavras de incentivo, pelos inúmeros lanchinhos servidos naquelas longas tardes de estudo.

Às professoras Maria Cristina Figueiredo Silva, Roberta Pires de Oliveira e Ruth Vasconcelos Lopes pelas disciplinas e pelos ensinamentos que muito contribuíram com a minha formação. Obrigada, Cristina e Ruth, pelos comentários e pelas sugestões sobre o projeto para o doutorado sanduíche.

A todos os professores que, direta ou indiretamente, contribuíram com a realização desta tese: Ana Paula Scher, Enoch Aboh, Esmeralda Negrão, Izete Coelho, Isabel Seara, Márcia Santos Duarte de Oliveira, Maria José Foltran, Sérgio Menuzzi.

Ao Centro Interdipartimentale di Studi Cognitivi sul Linguaggio (CISCL) pela oportunidade de ter participado de cursos e seminários extremamente importantes para o meu amadurecimento intelectual. Agradeço aos professores Naama Friedmann, Ur Shlonsky, Valentina Bianchi, Andrea Calabrese, Cornelia Hamann, Gennaro Chierchia, Michael Starke, Andrea Moro, Ian Roberts, Kleanthes Grohmann, Christer Platzack, que, durante os cursos realizados, trataram de questões relevantes para a presente pesquisa.

Aos funcionários da Universidade Federal de Santa Catarina e da Università di Siena pela simpatia com que sempre me receberam, e pela ajuda em muitas ocasiões.

Aos amigos do Núcleo de Estudos Gramaticais (NEG) – Ronald, Lucilene, Mariana, Salete, Ani, Luisandro, Cláudio, João, Léo, Sabrina – pela amizade e pelo apoio recebido durante esses anos de trabalho e de convivência.

Aos amigos do Centro Interdipartimentale di Studi Cognitivi sul Linguaggio (CISCL) – Lena Dal Pozzo, Giuliano Bocci, Ida Ferrari, Simona Matteini, Simona Mancini, Irene Franco, Vincenzo Moscati, Cristiano Chesi – pela forma carinhosa com que me receberam, pela amizade, pelos momentos de descontração naqueles dias frios e cinzentos de Siena. Agradeço, especialmente, ao Giuliano que sempre esteve disposto a discutir comigo o seu trabalho, e pelo seu esforço em compreender os dados do Português Brasileiro.

Aos amigos que conheci na Itália – Adriana Lucchesi, Luca Iurlo, Luigi Palumbo, Mauro Frati – e aos amigos brasileiros que por lá encontrei – Rita, Ribamar, Tatiana, Téia, Ricardo – obrigada pela força que todos vocês me deram, principalmente naqueles momentos em que a saudade estava me sufocando.

Ao casal Adriana e Luca e ao grande amigo Luigi que não pouparam esforços para me ajudar nas mais variadas situações. Obrigada, Luca, pela revisão do meu texto em italiano. Obrigada, Adri, por ter sempre me atendido nas inúmeras vezes que te liguei pedindo ajuda com a tradução de algumas frases. Obrigada, Luigi, por ter me ajudado com toda a parte técnica do trabalho, por ter estado ao meu lado em momentos ímpares. Vocês três contribuíram diretamente com a produção desta tese.

À família Palumbo que me recebeu com muito carinho em Montefiascone, permitindo-me vivenciar um pouco dos costumes e das tradições italianas.

À Gabriella Targi, seus filhos e suas netas, pela acolhida e pela atenção durante os seis meses em que moramos juntos em Siena.

Aos meus grandes amigos – Fabi, Núbia, Paula, Tharen, Gustavo, Mateus, Giuliana, Lilian, Samia, Guilherme, Lezy, Stela – quaisquer palavras são poucas diante do papel que vocês representam em minha trajetória acadêmica. De modo especial, agradeço à Fabiana que formatou esta tese e fez a diagramação do texto da mesma. À Paula que tanto me ajudou com a elaboração dos gráficos presentes neste estudo. Ao Gustavo que esteve presente no Incontro di Grammatica Generativa, em Siena, e comigo permaneceu por alguns dias, amenizando a saudade do Brasil. À Núbia e à Tharen que sempre estiveram dispostas a me ouvir, e, ainda que virtualmente, acalmaram-me nos momentos em que o desânimo me assolava.

Às colegas de pesquisa, Flaviane Fernandes e Eloisa Pilati, que gentilmente me enviaram as suas teses.

A todas as pessoas que participaram dos experimentos realizados para esta tese. Obrigada por terem atendido prontamente ao meu pedido.

A todos aqueles que cruzaram o meu caminho durante esses quatro anos de estudo e que, de alguma forma, interferiram na realização deste trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo apoio financeiro durante o desenvolvimento desta tese. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro durante a minha estada em Siena, no período do doutorado sanduíche.

RESUMO

Esta tese tem por objetivo descrever e analisar, com base na Teoria Gerativa, as estratégias empregadas pelos falantes do Português Brasileiro (doravante PB) para focalizar o sujeito e o objeto. Não nos restringimos ao tipo de interpretação focal, analisamos os casos de focalização informacional bem como os casos de focalização contrastiva/exaustiva. Propomos uma análise cartográfica para os dados encontrados no PB. O foco é identificado, neste estudo, como o constituinte que veicula a informação não-pressuposta na sentença, enquanto a pressuposição veicula a informação partilhada pelos interlocutores em uma situação discursiva. O foco é visto como uma propriedade sintático-semântica gramaticalizada na forma de um elemento funcional (partícula foco – Gungbe), de uma morfologia especial (algum processo de afixação), de um traço morfossintático (nas línguas que não apresentam nem partícula nem morfologia especial). A hipótese inicial é que, de um modo geral, os falantes do PB preferem destacar o constituinte focalizado sintaticamente, ao invés de destacá-lo apenas com recursos prosódicos. O fenômeno da focalização não está livre da marcação sintática. As estratégias de focalizar o sujeito não correspondem exatamente às estratégias de focalizar o objeto. A assimetria sujeito-objeto se reflete no fenômeno da focalização e, muitas vezes, intervém na análise das sentenças com elementos focalizados. Em relação à focalização do sujeito, nossa hipótese é que o PB, por estar perdendo a propriedade de língua de sujeito nulo, emprega as estratégias de focalização das línguas de sujeito não-nulo, como o inglês e o francês. Quanto à focalização do objeto, parece não haver distinção no modo como os falantes das línguas em geral focalizam esse constituinte.

PALAVRAS-CHAVE: Focalização; Cartografia; Sintaxe; Português Brasileiro.

ABSTRACT

This dissertation aims at analyzing and describing, in the light of the Generative Theory, the strategies used by the Brazilian Portuguese (henceforth BP) speakers to focalize the subject and object. We did not limited the study to the type of focus interpretation, and we analyzed the cases of informational focalization and the contrastive/exhaustive ones. We suggest a cartographic analysis for the data found in BP. The focus is identified, in this study, as the constituent that conducts the non-pressupposed information in the sentence, whereas the presupposition refers to information shared by the speakers in a discursive situation. The focus is seen as a semantic- syntactic property grammaticalized in the form of a functional element (focus particle – Gungbe), of a special morphology (some process of affixation), of a morphosyntactic feature (in the languages that do not present neither particle nor special morphology). The initial hypothesis is that, generally speaking, the BP speakers prefer to highlight the focalized constituent syntactically, instead of highlighting it only by using prosody. The phenomenon of focalization is not free of the syntactic marking. The strategies to focalize the subject do not correspond exactly to the strategies used to focalize the object. The asymmetry subject-object is reflected in the focalization phenomenon and, for several times, intervenes in the analysis of the sentences with focalized elements. Concerning the subject focus, our hypothesis is that the BP, because it is 'losing' the properties of a null-subject language, makes use of the same focalization strategies of non-null languages such as English and French. As for the object focalization, there seems to be no distinction in the way the speakers focalize such element.

KEY WORDS: Focalization; Cartography; Syntax; Brazilian Portuguese.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 ABORDAGEM CARTOGRÁFICA E MINIMALISMO.....	18
1.1 INTRODUÇÃO.....	18
1.2 O DESENVOLVIMENTO DA ABORDAGEM CARTOGRÁFICA.....	18
1.2.1 DESDOBRAMENTO DE IP – POLLOCK (1989)	19
1.2.2 A EXTENSÃO DE CP – RIZZI (1997)	21
1.2.3 A HIERARQUIA DOS ADVÉRBIOS – CINQUE (1999)	23
1.2.4 A EXTENSÃO DE VP – BELLETTI (2001, 2004)	25
1.2.5 A EXTENSÃO DE DP – GIUSTI (2002)	27
1.3 CARTOGRAFIA E MINIMALISMO.....	28
1.3.1 PONTOS DE DIVERGÊNCIA.....	29
1.3.2 PONTOS DE CONVERGÊNCIA.....	30
1.3.3 DESFAZENDO A TENSÃO ENTRE OS DOIS MODELOS.....	32
1.4 O PAPEL DAS INTERFACES.....	34
1.5 OPERAÇÕES CENTRAIS: MOVIMENTO, LOCALIDADE E ECONOMIA.....	35
1.6 OBJETIVOS E HIPÓTESES.....	41
1.7 RESUMO DO CAPÍTULO.....	43
2 FOCO E AS LÍNGUAS ROMÂNICAS.....	46
2.1 INTRODUÇÃO.....	46
2.2 IDENTIFICANDO FOCO.....	46
2.2.1 RELAÇÃO FOCO–PRESSUPOSIÇÃO.....	49
2.2.2 RELAÇÃO FOCO–PROSÓDIA.....	51
2.3 IDENTIFICANDO TÓPICO.....	56
2.4 DIFERENÇAS ENTRE FOCO E TÓPICO.....	59
2.5 PROPOSTA CARTOGRÁFICA E FOCO.....	64
2.5.1 FOCO NA PERIFERIA ESQUERDA DA SENTENÇA.....	64
2.5.2 FOCO NA PERIFERIA DE VP.....	65
2.5.3 FOCO INTERNO A DP.....	67
2.6 FOCALIZAÇÃO NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS.....	69
2.6.1 ITALIANO – RIZZI (1997) E BELLETTI (2001)	69
2.6.2 ESPANHOL – ZUBIZARRETA (1998)	73
2.6.3 FRANCÊS – ZUBIZARRETA (1998) E BELLETTI (2008)	75
2.6.4 PORTUGUÊS EUROPEU – COSTA (1998, 2000, 2004)	77
2.7 RESUMO DO CAPÍTULO.....	80

3	SINTAXE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E AS PROPRIEDADES DO FOCO.....	83
3.1	INTRODUÇÃO.....	83
3.2	ASPECTOS DA SINTAXE DO PB.....	83
3.2.1	PARÂMETRO <i>PRO-DROP</i>	83
3.2.1.1	SEM INVERSÃO LIVRE.....	85
3.2.1.2	SEM EFEITOS <i>THAT-T</i>	87
3.2.2	RESQUÍCIOS DE INVERSÃO – PILATI (2002, 2006)	89
3.2.3	LÍNGUA <i>PRO-DROP</i> PARCIAL.....	93
3.2.4	ASSIMETRIA SUJEITO–OBJETO.....	96
3.3	CRITÉRIO SUJEITO E A POSIÇÃO SUBJP.....	97
3.4	CRITÉRIO FOCO.....	101
3.4.1	CATEGORIA FOC P – PARALELISMO CP–VP–DP.....	101
3.4.2	DUAS FORMAS DE SATISFAÇÃO: FOC VAZIO E FOC PREENCHIDO.	102
3.4.3	MORFEMAS FOCO: CÓPULA E COMPLEMENTIZADOR.....	102
3.4.4	TRAÇO FOCO E CONDIÇÃO DE INCLUSIVIDADE.....	106
3.5	RESUMO DO CAPÍTULO.....	108
4	ESTRATÉGIAS DE FOCALIZAÇÃO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	111
4.1	INTRODUÇÃO.....	111
4.2	OBJETO FOCALIZADO.....	112
4.2.1	O EXPERIMENTO.....	112
4.2.1.1	METODOLOGIA.....	112
4.2.1.2	RESULTADOS GERAIS.....	114
4.2.2	COMO FOCO DE INFORMAÇÃO.....	116
4.2.2.1	SUJEITO–VERBO–OBJETO.....	116
4.2.2.2	PSEUDOCLIVADA PLENA E REDUZIDA.....	117
4.2.3	COMO FOCO CONTRASTIVO.....	118
4.2.3.1	SUJEITO–VERBO–OBJETO.....	118
4.2.3.2	CLIVADA PLENA E REDUZIDA.....	119
4.2.3.3	PSEUDOCLIVADA.....	121
4.2.3.4	OBJETO– <i>QUE</i> –SUJEITO–VERBO.....	122
4.2.3.5	OBJETO–SUJEITO–VERBO.....	123
4.3	SUJEITO FOCALIZADO	124
4.3.1	COMO FOCO DE INFORMAÇÃO.....	124
4.3.1.1	ANÁLISE DE FERNANDES (2007)	124
4.3.1.1.1	O EXPERIMENTO.....	124
4.3.1.1.2	RESULTADOS: SENTENÇAS SVO E CLIVADAS.....	125
4.3.1.2	ANÁLISE DE GUESSER (2007)	130
4.3.1.2.1	O EXPERIMENTO.....	130
4.3.1.2.2	RESULTADOS: SENTENÇAS SVO E FAMÍLIA CLIVADA.	131

4.3.2	COMO FOCO CONTRASTIVO.....	133
4.3.2.1	O EXPERIMENTO.....	133
4.3.2.1.1	METODOLOGIA.....	134
4.3.2.1.2	RESULTADOS GERAIS.....	135
4.3.2.2	CLIVADA PLENA E INVERTIDA.....	138
4.3.2.3	CLIVADA REDUZIDA.....	139
4.3.2.4	PSEUDOCLIVADA PLENA E INVERTIDA.....	140
4.3.2.5	SUJEITO- <i>QUE</i> -VERBO-OBJETO.....	140
4.3.2.6	SUJEITO-VERBO-OBJETO.....	141
4.3.2.7	COPULAR ESPECIFICACIONAL.....	143
4.4	CÓPULA COMO PARTÍCULA FOCO?	144
4.5	RESUMO DO CAPÍTULO	145
5	ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE FOCALIZAÇÃO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO	149
5.1	INTRODUÇÃO	149
5.2	ANÁLISE DA FOCALIZAÇÃO <i>IN SITU</i> – SVO	150
5.2.1	SUJEITO.....	150
5.2.1.1	FOCO DE INFORMAÇÃO EM SUBJP.....	150
5.2.1.2	FOCO CONTRASTIVO NO DOMÍNIO CP.....	155
5.2.2	OBJETO.....	157
5.2.2.1	FOCO DE INFORMAÇÃO NO DOMÍNIO VP.....	157
5.2.2.2	FOCO CONTRASTIVO NO DOMÍNIO CP.....	158
5.3	ANÁLISE DA FOCALIZAÇÃO NAS CLIVADAS	159
5.3.1	ALGUMAS PROPOSTAS DE ANÁLISES PARA AS CLIVADAS.....	159
5.3.1.1	MODESTO (2001)	159
5.3.1.2	MIOTO & NEGRÃO (2006)	161
5.3.1.3	BELLETTI (2008A,C)	167
5.3.2	CLIVADAS FOCO DE INFORMAÇÃO – SUJEITO.....	172
5.3.3	CLIVADAS FOCO CONTRASTIVO – SUJEITO E OBJETO.....	180
5.4	RESUMO DO CAPÍTULO	187
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	188
	REFERÊNCIAS	193

INTRODUÇÃO

O objetivo geral dessa tese é mostrar as estratégias empregadas pelos falantes do Português Brasileiro (PB) para focalizar o sujeito e o objeto. E, a partir dos resultados, propor uma análise que seja satisfatória para os dados do PB. Não nos restringimos ao tipo de interpretação focal, assim, analisamos os casos de focalização informacional bem como os casos de focalização contrastiva/exaustiva.

A pesquisa sobre o fenômeno da focalização em PB teve início no Mestrado (2003-2005), período em que desenvolvi a tese intitulada *A focalização do sujeito em Português Brasileiro*. Nessa época, investiguei somente a focalização do sujeito e não apliquei nenhum experimento, trabalhei apenas com juízos de gramaticalidade. Na pesquisa realizada durante o Doutorado (2005-2009) explorei alguns pontos que não foram investigados na dissertação de Mestrado e outros que mereciam ser revistos. Por exemplo, o estudo da abordagem cartográfica e a sua relação com o minimalismo; a assimetria sujeito-objeto em relação ao fenômeno da focalização; a legitimidade do traço foco; a focalização *in situ* do PB frente à análise cartográfica; a investigação de dados de uso da língua resultantes da aplicação de experimentos; entre outros pontos.

Nossa hipótese principal é que a focalização no PB não deve ser vista como um fenômeno estritamente prosódico. Os elementos focalizados aparecem destacados na sentença em PB sob duas formas: (i) por meio da sintaxe; (ii) através de uma combinação entre prosódia e uma posição sintática específica de foco. O uso recorrente das construções clivadas (de todos os tipos), não só nos casos de foco contrastivo, é um forte indício de que os falantes do PB preferem destacar o constituinte focalizado, seja ele sujeito ou objeto, na sintaxe. Se a focalização fosse puramente prosódica, a estratégia *in situ* não dividiria espaço com a estratégia clivada nos casos de foco de informação. E ela apareceria em número mais significativo nos casos de foco contrastivo. Além disso, as partículas morfológicas de foco e tópico, presentes em algumas línguas naturais, apontam para a existência de posições específicas na estrutura sintática para os constituintes que veiculam propriedades sintáticas e semânticas.

De um modo geral, os falantes do PB preferem destacar o constituinte focalizado sintaticamente, ao invés de destacá-lo apenas com recursos prosódicos. A partir disso, investigamos se a cópula com função de focalizar e o complementizador das clivadas podem ser considerados morfemas foco em PB. Outra hipótese é que as estratégias de focalizar o sujeito não correspondem exatamente às estratégias de focalizar o objeto. Em relação à focalização do sujeito, nossa hipótese é que o PB, por estar perdendo a propriedade de língua de sujeito nulo, emprega as estratégias de focalização das línguas de sujeito não-nulo, como o inglês e o francês. Quanto à focalização do objeto, parece não haver distinção no modo como os falantes das línguas em geral focalizam esse constituinte.

Organizamos a tese de forma que o leitor possa ter uma noção geral acerca do fenômeno da focalização em PB e em outras línguas românicas como o italiano, o espanhol, o francês e o português europeu (doravante PE). Nos primeiros três capítulos, apresentamos o quadro teórico no qual a presente pesquisa está inserida, como identificamos o foco, a sua relação com a semântica e a prosódia, as propostas cartográficas da posição foco, alguns aspectos da sintaxe do PB, e as propriedades criteriais do foco. Nos dois últimos

capítulos, mostramos os resultados de experimentos sobre a focalização do sujeito e do objeto, apontando quais as estratégias escolhidas pelos falantes do PB para focalizar esses constituintes, e apresentamos a análise assumida neste estudo para cada estratégia de focalização.

O modelo teórico adotado nessa tese é a Abordagem Cartográfica. No primeiro capítulo, mostramos os pontos que afastam e os pontos que aproximam esta abordagem e o Programa Minimalista. Visamos desfazer a tensão entre os dois modelos de pesquisa, uma vez que, à primeira vista, parecem duas linhas de pesquisa que caminham em sentidos opostos. Ainda nesse capítulo, abordamos o papel das interfaces nos dois modelos teóricos. E mostramos as operações centrais da gramática que guiam todas as computações sintáticas como movimento, localidade e economia.

As propriedades semânticas e prosódicas que estão envolvidas no processo de focalizar os constituintes são tratadas no segundo capítulo. A interpretação semântica da sentença que apresenta a articulação foco-pressuposição não deve ser confundida com a interpretação da sentença que tem a bipartição tópico-comentário. Por isso, mostramos que foco e tópico são elementos que veiculam propriedades sintáticas e semânticas, mas que conduzem informações distintas. Para compreender melhor a relação entre foco e prosódia, apresentamos uma seção com algumas propostas que tratam de questões relacionadas à acentuação dos constituintes na frase. A relação entre foco e sintaxe é tratada na seção em que mostramos a proposta cartográfica para a posição do foco na sentença. Apresentamos três modelos de análises que identificam posições distintas para o foco. A primeira análise aponta uma posição na periferia esquerda da sentença para o foco contrastivo (Rizzi 1997); a segunda análise aponta uma posição na periferia de vP para o foco de informação (Belletti 2001); a terceira análise aponta uma posição dentro de DP para o foco (Aboh 2004). Ainda, descrevemos brevemente como o sujeito e o objeto aparecem focalizados em italiano, em espanhol, em francês e em PE. A descrição da focalização nessas línguas é importante para situarmos o PB frente às línguas românicas.

No terceiro capítulo, apresentamos as principais características da sintaxe do PB em relação às propriedades do sujeito e do objeto. Dentre os aspectos da sintaxe do PB, investigados nesta tese, estão o parâmetro *pro-drop*, a inversão do sujeito, os efeitos da configuração *that-t*, e a assimetria sujeito-objeto. Ainda mostramos a proposta de Rizzi (2004b, 2006) e Rizzi e Shlonsky (2007) de uma posição criterial para o sujeito, SubjP. Também abordamos as propriedades criteriais do foco, investigamos as formas de satisfação do critério foco, o paralelismo entre os domínios CP-vP-DP em relação à categoria FocP, e defendemos a realização da cópula e do complementizador como morfemas foco em PB. Por fim, tratamos do traço foco, mostramos como ele é assumido nesta tese e a sua relação com a condição de inclusividade (Chomsky 1995), que garante a otimização dos sistemas de interface PF e LF.

As estratégias de focalização dos constituintes em PB são apresentadas no quarto capítulo. Levando em consideração a assimetria no comportamento do sujeito e do objeto, optamos por apresentar esse capítulo em duas partes. Em um primeiro momento, mostramos como o objeto é focalizado nessa língua. A partir dos resultados do experimento realizado e das análises da focalização em outras línguas, verificamos se o PB apresenta ou não alguma peculiaridade que o diferencie das demais línguas no que diz respeito à focalização do objeto. A descrição do objeto focalizado em PB se justifica na medida em que visamos um quadro geral do fenômeno da focalização nessa língua. Na literatura sobre o

assunto a atenção está voltada para o sujeito informacional, há poucos trabalhos com dados empíricos sobre o objeto focalizado.

Em um segundo momento, concentramo-nos na focalização do sujeito. Esse é um ponto relevante, uma vez que a gramática do PB, diferentemente da gramática das outras línguas românicas, ainda não tem um *status* preciso quanto ao comportamento do sujeito. Não há consenso na literatura sobre a classificação do PB em relação ao parâmetro do sujeito nulo, por exemplo. Quanto à focalização informacional do sujeito, optamos por apresentar as estratégias resultantes de experimentos realizados por outros autores em trabalhos anteriores (Fernandes 2007 e Guessier 2007). No que diz respeito à focalização contrastiva do sujeito, mostramos os resultados do nosso próprio experimento. Ressaltamos que aqueles que já trabalharam com a focalização do sujeito em PB apenas analisaram o sujeito interpretado como foco de informação. A focalização contrastiva do mesmo não foi abordada por tais autores.

O mecanismo utilizado na focalização de constituintes muda de acordo com a sintaxe das línguas. Há línguas que permitem flexibilidade/variação na ordem de constituintes nas sentenças, como o italiano, o espanhol, o PE, o grego. Mas há línguas que não apresentam essa possibilidade de variação da ordem dos constituintes, como o inglês e o francês. O primeiro grupo permite que um sujeito apareça em posição pós-verbal na sentença quando tem a interpretação de foco de informação, enquanto o segundo grupo não dispõe deste recurso para focalizar o sujeito. O PB aparece como uma língua que ora está mais próximo do primeiro grupo ora do segundo, uma vez que permite variação na ordem de constituintes, ainda que em contextos restritos, e, ao mesmo tempo, apresenta-se como uma língua menos flexível.

No quinto e último capítulo, propomos uma análise, à luz da abordagem cartográfica, para cada estratégia de focalização empregada pelos falantes do PB. A assimetria sujeito-objeto se reflete no processo de focalização dos constituintes. Por isso, uma proposta de análise que considera as propriedades sintático-semânticas de cada um desses constituintes se justifica. Apresentamos a nossa proposta de análise para os casos de focalização *in situ* (SVO) e para as construções clivadas em seus variados tipos.

O PB é uma língua que não apresenta inversão livre do sujeito, mas não é considerada uma língua de sujeito nulo genuína. É classificado atualmente como uma língua *pro-drop* parcial. Tanto que essa língua ainda apresenta resquícios de inversão (cf. Pilati 2006), e não apresenta efeitos *that-t* (cf. Menuzzi 2001), que são algumas das propriedades que caracterizam as línguas de sujeito nulo, como o italiano. É uma língua que emprega uma clivada sujeito em contexto pergunta-resposta, e não permite uma clivada objeto nesse mesmo contexto, como o francês. Mas permite que uma pseudoclivada, tanto sujeito quanto objeto, responda uma interrogativa-Wh. Isso é um reflexo da estrutura sintática diferente desses dois tipos de sentença. Quando analisamos paralelamente as estratégias de focalizar o sujeito e o objeto, verificamos que uma proposta de análise unificada para as estratégias de focalização de constituintes em PB não é satisfatória.

1 ABORDAGEM CARTOGRÁFICA E MINIMALISMO

1.1 INTRODUÇÃO

Apresentamos nesse capítulo alguns pontos do quadro teórico no qual a presente pesquisa está inserida. O modelo teórico adotado nessa tese é a Abordagem Cartográfica. Esse capítulo é dividido em quatro partes. Na primeira seção, mostramos o desenvolvimento do projeto cartográfico. Para tanto, abordamos as principais propostas sobre a cartografia desenvolvidas em cinco textos clássicos.

Na seção seguinte, apresentamos os pontos que afastam e os pontos que aproximam o Programa Minimalista e a Abordagem Cartográfica. Visamos desfazer a tensão entre os dois modelos de pesquisa, visto que, à primeira vista, parecem duas abordagens que caminham em sentidos opostos.

Na terceira parte desse capítulo, abordamos o papel das interfaces nos dois modelos teóricos. E, ainda, mostramos as operações centrais da gramática, como movimento, localidade e economia, que guiam todas as computações sintáticas. Por fim, apresentamos os nossos objetivos e as hipóteses que permeiam esse estudo.

1.2 DESENVOLVIMENTO DA ABORDAGEM CARTOGRÁFICA

As estruturas sintáticas são objetos complexos que têm uma organização hierárquica resultante da aplicação repetida de uma mesma operação de combinação de dois elementos, chamada *Merge*. A partir dos anos 80, muitos trabalhos vêm mostrando que os sintagmas e as sentenças têm uma estrutura interna bem articulada. O "Projeto Cartográfico" investiga a estrutura hierárquica dos constituintes sintáticos de forma detalhada e sistemática, identificando representações complexas com posições dedicadas a diferentes interpretações (cf. Cinque 1999, 2002; Rizzi 1997, 2004; Belletti 2001, 2004). Como o próprio nome já diz, a cartografia visa à elaboração de "mapas" das estruturas sintáticas das línguas.

A proposta inicial é que as sentenças e as expressões são formadas por uma estrutura lexical e uma estrutura funcional mais alta, ambas correspondendo a blocos elementares hierarquicamente organizados (Chomsky 1986, Teoria X-barras Estendida). Depois disso, verifica-se que a estrutura funcional tipicamente consiste de mais do que um núcleo. Nesse mesmo período, observa-se que outras configurações, como as expressões nominais, também têm uma estrutura hierárquica com uma projeção lexical encaixada dentro de uma estrutura funcional (hipótese-DP – Abney 1987).

As evidências que reforçam a análise dos verbos flexionados em termos da distinção entre I e V possibilitaram um desdobramento do núcleo flexional em mais componentes. A partir do desdobramento de I, as zonas CP e DP também

sofreram uma extensão, formando sequências hierárquicas de projeções funcionais mais articuladas, conforme veremos nas seções que seguem.

1.2.1 DESDOBRAMENTO DE IP – POLLOCK (1989)

Pollock (1989) analisa a diferença entre as sentenças finitas do francês e do inglês com relação à posição do advérbio de negação e do verbo lexical, como em (1).

- (1) a. Jean n'aime pas Marie.
(João não gosta de Maria)
- b. *John likes not Mary.
- c. John does not like Mary.
- d. *Jean ne pas aime Marie.

O advérbio de negação *pas* segue o verbo lexical finito em francês, como em (1a), enquanto o mesmo não ocorre em inglês, como verificamos pela agramaticalidade em (1b). O advérbio *not* aparece antes do verbo *like* apenas nas sentenças em que há o auxiliar *do/does*, como em (1c). Já em francês, o advérbio *pas* não pode aparecer antes do verbo lexical *aime*, como mostra a agramaticalidade em (1d).

O autor ainda analisou as sentenças finitas e infinitivas do francês e a posição dos advérbios baixos nessas mesmas sentenças, como em (2), e a posição do advérbio de negação, como em (3).

- (2) a. Jean rencontre souvent Marie.
(João encontra frequentemente Maria)
 - b. Jean essaye de souvent rencontrer Marie.
(João tenta frequentemente encontrar Maria)
 - c. Jean essaye de recontrer souvent Marie.
(João tenta encontrar frequentemente Maria)
- (3) a. Jean essaye de ne pas rencontrer Marie.
(João tenta não encontrar Maria)
 - b. *Jean essaye de ne rencontrer pas Marie.
(João tenta encontrar não Maria)

Pollock verifica que na presença de verbos finitos, os advérbios baixos seguem o verbo lexical, como *souvent* em (2a). Quando o verbo está no infinitivo, o advérbio baixo pode preceder ou seguir o verbo, como em (2b) e (2c), respectivamente. Já em relação ao advérbio de negação *pas*, o autor verifica que esse advérbio aparece antes do verbo lexical no infinitivo, como em (3a). A conclusão é que *pas* deve seguir os verbos finitos no francês e preceder os verbos no infinitivo.

Nenhum contraste desse tipo aparece nas sentenças do inglês com advérbios baixos, como *often* em (4), e com advérbio de negação, como *not* em (5).

- (4) a. John often meets Mary.
(João frequentemente encontra Maria)

1.2.2 A EXTENSÃO DE CP – RIZZI (1997)

O sistema CP é uma área que articula o conteúdo proposicional expresso pelo IP e a estrutura superior que pode ser a sentença matriz ou o discurso. Rizzi (1997) postula uma série de categorias funcionais na periferia esquerda da sentença tornando o sistema CP uma estrutura complexa. A extensão do CP ocorre para acomodar certos constituintes com propriedades discursivas e de escopo, além de derivar sua interpretação da relação Spec-núcleo. O resultado do enriquecimento do CP são dois subsistemas.

O primeiro subsistema é formado por ForceP e FinP. A categoria ForceP é responsável pelo tipo de sentença (interrogativa, declarativa etc.) e pela relação desta com a estrutura superior, que no caso das encaixadas é a sentença matriz, e no caso das matrizes é o discurso prévio. O papel estrutural de FinP é conectar o domínio CP com o IP, bem como codificar informações que expressam a finitude da sentença. ForceP e FinP são categorias que aparecem na estrutura por necessidades de seleção de um determinado núcleo. Consideremos (12) e (13)¹:

- (12) a. O João perguntou [_{ForceP} onde (que) a Maria encontrou o Pedro].
 b. *O João perguntou [_{ForceP} que a Maria encontrou o Pedro no cinema].
- (13) a. O João acha [_{ForceP} que a Maria encontrou o Pedro no cinema].
 b. *O João acha [_{ForceP} onde (que) a Maria encontrou o Pedro].

O verbo perguntar em (12) subcategoriza um ForceP interrogativo. (12a) atende essa condição, enquanto (12b) apresenta um ForceP declarativo. Já o verbo *achar* em (13) subcategoriza um ForceP declarativo, condição que é satisfeita em (13a) e não em (13b) que contém um ForceP interrogativo.

O tipo de FinP selecionado vai depender do tipo de ForceP que está presente na sentença. Vejamos as sentenças em (14):

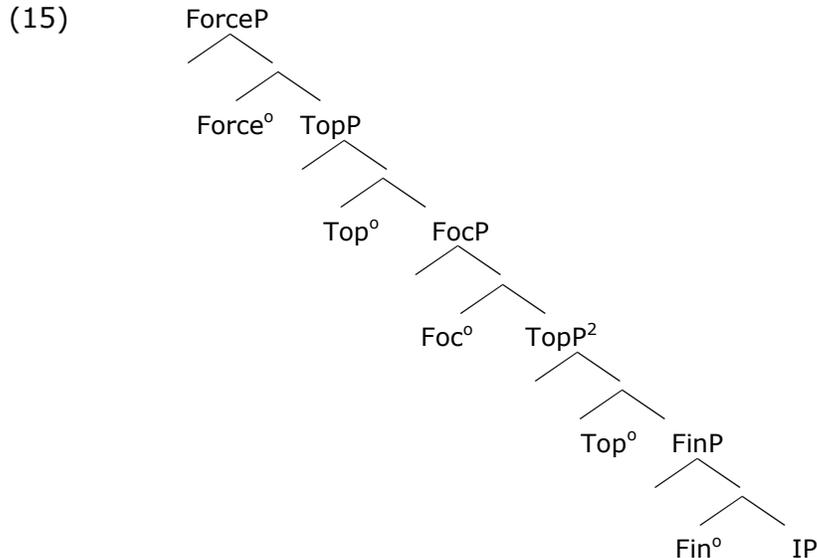
- (14) a. O João acha que os cachorros fugiram.
 b. O que fazer com esses alunos?
 c. Não sentar no corredor do ônibus.

A partir destes exemplos, verificamos que uma sentença matriz finita é licenciada por um ForceP declarativo (14a). E, uma matriz infinitiva pode ser licenciada por um ForceP interrogativo (14b) ou imperativo (14c). Um FinP finito pode ter o núcleo C preenchido por um complementizador (*que*), como em (14a), enquanto um FinP infinitivo é determinado por núcleos C não preenchidos, como em (14b,c).

O segundo subsistema é composto de TopP e FocP. O subsistema TopP-FocP aloja constituintes como tópico e foco que estão na periferia esquerda da sentença. Os elementos topicalizados e focalizados não aparecem na sentença por necessidades de seleção dos núcleos, como ForceP e FinP. Por isso, estes constituintes eram tratados como adjuntos a IP ou a CP. Com a expansão do CP, eles passam a ter posições de especificadores nas quais se constroem suas interpretações.

¹ Exemplos extraídos de Miotto 2001.

O sistema CP passa a ser composto por quatro categorias funcionais que constituem dois subsistemas: ForceP-FinP e ToP-FocP. Estas categorias se estruturam conforme o modelo X-barra, cada uma projetando o seu especificador e complemento. O CP adquire a seguinte configuração:



Nessa representação, observamos que todas as categorias são nomeadas e seguem uma ordem específica. As categorias ForceP e FinP aparecem no início e no fim do domínio CP. Os sistemas TopP e FocP aparecem na estrutura somente se existir constituintes com funções de tópico e foco que precisam estar em relação Spec-núcleo. Quando as categorias TopP e FocP são ativadas, elas aparecem encaixadas entre ForceP e FinP.

As articulações que envolvem a periferia esquerda da sentença como as de tópico-comentário e as de foco-pressuposição são capturadas por TopP e FocP, respectivamente. A articulação tópico-comentário é representada no exemplo (16):

- (16) Your book, you should give t to Paul (not to Bill)
(Seu livro, você deveria dar t para Paulo (não para Bill))

O tópico é o constituinte preposto *your book* que aparece separado do resto da sentença por uma pausa e veicula a informação já conhecida pelos participantes do discurso. O comentário é um tipo de predicado complexo que se aplica ao tópico. Na sentença (16), o comentário é tudo aquilo que está expresso após a vírgula. O DP topicalizado *your book* é gerado no especificador de TopP na periferia esquerda da sentença.

A articulação de foco-pressuposição difere da bipartição de tópico-comentário em termos de interpretação. Consideremos (17):

- (17) YOUR BOOK you should give t to Paul (not mine)
(SEU LIVRO você deveria dar t a Paulo (não o meu))

² Verificamos por meio desta representação que a categoria TopP é recursiva, enquanto FocP aparece uma única vez na estrutura.

Partindo desses exemplos, Cinque propõe uma estrutura hierárquica rígida para os advérbios que é válida através das línguas.

(8) solitamente > mica > già > più > sempre > completamente > tutto > bene

Os advérbios não aparecem fora dessa ordem nas sentenças, eles podem até aparecer juntos em uma mesma frase, mas sempre respeitando essa sequência linear.

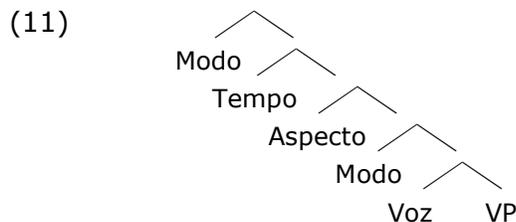
- (9) a. Non ha *mica più* vinto la lotteria.
 b. Non ha vinto *mica più* la lotteria.
 c. Non ha *mica* vinto *più* la lotteria.

Seguindo a hierarquia de Cinque para os advérbios, as sentenças em (9) têm a seguinte estrutura de base:

(10) [CP [NegP [AuxP [FP₂ [FP₁ [PartP [VP]]]]]]]]

Verificamos, no domínio flexional, duas posições distintas reservadas aos advérbios, FP₂ e FP₁. No caso da sentença (9a), o advérbio *mica* ocupa o especificador de FP₂, o advérbio *più* o especificador de FP₁ e o verbo no particípio *vinto* permanece em PartP. Na sentença (9b), os advérbios permanecem nas suas respectivas posições e o verbo *vinto* se move para uma posição entre AuxP e FP₂. Já na sentença (9c), o verbo *vinto* ocupa uma posição entre FP₂ e FP₁. As sentenças em (9) mostram que o verbo no particípio pode transitar pela frase, enquanto os advérbios seguem uma ordem rígida.

A hipótese de Cinque é que os advérbios contribuem com a formação do esqueleto funcional da estrutura da sentença porque ocupam a posição de especificador de núcleos funcionais. Esses núcleos podem estar vazios (sem a presença de material morfológico explícito) ou preenchidos. A hierarquia de Cinque é constituída por núcleos com funções gramaticais como Modo (epistêmico, valuativo,...), Tempo (presente, passado, futuro), Aspecto, Modo (root), Voz. A estrutura da sentença é enriquecida com muitas posições, no especificador dos núcleos funcionais se colocam as diversas classes adverbiais.

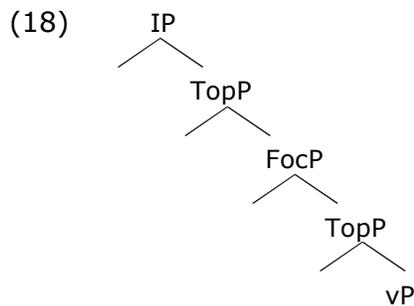


Em (11), verificamos uma hierarquia universal de projeções funcionais para alojar os advérbios na estrutura da sentença. O verbo na sentença pode transitar entre cada uma dessas posições.

Cinque ressalta que a estrutura da sentença é mais rica do que previamente pensado. A ordem relativa dos marcadores gramaticais de modo, modalidade, tempo, aspecto e voz correspondem à ordem relativa das diferentes classes de advérbios que podem ocorrer na sentença, cada advérbio é analisado como um especificador de um núcleo gramatical no formato X-barra básico.

1.2.4 A EXTENSÃO DE VP – BELLETTI (2001, 2004A)

Belletti (2001) analisa as sentenças com a ordem verbo-sujeito (VS) do italiano e postula uma área acima de vP para os constituintes com funções discursivas de tópico e foco. Segundo a autora, a relação entre a sintaxe e a interface interpretativa (LF), bem como entre a sintaxe e a interface fonológica (PF), é lida da configuração sintática. Dessa forma, os constituintes focalizados e topicalizados *in situ* devem preencher uma posição específica de Foco e Tópico, respectivamente, para que possam ser devidamente interpretados. As interpretações destes constituintes vêm da relação estabelecida entre o núcleo Foc/Top e seu especificador. A área acima de vP passa a ter disponível a projeção FocP e a projeção TopP. De acordo com essa proposta, a área de vP tem a seguinte estrutura:



Verificamos que a área acima de vP é semelhante à área periférica do CP proposta por Rizzi (1997). Como ocorre no CP, na área acima de VP há mais de uma posição disponível para tópico e somente uma posição para o foco. Contudo, o elemento que preenche a posição FocP interna ao IP recebe entonação e veicula interpretação diferente daquela associada a esta mesma posição na periferia esquerda da sentença.

Belletti (2001) argumenta em favor de uma posição baixa do sujeito pós-verbal com base na distribuição dos advérbios baixos nas sentenças, como em (19):

- (19)
- a. ?Capirà completamente Maria.
(Compreenderá completamente Maria)
 - b. ?Capirà/spiegherà bene Maria (al direttore).
(Compreenderá/explicará bem Maria (ao diretor))
 - c. *Capirà/spiegherà Maria completamente (al direttore).
(Compreenderá/explicará Maria completamente (ao diretor))
 - d. *Capirà/spiegherà Maria bene (al direttore).
(Compreenderá/explicará Maria bem (ao diretor))

Nas sentenças (19a,b) os advérbios *completamente* e *bene* estão ocupando posições baixas e o sujeito *Maria* segue estes advérbios produzindo sentenças

relativamente bem-formadas⁴. Em (19c,d) o sujeito *Maria* antecede os advérbios *completamente* e *bene* e as sentenças são agramaticais. O contraste entre (19a,b) e (19c,d) revela que o sujeito deve preencher uma posição baixa em FI.

A autora mostra, por meio das construções com item de polaridade negativa (IPN), que o sujeito pós-verbal não ocupa uma posição alta de foco e, sim, uma posição baixa.

- (20) a. Non parlerà alcun linguista.
(Não falará qualquer linguista)
b. *Alcun linguista non parlerà.
(Qualquer linguista não falará)

O sujeito pós-verbal em (20a) *alcun linguista* é um IPN que precisa de um marcador negativo (*non*) para ser licenciado. Este licenciamento ocorre por meio de c-comando. A agramaticalidade de (20b) ocorre justamente porque a expressão *alcun linguista* não está sendo c-comandada pelo *non*. Se o sujeito em (20a) ocupasse uma posição alta de foco e ocorresse o movimento do IP remanescente, teríamos uma representação como (21).

- (21) [_{TopP} [_{IP} Non parlerà] [_{FocP} alcun linguista [t_{IP}]]].

Em (21), o sujeito *alcun linguista* é movido para o especificador de FocP na periferia esquerda da sentença e, em seguida, o IP remanescente é movido para uma posição mais alta do que a do foco, o Spec de TopP. Caso o sujeito estivesse alto em (20a), a relação de c-comando entre o marcador negativo *non* e o item de polaridade negativa *alcun* não seria estabelecida.

A sentença (20a) apresenta uma estrutura como (22), ao invés de (21):

- (22) [_{IP} [_I Non parlerà] [_{FocP} alcun linguista...]].

O sujeito *alcun linguista* em (22) está em uma posição baixa de foco e o constituinte *non parlerà* é movido para I. Seguindo essa representação, verificamos que o IPN *alcun linguista* é dominado pelo irmão do marcador negativo *non* e, por isso, a relação de c-comando é mantida.

Nas sentenças com sujeito pós-verbal há um *pro* expletivo não visível antes do verbo, enquanto nas sentenças em que o sujeito aparece na posição pré-verbal isso não pode ocorrer. Levando em consideração o conceito de economia, a sentença com *pro* possui um elemento a mais do que a sentença com sujeito pré-verbal realizado. Neste caso, um Arranjo Lexical (*Lexical Array*) maior é escolhido por algum propósito. A autora propõe que o processo da focalização pode ser responsável por essa escolha, pois, em determinados contextos, os falantes preferem a sentença com o sujeito pós-verbal porque este constituinte é interpretado como foco ou tópico.

⁴ Belletti ressalta que a marginalidade dos exemplos (19a,b) pode estar relacionada ao fato de o advérbio causar uma certa interferência entre o sujeito e o verbo.

1.2.5 A EXTENSÃO DE DP – GIUSTI (2002)

Giusti (2002) investiga a sintaxe dos determinantes nas línguas românicas e germânicas. A autora defende um tratamento paralelo de D e C, e rotula o núcleo D como F^{\max} . As hipóteses gerais apresentadas no trabalho de Giusti são duas: entre os determinantes, somente os artigos são núcleos funcionais e aparecem em F^{\max} ; os demonstrativos, bem como outras expressões máximas conduzindo traços referenciais, devem checar seus traços referenciais em Spec FP^{\max} em algum nível da representação.

De acordo com a autora, o termo “determinante” é muito vago, é um termo jargão que se refere aos elementos que são frequentemente, mas nem sempre, encontrados na posição mais à esquerda do sintagma nominal. Em algumas línguas, tais como grego moderno, hebreu, e romeno, o artigo e o demonstrativo não estão em distribuição complementar. E o demonstrativo nem sempre é o elemento que está mais à esquerda do nome.

Em seu estudo sobre o domínio DP, Giusti não é favorável à unificação de quantificadores e determinantes. Ela verifica que os quantificadores nunca estão na posição onde os determinantes podem ser encontrados. O quantificador funciona ou como um núcleo lexical que é *merged* a FP^{\max} , ou como uma expressão adjetival que está no especificador de uma projeção funcional dentro do sintagma nominal.

Os artigos são elementos dependentes do contexto interno da expressão nominal nas línguas que exibem um sistema de artigos morfologicamente livres, como nas línguas românicas (exceto o romeno). A autora atribui esse fato ao *status* funcional do artigo dentro da projeção nominal estendida. Um núcleo funcional mantém uma relação privilegiada com o primeiro núcleo funcional mais alto e com o primeiro especificador mais baixo. Outra evidência para a natureza dependente do artigo é o fato de ele ser inseparável da sua projeção irmã, como mostra a agramaticalidade da sentença (23a).

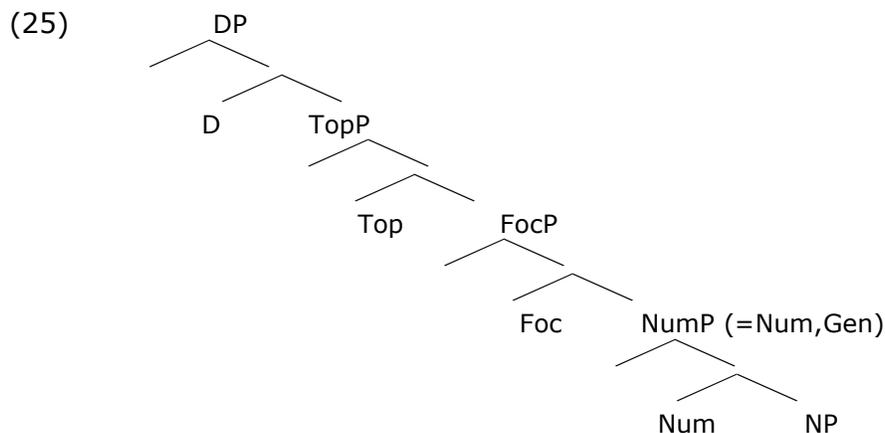
- (23) a. **Ragazzi (li/ne) conosco i.
(Meninos (eles/deles) conheço os)
- b. ?*Ragazzi (*li/*ne) conosco questi.
(Meninos (eles/deles) conheço estes)
- c. Ragazzi, ne conosco molti. / I ragazzi li conosco tutti.
(Meninos, deles conheço muitos. / Os meninos eles conheço todos)

Segundo Giusti, os quantificadores que aparecem em posições distantes, como *molti* e *tutti* em (23c), são externos à expressão nominal e impõem restrições de seleção sobre a sua projeção irmã, que é uma projeção FP^{\max} , tais como requerimentos de Caso. O quantificador *molti* absorve o Caso acusativo atribuído pelo verbo *conosco*, e impõe um Caso partitivo sobre a expressão nominal que é realizada como um genitivo morfológico sob a forma clítica *ne*. Já o quantificador *tutti* permite que o seu Caso percole até FP^{\max} , uma vez que o clítico *li* exibe traço acusativo morfológico. O demonstrativo *questi*, em (23b), e o artigo *i*, em (23a), são internos à expressão nominal e não podem ser separados do resto da projeção FP^{\max} .

A diferença principal entre artigo e demonstrativo é que o primeiro não pode aparecer sem uma projeção irmã visível, como vemos na agramaticalidade de (24a), enquanto o mesmo não ocorre com o demonstrativo, como em (24b).

- (24) a. **Ho comprato il/lo/la
(Comprei o/a)
b. Ho comprato questo/a
(Comprei isso/essa)

Para Giusti, esse estado de coisas sugere um paralelo dos artigos com a morfologia flexional: os artigos são introduzidos na estrutura somente se um núcleo lexical, que pode ser um nome ou um adjetivo, estiver presente na representação; enquanto os demonstrativos podem ocorrer com uma projeção irmã não visível (*covert*). Essa propriedade deriva diretamente da natureza morfo-fonológica dependente do artigo⁵. A autora defende que os sintagmas nominais apresentam uma projeção estendida dotada de núcleos funcionais. A proposta de Giusti pode ser ilustrada como na representação em (25).



O domínio DP tem uma periferia esquerda paralela ao domínio CP e ao domínio vP (cf. Bernstein 1997, 2001; Haegeman 2004; Aboh 2004, 2007; Corver & van Koppen 2006; Laenzlinger 2007).

1.3 CARTOGRAFIA E MINIMALISMO

Os estudos cartográficos permitiram a descoberta e a postulação de uma gama de núcleos funcionais cada um com uma finalidade específica. A extensão dos domínios CP-TP-vP-DP ocorreu para dar conta de problemas morfosintáticos particulares através das línguas. Contudo, a postulação de novas categorias na estrutura das sentenças e das expressões nominais abriu espaço para as críticas relacionadas à complexidade das representações sintáticas. Uma pergunta se coloca como fundamental: quão rica pode ser a estrutura funcional das sentenças e expressões?

⁵ Giusti (2002) apresenta exemplos do alemão que poderiam funcionar como uma contra evidência para a sua proposta. Contudo, a autora verifica que alguns elementos que são classificados como artigos, na verdade têm o comportamento dos demonstrativos (para maiores detalhes, ver exemplos 11-15 da autora, p. 8,9).

Há aqueles que advogam a favor de uma abordagem na qual cada traço morfossintático corresponda a um núcleo sintático independente, com um bloco específico na hierarquia funcional. Há aqueles que defendem a minimalidade das estruturas sintáticas, sem a postulação de núcleos funcionais específicos aos diversos traços morfossintáticos, e aos elementos com funções de escopo-discursivas.

De acordo com a abordagem cartográfica, os sintagmas são estruturados e ordenados uniformemente por núcleos lexicais e funcionais através das línguas (Princípio de Uniformidade). Para a cartografia, todas as línguas compartilham os mesmos princípios de composição da sentença e do sintagma e o mesmo *make-up* funcional. Isso não quer dizer que é sempre fácil estabelecer correspondências precisas entre as categorias funcionais visivelmente exibidas pelas diferentes línguas. Essa abordagem assume hierarquias distintas das projeções funcionais dominando VP, NP, AP, PP, IP etc. A universalidade das línguas está relacionada ao tipo de núcleos e especificadores que as projeções funcionais envolvem, em seu número, e em sua ordem relativa. As línguas diferem no tipo de movimento que elas admitem ou no conteúdo do que elas visivelmente realizam em cada núcleo e especificador.

Segundo Belletti (2004), essa é uma posição forte que implica em uma generalização: se alguma língua provê evidência para a existência de um núcleo funcional particular (e sua projeção), então aquele núcleo (e sua projeção) deve estar presente em todas as outras línguas. Ainda que as línguas não ofereçam evidência visível para ele. Por exemplo, a hipótese-DP (Abney 1987) serve como evidência para a presença da projeção DP em línguas como Servo-Croata, Russo e Japonês que não têm determinantes visíveis. A posição FocP dentro de DP atestada por Aboh (2004) para uma língua como Gungbe, que apresenta uma partícula morfológica foco dentro do domínio nominal, deve também estar disponível em outras línguas, mesmo que não apresentem nenhuma evidência direta.

Na seção que segue, apresentamos alguns pontos que distanciam a Abordagem Cartográfica e o Programa Minimalista. Em seguida, mostramos alguns pontos que permitem uma aproximação das duas abordagens. E, por fim, apresentamos uma reflexão que visa desfazer a tensão criada pelos próprios pesquisadores entre os dois modelos teóricos de pesquisa.

1.3.1 PONTOS DE DIVERGÊNCIA

A abordagem cartográfica se ocupa da organização hierárquica dos constituintes sintáticos na sentença. Para tanto, trabalha de uma forma sistemática na identificação de representações complexas com posições dedicadas às diferentes interpretações dos elementos morfossintáticos. Isso tudo é feito etiquetando/rotulando cada núcleo e suas projeções. O programa minimalista visa à simplicidade das estruturas sintáticas. Defende critérios de economia, naturalidade e teor explicativo. Por isso, não identifica uma série de posições distintas, conforme o tipo de interpretação dos constituintes. Nem mesmo etiqueta os núcleos e suas projeções na estrutura. Os pesquisadores que seguem a concepção minimalista criticam a riqueza estrutural postulada pelos pesquisadores inseridos no projeto cartográfico. Esse fato é o principal ponto de divergência entre os dois modelos teóricos de pesquisa.

O programa minimalista defende um modelo derivacional que é construído numa perspectiva *bottom-up*. A derivação inicia com a combinação de dois elementos, formando um novo objeto sintático. Em seguida, outro elemento se une aquele já formado, e assim, sucessivamente até que não reste mais nada na numeração. A abordagem cartográfica trabalha com um modelo representacional que é organizado numa perspectiva *top-down*. Uma determinada estrutura sintática é representada partindo da sua complexidade estrutural, visando uma organização global.

O principal ponto de tensão entre os dois modelos de pesquisa é a proliferação de categorias sintáticas. Veremos a seguir que muitos pontos aproximam as duas abordagens, uma vez que o objetivo maior da cartografia e do minimalismo é descrever os fenômenos da linguagem de modo mais natural, econômico e elegante. Tanto o minimalismo quanto a cartografia visam o menor número de operações possíveis na organização das sentenças.

1.3.2 PONTOS DE CONVERGÊNCIA

Um ponto de ligação entre o minimalismo e a cartografia se refere à economia computacional e ao papel das interfaces. De uma forma geral, os dois modelos de pesquisa visam à otimização das computações sintáticas, compreender a relação do sistema computacional com outros sistemas cognitivos nas interfaces, definir a natureza e o escopo das computações sintático-semânticas formais. Além disso, buscam evidências para os fenômenos descritos a partir de outros domínios, como a neurolinguística e a psicolinguística, juntamente com os julgamentos de gramaticalidade e interpretação dos falantes.

O programa minimalista dá ênfase ao papel das interfaces: uma faculdade da linguagem (FL) bem desenvolvida é aquela que consegue interagir otimamente com as condições impostas por outros sistemas cognitivos dentro da mente humana. Dessa forma, as pesquisas desenvolvidas no âmbito do minimalismo investigam a natureza e o papel das interfaces, bem como as propriedades envolvidas nos muitos mecanismos computacionais introduzidos de acordo com a abordagem de Princípios e Parâmetros (P&P).

Um mecanismo implementado pelo minimalismo é a noção de traço interpretável. O produto final de uma representação sintática deve apresentar somente informações visíveis, ou interpretáveis, para os sistemas de desempenho, Articulatório-Perceptual (A-P) e Conceitual-Intencional (C-I). Assim, a derivação converge na Forma Fonológica (PF, *Phonological Form*) e na Forma Lógica (LF, *Logical Form*). PF e LF fornecem instruções aos sistemas cognitivos A-P e C-I. Portanto, todos os princípios e parâmetros linguísticos devem ser satisfeitos nos níveis PF e LF para que os sistemas A-P e C-I trabalhem de forma satisfatória.

As pesquisas no âmbito da cartografia buscam a elaboração de mapas bem elaborados das estruturas sintáticas, os quais devem identificar os diferentes tipos de posições. Um dos resultados mais significativos dos estudos cartográficos é a identificação de diferentes posições dedicadas às diferentes interpretações dos constituintes, posições que aparecem na sentença (IP) e na periferia esquerda (CP).

Todos os núcleos que estão contidos em uma estrutura cartográfica típica são interpretáveis no sentido do minimalismo. Uma representação sintática

complexa fornece informação aos sistemas semântico-pragmáticos e ao sistema fonológico de uma forma simples e transparente. Dessa forma, verificamos que a identificação do papel das interfaces também é uma contribuição direta dos estudos cartográficos.

Belletti (2004:5) aponta uma observação de Chomsky (2002:123) que sintetiza o modo como os dois modelos de pesquisa compartilham objetivos centrais:

This kind of work [cartographic research] leads us to inquire more closely into the nature of interface relations....And beyond that, it leads us to investigate the 'external' systems themselves, and the conditions they impose on a well designed language faculty. As is common, these questions have traditional antecedents, but it seems that they can now be addressed on much firmer grounds.⁶

Um ponto que também aproxima os dois modelos de pesquisa é a relação Especificador-Núcleo, que é identificada como a configuração central do fenômeno de concordância e suas relações. Os primeiros trabalhos no programa minimalista deram um papel especial para essa relação que realiza operações de checagem. A relação Especificador-Núcleo é fundamental nos estudos cartográficos, a natureza dos especificadores é determinada pela natureza do núcleo, por meio de uma relação de concordância (*agreement*).

Essa relação de concordância envolve diferentes tipos de traços: traços do sistema flexional (modo, aspecto, tempo, voz, conforme a hierarquia de Cinque) e os traços relacionados às propriedades semânticas de escopo-discursiva (Wh-interrogativo, foco, tópico, segundo o sistema de Rizzi). Os traços relacionados à semântica de escopo-discursiva compreendem um conjunto interpretável de núcleos funcionais que expressam na estrutura da sentença o mesmo tipo de relação assumida na checagem dos traços-phi (relação de concordância sujeito-verbo em Chomsky 1995).

Chomsky (2004) elimina o *status* privilegiado da relação de concordância Especificador-Núcleo, defendendo a existência de uma relação do tipo Núcleo-Núcleo. No seu sistema, a relação de concordância é estabelecida entre um núcleo sonda (*probe*) e um núcleo alvo (*goal*) ativo contido no complemento da sonda. Contudo, a eliminação da relação Especificador-Núcleo não é consenso, é uma importante área de pesquisa. Belletti (2004) questiona como ficam os casos em que um elemento é inserido diretamente na posição de especificador, não sofre nenhum tipo de movimento. Ainda, a relação Especificador-Núcleo ocupa um papel central em relação ao Princípio de Localidade (Rizzi 1990, 2004b) e à proposta hierárquica de Cinque (1999, 2004).

Veremos na seção que segue que a tensão entre os pressupostos do modelo cartográfico e os pressupostos do programa minimalista é apenas aparente. Os estudos cartográficos apresentam a proliferação de categorias funcionais dando origem a estruturas mais complexas, enquanto as pesquisas minimalistas tendem a simplificá-las. A complexidade estrutural das sentenças corresponde à presença de posições funcionais justificadas sintaticamente, as quais são todas interpretáveis no sentido do programa minimalista.

⁶ "Esse tipo de trabalho [pesquisa cartográfica] nos leva a indagar mais sobre a natureza das relações de interface... E, além disso, leva-nos a investigar os próprios sistemas "externos", e as condições que eles impõem sobre uma faculdade da linguagem bem desenhada. Como é comum, essas questões têm antecedentes tradicionais, mas parece que agora elas podem ser abordadas sobre graus mais firmes." (tradução minha).

1.3.3 DESFAZENDO A TENSÃO ENTRE OS DOIS MODELOS

O projeto cartográfico e o programa minimalista vêm se desenvolvendo paralelamente. À primeira vista, parece haver uma contradição entre as hipóteses principais dos dois modelos de pesquisa, mas na verdade esse distanciamento representa apenas uma divisão de trabalho. Segundo Cinque & Rizzi (2008), o foco do minimalismo está nos dispositivos que geram estruturas, enquanto os estudos cartográficos focalizam na qualidade das estruturas geradas. Desse modo, a interação entre as duas abordagens é perfeitamente possível.

O modelo cartográfico está baseado nas hipóteses gerais do programa minimalista. Assim como o minimalismo, a cartografia respeita os princípios da Gramática Universal (GU) que são ditados pelas necessidades dos sistemas de interface e pelas restrições de economia e localidade. Os estudos cartográficos estão pautados nos princípios que determinam o mapeamento de uma estrutura hierárquica em uma sequência linear bem formada para o sistema articulatorio-perceptual. Além dos princípios que garantem a boa formação das sentenças pelo sistema conceitual-intencional. Os estudos cartográficos ainda investigam as propriedades da estrutura argumento, as dependências referenciais, as propriedades de escopo-discursiva, visando uma comunicação eficiente.

A centralidade dos princípios de economia e localidade dentro dos estudos cartográficos aparece no modo como a tipologia de posições é estabelecida na estrutura sintática. Essa tipologia de posições é requerida para que uma cadeia formada por movimento não desrespeite as condições impostas pela Minimalidade Relativizada (Rizzi 1990). Cinque & Rizzi (2008) ressaltam a necessidade de uma tipologia de posições que não esteja baseada somente nos termos tradicionais da distinção A/A-barra nem apenas nos termos de uma identidade de traços entre alvo e interventor. Os autores defendem uma tipologia regida por traços que esteja em um nível intermediário entre os dois termos. Tal tipologia pode estar diretamente relacionada às estruturas cartográficas.

De acordo com Rizzi (2004a), o Caso inerente é para a semântica argumental o que os traços criteriais Top, Foc, Q, e assim por diante, são para a semântica de escopo-discursiva: ambos sinalizam sintaticamente (e, em alguns casos, morfologicamente) posições dedicadas às propriedades interpretativas de dois tipos. Isso com base na distinção, feita por Chomsky (2004), entre as propriedades semânticas associadas com *external merge* (estrutura temática e argumental) e as propriedades semânticas associadas com *internal merge* (Semântica de escopo-discursiva). Dessa forma, Top, Foc e outros núcleos de periferia esquerda não devem ser vistos como elementos menos legítimos da computação sintática minimalista do que é Caso inerente. Rizzi (2004a) ainda afirma que a tentativa de substituir esses rótulos por outros interpretativamente mais opacos e neutros pode não ser mais desejável do que abandonar outros rótulos, como Instrumental, Benefactivo, Locativo em favor de rótulos interpretativamente neutros no sistema de Caso inerente.

A evidência empírica sugere que as línguas naturais preservam a simplicidade local sempre que possível. Assim, cada núcleo sintático tem uma especificação de traço simples e pode entrar em poucas relações com seus

associados. Para tanto, aceitam as representações globais envolvendo propriedades complexas, como as ocorrências múltiplas de elementos, juntamente com uma articulação mais rica de estruturas funcionais (Rizzi 2004, p.8). A preservação da simplicidade local paga o preço da presença de movimento na sintaxe das línguas. Por exemplo, em uma cadeia A-barras, um elemento é pronunciado em uma posição diferente daquela em que ele recebe papel- θ . Uma vez que cada núcleo expressa uma propriedade simples, não encontramos núcleos complexos que atribuem concomitantemente aos seus dependentes uma propriedade gramatical e uma propriedade de escopo-discursiva.

O empreendimento cartográfico, assim como o minimalismo, visa à simplicidade. As estruturas complexas nada mais são do que a proliferação de unidades estruturais extremamente simples. A cartografia segue a máxima de "uma propriedade morfossintática – um traço – um núcleo" (cf. Cinque & Rizzi 2008). Os núcleos complexos existentes são o resultado da operação de movimento de núcleo para núcleo, não são primitivos sintáticos. A complexidade das representações deriva de mecanismos básicos, como *merge*, *move*, *agreement*, no mesmo espírito das computações minimalistas.

O movimento A-barras expressa um efeito de interface, pois ocorre para que a computação sintática possa satisfazer as necessidades dos sistemas de interface. Qualquer tipo de movimento é formalmente disparado por uma combinação de traços de um núcleo que está em uma posição de c-comando. A abordagem cartográfica, bem como o minimalismo, assume um modelo transparente de interface entre a sintaxe e a semântica-pragmática. Todo núcleo funcional periférico funciona como um sinalizador que conduz instruções explícitas para os sistemas de interface, os quais devem interpretar os dependentes daquele núcleo.

As pesquisas pautadas no modelo cartográfico muitas vezes são vistas como estudos que defendem a autonomia da sintaxe. Contudo, a riqueza de posições funcionais exibida no modelo cartográfico não exerce função diferente do que o critério temático, o princípio de projeção, o caráter temático da atribuição de Caso inerente, que é ilustrar a transparência do mapeamento entre forma e interpretação. A cartografia busca de fato "sintetizar" algumas propriedades relacionadas à semântica-pragmática.

Cinque & Rizzi (2008) reprovam qualquer vantagem empírica ou conceitual em um sistema de núcleos sintáticos que usa apenas elementos opacos interpretativamente, tais como flexão ao invés de tempo ou aspecto, complementizador no lugar de foco, tópico ou marcador Q, e assim por diante. Os autores mostram que um mapeamento transparente é a hipótese nula e qualquer desvio dela requer uma forte evidência. Além disso, a evidência morfológica visível através das línguas justifica o mapeamento transparente.

Segundo Belletti (2004), a "pobreza" da representação minimalista pode ser vista como uma abreviação por conveniência (*convenient abbreviation*). A autora ressalta a afirmação de Chomsky (2002:123) de que a forma geral das sentenças pode ser representada por [...C... [...T... [...V...]]], mas que os estudos cartográficos têm mostrado que essa é uma primeira aproximação da sentença; os pontinhos (...) correspondem às diferentes posições, formando uma estrutura rica.

A proliferação de categorias funcionais, todas com núcleos interpretáveis, é justificada pelo fato de que em muitas línguas os núcleos, como Top e Foc, por exemplo, são realizados fonologicamente por meio de marcadores morfológicos (como as partículas de tópico e de foco existentes em Gungbe e em Japonês). De

acordo com Rizzi & Cinque (2008), há uma analogia parcial entre os marcadores de periferia esquerda e Caso inerente: os dois são entidades morfossintáticas que marcam algumas propriedades interpretativas, e os dois podem variar através das línguas, uma vez que podem ou não ter uma realização morfofonológica.

Dessa forma, observamos que a complexidade das estruturas sintáticas assumida nos estudos cartográficos não está em contradição com os pressupostos do programa minimalista. Belletti (2004) aponta que a pesquisa cartográfica e as análises recentes que envolvem *remnant movement* (Kayne 2000) convergem para o enriquecimento da arquitetura funcional da sentença. Ainda, muito do estilo das derivações baseadas nas hipóteses minimalistas podem ser preservadas e estendidas às representações complexas.

1.4 O PAPEL DAS INTERFACES

A grande questão do programa minimalista é saber como a linguagem relaciona de forma otimizada os dois sistemas periféricos: o articulatório-perceptual e o conceitual-intencional. O papel das interfaces também é crucial para a abordagem cartográfica. Uma faculdade da linguagem (FL) bem desenhada consegue interagir com as condições impostas por outros sistemas cognitivos dentro da mente humana.

Uma boa representação sintática apresenta somente informações visíveis, ou interpretáveis, para os sistemas de desempenho A-P e C-I. Quando isso ocorre, a derivação converge na interpretação fonológica, PF, e na interpretação semântica, LF. Os níveis linguísticos PF e LF fornecem instruções aos sistemas cognitivos periféricos, A-P e C-I, interagindo com os mesmos. Portanto, todos os princípios e parâmetros linguísticos devem ser satisfeitos nos níveis PF e LF para que os sistemas A-P e C-I trabalhem de forma satisfatória.

As condições de interface são ditadas pela necessidade dos sistemas externos. Alguns princípios são realizados como condições de interface. Do ponto de vista fonológico, deve haver princípios de mapeamento da estrutura hierárquica produzida pelo uso recursivo de *merge* em uma ordem temporal linear (por exemplo, *Linear Correspondence Axiom*, Kayne 1994). Do ponto de vista semântico, deve haver princípios relacionados às propriedades da estrutura argumento (Teoria de Papel- θ), às propriedades das dependências referenciais (Teoria da Vinculação), às propriedades de quantificação (alguns mecanismos em LF), às propriedades do discurso (Estrutura de Informação).

O minimalismo, bem como os estudos cartográficos, respeita o princípio do movimento como último recurso. Em muitas representações sintáticas, o movimento de constituintes se aplica para satisfazer requerimentos das interfaces. O movimento é motivado pelos efeitos de interface. Um movimento impróprio torna a representação ilegível nas interfaces.

Em algumas sentenças, como as frases passivas e as relativas, verificamos que um elemento (sujeito ou objeto) é pronunciado em uma posição diferente daquela em que ele recebeu o seu papel- θ . Nesses casos, a sintaxe mostra explicitamente a interpretação que ocorre em FL. A sintaxe envia pistas ou instruções para que as interfaces possam interpretar os constituintes corretamente. O papel crucial das interfaces é "enxergar" as pistas enviadas pela sintaxe, e, a partir delas, dar uma interpretação para cada elemento linguístico.

Em seguida, as interfaces funcionam como pontes entre o próprio sistema linguístico e os sistemas externos, A-P e C-I.

Uma estrutura sintática só é associada à prosódia e à interpretação discursiva coerentes com o seu tipo frasal quando as interfaces conseguem interpretar todos os elementos linguísticos da sentença. A proposta do projeto cartográfico é que a sintaxe pode facilitar essa interpretação das interfaces colocando os elementos linguísticos em posições específicas na estrutura, de acordo com a função que eles exercem no discurso. Há aqueles que advogam contra a proposta cartográfica, afirmando que um elemento não precisa estar em uma posição específica para ser interpretado corretamente pelas interfaces. O sujeito, por exemplo, pode permanecer na sua posição de especificador de TP quando é o foco da sentença. Se considerarmos a ordem linear da sentença, realmente não há nenhum problema no fato de o sujeito permanecer nessa posição sendo o foco da frase. Contudo, esse tipo de análise dá mais trabalho para as interfaces. Uma vez que o sujeito no especificador de TP pode ora ser um foco ora ser um tópico, caberá as interfaces diferenciá-lo de acordo com a sua função de escopo-discursiva. Ainda que as interfaces diferenciem um sujeito foco de um sujeito tópico recorrendo à prosódia, seria um processo mais natural para as interfaces ler os constituintes diretamente da estrutura sintática. Segundo Belletti (2009), a prosódia que diferencia as sentenças, conforme o tipo função de escopo-discursiva que os seus elementos linguísticos veiculam, é um reflexo direto da sintaxe.

A sintaxe é organizada para expressar sentido, mas não é uma simples organização de unidades de significado. A Gramática Universal apresenta os itens do léxico funcional e a forma em que eles são organizados em hierarquias. Tais itens são adaptados às necessidades da expressão de significados, mas não são reduzidos a isso. De um lado, a sintaxe tem a sua independência, como no caso das restrições puramente sintáticas, tais como os efeitos de localidade; de outro lado, é restrita pela semântica, como no caso em que uma operação sintática tem uma função semântica central.

1.5 OPERAÇÕES CENTRAIS: MOVIMENTO, LOCALIDADE E ECONOMIA

As operações de c-comando, localidade, movimento curto e cíclico são basicamente as mesmas nos dois sistemas: cartográfico e minimalismo. A diferença é que o primeiro trabalha com a satisfação de critérios, enquanto o segundo trabalha com a checagem de traços. As duas abordagens definem o *status* do movimento dos constituintes como uma operação de último recurso. No sistema de traços, as propriedades léxico-temáticas dos elementos linguísticos é que disparam o movimento, enquanto no sistema de critérios, o movimento não está intrínseco ao léxico.

No modelo cartográfico, o movimento ocorre para atribuir uma propriedade interpretativa a um elemento. Essa atribuição ocorre por meio do movimento para uma posição dedicada a um tipo de interpretação específica. Chomsky (2004) afirma que o movimento é uma propriedade das línguas naturais, por isso, não deve ser visto como uma imperfeição das línguas. No seu modelo, o movimento é interpretado como um *merge* interno. A grande questão é que o movimento não deve ser visto como uma imperfeição da faculdade de linguagem, mas também não deve ocorrer sem motivação.

Os elementos sintáticos podem ser pronunciados em posições diferentes daquelas em que são interpretados. Rizzi (2008) enumera algumas características relacionadas ao movimento: é mais difundido do que se pensava; é gerado por uma operação fundamental (*merge*); é motivado por efeitos de interface; é disparado por traços morfossintáticos; é local; é delimitado. Essas propriedades respeitam o princípio de economia proposto no minimalismo.

Os requerimentos de interface podem desencadear o movimento dos constituintes, ocasionando uma aparente opcionalidade em alguns casos. Em italiano, o sujeito pode aparecer antes ou depois do verbo, como nas sentenças em (26).

- (26) a. Gianni ha parlato.
(João falou)
b. Ha parlato Gianni.
(Falou João)

Cada uma das sentenças em (26) deve ser empregada em contextos distintos. Por exemplo, (26a) não deve ser usada em resposta a uma pergunta do tipo *Chi ha parlato?* (Quem falou?), enquanto (26b) responde naturalmente essa pergunta. Belletti (2001, 2004) atribui essa aparente opcionalidade do sujeito às propriedades sintáticas e semânticas, como tópico e foco. Se o sujeito é foco, aparece em posição pós-verbal. Se o sujeito é tópico, aparece antes do verbo, como em resposta a pergunta *Che cosa ha fatto Gianni?* (O que fez o João?).

As línguas naturais apresentam três tipos de movimento: movimento de núcleo para formar palavras morfológicamente bem constituídas; movimento-A para satisfazer as propriedades do sistema de Caso-concordância (por exemplo, atribuição de Caso às expressões nominais, expressar a relação de concordância no predicado); movimento-A' para satisfazer propriedades sintáticas e semânticas (por exemplo, tópico, foco, expressão-Wh).

O movimento de núcleo é extremamente local, o elemento movido não pode saltar um núcleo e parar em outro. O núcleo movido é capaz de formar um núcleo complexo com o núcleo de atração, criando uma aparente violação à condição de extensão. Isso ocorre porque o núcleo complexo pode mover-se novamente.

- (27) Avendomi Gianni già risposto,.....
(Tendo-me João já respondido,.....)

Em italiano, o núcleo complexo verbo+clítico (*avendo+mi*) pode sofrer movimento para C, como na sentença em (27). Há um núcleo funcional mais alto que atrai o clítico e o verbo. O requerimento para esse movimento é que o elemento movido c-comande o seu vestígio, e c-comando é calculado em termos de nódulos frasais. O verbo *avendo* consegue c-comandar o seu vestígio fora do núcleo complexo, por isso a gramaticalidade de (27).

O movimento-A geralmente é causado pela necessidade de Caso das expressões nominais. Quando elas não se encontram em uma posição capaz de verificar seu Caso, as expressões nominais podem se mover para uma posição que satisfaça o requerimento de Caso.

- (28) a. Il semble que [Jean est intelligent].
(Parece que o João é inteligente)

- b. *Jean semble [qu' ____ est intelligent].
(O João parece que é inteligente)
- c. Jean semble [____ être intelligent].
(O João parece ser inteligente)
- d. *Il semble [Jean être intelligent].
(Parece o João ser inteligente)

As sentenças do francês, em (28), ilustram o movimento-A. Quando *Jean* aparece junto com o verbo finito *est* (28a), ele não pode sofrer movimento para a posição inicial (28b). Uma vez que o verbo finito é capaz de atribuir Caso nominativo, um outro movimento seria desnecessário. Quando o verbo está no infinitivo *être*, o sujeito *Jean* deve se mover para a posição inicial, como em (28c). Se *Jean* não sofre esse movimento, a sentença é agramatical, como mostra (28d). Isso porque o verbo no infinitivo não é capaz de atribuir Caso nominativo ao sujeito. Vejamos as sentenças do PB.

- (29) a. Parece que [os meninos estão doentes].
- b. *Os meninos parecem que [____ estão doentes].
- c. Os meninos parecem [____ estar doentes].
- d. *Parece [os meninos estar doentes].

A agramaticalidade das sentenças em (29) ocorre por dois motivos: em (29b), o sujeito *os meninos* sofre um movimento não motivado, visto que recebe nominativo do verbo *estão*; em (29d), o sujeito está sem Caso, devido a impossibilidade do verbo no infinitivo *estar* atribuir nominativo. O movimento de *os meninos*, como em (29b), pode ocorrer se esse sintagma nominal não ocupar uma posição destinada ao sujeito da sentença.

- (30) a. Os meninos, parece que [____ estão doentes].
- b. OS MENINOS⁷ parece que [____ estão doentes] (não as meninas).

Em (30a), *os meninos* tem a propriedade discursiva de um tópico e ocupa uma posição específica para o seu tipo de interpretação. Em (30b), *os meninos* é o constituinte que veicula a informação não pressuposta, o foco. Também está em uma posição específica para o seu tipo de interpretação focal. Nesses casos, a expressão nominal não está no domínio argumental, ocupa uma posição no domínio-A'.

Uma cadeia formada pelo movimento- A' está associada a dois tipos de propriedades interpretativas do elemento movido: propriedade temática (semântica argumental) e propriedade criterial (semântica de escopo-discursiva).

- (31) a. Que carro Q seu pai comprou <que carro>⁸?
- b. Esse carro, Top seu pai comprou <esse carro>.
- c. ESSE CARRO Foc seu pai comprou <esse carro> (não aquele lá).
- d. O carro que Rel seu pai comprou <o carro> é demais.
- e. Que lindo carro Excl seu pai comprou <que lindo carro>!

⁷ Recurso gráfico empregado para destacar o foco contrastivo.

⁸ Representação do movimento como cópia.

De acordo com a proposta de Rizzi, o elemento *chi* (Z) se comporta como um interventor entre X e Y na sentença (33). Os elementos *quando* e *chi* são do mesmo tipo estrutural.

Starke (2001) investiga como se pode definir a noção de similaridade entre interventor e alvo (Z e Y). O autor afirma que não é qualquer similaridade que dispara um efeito RM.

- (34) a. * +A +A <+A> (identidade)
 b. ok (+A+B) +A <(+A+B)> (inclusão)
 c. ok +A +B <+A> (disjunção)
 d. * +A (+A+B) <+A>

Segundo a proposta de Starke, quando o atraente (X) não tem a mesma especificação de traços do interventor (Z), tem traços a mais, RM não é violada. Mesmo que o interventor tenha um traço do mesmo tipo. Esse é o caso apresentado em (34b), e na sentença em (35a).

- (35) a. ?*Which problem* do you wonder *how* to solve <which problem>?
 (Que problema você quer saber como resolver?)
 b. **How* do you wonder *which problem* to solve <how>?
 (Como você quer saber que problema resolver?)

(35b) é agramatical porque o interventor tem mais traços do que o atraente, como representado em (34d). Nesse caso, o movimento dispara um efeito de RM como se houvesse identidade entre X e Y, como em (34a). (34c) representa os casos de movimento em que não há nenhuma similaridade entre o elemento movido e um possível interventor, como em (36).

- (36) *When* do you think *that* he left <when>?
 (Quando você pensa que ele saiu?)

Em (36), a expressão-Wh *when* não apresenta nenhuma similaridade com o pronome *that*. E, nesse caso, não há nada que impeça o movimento de *when* para uma posição mais alta, cruzando sobre *that*.

Chomsky (1995:311), visando assegurar a RM, formula uma condição chamada *Minimal Link Condition* (MLC – Condição de Elo Mínimo). De acordo com essa condição, K atrai a somente se não há b, b mais próximo de K do que a, tal que K atrai b.



Com as novas implementações do programa minimalista, Chomsky (2000:38) assegura a localidade das relações sobre *Agree* assumindo que uma correspondência de traços entre G(oal) e P(robe)⁹ ocorre se não há G' no domínio de P tal que G está no domínio de G'.

⁹ Goal no sentido de alvo e Probe no sentido de sonda.

forma, o princípio que trata da localidade não deveria ser construído somente sobre operações de movimento, como propõe Chomsky (2000). A localidade é uma propriedade global que está relacionada à sintaxe, à semântica e à fonologia.

1.6 OBJETIVOS E HIPÓTESES

O objetivo geral da presente pesquisa é montar um quadro acerca das estratégias empregadas pelos falantes do PB para focalizar o sujeito e o objeto. E, a partir deste quadro, propor uma análise sintática que seja satisfatória para os resultados encontrados no PB. Não nos restringimos ao tipo de interpretação focal, assim, analisamos os casos de focalização informacional bem como os casos de focalização contrastiva/exaustiva.

Este estudo partiu da coleta de dados empíricos, os resultados não estão baseados em julgamentos de gramaticalidade. Para tanto, elaboramos testes que nos permitiram investigar o tipo de estratégia que os falantes do PB empregam quando o fenômeno da focalização está em jogo. Na minha pesquisa de mestrado, intitulada Focalização do sujeito em Português Brasileiro (cf. Quarezemin 2005), não recorri a nenhum experimento empírico, trabalhei apenas com julgamentos de gramaticalidade, e também não investiguei a focalização do objeto. Na pesquisa de doutorado, visamos um quadro geral da focalização em PB, que não esteja limitado a julgamentos do tipo *é possível/versus não é possível*. Por isso, investigamos a focalização do sujeito e do objeto, e elaboramos testes que nos permitiram analisar o fenômeno partindo de dados de uso da língua.

Além da minha pesquisa de mestrado, outros estudos investigaram a focalização do sujeito foco de informação (FI), como Fernandes (2007) e Guessser (2007)¹⁰. A primeira apresenta um estudo descritivo e analítico baseado nos resultados dos seus experimentos. Fernandes compara o PB e o PE em relação ao fenômeno da focalização do sujeito FI e sua relação com a interface sintaxe-fonologia. A análise da autora está centrada na Teoria Gerativa, especificamente na abordagem sintática do Programa Minimalista. A pesquisa de Guessser é mais descritiva do que analítica e está centrada na abordagem Cartográfica. O objetivo da autora foi descrever as estratégias de focalização do sujeito FI em PB, com base nos resultados do experimento realizado por ela. Nenhuma das duas autoras analisou o sujeito foco contrastivo (FC) nem a focalização do objeto.

Os trabalhos de Fernandes e Guessser contribuem com o estudo da focalização em PB, e apresentam dados que resultaram da realização de experimentos empíricos. Um experimento, quando bem elaborado e conduzido, possibilita ao pesquisador uma descrição mais acurada do fenômeno investigado. E, por conseguinte, um estudo linguístico mais cuidadoso. Nessa tese, consideramos os resultados de Fernandes e Guessser sobre o sujeito FI. E

¹⁰ Muitos autores investigaram fenômenos relacionados diretamente ou não à focalização em PB (cf. Coelho, Figueiredo-Silva, Kato, Mioto, Oliveira, Pilati, Polli, entre outros). Não mencionamos todos aqui, apenas citamos os trabalhos de Fernandes (2007) e Guessser (2007), uma vez que partimos dos resultados dos experimentos dessas autoras no que se refere ao sujeito FI.

realizamos mais dois experimentos para analisar a focalização do sujeito FC e do objeto FI e FC.

Entre os objetivos específicos dessa tese, está o de definir o foco e a sua relação com as interfaces PF e LF. Além de mostrar como a sintaxe contribui com essa relação. Buscamos esclarecer a noção de traço foco, respondendo a seguinte questão: foco realmente pode ser considerado um traço? Se sim, é um traço de que tipo e como aparece nas línguas naturais? Ainda visamos situar o fenômeno da focalização em PB frente às outras línguas românicas, como o italiano, o espanhol, o francês, e o PE. E desfazer a tensão entre a abordagem cartográfica e o programa minimalista.

Uma das nossas hipóteses é que os falantes do PB preferem marcar o foco na sintaxe, empregando para tanto as construções clivadas. Negrão (2001) afirma que o PB, por ser uma língua voltada para o discurso, privilegia marcar na sintaxe a função informacional dos constituintes da sua sentença. As construções clivadas desempenham um papel significativo na focalização do sujeito. Defendemos que há duas estruturas para as sentenças clivadas: de um lado, as clivadas FI, de outro lado, as clivadas FC.

A descrição da focalização do sujeito em PB coloca essa língua mais próxima de línguas de sujeito não-nulo, como o francês e o inglês, afastando-a das línguas de sujeito nulo, como o PE, o italiano e o espanhol. A focalização do objeto não apresenta diferença através das línguas. Seguindo a abordagem criterial, verificamos que o objeto, diferentemente do sujeito, não precisa satisfazer nenhum requerimento discursivo.

Não há reordenamento de constituintes como estratégia de focalização do sujeito no PB. Isso só é possível nas línguas que têm sujeito nulo, um sistema morfológico de concordância rico e ima posição específica de foco baixa disponível para o sujeito (cf. Belletti, Bennati & Sorace 2007). Essas propriedades determinam simultaneamente a possibilidade de inversão livre, e de redordenamento de constituintes. (cf. Kato 1999, 2000; Belletti 2005, 2006). O PB apresenta um pronome nulo expletivo *pro* desprovido de índice referencial.

Em relação ao traço foco, a nossa hipótese é que o foco é um traço discursivo que sai da numeração (*lexical array*), assim não cria nenhum problema para a Condição de Inclusividade (cf. Chomsky 1995). Defendemos que a projeção FocP também é ativada na periferia de DP. A simetria das categorias sintáticas CP-vP-DP sugere que o isomorfismo das periferias funcionais pode não ser limitado às sentenças, mas pode se estender às outras categorias, como um DP (cf. Aboh 2004, 2007).

Nossa hipótese é que o sujeito foco de informação em PB não ocupa uma posição alta, no domínio CP. Essa posição somente é preenchida por constituintes focalizados contrastivamente em PB. Um constituinte com um traço foco *default* [+f], seja ele sujeito ou objeto, não alcança uma posição na periferia esquerda da sentença. A posição FocP no domínio CP é destinada aos constituintes que tenham o traço foco não-*default* [+foco, +contraste e/ou +exaustividade].

Mantemos o modelo-T tradicional no qual não há interação direta entre PF e LF. A proposta é que o sistema computacional trabalha em sentido único (cf. Bocci 2008). Parte da sintaxe em direção aos componentes de interface, assim, não há como uma representação ir até PF e depois retornar para o componente sintático. O componente fonológico e o componente semântico não são acessíveis entre si e não são acessíveis à derivação sintática. A interação entre a sintaxe e as interfaces PF e LF é unidirecional: o *output* da derivação sintática é o *input* para o sistema semântico e o sistema fonológico. Dessa forma, PF e LF têm

acesso ao componente sintático, porém, o componente sintático não tem acesso a eles (cf. Bocci 2004, 2008; Costa & Figueiredo-Silva 2006).

Os requerimentos prosódicos não alteram a estrutura sintática em PB. Primeiro a sintaxe aplica suas regras para formar uma sentença, somente após esse processo é que a representação é enviada para os componentes interpretativos, PF e LF. Segundo Costa & Figueiredo-Silva (2006), a fonologia tem acesso somente ao *output* sintático.

O PB dispõe da estratégia de focalização *in situ*, tanto o sujeito quanto o objeto podem ser interpretados como foco nas suas posições superficiais. Mas a marcação prosódica de uma sentença SVO com sujeito foco de informação é diferente da marcação prosódica de uma sentença SVO com sujeito foco contrastivo.

A focalização em PB é sintática e prosódica ao mesmo tempo. Os constituintes focalizados se movem para uma posição específica de foco (Spec FocP) na estrutura e também são acentuados. Essa tese não advoga pela autonomia da sintaxe. Defende que a sintaxe atua de tal forma que facilita o trabalho dos componentes de interface PF e LF na interpretação das sentenças.

1.7 RESUMO DO CAPÍTULO

Nesse primeiro capítulo mostramos o quadro teórico em que a tese está inserida. O “Projeto Cartográfico” investiga a estrutura hierárquica dos constituintes sintáticos de forma detalhada e sistemática, identificando representações complexas com posições dedicadas a diferentes interpretações. O primeiro capítulo pode ser dividido em quatro partes. Na primeira seção, apresentamos as propostas que iniciaram os estudos cartográficos.

Primeiro Pollock (1989) investiga a variação da ordem verbo-advérbio nas sentenças do inglês e do francês. O autor constata que é o movimento do verbo que diferencia a ordem destes elementos nas duas línguas analisadas: o verbo não se move em inglês, pelo menos não para uma posição alta como no francês. A categoria IP é, então, desmembrada em dois núcleos funcionais: AgrP e TP. Agr e T são núcleos ligados à morfologia verbal, outras testas com conteúdo próprio contribuem na formação do esqueleto frasal (*split-IP*).

Rizzi (1997) postula uma série de categorias funcionais na periferia esquerda da sentença tornando o sistema CP uma estrutura complexa. A extensão do CP ocorre para acomodar certos constituintes com propriedades discursivas e de escopo, além de derivar sua interpretação da relação Spec-núcleo. O sistema CP passa a ser composto por quatro categorias funcionais que constituem dois subsistemas: ForceP-FinP e ToP-FocP. Estas categorias se estruturam conforme o modelo X-barra, cada uma projeta o seu especificador e complemento.

O trabalho de Cinque (1999) investiga a ordem em que os advérbios aparecem na estrutura das sentenças nas diferentes línguas, com base em evidências interpretativas, sintáticas e morfológicas. Segundo o autor, os advérbios são licenciados na posição de especificador de núcleos específicos do sistema flexional. A hipótese de Cinque é que os advérbios contribuem com a formação do esqueleto funcional da estrutura da sentença porque ocupam a

posição de especificador de núcleos funcionais. Esses núcleos podem estar vazios (sem a presença de material morfológico explícito) ou preenchidos.

Ainda nessa primeira parte, mostramos a análise de Belletti (2001) que estuda as sentenças com a ordem verbo-sujeito (VS) do italiano e postula uma área acima de vP para os constituintes com funções discursivas de tópico e foco. Os constituintes focalizados e topicalizados *in situ* devem preencher uma posição específica de foco e tópico, respectivamente, para que possam ser devidamente interpretados. As interpretações destes constituintes vêm da relação estabelecida entre o núcleo Foc/Top e seu especificador. A área acima de vP passa a ter disponível a projeção FocP e a projeção TopP.

Giusti (2002) investiga a sintaxe dos determinantes nas línguas românicas e germânicas. A autora defende um tratamento paralelo de D e C, e rotula o núcleo D como F^{\max} . Em seu estudo sobre o domínio DP, Giusti não é favorável à unificação de quantificadores e determinantes. A autora sugere um paralelo dos artigos com a morfologia flexional: os artigos são introduzidos na estrutura somente se um núcleo lexical, que pode ser um nome ou um adjetivo, estiver presente na representação; enquanto os demonstrativos podem ocorrer com uma projeção irmã não visível (*covert*).

De acordo com a abordagem cartográfica, os sintagmas são estruturados e ordenados uniformemente por núcleos lexicais e funcionais através das línguas (Princípio de Uniformidade). Para a cartografia, todas as línguas compartilham os mesmos princípios de composição da sentença e do sintagma e o mesmo *make-up* funcional. Isso não quer dizer que é sempre fácil estabelecer correspondências precisas entre as categorias funcionais visivelmente exibidas pelas diferentes línguas. Essa abordagem assume hierarquias distintas das projeções funcionais dominando VP, NP, AP, PP, IP etc. A universalidade das línguas está relacionada ao tipo de núcleos e especificadores que as projeções funcionais envolvem, em seu número, e em sua ordem relativa. As línguas diferem no tipo de movimento que elas admitem ou no conteúdo do que elas visivelmente realizam em cada núcleo e especificador.

Na segunda parte do capítulo, mostramos que o principal ponto de tensão entre abordagem cartográfica e o programa minimalista está na proliferação de categorias sintáticas proposta pelo primeiro modelo. Mas os pontos que aproximam as duas abordagens estão em vantagem sobre aqueles que as distanciam. Os dois modelos dão ênfase ao papel das interfaces; todos os núcleos propostos em uma representação cartográfica são interpretáveis no sentido do minimalismo; e relação Especificador-Núcleo é vista como uma configuração importante nas duas abordagens.

À primeira vista, parece haver uma contradição entre as hipóteses principais dos dois modelos de pesquisa, mas na verdade esse distanciamento representa apenas uma divisão de trabalho. Segundo Cinque & Rizzi (2008), o foco do minimalismo está nos dispositivos que geram estruturas, enquanto os estudos cartográficos focalizam na qualidade das estruturas geradas. Desse modo, a interação entre as duas abordagens é perfeitamente possível.

Na terceira parte, apresentamos as operações centrais para os dois modelos de pesquisa. Mostramos que as operações de c-comando, localidade, movimento curto e cíclico são basicamente as mesmas nos dois sistemas: cartográfico e minimalismo. A diferença é que o primeiro trabalha com a satisfação de critérios, enquanto o segundo trabalha com a checagem de traços. As duas abordagens definem o *status* do movimento dos constituintes como uma operação de último recurso. No sistema de traços, as propriedades léxico-

temáticas dos elementos linguísticos é que disparam o movimento, enquanto no sistema de critérios, o movimento não está intrínseco ao léxico.

Na quarta e última parte do capítulo, apresentamos os objetivos da tese junto das hipóteses que subjazem esse estudo. O próximo passo é mostrar como definimos o foco nessa pesquisa, e qual a sua relação com o componente interpretativo e o componente fonológico. Assim como o foco, o tópico também é uma propriedade de escopo-discursiva das línguas naturais. Contudo, há diferenças importantes entre o comportamento de um elemento portando foco e um elemento portando tópico. Essas questões são abordadas no capítulo que segue.

2 FOCO E AS LÍNGUAS ROMÂNICAS

2.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo apresentamos as propriedades semânticas e prosódicas que estão envolvidas no processo de focalizar constituintes. A interpretação semântica da sentença que apresenta a articulação foco-suposição não deve ser confundida com a interpretação da sentença que tem a bipartição tópico-comentário. Pretendemos, assim, mostrar que foco e tópico são elementos que veiculam propriedades sintáticas e semânticas, mas que conduzem informações distintas. O conceito foco se aplica ao constituinte que veicula a informação não suposta, enquanto o conceito tópico se aplica ao constituinte que corresponde à informação compartilhada pelos participantes do discurso.

Para compreender melhor a relação entre foco e prosódia, desenvolvemos uma seção que mostra algumas propostas que tratam de questões relacionadas à acentuação dos constituintes na frase. A relação entre foco e sintaxe é abordada na seção em que mostramos a proposta cartográfica para a posição do foco na sentença. Nesta parte do capítulo, apresentamos três modelos de análises que identificam posições distintas para o foco. A primeira análise aponta uma posição na periferia esquerda da sentença para o foco contrastivo (Rizzi 1997); a segunda análise aponta uma posição na periferia de vP para o foco de informação (Belletti 2001); a terceira análise aponta uma posição dentro de DP para o foco (Aboh 2004). Em seguida, descrevemos brevemente como o sujeito e o objeto aparecem focalizados em italiano, em espanhol, em francês e em português europeu. A descrição da focalização nessas línguas é importante para podermos situar o PB frente às línguas românicas.

O capítulo está estruturado da seguinte forma: na primeira seção identificamos o foco e a sua relação com a semântica e a prosódia; na seção seguinte identificamos o tópico e, em seguida, apresentamos as propriedades sintático-semânticas que diferenciam o foco do tópico; na quarta seção mostramos três análises que tratam da posição sintática do foco; por fim, descrevemos sucintamente a focalização em outras línguas românicas que não o PB.

2.2 IDENTIFICANDO FOCO

Nessa tese, definimos foco como o constituinte que veicula a informação não-suposta na sentença. Não estamos tratando da dicotomia informação nova *versus* informação velha, antes, analisamos as sentenças por meio da articulação foco-suposição.¹¹ De acordo com Cruttenden (1997), o foco é um

¹¹ De acordo com Zubizarreta (1998:160-161), não é seguro trabalhar com a dicotomia informação nova/velha da sentença, visto que a informação velha também pode ser focalizada. A autora fornece alguns exemplos, como em (i), nos quais o elemento focalizado foi mencionado no discurso precedente.

recurso empregado pelo falante para fazer com que o ouvinte fique atento a uma parte do enunciado, que pode ser um constituinte lexical (Selkirk 1984), uma sílaba (Mateus 1990), um grupo entonacional ou parte dele (Cruttenden 1997).

Segundo Frota (1998), há dois tipos maiores de foco na literatura: o foco amplo e o foco estreito. O primeiro é visto frequentemente como um foco que não desencadeia uma relação operador-variável, enquanto o segundo desencadeia a relação operador-variável por meio de uma configuração de escopo. Com relação aos padrões de proeminência das línguas, o foco amplo normalmente recebe um acento não-marcado/neutro, já o foco estreito recebe um acento marcado (veremos na seção foco-prosódia a questão do acento do foco).

O contexto também desempenha um papel fundamental na identificação do foco de uma sentença, a não ser que a sintaxe dela explicita que houve uma operação de focalização, como o que acontece com as clivadas. A operação se processa de tal forma que a estrutura resultante tem uma posição destinada para o constituinte focalizado. De fato, se aplicamos o processo de clivagem à sentença (1) obtemos (2):

- (1) O João parou de fumar.
- (2) a. Foi o João que parou de fumar.
b. Foi parar de fumar que o João fez.
c. Foi de fumar que o João parou.

O foco em cada uma das sentenças em (2) é o constituinte situado entre a cópula *foi* e o complementizador *que*. Isto pode ser assegurado sem que precisemos recorrer a contextos previamente estabelecidos.

Entretanto, se não é construída na sintaxe uma estrutura que indique qual é o foco, precisamos recorrer ao contexto para identificar o constituinte focalizado. É o que faz Zubizarreta (1998). Tendo em vista dois tipos de foco e o traço semântico [contraste], a autora fixa uma interrogativa-Wh como um contexto para o foco não-contrastivo, entendido como a informação que a pergunta solicita; e uma afirmação prévia como um contexto apropriado para o foco contrastivo, entendido como uma correção da afirmação prévia.

Consideremos (3):

- (3) a. O que o João comeu?
b. O João comeu [_F a torta].¹²

O constituinte *a torta*, que responde a pergunta (3a) substituindo a expressão-Wh, é o foco da sentença (3b). A pergunta além de estabelecer o foco da sentença, pois solicita ao ouvinte que ele forneça uma informação desconhecida por parte do falante, também determina qual é a pressuposição. Substituindo a expressão-Wh da pergunta por um indefinido, como em (4), temos a pressuposição:

- (4) O João comeu *alguma coisa*.

(i) A: João comeu um hambúrguer ou um cachorro-quente?
B: João comeu um [_F hambúrguer].

¹² Empregamos F subscrito para marcar o foco não-contrastivo (de informação) nas sentenças. O foco contrastivo e o foco de identificação são marcados com o uso de letras maiúsculas.

O foco contrastivo é identificado em um contexto como (5):

- (5) a. O João comeu um pastel.
b. O João comeu UMA TORTA (não um pastel).

O constituinte focalizado em (5b), além de veicular a informação que funciona como uma correção, apresenta um contraste em relação a outro constituinte, a expressão entre parênteses. Este foco nega o valor da variável da afirmação contextual, para, em seguida, atribuir um novo valor a ela. Assim, em (3b) o falante nega o valor estabelecido para a variável *x* (*um pastel*) e introduz um novo valor para ela (*uma torta*).

Zubizarreta também propõe que a interpretação de um constituinte focalizado pode ser representada por duas asserções as quais formam a Estrutura de Asserção (AS) da sentença. A AS se constrói após LF e contém duas asserções ordenadas, A_1 e A_2 . No caso da sentença (3b), a AS seria como (4):

- (4) A_1 : Existe um *x* tal que o João comeu *x*.
 A_2 : O *x* tal que o João comeu *x* = [_F a torta].

A asserção A_2 , denominada asserção principal, é uma sentença do tipo equativa cujo predicado é o elemento focalizado.

A interpretação do foco contrastivo é representada como na AS abaixo:

- (5) A_1 : Existe um *x* tal que o João comeu *x*.
 A_2 : Não é o caso que o *x* (tal que o João comeu *x*) = um pastel & o *x* (tal que o João comeu *x*) = UMA TORTA.

A A_1 em (5) é constituída pela pressuposição existencial, tal como a A_1 em (4). A A_2 apresenta duas asserções. Na primeira verificamos a negação de um valor previamente atribuído à variável *x* (*um pastel*) e na segunda a atribuição de um novo valor para essa variável (*uma torta*).

Kiss (1998) considera o traço [exaustivo] um traço semântico relevante para distinguir dois tipos de foco. O constituinte focalizado que é marcado pelo valor positivo do traço [exaustivo] deve ser lido como [*x* e apenas *x*]. Analisemos a sentença (6):

- (6) Foi UM CARRO que a Maria ganhou¹³.

Verificamos que esta sentença apresenta um foco deslocado da posição de objeto (*um carro*) indicando identificação exaustiva: dentre um conjunto de presentes que a Maria poderia ter ganhado foi somente *um carro* que ela ganhou. Assim, o único valor para a variável *x* é *um carro*. Este é justamente o papel semântico-comunicativo do foco de identificação apontado pela autora.¹⁴

¹³ Kiss assume que a sentença clivada do inglês e a sentença com deslocamento do húngaro veiculam foco de identificação. Cabe ressaltar que nem toda sentença clivada veicula um foco de identificação ou contrastivo em PB. Abordaremos essa questão no terceiro e no quarto capítulo dessa tese.

¹⁴ Kiss (1998:245) atribui ao foco de identificação o seguinte papel semântico-comunicativo em uma sentença: "um foco de identificação representa um subconjunto do conjunto de elementos dados contextualmente ou situacionalmente, para os quais o predicado pode se aplicar; é identificado como o subconjunto exaustivo deste conjunto para o qual o predicado realmente se aplica".

Segundo Miotto & Negrão (2007), o foco de identificação no PB também pode ser interpretado em uma estrutura de asserção (AS). Assim, temos para a sentença (6) a AS abaixo:

- (7) A_1 : Existe x tal que a Maria ganhou x .
 A_2 : Para todo y , foi y que a Maria ganhou se e somente se $y=x$ & o x (tal que foi x que a Maria ganhou) = UM CARRO.

A A_2 do foco de identificação, como em (7), contém uma fórmula de unicidade que traduz a exaustividade da sentença. A propriedade de exaustividade se realiza como identificação por exclusão. Deste modo, o único valor possível para a variável x é *um carro*.

O elemento que veicula a informação não pressuposta sem expressar identificação exaustiva sobre um conjunto de elementos dados situacionalmente ou contextualmente não pode ser caracterizado como um foco de identificação. Kiss (1998) chama este constituinte de foco de informação, que se comporta como o foco não-contrastivo de Zubizarreta. Na sentença (8), o elemento focalizado apenas fornece a informação solicitada pela pergunta, supondo que esta sentença responde a pergunta *O que a Maria ganhou?*.

- (8) A Maria ganhou [_F um carro].

Tendo por base os traços [contrastivo] e [exaustivo], Miotto (2003:175) monta um quadro com os tipos de foco possíveis em PB, como ilustrado em (9):

(9)

a. [-contrastivo, -exaustivo]	de informação (K) ¹⁵ , não-contrastivo (Z)
b. [-contrastivo, +exaustivo]	de identificação (K)
c. [+contrastivo, -exaustivo]	*
d. [+contrastivo, +exaustivo]	contrastivo (Z) e (K)

Observamos que o que diferencia a proposta de Kiss (1998) e Zubizarreta (1998) é o foco de identificação, que não é considerado por Zubizarreta.

2.2.1 RELAÇÃO FOCO-PRESSUPOSIÇÃO

O foco é o elemento que carrega informação não compartilhada pelos interlocutores. Ele pode acrescentar informação ao pressuposto, foco não-contrastivo, ou negar o pressuposto, foco contrastivo. A articulação foco-pressuposição é representada na configuração sintática (cf. Rizzi 1997) e interpretada pelo componente de interface LF. A pressuposição é a informação que é considerada o 'pano de fundo' da sentença e que se supõe partilhada pelos falantes. Chierchia (2003:186) afirma que "A pressupõe B sse B é dada como certa em todo contexto no qual A é usada". Podemos recorrer ao par de sentenças em (10) para estabelecer o que é o foco e o que é a pressuposição:

¹⁵ A letra K corresponde a Kiss (1998) e Z a Zubizarreta (1998), o sinal * significa que não há nenhum tipo de foco que tenha esta combinação de traços.

- (10) a. Foi o João que parou de fumar.
b. Alguém parou de fumar.

(10a) é uma sentença clivada que pressupõe (10b), já que esta tem que ser dada como verdadeira quando aquela é usada. Então, o que se afirma a respeito das sentenças de (10) é que a verdade de (10b) é tratada como não-controvertida quando (10a) é verdadeiro. No caso de não existir alguém que tenha parado de fumar, o uso de (10a) é completamente descabido.

Uma forma de identificar o pressuposto é isolar a proposição que se mantém como certa no que se chama a "família pressuposicional" (P-família) da sentença. A P-família de (10a) é o conjunto de sentenças em (11):

- (11) a. Não foi o João que parou de fumar.
b. Foi o João que parou de fumar?
c. Se foi o João que parou de fumar, então ele será admirado.

O pressuposto (10b) se mantém inalterado em toda P-família de (10a) que é composta por sua contraparte negativa (11a), por sua contraparte interrogativa (11b) e por sua contraparte hipotética (11c).

É possível identificar com segurança o pressuposto de uma sentença clivada, como (10a), porque este tipo de sentença é sintaticamente designada para focalizar um constituinte (cf. Mito & Negrão 2007). O foco sempre aparece entre a cópula e o complementizador. Uma vez que se consegue isolar o foco, sabe-se que o que resta da sentença constitui a pressuposição.¹⁶ Entretanto, já não é tão seguro estabelecer a pressuposição (e consequentemente o foco) de uma sentença como (12):

- (12) João parou de fumar.

Para realizar tal tarefa, temos que recorrer ao contexto em que a sentença é usada.

Considere as proposições em (13):

- (13) a. Alguém fumava.
b. Alguém parou de fazer alguma coisa.
c. Alguém parou de fumar.
d. O João fazia alguma coisa.
e. João parou de fazer alguma coisa.

¹⁶ Estamos trabalhando com a noção de pressuposição focal que é identificada quando destacamos o foco de uma sentença e substituímos esse constituinte por uma variável quantificada existencialmente. É importante ressaltar que não estamos tratando de um outro tipo de pressuposição, a chamada pressuposição lexical. A pressuposição lexical é a aquela que está associada a itens lexicais como *saber* em (i).

(i) a. Maria sabe [_F que o Pedro fala inglês].

b. O que Maria sabe?

Se analisamos uma sentença como (i), verificamos que a verdade do que está entre colchetes é induzida pelo verbo *saber*, como deduzido do teste da P-família da sentença. Entretanto, pressuposição induzida por um item lexical não pode ser confundida com pressuposição focal, que deriva da pragmática da sentença, porque o pressuposto lexical entre colchetes pode ser focalizado quando a sentença em (i) é usada para responder uma pergunta como (ib).

De acordo com Zubizarreta (1998), cada uma delas pode ser o pressuposto de (12) dependendo do contexto de uso. (13a), (13b) e (13c) são pressupostas de (12) se esta sentença responde a uma pergunta como (14a):

- (14) a. Quem parou de fumar?
b. O João parou de fazer o quê?

Se, por outro lado, a sentença em (12) é usada para responder a pergunta (14b), as proposições de (13) que são pressupostas serão (13b), (13d) e (13e). Para identificar o pressuposto de uma sentença que não é sintaticamente designada para focalizar, é preciso então ter em mente um contexto, pois em um contexto neutro (*out of the blue*) não é possível determiná-lo.

Halliday (1963a) propõe que os enunciados têm um terceiro nível de organização, ao lado da sintaxe e da semântica, e que um dos principais expoentes dessa organização é o ritmo e a entonação. O autor afirma que ao lado da estrutura temática de um enunciado há uma estrutura contextual paralela na qual a informação é classificada em, de um lado, o que já é conhecido ou dado no discurso e, de outro lado, o que é novo. Halliday introduziu o termo foco de informação para se referir à parte de um enunciado que é realçada por um *pitch* de proeminência.

Chomsky (1970) sugere que a interpretação semântica de um enunciado deve levar em conta a bipartição foco-pressuposição e define foco como a expressão que contém o centro entonacional, enquanto a pressuposição é determinada pela substituição do foco por uma variável. Para Jackendoff (1972), a relação foco-pressuposição orienta os participantes do discurso, uma vez que designa qual informação é nova na sentença e qual é conhecida pelos interlocutores.

De acordo com alguns autores (cf. Di Cristo 1998; Bolinger 1998), a distinção entre foco e pressuposição corresponde a níveis diferentes de acentuação com um acento mais alto para o foco e um acento mais baixo para a pressuposição. O que ocorre é que a parte pressuposta não é acentuada nos mesmos níveis da parte focal. A pressuposição não sofre um processo de desacentuação, apenas não apresenta nenhum pico entoacional (diferente do comentário, como veremos na seção sobre as diferenças entre foco e tópico).

2.2.2 RELAÇÃO FOCO-PROSÓDIA

A prosódia está relacionada a características da fala, e trabalha não apenas com o segmento fonético, mas com unidades maiores, como as sentenças. Em virtude disso, os fenômenos prosódicos são definidos como suprasegmentais. Há casos em que a prosódia interfere na sintaxe de uma determinada língua. A interrogativa sim/não do PB, por exemplo, diferencia-se de uma declarativa simples pela elevação de *pitch* no final do enunciado. Nesse caso, o contorno entoacional é o responsável pela marcação de modalidade. Dessa forma, verificamos que a prosódia não é um componente independente dos outros componentes da gramática e, assim, também está sujeito a regras gramaticais.

A relação foco-prosódia é relevante para a compreensão da correlação estrita entre o acento principal e o foco da sentença. Esta relação aparece sob a luz de duas abordagens na literatura prosódica: a abordagem fonética e a abordagem fonológica. A primeira abordagem está relacionada aos aspectos fonéticos do foco, enquanto a segunda analisa a estrutura fonológica. Os correlatos acústicos do foco são descritos em termos de frequência fundamental (F0), duração e intensidade. Na abordagem fonológica, o foco é identificado por receber a proeminência principal da sentença ou por receber um tipo de acento tonal específico.

O foco ou um membro do sintagma focalizado sempre recebe o acento principal da sentença, enquanto a pressuposição não pode ser acentuada nos mesmos níveis. O acento principal é atribuído segundo as regras de acentuação da língua em questão. Se assumimos para o PB a Regra de Acento Nuclear (*Nuclear Stress Rule - NSR*) de Chomsky & Halle (1968)¹⁷, devemos atribuir o acento principal à sílaba mais encaixada do constituinte que está mais à direita na sentença. Dessa forma, em um par pergunta-resposta a proeminência prosódica da sentença estará sobre a sílaba ou a vogal mais encaixada dentro do constituinte focalizado (ou um membro deste) na resposta.

Consideremos (15) e (16):

- (15) a. O que o Pedro comprou?
 b. O Pedro comprou [_F um caSAco].¹⁸
 c. O Pedro comprou [_F um casaco amaRElo].
- (16) a. O que aconteceu?
 b. [_F O Pedro comprou um casaco amaRElo].

Em (15c), não é permitido acentuar todo o constituinte focalizado *um casaco amarelo*, pois a NSR obriga o pico entonacional recair sobre uma sílaba, ou ainda, uma vogal em um único constituinte da sentença. Até quando toda sentença é focalizada, como em (16b), o elemento que recebe o acento nuclear é somente o último constituinte.

Zubizarreta (1998) assume que a variação na ordem dos constituintes ocorre como uma forma de o foco de informação receber o acento principal via NSR. A autora explica a variação da atribuição de acento principal nas línguas germânicas e românicas revisando a NSR.

(17) NSR revisada:

S-NSR: Dadas duas categorias irmãs C_i e C_j , se C_i e C_j são ordenadas seletivamente, a mais baixa na ordem de seleção é a mais proeminente.

C-NSR: Dadas duas categorias irmãs C_i e C_j , a mais baixa na ordem de c-comando assimétrico é a mais proeminente.

Em (17), a NSR é subdividida em duas partes: uma fundamentada na ordenação de argumentos selecionados por um predicado (S-NSR), e outra baseada na

¹⁷ Chomsky & Halle (1968) definem a Regra de Acento Nuclear (NSR) como segue: NSR: o acento é atribuído à vogal mais à direita em um constituinte maior, por exemplo, [*the black bírd*]]. A NSR é uma regra cíclica, a qual pode ser aplicada recursivamente.

¹⁸ As letras maiúsculas indicam o acento principal.

ordem de constituintes por meio de c-comando assimétrico¹⁹ (C-NSR). A relação de c-comando assimétrico ocorre entre dois constituintes que não estão no mesmo nível hierárquico na estrutura.

Vejamos a aplicação da relação de c-comando assimétrico em (18):

(18) O João beijou a Maria.

Na derivação dessa sentença, o constituinte *o João* e o constituinte *a Maria* não estão no mesmo nível hierárquico. O objeto *a Maria* é dominado por I, que é o irmão de *João* na estrutura hierárquica. Por isso, *o João* c-comanda assimetricamente *a Maria* em (18).

Quanto à aplicação da NSR revisada, consideremos (19):

(19) A boy has danced.
(Um garoto dançou)

Se a proeminência desta sentença é atribuída via S-NSR o elemento acentuado é *bOy*, pois seguindo a ordem de seleção da sentença ele é o último argumento selecionado. Se a proeminência é atribuída por meio da C-NSR, o elemento que recebe o acento é *dAnced*. Uma vez que aplicando a noção de c-comando assimétrico à sentença (19) *danced* é identificado como o último constituinte da sentença.

A diferença entre as línguas germânicas e as românicas reside no fato de que nas primeiras tanto a S-NSR quanto a C-NSR se aplicam, enquanto a atribuição do acento principal nas últimas se baseia somente na noção de c-comando, e não em propriedades seletivas do verbo. Assim sendo, em uma sentença do PB, o constituinte mais baixo em ordem de c-comando assimétrico recebe o acento principal. Em (15b), o objeto *um casaco* é o constituinte mais baixo em ordem de c-comando assimétrico e é o foco da sentença. Por isso, nenhum recurso especial precisa ser aplicado à sentença para que o foco receba o acento principal.

Quando o constituinte interpretado como foco de informação não figura como o último elemento em ordem de c-comando assimétrico na sentença, as línguas românicas devem apresentar uma solução para que este elemento ainda assim receba o acento principal. Esta situação se verifica quando o sujeito é focalizado.

A solução para o italiano e espanhol é empregar a ordem verbo-sujeito (VS) para focalizar o sujeito com interpretação de foco de informação e deixá-lo em uma posição mais à direita na sentença, como em (20b) e (21b), respectivamente:

(20) a. Chi ha partito?
(Quem saiu?)
b. Ha partito [_F GiANNi].
(Saiu o João)

(21) a. ¿Quién ha comido una manzana?
(Quem comeu uma maçã?)
b. Ha comido una manzana [_F JuAN].
(Comeu uma maçã o João)

¹⁹ Mioto et alli (2004:52) fornecem a seguinte definição de c-comando assimétrico:
a c-comanda assimetricamente β sse β é dominado pelo irmão de α .

Verificamos que o sujeito *Gianni*, em (20b), e *Juan*, em (21b), recebem o acento principal no final da sentença, não ocasionando uma falta de correlação entre o foco e o acento principal da sentença.

Para explicar como algumas línguas românicas permitem a atribuição do acento principal ao elemento interpretado como foco de informação que não está mais à direita na sentença, Zubizarreta (1998) faz uma distinção entre *visibilidade* e *invisibilidade métricas*. A NSR se aplica apenas a constituintes que são metricamente visíveis. Em línguas como o italiano e espanhol todos os constituintes são visíveis para a atribuição de acento principal. Por isso, o foco de informação deve estar em uma posição mais encaixada na sentença (conforme observamos em (20b) e (21b)). Em outras línguas, como o francês, os constituintes não focalizados são invisíveis para a computação do acento principal. Nestas línguas, é possível que o acento principal esteja sobre o constituinte focalizado que está mais à esquerda na sentença, como em (22).

- (22) a. Qui a mangé une pomme?
(Quem comeu uma maçã?)
b. [_F JeAN] *a mangé une pomme*.²⁰
(João comeu uma maçã)

Em (22b), o sujeito *Jean* recebe o acento principal e a pressuposição que é metricamente invisível para a atribuição do acento sofre um processo de desacentuação, nos termos de Zubizarreta.

Quanto à acentuação do foco contrastivo, Zubizarreta propõe que o constituinte focalizado contrastivamente recebe um acento contrastivo que independe da NSR. Este acento é mais forte que o acento principal. Vejamos o exemplo a seguir.

- (23) O PEDRO comprou um casaco amarelo (não o Paulo).

A parte pressuposta da sentença (23) - *comprou um casaco amarelo* - também não é acentuada nos mesmos níveis do elemento focalizado. O contorno prosódico dessa sentença é diferente do contorno prosódico das sentenças em (15) e (16). O acento que incide sobre *Pedro*, em (23), está relacionado à função do foco contrastivo de negar parte da pressuposição da sentença e de introduzir um outro constituinte focalizado nessa mesma sentença. Dessa forma, o acento do foco contrastivo não deve ser confundido com o acento principal atribuído via NSR. Esse último acento aparece em todas as sentenças, não somente quando a sentença tem um foco.

Na literatura há propostas distintas sobre o modo como se constitui a relação sintaxe-prosódia envolvendo a marcação de foco. De acordo com Costa (1998), a sintaxe é responsável pela distribuição de acento na sentença. Em decorrência disso, a gramática deve organizar a sentença de forma que um elemento com a interpretação focal receba o acento de foco. E, nesse caso, a prosódia está fortemente vinculada à sintaxe. Para Bocci (2004, 2008), não há dois modelos independentes: sintaxe de um lado, e fonologia do outro. Na proposta do autor, há um único sistema que trabalha conjuntamente sintaxe-fonologia. A derivação parte do léxico (na numeração) e vai para a sintaxe que

²⁰ Os constituintes em itálico representam a invisibilidade métrica.

aplica as operações necessárias para formar a sentença. Em seguida, a sintaxe envia a representação “pronta” para PF que aplicará as regras intrínsecas aquele componente.

Bocci não é a favor de uma análise de independência da sintaxe ou independência da fonologia. Nem defende um modelo de análise no qual a sintaxe envia uma representação para o componente fonológico, que aplica suas regras prosódicas, depois envia a representação de volta para a sintaxe, que coloca os constituintes nas suas devidas posições, e, por fim, manda para LF interpretar a sentença. No modelo do autor, a prosódia acessa somente o *output* sintático. A prosódia interpreta um traço diretamente da estrutura. Quando a sintaxe já aplicou todas as operações possíveis e necessárias para a representação da sentença, envia o “produto final” para PF que aplica todas as regras fonológicas.

Se o modelo tem direção única, da sintaxe para PF, faz sentido afirmar, como Belletti (2008), que a prosódia que difere uma sentença simples SVO de uma sentença SVO com sujeito foco de informação serve como evidência de que o sujeito foco ocupa uma posição específica na estrutura. Quando o componente PF recebe o produto final da sintaxe, identifica que o elemento alojado no especificador de FocP, que está em relação direta com o núcleo Foc (que é interpretável), deve receber o acento de foco. Ainda que ele não esteja na posição mais à direita na sentença.

Na análise de Brunetti (2003), um morfema entoacional foco faz parte da numeração. E o elemento focalizado é aquele que segue esse morfema. Quando o componente fonológico tem acesso à representação, já identifica o morfema entoacional foco. Seguindo essa proposta, não há como distinguir dois tipos de foco. O foco sempre será o complemento do morfema entoacional. E, ainda, não é porque um constituinte é marcado por determinado *pitch accent* (PA), por exemplo H+L*, que sempre será o foco da sentença. Uma sentença pode ter muitos elementos com esse PA, e apenas um será o foco. No sistema de Brunetti, as propriedades entoacionais são concebidas como morfemas lexicais incluídos na numeração.

Bocci (2008) verifica que não há uma correspondência *one-to-one* entre propriedade discursiva e *accent*. A propriedade discursiva pode não mudar, mas o PA muda dependendo da posição do constituinte. Por exemplo, em uma sentença com tópico deslocado à direita (TopRD), o PA do elemento topicalizado pode ser L+H* ou L*, vai depender da posição em que ele aparece em relação ao foco. Se ele segue o foco, é marcado com L*; se ele precede o foco, é marcado por outro acento. Ou, ainda, no caso de duas sentenças que têm o mesmo elemento focalizado, mas em posições distintas, como em (24).

- (24) a. O João comprou O CARRO (não a moto).
 b. O CARRO o João comprou (não a moto).

(24a) e (24b) tem a mesma interpretação, o mesmo tipo de relação focopressuposição. Mas apresentam contornos entoacionais distintos. Por isso, Bocci defende que não há isomorfismo entre representação entoacional e estrutura sintática/de informação.

Bocci (2008) propõe uma regra de acentuação chamada *Defining*, visto que o foco acaba definindo o acento dos outros elementos discursivos na sentença (pelo menos dos que aparecem depois dele, sempre marcados com L*). Segundo o autor, primeiro se detecta o foco para depois marcar entoacionalmente a sentença. Bocci (c.p) propõe que a marcação prosódica de

uma sentença com foco em PB está mais próxima da marcação prosódica do inglês do que das outras línguas românicas (italiano, PE, espanhol). No inglês, a prosódia deve se ajustar à sentença, não tem uma marcação prosódica fixa. Uma vez que não ocorre alteração na ordem dos constituintes, salvo em raros contextos. Em línguas como o italiano, espanhol, PE, que permitem mudança na ordem das palavras, a marcação prosódica dificilmente se altera.

Segundo Menuzzi & Mioto (2006), a sintaxe não determina diretamente as regras de atribuição de acento e de constituição dos domínios prosódicos. Os autores seguem na mesma vertente de Nespor & Vogel (1986) que propõem uma relação mais livre entre sintaxe-prosódia, de modo que a atribuição de acento nuclear não seja um reflexo direto da estrutura sintagmática. Quanto à organização prosódica da sentença, Menuzzi & Mioto defendem uma maior autonomia da fonologia em relação à sintaxe. De acordo com os autores, um sujeito foco de informação pode receber o acento de foco sem estar na posição final e um advérbio monossilábico que não é foco seguir o complemento, como em (25Bi)²¹.

- (25) A: — Você sabe de alguém que fale francês?
 B. i: — Já ouvi dizer que a MARIA fala francês bem.
 ii: — ? Já ouvi dizer que a MARIA fala bem francês.

Nesse caso, a restrição que atua é de natureza prosódica. A sintaxe não precisa sofrer um rearranjo de constituintes para satisfazer requerimentos prosódicos. A proposta de Costa (1998) para a sintaxe dos constituintes pós-verbais em português europeu não se aplica ao PB. Pelo menos não genuinamente, como ressaltam Figueiredo Silva & Araújo (2008). Segundo os autores, a relação prosódica e a ordem das palavras pode ser captada em alguns pontos pela análise de Costa e em outros pontos pela análise de Menuzzi & Mioto.

As relações do foco com as interfaces LF e PF revelam propriedades formais e interpretativas que diferenciam um elemento focalizado de um elemento topicalizado. Ainda que, tanto foco quanto tópico, sejam portadores de propriedades de escopo-discursiva. Na próxima seção, o tópico é identificado na sentença e, em seguida, apresentamos as diferenças entre tópico e foco de acordo com as propriedades de PF e LF.

2.3 IDENTIFICANDO TÓPICO

Nas seções anteriores vimos que o foco tem determinada função informacional e é um constituinte destacado na sentença por um determinado tipo de acentuação. Nesta seção, apresentamos uma outra forma de destacar um constituinte do resto da sentença: por uma pausa. O constituinte assim destacado tem outra função informacional, que é a de tópico. O domínio de onde este constituinte é destacado constitui o comentário.

As sentenças podem ser, assim, estruturadas em tópico-comentário. O tópico normalmente é definido como o constituinte que veicula informação compartilhada pelos interlocutores de uma determinada situação discursiva. Em

²¹ Exemplo extraído de Menuzzi & Mioto (2006:224).

situações da fala o constituinte topicalizado é marcado por uma pausa. O comentário é a predicação que se aplica ao tópico devendo veicular a informação não pressuposta e podendo veicular também informações já referidas no discurso.

Alguns autores, como Reinhart (1982), são contra a definição de tópico apenas como a informação dada, argumentando que informação velha não é condição suficiente para topicalidade. Estes autores observam que em um enunciado pode haver outros elementos, os quais não exercem a função de tópico, que também veiculam a informação dada.

Zubizarreta (1998), assim como Reinhart (1995), assume que a articulação tópico-comentário é representada em termos de predicação, em que o comentário é uma sentença aberta que predica sobre o tópico:

- (26) a. O meu pai, ele trabalha nos feriados.
b. Nos feriados, o meu pai trabalha.

Esta predicação supõe que o tópico se encontra em posição A', sendo retomado na conexão com a posição aberta do comentário, por um pronome, como em (26a), ou uma categoria vazia, como em (26b).

Zubizarreta supõe, ainda, que a bipartição tópico-comentário é representada na AS (*Assertion Structure*) da sentença. A proposta da autora é ilustrada com o exemplo em (27).

- (27) a. E a pizza? Quem comeu ela?
b. A pizza, o Pedro comeu ela.

Por meio da pergunta-contexto em (27a), verificamos que *Pedro* é o foco e a *pizza* é o constituinte topicalizado da sentença (27b). A AS de (27b) é como (28):

- (28) A₁: a pizza / existe um x, tal que x comeu y.
A₂: a pizza_y / o x (tal que x comeu y) = Pedro.

Seguindo a leitura das duas asserções ordenadas, encontramos na A₁ o tópico *a pizza* e uma quantificação existencial similar à pressuposição. A A₂ é composta pelo tópico e pela asserção principal de uma sentença com foco. Zubizarreta ressalta que a representação de uma sentença contendo tópico na AS mostra que o tópico não pode ser identificado com o foco, visto que o tópico é o sujeito de um predicado proposicional e o foco está contido dentro deste predicado.

Reinhart (1995), além de assumir que a estrutura de tópico-comentário é representada em termos de predicação, trabalha com a noção de conjunto de Asserções Pragmaticamente Possíveis (*Possible Pragmatic Assertions – PPA*). A cada sentença é associado um conjunto PPA que pode variar de acordo com o tipo de sentença. Assim, uma sentença SVO, como (29), tem quatro membros em seu conjunto PPA, como se vê em (30):

- (29) Maria beijou o João.
- (30) a. A Maria beijou o João.
b. A Maria, ela beijou o João.
c. O João, a Maria beijou ele.
d. Beijar o João, a Maria beijou ele.

O PPA de (29) é composto por uma sentença SVO (30a), uma sentença com sujeito topicalizado e no comentário a estrutura SVO (S/SVO – 30b), uma sentença com o objeto topicalizado e a estrutura SVO no comentário (O/SVO – 30c) e uma sentença com o verbo e o objeto topicalizados (VO/SVO – 30d).

As sentenças inacusativas do tipo *there* não podem apresentar o sujeito indefinido como tópico, por isso, não têm a sentença S/SVO em seu PPA, como mostra a agramaticalidade de (31b). Nas sentenças com deslocamento à esquerda, o constituinte que aparece deslocado é o único elemento topicalizado da sentença. O PPA de uma sentença desse tipo é composto por um membro apenas. No caso de (32), este membro é a sentença O/SVO.

- (31) a. Existem dinossauros no jardim.
b. *Dinossauros, eles existem no jardim.

- (32) Os livros, a Maria guardou eles.

Reinhart afirma que o conjunto PPA é relevante para julgamentos de valor de verdade de sentenças. O valor de verdade de uma sentença depende do elemento que é o tópico da sentença. Se uma sentença é acessada via o PPA S/SVO é preciso verificar se o conjunto definido pelo sujeito tem as propriedades definidas pelo predicado para saber o valor de verdade dessa sentença. E, se a sentença é acessada via o PPA O/SVO deve-se verificar se o conjunto definido pelo objeto tem as propriedades definidas pelo predicado.

Consideremos as sentenças em (33) fornecidas por Reinhart:

- (33) a. Two American kings lived in New York.
(Dois reis americanos viveram em Nova Iorque)

b. There were two American kings in New York.
(Havia dois reis americanos em Nova Iorque)

Aplicando a noção de conjunto PPA a estas sentenças observamos que (33a) pode ser considerada falsa ou indefinida, enquanto (33b) só pode ser considerada falsa. Os conjuntos PPAs em (34) e em (35) representam a AS das sentenças (33a) e (33b), respectivamente:

- (34) a. Dois reis americanos viveram em Nova Iorque.
b. Dois reis americanos (x)/ x viveram em Nova Iorque.
c. Nova Iorque (y)/ Dois reis americanos viveram em y.
(35) a. Havia dois reis americanos em Nova Iorque.
b. Nova Iorque (x)/ Havia dois reis americanos em x.

Segundo Reinhart, a sentença (33a) é julgada indefinida se a sentença é acessada via o membro (34b) do conjunto PPA em (34). Zubizarreta (1998) ressalta que (34b) é uma asserção que começa com um elemento sem referência no mundo real, “dois reis americanos”. Assim, não há como manter uma relação de predicação. (33a) é considerada falsa se a sentença é acessada via o membro (34c) do conjunto PPA em (34). Uma vez que o locativo topicalizado *Nova Iorque* tem referência no mundo real e o predicado *dois reis americanos* não se aplica a nenhum residente desta cidade.

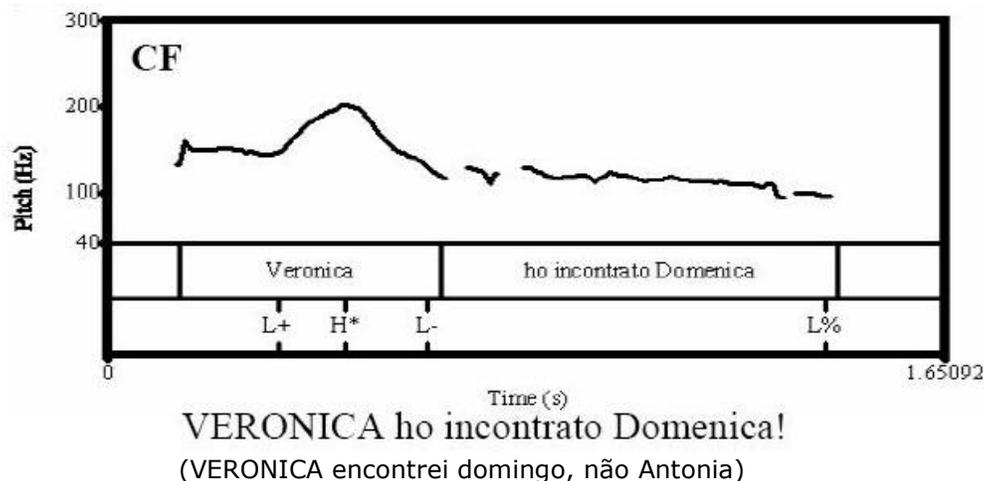
A não variação no julgamento do valor de verdade de (33b) pode ser explicada pelo fato de o sujeito indefinido não funcionar como tópico em uma sentença do tipo *there*. Por isso, uma representação comparável a (34b) não está disponível para a sentença (33b). Somente (35b), com o elemento *Nova Iorque* topicalizado, está disponível para (33b). E, nesse caso, o conjunto definido pelo locativo *Nova Iorque* não tem as propriedades definidas pelo predicado *dois reis americanos*.

O tópico não possui apenas uma função discursiva, além desta propriedade, ele desempenha uma função relevante no julgamento do valor de verdade da asserção a que pertence. Na próxima seção, apresentamos algumas propriedades que diferenciam o tópico do foco.

2.4 FOCO *VERSUS* TÓPICO

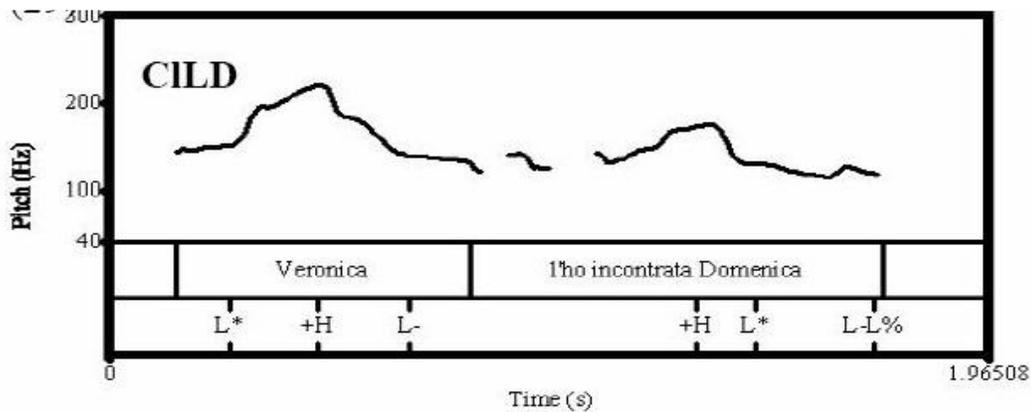
O foco é o constituinte que veicula a informação não pressuposta e é destacado na sentença por um determinado tipo de acentuação. O tópico é o constituinte que veicula a informação conhecida pelos participantes do discurso e é destacado na sentença por uma pausa. Estes dois constituintes são interpretativamente diferentes, apesar de se estruturarem de forma semelhante quando aparecem na periferia esquerda da sentença. Em relação à propriedade PF, Bocci (2007) mostra que há diferenças sistemáticas no contorno entoacional de uma estrutura com tópico e uma estrutura com foco. A principal diferença é que a pressuposição tem um contorno entoacional sem oscilação, enquanto o comentário tem um contorno típico de uma sentença regular. Vejamos os exemplos fornecidos por Bocci (2007)²².

(36)



²² As ilustrações (36) e (37) correspondem aos exemplos (27) e (29) de Bocci (2007).

(37)



Veronica, l'ho incontrata Domenica!

(Verônica, a encontrei domingo!)

Observamos que há um pico entoacional sobre a última sílaba do constituinte *Veronica* em (36) e nenhum outro pico entoacional sobre a pressuposição. Essa se mantém estável até o fim da sentença. Já na sentença com tópico em (37), verificamos, além do pico entoacional na sílaba *RO* de *Verônica*, um outro pico entoacional no comentário, marcado por +H.

Quanto à interface semântica/pragmática, Rizzi (2008) mostra que o tópico é selecionado a partir do pressuposto e, em seguida, é destacado na sentença. Já o foco atribui um valor para uma variável ligada ao operador interrogativo, como em (38b) e (39b), respectivamente.

- (38) a. Che cosa hai fatto col mio libro?
(O que fizeste com o meu livro?)
b. Il tuo libro, lo ho dato a Gianni.
(O teu livro, o dei para o João)
- (39) a. Che cosa hai dato a Gianni?
(O que deste para o João?)
b. Gli ho dato il tuo libro.
(A ele dei o teu livro)

(38a) e (39a) funcionam como *background* das sentenças (38b) e (39b). O foco substitui a expressão-Wh da pergunta, o tópico é selecionado a partir do *background* e um comentário é feito sobre ele. Partindo desta distinção semântica, verificamos que o foco geralmente é marcado como [-definido], enquanto o tópico é [+definido]. Entretanto, Rizzi (2008) faz notar que um tópico indefinido é possível em alguns casos.

- (40) Un libro, lo ho letto.
(Um livro, o li)

(40) é uma sentença estranha em um contexto *out-of-the-blue*, mas é perfeitamente possível em uma situação particular, como em (41).

- (41) a. Ieri non hai fatto niente per prepararti all'esame...
 (Ontem não fizeste nada para te preparar para a prova)
 b. Ti sbagli! Un libro, lo ho letto...
 (Estás enganado! Um livro, o li)
 b'. beh, ho letto un libro...
 (bem, li um livro)

Segundo Rizzi, o tópico indefinido está associado à interpretação de um elemento partitivo. Para uma sentença como (40) podemos ter a seguinte leitura: de um conjunto de coisas possíveis de serem feitas para a preparação de uma prova (ler um livro, um artigo, um resumo...), tiramos uma parte; nesse caso, a parte extraída é [um livro].

Rizzi (1997) aponta cinco propriedades sintático-semânticas que diferem o tópico do foco na periferia esquerda da sentença. A primeira delas está relacionada à retomada do constituinte na periferia esquerda da sentença. O foco não pode ser retomado por um pronome resumptivo, como em (42b):

- (42) a. A MARIA t comprou um carro.
 b. *A MARIA ela comprou um carro.

Enquanto uma sentença que apresenta o tópico retomado por um pronome no comentário é gramatical, como em (43):

- (43) A Maria, ela comprou um carro.

O elemento focalizado, ao contrário do topicalizado, deve ser retomado por uma categoria vazia (cv). O foco não pode ser retomado por um pronome resumptivo porque é um elemento quantificacional. Assim sendo, precisa vincular uma variável que é [- pronominal] em posição-A. Em (42b), *a Maria* é um constituinte quantificacional e não há uma variável para que a vinculação possa ser estabelecida.

Outra diferença entre o tópico e o foco aparece quando verificamos o efeito de cruzamento fraco (*Weak Cross-Over* - *WCO*). O foco sofre os efeitos deste cruzamento, enquanto o tópico não reage a tais efeitos.

- (44) a. *A MARIA_i o pai dela_i conhece t_i bem (não o João)
 b. A Maria_i, o pai dela_i conhece ela_i bem.

(44a) é agramatical porque o foco vincula uma variável por cima de um pronome (*dela*) que não c-comanda essa variável. A variável *t_i* deve estar vinculada diretamente ao foco *a Maria*. Em (44b), o tópico *A Maria* é um constituinte não-quantificacional em posição-A' que vincula um pronome *ela* mesmo existindo o pronome *dela* entre eles. Por isso, a sentença é bem formada.

Rizzi segue Lasnik e Stowell (1991) e afirma que WCO é uma característica distintiva das relações A' envolvendo quantificação genuína. As relações A' são de dois tipos: há as relações envolvendo um quantificador que vincula uma variável e há as relações que envolvem uma vinculação A' não-quantificacional. Nesta última, um constituinte não-quantificacional vincula uma categoria vazia que não é uma variável, é chamada de constante nula (*nc* - *null constant*). Estas

duas relações são ilustradas pela sentença interrogativa em (45a) e pela relativa apositiva em (45b):

- (45) a. ?*Who does his mother really like t?
(De quem a mãe dele realmente gosta t?)
- b. John, who his mother really like t.
(O João, que a mãe dele realmente gosta t)

Em (45a), a categoria vazia é uma variável que deve ser vinculada ao operador *who* em posição A'. Isso não ocorre porque há um elemento intermediário *his* impedindo a vinculação. A categoria vazia em (45b) é uma constante nula e não uma variável. Essa constante nula é licenciada pelo operador *who* que tem sua referência determinada pelo antecedente *John*. Dessa forma, *who* é um operador anafórico sem propriedades quantificacionais, diferentemente do operador em (45a). De acordo com Rizzi, somente a sentença interrogativa em (45a) é sensível aos efeitos de WCO.

Analisando o contraste entre as sentenças em (44a) e (44b) verificamos que apenas a sentença com foco (44a) sofre os efeitos de WCO, o que indica que esta sentença envolve uma relação A' quantificacional. Como a sentença com tópico (44b) não reage aos efeitos de WCO, observamos que esta sentença envolve uma relação A' não-quantificacional. Se o foco é um constituinte quantificacional, ele sempre deve vincular uma categoria vazia do tipo variável em posição A. Dessa forma, satisfaz o princípio de Interpretação Plena (*FI – Full Interpretation*) que propõe que os quantificadores devem vincular variáveis. Isso explica porque o foco não pode ser retomado por um pronome (clítico ou não), como vimos em (42). O tópico é um constituinte de natureza não-quantificacional que pode ser retomado por um elemento pronominal (clítico ou não), como vimos em (43).

Outra propriedade que distingue tópico de foco é a compatibilidade com elementos quantificacionais nus (*bare quantificational elements*). O foco é compatível com elementos quantificacionais nus, como vemos pela gramaticalidade de (46), enquanto o mesmo não se verifica com o tópico, como vemos pela agramaticalidade de (47):

(46) TUDO_i a Maria limpa t_i dentro de casa.

(47) *Tudo_i, a Maria limpa cv_i dentro de casa.

Os quantificadores nus não podem ser topicalizados porque são operadores inerentes. Um operador deve vincular uma categoria vazia do tipo variável em posição A. Como a relação entre o tópico e a categoria vazia não é de natureza quantificacional, não há variável no comentário para ser vinculada pelo operador.

As sentenças que envolvem quantificadores com restrição lexical em posição de tópico são gramaticais, como em (48):

(48) Algumas meninas, a Maria viu elas na festa.

Segundo Rizzi, o quantificador com restrição lexical *alguma meninas* é diferente do quantificador nu *tudo* em (47). O primeiro pode ser topicalizado porque há uma forma de criar uma variável para ele vincular. A sentença (48) tem a seguinte estrutura:

(49) [Algumas_j [t_j as meninas]],_i, a Maria viu elas_i na festa.

Em (49), o quantificador *algumas* é extraído do DP, deixando uma variável no seu lugar para ele possa vincular. A relação entre o tópico *alguma meninas* e o pronome tônico *elas* continua sendo de natureza não-quantificacional.

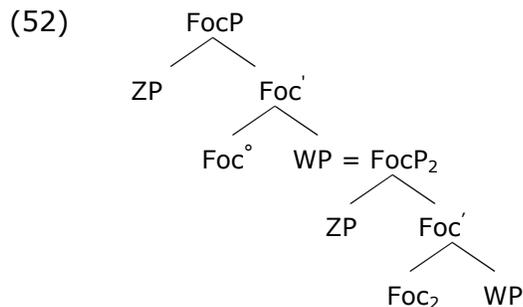
Outra propriedade apontada por Rizzi (1997) é a unicidade do foco. Uma sentença pode ter mais de um tópico, como em (50), mas apenas um foco, como ilustra (51).

(50) A bolsa, amanhã, com certeza, eu comprarei ela.

(51) *PARA O PEDRO MARIA entregou os livros.

A gramaticalidade de (50) mostra que os tópicos *a bolsa*, *amanhã* e *com certeza* podem ocorrer na mesma sentença. Já a agramaticalidade de (51) indica que não há possibilidade de os focos *para o Pedro* e *Maria* estarem na mesma sentença.

As propriedades interpretativas destas construções podem responder porque o tópico é recursivo e o foco não. A categoria FocP tem apenas uma posição para alojar o constituinte focalizado, o Spec de FocP. Se a sentença apresentar mais de um foco, como em (51), é preciso incluir na estrutura arbórea outra categoria FocP, como fazemos em (52):



A categoria FocP₂ é o complemento da outra categoria FocP. Isso não é possível porque o complemento de FocP veicula a pressuposição e o foco é o constituinte que veicula a informação não pressuposta. A recursão de FocP é impedida para que não seja gerado um conflito interpretativo na sentença. Não há problemas quanto ao aparecimento de mais de um tópico na sentença porque o comentário pode ter informação já referida no discurso e também informação não pressuposta.

A quinta propriedade do foco está relacionada à incompatibilidade com as expressões-Wh. O tópico é compatível com um elemento-Wh em uma ordem fixa (Top Wh), já o foco não.

Zubizarreta (1998) assume que o constituinte focalizado em um par pergunta-resposta é aquele que está no lugar da expressão-Wh da interrogativa matriz. Dessa forma, tanto o foco da resposta quanto o elemento-Wh da pergunta ocupam a mesma posição na configuração sintática, o especificador de FocP. Na sentença abaixo, a expressão-Wh *que livro* e o foco *o João* não podem coocorrer.

(53) * O JOÃO que livro comprou (não o Pedro)?

Como a categoria FocP não pode se projetar mais de uma vez na sentença, a expressão interrogativa *que livro* e o foco *o João* disputam a mesma posição. Rizzi (2008) observa que nas línguas com marcadores morfológicos de foco e tópico, como o Gungbe, a expressão-Wh conduz o marcador foco nas interrogativas.

2.5 PROPOSTA CARTOGRÁFICA E FOCO

2.5.1 FOCO NA PERIFERIA ESQUERDA DA SENTENÇA

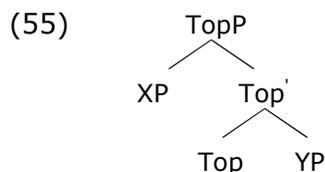
Rizzi (1997) propõe que a projeção CP é dividida em diferentes nódulos, contendo projeções foco e tópico distintas. Um constituinte dotado com um determinado traço de escopo-discursivo entra em uma relação de checagem (*probe-goal*) com um núcleo funcional apropriado dotado com o traço pertinente. Dessa forma, um elemento alojado no especificador de uma projeção foco é interpretado como um constituinte focalizado, enquanto um elemento que ocupa o especificador de uma projeção tópico é interpretado como um constituinte topicalizado. No primeiro capítulo, mostramos como o CP é estruturado de acordo com a proposta de Rizzi (1997).

Foco e tópico são propriedades de escopo-discursiva que diferem semanticamente e sintaticamente. A natureza quantificacional do foco indica que um elemento focalizado sofre movimento na estrutura, o mesmo não ocorre com o tópico. Uma evidência em favor de que o foco é movido para Spec de FocP e de que o tópico é gerado no Spec de TopP é fornecida por meio das construções envolvendo ilhas, como aquelas em (54):

- (54) a. *_[FocP] **O caderno**_i eu conheço a menina [_{ilha} que comprou t_i].
 b. [_{TopP} O caderno]_i, eu conheço a menina [_{ilha} que comprou ele].

(54a) é uma sentença agramatical porque o constituinte *o caderno* não pode se deslocar para a periferia esquerda da sentença passando por cima de uma ilha relativa. Em (54b), o constituinte *o caderno* é o tópico e não está na periferia esquerda da sentença por movimento. Dessa forma, a sentença (54b) não sofre os efeitos de ilha e é gramatical.

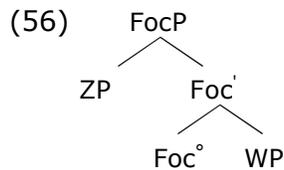
Tanto a articulação tópico-comentário quanto a articulação foco-pressuposição são representadas sintaticamente de acordo como modelo X-barra. A primeira articulação segue a seguinte estrutura:



XP= Tópico
 YP= Comentário

O núcleo funcional Top projeta seu próprio especificador e seu complemento. O tópico preenche o especificador e o comentário preenche o complemento. Top define uma predicação dentro do sistema CP. A sua função é paralela a que AgrS desempenha dentro do sistema IP. Mas a predicação que ocorre em Top é diferente da predicação que ocorre em AgrS. A primeira é uma predicação alta que envolve um especificador em posição A-barra, enquanto AgrS conecta um sujeito e um predicado dentro do sistema TP e esta conexão está relacionada a propriedades gramaticais, como Caso.

O núcleo Foc também projeta seu próprio modelo X-barra. Dessa forma, Foc articula o elemento focalizado que preenche o especificador de FocP e a pressuposição que é o seu complemento. A representação da bipartição foco-pressuposição é como (56):



ZP = Foco

WP = Pressuposição

O movimento sintático de elementos focalizados é visto como uma operação de "último recurso" que é motivada para satisfazer um requerimento do núcleo Foc. Esse requerimento é tratado como o critério foco²³, remanescente ao critério Wh (Rizzi, 1996), os quais asseguram que os elementos focalizados ou interrogativos estejam em configuração Spec-núcleo com Foc ou Q, respectivamente. No modelo cartográfico assumido nesse estudo, um elemento somente recebe a interpretação de foco quando preenche o especificador de FocP.

De acordo com a teoria de critérios, quando o constituinte focalizado que satisfaz o critério Foco encontra a categoria FocP na estrutura, ele é congelado ali. A cadeia formada por ele e o seu vestígio não pode mais se estender. Isto é o que Rizzi (2004) denomina de congelamento criterial (*Criterion Freezing*). Segundo o autor, no momento em que o elemento focalizado é congelado no especificador de FocP, o sistema interpretativo recebe a informação de que o constituinte que preenche aquele Spec é para ser interpretado como foco. No quarto capítulo, trataremos melhor do critério foco e do congelamento criterial.

2.5.2 FOCO NA PERIFERIA DE VP

Belletti (2001,2004) estuda as sentenças com sujeito em posição pós-verbal e propõe, seguindo as análises cartográficas, que a área entre TP e vP compreende posições destinadas aos constituintes com propriedades sintáticas e semânticas, como tópico e foco.

²³ As propriedades do critério foco são apresentadas no quarto capítulo desta tese.

Nas construções VS do italiano, o sujeito pode ser interpretado como o elemento da sentença que veicula o foco, essa situação se verifica quando a sentença VS responde uma interrogativa-Wh sobre *alguém*.

- (57) a. Chi è partito/ha parlato?
(Quem saiu/falou?)
b. È partito/ha parlato Gianni.
(Saiu/falou João)
c. # Gianni è partito/ha parlato.
(João saiu/falou)

(57b) responde adequadamente a pergunta (57a) que requer apenas uma resposta que veicule informação não-pressuposta. *Gianni* em (57b) é interpretado como foco, pois é o valor atribuído a variável vinculada pela expressão-Wh *chi* em (57a). A sentença (57c) não responde adequadamente a interrogativa (57a). O contraste entre (57b) e (57c) indica que o sujeito pós-verbal e o pré-verbal veiculam informações diferentes em italiano. O primeiro veicula apenas a informação não-pressuposta, enquanto o segundo não serve para foco de informação, pois implica contraste.

Levando em consideração esse contraste, Belletti propõe que o sujeito pós-verbal em (57b) ocupa uma posição baixa de foco, preenchendo o especificador de FocP na periferia de vP²⁴. Este constituinte não deve ocupar uma posição de foco na periferia esquerda da sentença, como aquela proposta por Rizzi (1997). Uma vez que esta posição aloja somente constituintes com interpretação contrastiva e/ou exaustiva.

Em contextos específicos, como em (58), o sujeito pós-verbal também pode ser interpretado como tópico:

- (58) a. Che cosa ha poi fatto Gianni?
(O que tem finalmente feito João?)
b. Ha (poi) parlato, Gianni.
(Tem finalmente falado, João)

O sujeito *Gianni* em (58b) faz parte da informação já mencionada na pergunta (58a) e é destacado por uma pausa na sentença, por esta razão, é interpretado como tópico. Belletti assume que, nesse caso, o sujeito *Gianni* preenche o especificador de TopP na área acima de VP.

O fato de o sujeito aparecer em uma posição baixa de tópico ou de foco nas construções VS do italiano está relacionado a uma propriedade comum das línguas românicas de sujeito nulo (*pro-dro*): a inversão do sujeito. As línguas românicas de sujeito nulo apresentam um fenômeno conhecido como Inversão Livre do Sujeito (*Free Inversion - FI*) que permite que a posição do sujeito pré-verbal não seja preenchida, como em (59), pelo menos não fonologicamente realizada. As línguas românicas que não apresentam a propriedade do sujeito nulo, como o francês, podem exibir um outro tipo de inversão, chamada de Inversão Estilística (*Stylistic Inversion - SI*). Este tipo de inversão requer um elemento que a desencadeie. Quando o desencadeador não está presente, a sentença com sujeito pós-verbal no francês é agramatical, como ilustra (60).

²⁴ Para Belletti, não há como adotar a proposta de Cardinaletti (2001) que mantém o sujeito pós-verbal na sua posição canônica interna ao VP, pois a entonação e a interpretação devem ser lidas diretamente da configuração sintática. Se o sujeito pós-verbal é foco e permanece no especificador de VP, ele não será interpretado corretamente, seguindo a proposta cartográfica.

(59) Ha parlato Gianni.
(Falou João)

(60) *A parlé Jean.
(Falou João)

O contraste entre (59) e (60) indica que as estruturas de SI apresentam propriedades diferentes das estruturas de FI. A primeira requer um elemento que desencadeie a inversão do sujeito que, no caso do francês, pode ser o verbo no subjuntivo, como em (61a), ou o pronome relativo, como em (61b).

(61) a. Il faut que parle/parte Jean.
(É necessário que fale/saia João)
b. Le jour où a parlé/est parti Jean.
(O dia em que falou/partiu João)

O processo de inversão que ocorre no italiano é diferente do processo de inversão que ocorre nas línguas que apresentam SI. Segundo Kayne & Pollock (1999), o sujeito é elevado até a periferia esquerda da sentença em SI e, em seguida, ocorre o movimento do IP remanescente para uma posição ainda mais alta no CP, produzindo a ordem VS. Dessa forma, o sujeito em SI assume uma posição alta na estrutura.

A ordem VS está relacionada a dois processos de inversão distintos: SI e FI. O primeiro envolve o movimento do sujeito para uma posição no domínio CP e, em seguida, o movimento do IP remanescente para uma posição ainda mais alta na periferia esquerda da sentença, enquanto o segundo envolve o movimento do verbo para I. De acordo com Belletti (2001, 2004), em cada um dos casos de inversão o sujeito focalizado ocupa uma posição distinta. Somente nos casos de inversão livre é que o sujeito ocupa a posição foco baixa, nos casos de inversão estilística o sujeito está alto. A posição baixa de foco pode ser ocupada por qualquer constituinte que tenha a interpretação de foco de informação.

2.5.3 FOCO INTERNO A DP

Aboh (2004) propõe que as propriedades sintáticas e semânticas de tópico e de foco podem ser codificadas dentro da estrutura nominal. O sistema nominal apresenta uma periferia esquerda articulada com projeções de tópico e de foco cujos especificadores alojam constituintes topicalizados e focalizados. Essa proposta é conhecida como *split-DP*, semelhante ao *split-CP* de Rizzi (1997).

Aboh estuda a língua africana Gungbe que tem os núcleos das projeções tópico e foco morfologicamente realizados por elementos como determinantes ou artigos. Observamos na sentença abaixo os marcadores tópico e foco presentes em Gungbe:

(62) Ùn nywen dò [Sètù **yà** [Màrí **wɛ** é dà
1sg know that Setu **top** Mary **foc** 3sg marry
'I know that, as for Setu, he married Mary'

Os elementos morfológicos *yà* e *wε* são partículas de tópico e foco, respectivamente. Não há tradução para esses elementos, pois os mesmos estão na sentença para destacar os constituintes que devem ser topicalizados ou focalizados. O sujeito topicalizado *Sétù* e o objeto focalizado *Màrí* estão ensanduichados entre o complementizador *do* 'that' e o pronome sujeito de terceira pessoa é interno ao TP.

Aboh distingue uma especificação de tópico dentro da periferia esquerda sentencial e dentro da periferia esquerda nominal e propõe que um tópico nominal pode licenciar um tópico sentencial.

Seguindo Bernstein (2001), o autor afirma que o foco também pode ser determinado dentro do domínio nominal. Em espanhol, quando o demonstrativo segue um nome é porque porta um acento marcado e tem uma leitura de foco, como em (63b).

- (63) a. Este libro interesante.
b. El libro interesante este.

Em francês, um nominal que tem uma especificação de foco é atraído para o campo foco dentro da sentença, como verificamos com a partícula *ci* que é a contraparte do demonstrativo *este* em espanhol.

- (64) a. C'est ce livre que Jean a lu qui le rend triste
it.is the book that John has read that him make sad
'It is this book that John read, which makes him sad'
b. C'est ce livre-ci que Jean a lu avant de partir
it.is the book-here that John has read before Prep leave
'It is this book here that John read before he left'

De acordo com Aboh, o constituinte clivado *ce livre*, em (64a), pode ser interpretado como foco contrastivo ou foco de informação, depende do contexto em que a sentença é inserida. Já a expressão clivada *ce livre-ci*, em (64b), é necessariamente interpretada como foco contrastivo porque essa expressão inclui o reforço demonstrativo *ci*. Em casos como esse, o foco da sentença, o constituinte clivado, atrai uma expressão nominal que é marcada como foco dentro de D. Como ocorre com o caso do tópico nominal que pode licenciar um tópico sentencial. Por meio desses fatos, o autor conclui que o sistema nominal, assim como a sentença, tem uma periferia esquerda articulada com posições de tópico e de foco.

DP é a projeção mais alta do sistema nominal, como CP no sistema sentencial, e NumP é a projeção mais baixa, como em (65):

- (65) [_{DP}... [_D...topic... focus [_{NumP} ...[_{Num}... [_{FP}...N...]]]]]

DP expressa a interface entre o discurso e a expressão nominal, corresponde a Force do sistema de Rizzi (1997), e NumP relaciona o sistema-D ao sistema-I(*nflexion*) nominal, corresponde a FinP. Os núcleos D e Num são a contraparte nominal dos núcleos sentenciais Force e Fin, respectivamente.

2.6 FOCALIZAÇÃO NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

As línguas românicas apresentam comportamentos diferentes em relação ao processo de focalizar constituintes. Por esta razão, apresentamos nas próximas seções o modo como o sujeito e o objeto podem ser focalizados em italiano, em espanhol, em português europeu (doravante PE) e em francês. O nosso objetivo é verificar como o PB está situado em relação às línguas-irmãs no que diz respeito ao fenômeno da focalização. Uma atenção maior é dada à focalização do sujeito, visto que o objeto não tem as propriedades particulares do sujeito, as quais tornam o processo de focalizar diferente através das línguas.

O italiano e espanhol se aproximam na medida em que apresentam o mesmo processo de focalizar o sujeito: se ele é interpretado como foco contrastivo pode aparecer antes ou depois do verbo; se é interpretado como foco de informação, deve estar em posição pós-verbal. O PE também emprega a posposição do sujeito nos casos em que ele é foco de informação. E se for foco contrastivo, o sujeito pode vir antes ou depois do verbo. Entre essas línguas românicas, o francês é a única que apenas interpreta o sujeito pós-verbal como foco em contextos específicos que apresentem um elemento desencadeador da inversão. O sujeito interpretado como foco contrastivo ou como foco de informação está em posição pré-verbal em francês.

2.6.1 ITALIANO – RIZZI (1997) E BELLETTI (2001)

O italiano²⁵ apresenta a propriedade da inversão do sujeito, pois, assim como o espanhol e PE, é uma língua de sujeito nulo. Em virtude disso, o sujeito que tem interpretação de foco de informação figura em uma posição no final da sentença, como ilustra o exemplo (66).

- (66) a. È partito/ha parlato [_F Gianni]²⁶.
 (Chi è partito/ha parlato?)
 (Saiu/falou João)
- b. ?Ha comprato il giornale [_F Maria].
 (Chi ha comprato il giornale?)
 (Comprou o jornal Maria)

²⁵ A análise que vamos apresentar nesta seção, baseada em Belletti (2001) e Rizzi (1997), não está assentada nos mesmos pressupostos da proposta de Zubizarreta (1998), para o espanhol e francês, e de Costa (1998, 1999), para o PE. Como vimos, Zubizarreta e Costa tratam a focalização como um fenômeno prosódico, no qual o movimento dos constituintes desfocalizados ocorre para que o acento nuclear e o focal coincidam na sentença. Diferentemente destes dois autores, Belletti e Rizzi trazem o estudo do foco para a sintaxe e, por isso, não concentram suas análises na prosódia. Segundo os autores, a interpretação de um constituinte como foco vem da relação especificador-núcleo com Foc, o que faz com que exista uma projeção funcional específica (FocP) para alojar o foco nas sentenças. Dessa forma, em italiano, o constituinte focalizado sofre movimento em direção à categoria FocP, e, quando necessário, os elementos desfocalizados também se deslocam na sentença. Por isso, o sujeito focalizado nessa língua não ocupa nem o especificador de VP nem o especificador de IP, como propõem Zubizarreta e Costa.

²⁶ Exemplos extraídos de Belletti (2001).

O sujeito em (66a,b) recebe o acento nuclear e veicula a informação não pressuposta. De acordo com Belletti (2001), o sujeito nestas sentenças ocupa uma posição baixa de foco, na periferia de vP.

As sentenças (66a,b) também são respostas adequadas a uma pergunta do tipo (67):

- (67) Che cosa è successo?
(O que aconteceu?)

Neste caso, toda a sentença (66a) e toda a sentença (66b) veiculam a informação não pressuposta, constituindo, assim, um caso de foco amplo.

O sujeito que aparece em posição pré-verbal, como em (68a), e em posição pós-verbal seguido por um objeto direto, como em (68b), não pode ser interpretado como foco de informação.

- (68) a. GIANNI ha risolto il problema (non Piero).
(João resolveu o problema (não Pedro))
b. Ha risolto GIANNI il problema (non Piero).
(Resolveu João o problema (não Pedro))

Em (68a,b), o sujeito recebe o acento contrastivo e é focalizado contrastivamente. Nestes casos, Belletti (2001) afirma que o sujeito figura em uma posição alta na estrutura, não pode estar na mesma posição do sujeito interpretado como foco de informação. O sujeito interpretado como foco contrastivo ocupa o especificador de FocP na periferia esquerda da sentença (cf. Rizzi 1997). Se o sujeito em (68b) não estivesse em uma posição alta de foco, a sentença seria agramatical. Uma vez que causaria efeito de minimalidade.

O objeto que tem a interpretação de foco de informação aparece *in situ* na estrutura, na posição final, como em (69). Já o objeto com interpretação de contraste pode figurar no final ou no início da sentença, como em (70a,b).

- (69) Gianni ha letto [_F il libro]. (Che cosa ha letto Gianni?)
(João leu o livro) (O que leu João?)

- (70) a. Gianni ha letto IL LIBRO, non l'articolo.
b. IL LIBRO Gianni ha letto, non l'articolo.

Os exemplos acima ilustram os casos de focalização do objeto em italiano *standard*. Nesses casos, sempre que o objeto estiver em posição inicial é interpretado como foco contrastivo. Cruschina (2004) mostra que em siciliano, variedade do italiano, o objeto pode ser interpretado como foco de informação e aparecer em posição inicial, sem implicar leitura de contraste.

- (71) a. Chi scrivisti airi?
(O que escreveste ontem?)
b. N'articulu scrissi.
(Um artigo escrevi)

Em (71b), o objeto *n'articulu* apenas informa o interlocutor sobre o que foi escrito. Embora esteja deslocado na sentença, não acarreta leitura de contraste/correção.

A ordem VSO com sujeito interpretado como foco de informação, como em (72b), não é bem formada em italiano, enquanto a ordem VSPP, como em (72a), é bem formada.

- (72) a. ? Ha telefonato [_F Maria] al giornale.
 (Chi ha telefonato al giornale?)
 (Telefonou Maria ao jornal)
 b. *Ha comprato [_F Maria] il giornale.
 (Chi ha comprato il giornale?)
 (Comprou Maria o jornal)

O objeto direto em (72b) é um DP que precisa verificar o Caso acusativo, já o objeto preposicionado em (72a) é um PP que recebe Caso oblíquo da preposição. De acordo com Belletti (2001), o núcleo atribuidor de Caso acusativo está fora do VP, em uma posição mais alta do que a do sujeito pós-verbal (AccP). Por isso, para que o DP *il giornale* verifique o seu Caso em (72b) ele deve sair do VP. Mas, o sujeito pós-verbal *Maria* está intervindo entre o objeto e o seu atribuidor de Caso (Acc). E, se o objeto direto subir para verificar o seu Caso, passando pelo sujeito em FocP, a Minimalidade Relativizada será violada. Por esta razão, a sentença (72b) é agramatical.

Na sentença (72a), o DP que faz parte do objeto preposicionado *al giornale* verifica o seu Caso dentro do próprio PP, uma vez que a preposição, que é o seu atribuidor, está neste constituinte. Assim, o sujeito não interfere na checagem de Caso do DP *il giornale*. Esta sentença é relativamente bem-formada porque o ideal é que o sujeito figure depois do PP, no final da sentença.

Segundo Belletti (2001), o grau de aceitabilidade da sentença VSO muda em italiano se entre o sujeito e o objeto houver uma pausa, formando a ordem VS#O, como em (73).

- (73) Ha comprato Maria, il giornale.
 (Comprou Maria, o jornal)

Mas, quando a sentença VS#O é empregada em um contexto interrogativo, como ilustrado em (74), o sujeito apenas é interpretado como foco de informação se houver um clítico correlacionado ao objeto, como em (74Ba).

- (74) A: Chi ha comprato il giornale?
 (Quem comprou o jornal?)
 B: a. L'ha comprato [_F Maria], il giornale.
 (O comprou Maria, o jornal)
 b. *Ha comprato MARIA, il giornale.
 (Comprou Maria, o jornal)

A sentença (74Bb), um caso de *emarginazione*, não responde adequadamente à interrogativa-wh, pois o sujeito é focalizado contrastivamente. Em (74Ba), um caso de deslocamento à direita com clítico (CLRD), o sujeito é interpretado como foco de informação. Dessa forma, apenas (74Ba) é uma resposta adequada a uma pergunta como (74A).

Segundo Belletti (2001), o objeto direto preenche o especificador de TopP nas duas estruturas. Nos casos de *emarginazione*, como em (74Bb), ele ocupa esta posição na periferia esquerda da sentença. Nas construções CLRD, como em (74Ba), ele preenche a posição de tópico na periferia esquerda de VP. Neste

último caso, o clítico é alçado para a projeção de Caso. Deste modo, o Caso acusativo é checado e o sujeito não causa interferência.

Se o clítico não está presente na sentença, como em (74Ba), o objeto é quem deve verificar o Caso acusativo. Isto é impossível porque o sujeito causa interferência entre ele e seu núcleo atribuidor de Caso, como já mencionamos acima. Neste tipo de sentença, o sujeito é interpretado como foco contrastivo, pois, assim, estará na posição de foco na periferia esquerda da sentença e não causará interferência. Segundo Belletti (2001), a sentença (74Ba) envolve dois processos de topicalização que podem ser vistos em (75):

(75) [_{TopP} [_{IP} cv_i ha comprato cv_j]_k [_{FocP} MARIA_i [_{TopP} il giornale [_{IP} IP_k]]]]

O objeto *il giornale* vai para a posição de tópico logo abaixo de FocP, o sujeito pós-verbal se move para o especificador de FocP na periferia esquerda da sentença, e, por último, o IP sofre movimento remanescente para uma posição ainda mais alta na estrutura, o especificador de TopP acima de FocP.

Quanto à ordem VOS em italiano, Belletti (2001) afirma que ela deve ter uma interpretação especial, o verbo e o objeto devem ter sido referidos no contexto anterior, como ilustra (76).

- (76) a. Chi capirà il problema?
(Quem compreenderá o problema?)
b. ?? Capirà il problema [_F Gianni].
(Compreenderá o problema João)

A sentença (76b), embora marginal, responde a pergunta (76a). No entanto, uma sentença que envolve a cliticização do objeto, como em (77), seria uma resposta mais natural para essa pergunta.

- (77) Lo capirà Gianni.
(O compreenderá João)

Uma sentença com a ordem VOS, como (76b), é derivada da seguinte forma em italiano: o sujeito interpretado como foco de informação preenche o Spec de FocP na periferia de VP e a sequência VO sofre o movimento remanescente para o especificador de TopP, logo acima da projeção FocP²⁷.

O italiano é uma língua de sujeito nulo que permite o rearranjo de constituintes na sentença. Por isso, um elemento que veicula foco de informação figura em uma posição baixa na frase, específica ao seu tipo de propriedade de escopo-discursiva. Um elemento que veicula foco contrastivo pode estar deslocado ou na parte baixa da sentença.

²⁷ Segundo a análise de Zubizarreta (1998:137), a ordem VOS que não apresenta o objeto cliticizado em italiano é extremamente degradada porque, ao invés de o objeto sofrer *scrambling* sobre o sujeito, é a sequência VO remanescente que se move sobre ele. A autora afirma que o movimento-p dos constituintes desfocalizados não é bem sucedido se o que é movido não é um constituinte nu (*bare*), como no caso da sequência VO. E, por isso, a ordem VOS com o objeto cliticizado resulta em uma sentença plenamente gramatical. No entanto, para Belletti (2001) a degradação de VOS ocorre porque o movimento remanescente de VO é um processo mais custoso do que a cliticização do objeto, e não devido a questões de natureza prosódica, como movimento-p.

2.6.2 ESPANHOL – ZUBIZARRETA (1998)

O espanhol, assim como o italiano, é uma língua *pro-drop* que permite a inversão do sujeito. Quando esse constituinte é interpretado como foco de informação, ele deve estar em posição pós-verbal, como ilustram as sentenças abaixo.

- (78) a. Ha llamado [_F Juan]. (Quién ha llamado?)
 (Telefonou João)
- b. Me regaló la botella de vino [_F María].²⁸
 (Qién te regaló la botella de vino?)
 (Me deu uma garrafa de vinho Maria)

A sentença (78a) apresenta a ordem VS e o verbo intransitivo *llamado*, enquanto (78b) é uma sentença VOS com verbo transitivo *regaló*. O sujeito posposto dessas sentenças recebe o acento foco e veicula a informação não pressuposta.

A mesma situação se verifica quando o objeto tem a interpretação de foco de informação, como em (79).

- (79) María me regaló [_F la botella de vino]. (Qué te regaló María?)
 (María me deu a garrafa de vinho)

O sujeito pode estar em posição pré-verbal em um contexto que requer uma interpretação de foco amplo, como em (80):

- (80) [_F María me prestó el diccionario] (Qué ocurrió?)
 (Maria me emprestou o dicionário)

Neste caso, a sentença inteira é focalizada e o acento foco recai sobre o objeto *el diccionario*. Como o sujeito *Maria* não tem uma interpretação de foco estreito, não há nenhum problema em relação ao fato de ele não estar em uma posição mais baixa na sentença.

Se o sujeito pré-verbal é foco e não está em um contexto de foco amplo, como ilustra (81a), ou se o sujeito aparece posposto ao verbo, mas seguido por um complemento, como em (81b), ele não pode ser interpretado como foco de informação.

- (81) a. MARÍA me regaló la botella de vino (no Juan).
 (Maria me presenteou com uma garrafa de vinho (não João))
 b. Me regaló MARÍA la botella de vino (no Juan).
 (Me presenteou Maria com uma garrafa de vinho (não João))

²⁸ Para Kato & Tarallo (1993), a inversão do sujeito em sentenças com verbo transitivo em espanhol ocorre quando o objeto está cliticizado, como em (ia). E, em contextos com verbos de três argumentos todos os objetos devem ser clíticos, como em (ib).

(i) a. Lo instalo Esteban.
 (Instalou-o Esteban)
 b. Se lo iba a decir el estudiante.
 (Ia dizê-lo o estudante)

Zubizarreta (1998) e Ordoñez (1998) aceitam perfeitamente a inversão do sujeito em sentenças com verbo transitivo nas quais não ocorre cliticização dos argumentos internos do verbo.

Em (81a,b), o sujeito está associado ao traço [+contrastivo], indicado pela negação entre parênteses, e recebe o acento contrastivo. Por esta razão, ele é interpretado como foco contrastivo e a sentença não pode funcionar como resposta a uma interrogativa-Wh. Embora as sentenças em (81) apresentem o sujeito focalizado contrastivamente, este constituinte não ocupa a mesma posição nas duas sentenças. Segundo Zubizarreta (1998), em (81a), o sujeito *María* preenche o especificador de TP, e em (81b), ele preenche o especificador de VP²⁹.

De acordo com a autora, quando o sujeito aparece antes do verbo ou é seguido por um complemento ou adjunto, ele não pode receber o acento nuclear porque o espanhol, diferentemente do inglês, considera os constituintes desfocalizados realizados fonologicamente “metricamente visíveis” à NSR³⁰. A autora faz uma distinção entre *visibilidade* e *invisibilidade métricas*, afirmando que a NSR se aplica apenas a constituintes que são metricamente visíveis. Se todos os constituintes não focalizados são visíveis para a computação do acento principal em espanhol, o sujeito interpretado como foco de informação somente recebe o acento nuclear se estiver em uma posição mais à direita na sentença. E, isso ocorre quando temos as ordens VS sem adjunto, como em (78a), e VOS, como em (78b).

Para que o sujeito interpretado como foco de informação figure como o último constituinte na sentença, Zubizarreta (1998) propõe o movimento-p (*Prosodically Motivated Movement*). Por meio deste movimento, os constituintes desfocalizados se deslocam na sentença deixando a expressão focalizada em uma posição ideal para receber o acento nuclear. No caso de uma sentença VOS, a autora diz que tal ordem é derivada de VSO com o objeto sofrendo movimento (*scrambling*) sobre o sujeito, que permanece no especificador de VP. Neste caso, o objeto é adjungido à esquerda de VP³¹.

²⁹ Na seção sobre a focalização do sujeito em italiano vimos que para Belletti (2001) e Rizzi (1997) a interpretação de um constituinte como foco vem da relação especificador-núcleo com Foc. E, por isso, este constituinte deve estar em uma projeção específica para o foco, FocP. Assim sendo, um constituinte focalizado não deve estar no especificador de VP ou de IP. Belletti verifica que o constituinte focalizado pode estar deslocado ou *in situ*, portanto, propõe a projeção FocP interna ao IP para alojar o foco *in situ*. Dessa forma, cada tipo de foco ocupa uma posição específica na estrutura. Por meio da análise de Belletti, observamos que um mesmo tipo de foco não pode preencher posições diferentes na estrutura em uma determinada língua. Segundo Zubizarreta (1998), o foco contrastivo, por exemplo, pode preencher o especificador de IP ou de VP porque a autora não postula uma projeção FocP na sua análise do espanhol. Em sua análise, a prosódia é a responsável pela interpretação de um constituinte como foco. Se um certo constituinte recebe acento contrastivo, independentemente da posição em que ele está, será interpretado como foco contrastivo. No entanto, se um constituinte é interpretado como foco de informação, ele deve sempre figurar como o último elemento da sentença em espanhol para que receba o acento nuclear via C-NSR.

³⁰ Em inglês os constituintes desfocalizados são considerados “metricamente invisíveis” para a NSR, de acordo com a proposta de Zubizarreta (1998). Dessa forma, o sujeito pré-verbal em (i) recebe o acento nuclear e é interpretado como foco de informação.

(i) [_F John] *ate an apple*.
[Who ate an apple?]

(João comeu uma maçã)

³¹ De acordo com a análise de Belletti (2001), a construção VSO é agramatical em italiano porque o objeto deve verificar o Caso acusativo fora de VP, em AccP, e o sujeito está interferindo na relação entre o objeto e o seu atribuidor de Caso, violando a Minimalidade Relativizada (MR). A autora então propõe que nas línguas românicas em que a ordem VSO ocorre há uma preposição abstrata que atribui Caso ao objeto, permitindo que ele permaneça no interior de VP. Dessa forma, a MR não é violada. No entanto, Zubizarreta (1998) afirma que a sentença VOS em espanhol é derivada de VSO por meio do movimento do objeto sobre o sujeito, sendo que este permanece no especificador de VP. Assim, seria de se esperar, seguindo a análise de Belletti, que essa sentença

A análise de *scrambling* do objeto sobre o sujeito na ordem VOS também é proposta por Ordoñez (1998), o qual afirma que a adjunção à direita do sujeito que aparece em posição pós-verbal não ocorre por pelo menos dois motivos: não haveria diferença hierárquica entre a ordem VSO e a ordem VOS, já que nos dois casos o sujeito c-comandaria o objeto; e não teríamos como explicar o contraste entre as sentenças em (82):

- (82) a. Este libro se lo regaló [a cada niño]_i su_i amigo.
 (Este livro deu para cada garoto seu amigo)
 b. *Este libro se lo regaló su_i amigo [a cada niño]_i.
 (Este livro deu seu amigo para cada garoto)

Assumindo que VOS deriva do movimento do objeto por cima do sujeito, temos a seguinte assimetria: o sujeito c-comanda o objeto em VSO e o objeto c-comanda o sujeito em VOS. Dessa forma, Ordoñez explica a agramaticalidade de (82b): o pronome possessivo *su* não é c-comandado pelo complemento quantificado *a cada niño*. Como a relação de c-comando não ocorre, o pronome *su* não pode estar vinculado pelo complemento quantificado. Em (82a), ocorre a relação de c-comando entre o pronome e o complemento quantificado, consequentemente, *su* é vinculado por *a cada niño*.

O sujeito focalizado está posposto em espanhol devido ao movimento do objeto ou dos constituintes desfocalizados. Este movimento ocorre para assegurar que o sujeito está na posição em que recebe o acento nuclear via a C-NSR. No caso de o sujeito ser interpretado como foco contrastivo, o movimento-p não ocorre, uma vez que não é preciso que o sujeito esteja mais à direita na sentença para ser acentuado. O sujeito, nesta situação, recebe o acento contrastivo e pode figurar em posição pré-verbal, como ilustra (81a), ou estar posposto ao verbo e ser seguido por um complemento, como em (81b). Em espanhol, sujeito e objeto interpretados como foco de informação devem estar em uma posição baixa na estrutura.

2.6.3 FRANCÊS – ZUBIZARRETA (1998) E BELLETTI (2008)

O francês não é uma língua de sujeito nulo e, portanto, não apresenta a propriedade de inversão livre do sujeito. O sujeito em francês pode estar em posição pré-verbal (SVO) e ser interpretado como foco de informação, como em (83), diferentemente do que ocorre no espanhol, PE e no italiano.

- (83) [_F Jean] a mangé une pomme.
 (João comeu uma maçã)
 [Qui a mangé une pomme?]

Segundo a análise de Zubizarreta (1998), o sujeito não precisa estar em uma posição mais à direita na sentença em francês porque os constituintes

fosse agramatical, pois há um cruzamento de dois DPs, o objeto e o sujeito, o que causaria um efeito de minimalidade. Zubizarreta defende um modelo no qual o movimento do objeto e de outros constituintes desfocalizados é realizado para satisfazer a prosódia, não questões relacionadas ao Caso. Dessa forma, a finalidade do movimento é deixar o constituinte focalizado em uma posição que receba o acento nuclear via C-NSR.

desfocalizados, como *a mange une pomme*, são considerados “metricamente invisíveis” para a computação da C-NSR. Dessa forma, o acento nuclear pode cair sobre o sujeito pré-verbal e a interpretação de foco de informação ser associada a *Jean* em (83).

Belletti (2008) aponta que os falantes do francês tendem a adotar a sentença clivada reduzida como uma estratégia de resposta para uma interrogativa-Wh, como verificamos em (84).

- (84) a. Qui est parti/ a parlé?
(Quem saiu/falou?)
b. C’est Jean (qui est parti/ a parlé).
(Foi João (quem saiu/falou)).

De acordo com a autora, a resposta preferida em um contexto de pergunta sobre o sujeito é a clivada reduzida, como em (84b), ao invés da sentença simples com sujeito em posição pré-verbal. A continuação da clivada entre parênteses não é pronunciada pelos falantes. Em sua análise, Belletti compara a sentença clivada reduzida do francês às sentenças VS do italiano. Esse tópico será tratado no quarto capítulo dessa tese.

Em relação à focalização do objeto, Belletti verifica que não há variação entre o francês e o italiano, e sugere que nem mesmo há variação entre as demais línguas românicas. O objeto permanece na posição mais baixa da sentença.

- (85) a. Qu’as-tu acheté /Qu’est-ce-que t’as acheté?
(O que tu compraste?)
b. J’ai acheté un livre.
(Eu comprei um livro)

Segundo Belletti (2008), a hipótese natural é que nesses casos o objeto preenche a posição baixa de foco. Como não há interferência da parte alta da sentença, posição sujeito EPP, em particular, não é esperado que as línguas manifestem qualquer diferença. A autora ainda afirma que o lugar da variação em relação ao fenômeno da focalização se concentra sobre o sujeito. Não é necessário recorrer à estratégia clivada quando o objeto é interpretado como foco de informação, uma vez que o mesmo já está em uma posição baixa na sentença.

- (86) a. Qu’est-ce-que t’as acheté?
(O que tu compraste?)
b. *C’est un livre.
(Foi um livro)
- (87) a. Avec qui es-tu sorti?
(Com quem tu saíste?)
b. *C’est avec Jean.
(Foi com João)

Independente de ser um objeto direto, como em (86b), ou um objeto preposicionado, como em (87b), as clivadas reduzidas são agramaticais em contextos de focalização informacional do objeto. As sentenças clivadas objeto em francês são empregadas nos casos de focalização contrastiva.

O sujeito em posição pré-verbal também pode receber o acento foco e ser interpretado como foco contrastivo, como ilustra (88).

(88) JEAN a mangé une pomme (non Pierre).

Zubizarreta, diferentemente de Belletti, propõe que o sujeito preposto tanto em (83) quanto em (88) ocupa o especificador de IP, o que diferencia o tipo de interpretação do sujeito nestas sentenças é a prosódia. Se o sujeito deve ser interpretado como foco de informação, ele recebe o acento nuclear via C-NSR; se ele deve ser interpretado como foco contrastivo, é acentuado por meio da regra de acento contrastivo.

O sujeito apenas aparece em posição pós-verbal em casos restritos em francês. Esta língua não tem a propriedade de inversão livre (FI) do sujeito, ela manifesta um outro tipo de inversão, denominado inversão estilística (SI). Esta inversão requer um elemento na sentença que a desencadeie, como em (89a) que tem uma expressão-Wh (*où*), e como em (89b) que tem um verbo no subjuntivo (*parle/parte*).

- (89) a. Le jour où a parlé/est parti Jean.
(O dia quando falou/partiu João)
b. Il faut que parle/parte Jean.
(É necessário que fale/saia João)

O sujeito pós-verbal em SI nem sempre é o foco da sentença. Caso ele seja focalizado neste contexto, o sujeito posposto não ocupará uma posição baixa na estrutura. De acordo com Belletti (2001), em SI o sujeito é movido para a periferia esquerda da sentença e o IP sofre movimento remanescente para uma posição ainda mais alta no CP. Por isso, o sujeito posposto em francês não deve ocupar a mesma posição que o sujeito que aparece depois do verbo ocupa em italiano, espanhol e PE.

2.6.4 PORTUGUÊS EUROPEU – COSTA (1998, 2000, 2004)

O PE é uma língua de sujeito nulo na qual o sujeito focalizado aparece em posição final na sentença. A análise dos constituintes focalizados no PE, proposta por Costa (1998, 1999), está assentada nos mesmos pressupostos da análise de Zubizarreta (1998) para o espanhol. Costa (1998) defende que a focalização no PE é um fenômeno de natureza prosódica, no qual o reordenamento dos constituintes em uma sentença é motivado para que o foco de informação receba o acento sentencial. De acordo com a proposta do autor, a gramática deve gerar a configuração ideal para que o acento seja atribuído de maneira usual e caia sobre o constituinte que é o foco da sentença. Nessa perspectiva, a sintaxe é responsável pela distribuição dos constituintes na sentença de modo que respeite as regras fonológicas.

Assim como ocorre no espanhol, o PE permite que o sujeito apareça antes do verbo quando toda sentença é focalizada, como no caso de ela responder a interrogativa (90a)³².

³² Os exemplos do PE foram extraídos de Costa (1998).

- (90) a. O que aconteceu?
b. [_F O João comeu o bolo].

Em (90b), a sentença focalizada constitui um exemplo de foco amplo. Por isso, o sujeito não precisa figurar como o último constituinte na sentença. O acento cai normalmente sobre o elemento mais encaixado da frase em contextos de foco amplo.

Nas sentenças com verbos inacusativos, como em (91), o sujeito que veicula informação não pressuposta sem expressar contraste/exaustividade deve estar em posição pós-verbal, como ilustra (91b). A ordem SV não é permitida nos casos em que o sujeito é foco estreito. Esta ordem poderia ocorrer apenas em um contexto de foco amplo, como em (90).

- (91) a. Quem chegou?
b. Chegou [_F o João].
c. *_F O João] chegou.

O PE apresenta o mesmo comportamento do espanhol em relação às sentenças com verbo transitivo e sujeito foco de informação. Neste caso, ocorre um reordenamento na ordem dos constituintes para que o sujeito ocupe a posição mais à direita, recebendo, assim, o acento sentencial, como em (92d,f).

- (92) a. Quem comeu o bolo?
b. *_F O João] comeu o bolo.
c. *Comeu [_F o João] o bolo.
d. Comeu o bolo [_F o João].
e. *O bolo, [_F o João] comeu.
f. O bolo, comeu [_F o João].

(92b,e), diferentemente do que verificamos no PB, não são sentenças gramaticais no PE quando o sujeito é interpretado como foco de informação. (92c) é agramatical nesse contexto, mas quando responde uma interrogativa-Wh múltipla, como (93b), a ordem VSO é bem formada.

- (93) a. Quem comeu o quê?
b. Comeu [_F o João o bolo].

Em (93b), o objeto também deve ser focalizado porque está no domínio de c-comando do sujeito focalizado. Segundo Costa (1999), além da prosódia, c-comando é crucial para a identificação do foco de informação no PE. Qualquer expressão que é c-comandada por um constituinte focalizado também deve ser interpretada como foco da sentença.

O PE, diferentemente do francês, mantém o sujeito focalizado na posição pós-verbal até mesmo quando responde uma interrogativa-Wh na forma clivada, como em (94).

- (94) a. Quem é que levou as flores?
a'. Levou as flores [_F o João].
b. Quem é que telefonou?
b'. Telefonou [_F o João].

Quando o sujeito é interpretado como foco contrastivo, não há necessidade de ele estar em posição pré-verbal. Mesmo em um contexto que envolve contraste/correção, o sujeito focalizado pode estar posposto ao verbo, como em (95b).

- (95) a. Ninguém comeu a sopa.
b. Comeu a sopa O JOÃO.

Costa (1998), assim como Zubizarreta (1998), não assume a categoria funcional FocP para que o foco seja interpretado. Dessa forma, descarta qualquer possibilidade de movimento em LF da expressão focalizada. Segundo o autor, o rearranjo na ordem dos constituintes na sentença é o suficiente para que um elemento seja interpretado como foco. Neste caso, são os constituintes desfocalizados que sofrem movimento nas sentenças.

Seguindo o rearranjo na ordem dos constituintes, verificamos que o PE apresenta as seguintes combinações sentenciais com seus respectivos constituintes focalizados: SVO – toda sentença focalizada (90b), o VP ou somente o objeto³³; VSO – sujeito e objeto focalizados (93b); VOS – apenas o sujeito é focalizado (92d); O#VS – só o sujeito é focalizado (92f).

Na sequência SVO, o sujeito focalizado recebe o acento contrastivo e preenche o especificador de IP. Se o foco é o objeto, ele recebe o acento nuclear e é interpretado como foco de informação. Em VSO, VOS e O#VS, o sujeito permanece no Spec de VP, a penúltima ordem conta com o *scrambling* do objeto sobre o sujeito. Este movimento ocorre por razões prosódicas, para que o objeto saia do domínio de c-comando do sujeito e não seja acentuado, como ocorre em VSO. Na ordem O#VS, o sujeito está focalizado e o objeto deve ter sido referido previamente no discurso, como em (96b).

- (96) a. Quem é que partiu as janelas?
b. As janelas, partiu o Paulo.

De acordo com Costa (1998, 1999), em PE, somente os elementos topicalizados é que estão deslocados à esquerda na sentença, enquanto os focalizados devem sempre estar mais à direita para que a prosódia possa identificá-los. Seguindo este raciocínio, é possível afirmar que o sujeito só aparece deslocado nesta língua quando estiver topicalizado, como ilustra (97b).

- (97) a. O Paulo comeu o quê?
b. O Paulo, ele comeu [_F o bolo].

A retomada do sujeito pelo pronome, em (97b), é uma evidência em favor de que o sujeito *o Paulo* não pode preencher o especificador de IP neste contexto, esta posição é ocupada pelo pronome. A única posição disponível para o sujeito lexical topicalizado é mais à esquerda na estrutura. Mas, se ele está focalizado, o PE segue a mesma análise do espanhol e permite que o sujeito

³³ Um contexto em que o VP aparece focalizado em PE ocorre quando alguém deseja saber o que uma certa pessoa fez, como vemos abaixo:

- (i) a. O João fez o quê?
b. O João [_F comeu o bolo].

Quando apenas o objeto deve ser focalizado a única ordem possível é SVO, como em (iib):

- (ii) a. O João comeu o quê?
b. O João comeu [_F o bolo].

preencha o especificador de IP (SVO) ou o especificador de VP (VSO, VOS, OVS). Costa defende uma análise de focalização *in situ*.

2.7 Resumo do capítulo

Foco é identificado como o constituinte que veicula a informação não-pressuposta na sentença, enquanto a pressuposição veicula a informação partilhada pelos interlocutores em uma situação discursiva. Miotto (2003) compatibiliza as propostas de Zubizarreta (1998) e Kiss (1998) e verifica três tipos de foco em PB: o de informação, o contrastivo e o de identificação. Estes focos podem ser representados em uma Estrutura de Asserção, após LF, esta é composta de duas asserções A_1 e A_2 . A_1 representa a pressuposição existencial e A_2 apresenta uma relação de igualdade e um valor para uma variável, assim, identifica o foco da sentença.

Quanto à relação estabelecida entre foco e prosódia, Zubizarreta (1998) propõe que o foco de informação recebe o acento via a NSR, enquanto o foco contrastivo/de identificação é acentuado por meio da regra de acento contrastivo. Por isso, os acentos relacionados a estes focos devem ser diferenciados. Segundo a autora, para que um constituinte que está mais à esquerda na sentença receba o acento via a NSR em inglês e em francês, os constituintes defocalizados são considerados metricamente invisíveis para o cálculo de proeminência prosódica. Dessa forma, não há espaço para que ocorra um conflito prosódico entre a NSR e a Regra de Proeminência Focal (FPR). Em italiano e espanhol não há o recurso da invisibilidade métrica, assim, o foco de informação deve sempre estar na posição mais encaixada. Quando o elemento que está no início da oração tem a interpretação de foco contrastivo não há quaisquer problemas para que ele receba o acento, uma vez que a atribuição do acento contrastivo é livre.

A análise de Costa (1998) está assentada nos mesmos pressupostos da análise de Zubizarreta. De acordo com Costa, a sintaxe é responsável pela distribuição de acento na sentença. Em decorrência disso, a gramática deve organizar a sentença de forma que um elemento com a interpretação focal receba o acento de foco. Para Bocci (2004, 2008), não há dois modelos independentes: sintaxe de um lado, e fonologia do outro. Há um único sistema que trabalha conjuntamente sintaxe-fonologia. No modelo do autor, a prosódia acessa somente o *output* sintático. A prosódia interpreta um traço diretamente da estrutura. Quando a sintaxe já aplicou todas as operações possíveis e necessárias para a representação da sentença, envia o "produto final" para PF que aplica todas as regras fonológicas. Para Menuzzi & Miotto (2006), a sintaxe não determina diretamente as regras de atribuição de acento e de constituição dos domínios prosódicos. Os autores seguem na mesma vertente de Nespor & Vogel (1986) que propõem uma relação mais livre entre sintaxe-prosódia, de modo que a atribuição de acento nuclear não seja um reflexo direto da estrutura sintagmática

Na seção referente à identificação de tópico, verificamos que uma sentença pode estar articulada em tópico-comentário. O tópico é o constituinte que representa a informação já compartilhada pelos interlocutores em uma cena enunciativa. O comentário é uma predicação que se faz a respeito do tópico. De acordo com Zubizarreta, o tópico, assim como o foco, pode ser representado em

uma Estrutura de Asserção. Seguindo a análise de Reinhart (1995) sobre o conjunto de asserções pragmaticamente possíveis (PPA), observamos que o tópico além de possuir uma função discursiva, desempenha um papel relevante no julgamento do valor de verdade da sentença a qual ele pertence.

Segundo as propriedades que diferenciam o foco do tópico, o constituinte focalizado não pode ser retomado por um pronome resumptivo, sofre os efeitos do cruzamento fraco e é compatível com um quantificador universal. Tais propriedades estão ligadas à natureza quantificacional do foco. O tópico geralmente é retomado por um pronome, não sofre os efeitos de cruzamento fraco e é incompatível com um quantificador universal. O foco ainda apresenta a propriedade de não ser recursivo e ser incompatível com as expressões-Wh, enquanto podemos encontrar mais de um tópico por sentença e, também, elementos topicalizados em contextos em que há expressões-Wh. Também mostramos uma diferença no contorno prosódico da sentença que tem a bipartição foco-suposição e da sentença que tem a bipartição tópico-comentário. A suposição não carrega nenhum *pitch accent*, diferente do comentário (cf. Bocci 2004).

Em relação à proposta cartográfica, mostramos os lugares em que um elemento focalizado pode figurar na estrutura sintática. Rizzi (1997) analisa a parte alta da estrutura e determina uma posição na periferia esquerda da sentença dedicada ao foco contrastivo. Em seu estudo sobre o sujeito pós-verbal em italiano, Belletti (2001) verifica que, assim como ocorre na parte alta da sentença, há uma projeção especialmente dedicada ao foco na periferia de vP. Seguindo na linha da abordagem cartográfica, Aboh (2004) defende a projeção de categorias funcionais relacionadas às propriedades sintáticas e semânticas, como tópico e foco, dentro do domínio nominal (DP).

Na sexta e última seção desse capítulo, apresentamos brevemente o modo como os constituintes são focalizados em italiano, em espanhol, em francês e em PE. As línguas românicas não variam em relação à focalização do objeto. Mas elas apresentam diferentes formas de focalizar o sujeito. O italiano, assim como o espanhol e o PE, dispõe da inversão livre para focalizar o sujeito. Se este constituinte é focalizado contrastivamente pode estar em posição pré-verbal ou pós-verbal, mas em ambos os casos ele preenche o especificador de FocP na periferia esquerda da sentença (cf. Rizzi 1997). Se o sujeito é interpretado como foco de informação deve estar sempre em posição pós-verbal, ocupando o especificador de FocP na periferia esquerda de vP. De acordo com Belletti (2001), neste último caso, a sequência VO sofre movimento remanescente para uma posição acima de FocP. Nas análises cartográficas é o constituinte focalizado que sofre movimento. O Espanhol emprega a ordem SVO e VSO para os casos em que o sujeito deve ser interpretado como foco contrastivo. Quando o sujeito é interpretado como foco de informação a única posição disponível para ele é a pós-verbal e a ordem resultante é VOS. Zubizarreta (1998) apresenta uma análise prosódica e assume que os constituintes desfocalizados nesta língua se deslocam na sentença deixando o sujeito para ser focalizado em uma posição mais à direita.

O francês, diferentemente das outras línguas românicas, permite que o sujeito pré-verbal seja interpretado tanto como foco de informação quanto como foco contrastivo. Os falantes dessa língua recorrem à clivada reduzida para destacar o sujeito foco de informação. Partindo desse fato, Belletti (2008) compara a clivada reduzida do francês à sentença VS do italiano. O francês apenas apresenta sujeito em posição pós-verbal em contextos de inversão estilística, essa língua não conta com a inversão do sujeito como uma estratégia

de focalizá-lo. Zubizarreta (1998) afirma que essa língua evita qualquer tipo de problema relacionado à focalização do sujeito considerando os constituintes desfocalizados metricamente invisíveis para a atribuição do acento nuclear. Na análise de Belletti (2008), a preferência pelas clivadas reduzidas em situações de sujeito foco de informação se dá justamente porque é um modo de ativar a posição baixa de foco em francês.

No PE, assim como no espanhol e no italiano, o sujeito interpretado como foco de informação aparece posposto ao verbo. No caso de o sujeito ser focalizado contrastivamente, ele pode estar em posição pré-verbal ou pós-verbal. Segundo Costa (1998, 2000, 2004), a focalização no PE é um fenômeno prosódico que não apresenta movimento do sujeito focalizado para uma posição foco específica, como ocorre no italiano. Os constituintes desfocalizados é que sofrem movimento na sentença para deixar o foco na posição mais encaixada. A proposta de Costa está assentada em uma análise de focalização *in situ*. Se o sujeito aparece depois do verbo, ele permanece no especificador de VP; se aparece antes do verbo, ocupa o especificador de IP.

O propósito deste capítulo foi mostrar as propriedades semânticas e prosódicas que estão envolvidas no fenômeno da focalização de constituintes, bem como apresentar as posições que o foco pode ocupar na estrutura sintática de acordo com a abordagem cartográfica. No próximo capítulo, apresentaremos alguns aspectos da sintaxe do PB e trataremos das propriedades do foco relacionadas à categoria FocP.

3 SINTAXE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E AS PROPRIEDADES DO FOCO

3.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo apresentamos as principais características da sintaxe do PB em relação às propriedades do sujeito e do objeto. Em um segundo momento, abordamos as propriedades do foco. Investigamos a possibilidade de a cópula e o complementizador funcionarem como morfemas foco em PB, assim como as partículas morfológicas de foco realizadas em outras línguas.

Dentre os aspectos da sintaxe do PB investigados nesta tese estão o parâmetro *pro-drop*, a inversão do sujeito, os efeitos da configuração *that-t*, e a assimetria sujeito-objeto. Também apresentamos a proposta de Rizzi (2004b, 2006) e Rizzi e Shlonsky (2007) de uma posição criterial para o sujeito, SubjP.

Quanto às propriedades do foco, analisamos as formas de satisfação do critério foco, o paralelismo entre os domínios CP-vP-DP em relação à categoria FocP, e defendemos a realização da cópula e do complementizador como morfemas foco em PB. Por fim, tratamos do traço foco, mostramos como ele é definido nesta tese e a sua relação com a condição de inclusividade (Chomsky 1995), que garante a otimização dos sistemas de interface PF e LF.

3.2 ASPECTOS DA SINTAXE DO PB

3.2.1 PARÂMETRO *PRO-DROP*

O parâmetro *pro-drop*, ou parâmetro do sujeito nulo, trata das diferenças entre as línguas que permitem sujeito nulo e as que não permitem. As línguas que fixaram um valor positivo para este parâmetro, como o caso do italiano, apresentam um conjunto de propriedades estabelecidas por Chomsky (1981:240).

I) Sujeito nulo:

- (1) a. Ha telefonato.
b. *Has phoned.
(Telefonou)

II) Inversão livre do sujeito em sentenças matrizes:

- (2) a. Ha telefonato Gianni.³⁴
 b. *Phoned John.
 (Telefonou João)

III) Movimento longo do sujeito saindo de uma ilha QU-:

- (3) a. L'uomo [che mi domando [chi t abbia visto]].
 b. *The man [that I ask myself [whom t has seem]].
 (O homem que me pergunto quem t viu)

IV) Pronome resumptivo nulo em sentenças encaixadas:

- (4) a. Ecco la ragazza_i [che mi domando [chi crede [che t_i possa fare questo]]].
 b. *So the girl_i [that I ask myself [that believe [that t_i can do this]]].
 (Eis a menina que eu me pergunto quem acredita que (ela) possa fazer isto)

V) Aparente violação do filtro *that-t*:³⁵

- (5) a. Chi_i credi [che t_i partirà]?
 b. *Who_i do you think [that t_i will leave]?
 (Quem você pensa que partirá?)

Partindo destas propriedades, verificamos que as línguas que não apresentam sujeito nulo, como o inglês e o francês, não aceitam a inversão livre do sujeito, não realizam movimento longo do sujeito a partir de uma ilha QU-, não permitem a presença de um resumptivo nulo nas sentenças encaixadas e não apresentam violação do filtro *that-t*.

À parte este conjunto de propriedades, o elemento da concordância (Agr) era visto como o fator principal na distinção das línguas de sujeito nulo das línguas de sujeito obrigatório. Nas línguas com um paradigma verbal rico, como o italiano, a concordância possibilita a recuperação do sujeito nulo, uma vez que é capaz de identificá-lo. Com a publicação do trabalho de Huang (1984), que apresenta o chinês como uma língua de sujeito nulo, mesmo tendo um sistema flexional simplificado, a concordância, como um elemento identificador das línguas de sujeito nulo, deixa de ser o fator determinante para a marcação do parâmetro. Nas próximas seções, veremos que o PB é uma língua intrigante quanto ao parâmetro *pro-drop*, embora esteja perdendo a propriedade de sujeito nulo, ainda mantém algumas características das línguas *pro-drop*.

³⁴ Os exemplos do italiano foram extraídos de Figueiredo Silva (1996).

³⁵ Chomsky & Lasnik (1977) formulam o filtro *that-t* com o propósito de impedir o movimento do sujeito sobre um complementizador lexicalmente realizado.

3.2.1.1 SEM INVERSÃO LIVRE

As línguas românicas classificadas como *pro-drop* apresentam, conforme as propriedades do parâmetro de sujeito nulo, a possibilidade de manter o sujeito em posição pós-verbal, originando as construções conhecidas por *inversão livre*, como no caso do italiano (6a), do PE (6b) e do espanhol (6c).

- (6) a. Ha telefonato Gianni.
b. Telefonou João.
c. Ha llamado Juan.

O PB parece se afastar destas línguas no que diz respeito às construções de inversão livre. Seguindo o conjunto de propriedades proposto por Chomsky (1981), como característico das línguas de sujeito nulo, verificamos que o PB não se comporta como uma língua *pro-drop* prototípica, sendo considerado por alguns autores uma língua *pro-drop* parcial (cf. Duarte 1996, Kato 1999). Esta parcialidade resulta da alta frequência de sujeito preenchido e, conseqüentemente, do baixo número de sujeito nulo na modalidade falada.

A partir das sentenças abaixo, Kato & Tarallo (1993) constatam que a inversão livre não funciona em uma língua como o PB ou, pelo menos, que ela deve obedecer algumas restrições (os exemplos que seguem correspondem aos exemplos (5a,b) do texto dos autores).

- (7) a. *Tomaram muitas cervejas os professores.
b. *Enviou-lhe muitos beijos o Romeu.

Os autores verificam que o PB apresenta a restrição de mono-argumentalidade que possibilita que o sujeito esteja posposto ao verbo³⁶ apenas com verbos de um argumento, como os inacusativos e os intransitivos, exemplos (8a) e (8b), respectivamente.

- (8) a. Chegou um telegrama pra você.
b. Viajou atrás de mim uma pequena criança.

Berlinck (1989) aponta que o sujeito posposto não deve ocorrer com verbos de mais de um argumento por uma questão de ambigüidade. Nas construções transitivas com sujeito pós-verbal, o sujeito pode ser interpretado pelas interfaces como o objeto da sentença.

O sistema de clíticos possibilita que as construções transitivas sejam fonologicamente mono-argumentais, possibilitando, assim, a posposição do sujeito. De acordo com Berlinck, o clítico tem caráter referencial, e permite a recuperação do sentido transitivo do verbo e das relações que este mantém com os seus argumentos. Dessa forma, impede a ambigüidade das construções. Um sistema de clíticos enfraquecido não permite este jogo de compensações.

Para Kato & Tarallo (1993:16), a perda do clítico reflete na ausência de sujeito pós-verbal. Os autores afirmam que a inversão do espanhol não deve ser considerada livre, pois funciona com verbo transitivo apenas quando o objeto

³⁶ Para Pontes (1987), a ordem VS ocorre somente em contextos bem especiais no PB atual, sendo pouco frequente nesta língua (cf. Pilati 2002, 2006).

está cliticizado, como se vê em (9a). Em contextos com verbos de três argumentos, todos os objetos devem ser clíticos, como em (9b).

- (9) a. Lo instalo Esteban.
(Instalou-o Esteban)
b. Se lo iba a decir el estudiante.
(Ia dizer-lho o estudante)

Se o clítico funciona como um redutor de argumentos, o espanhol também possui a restrição mono-argumental. O mesmo pode ser dito para o italiano, uma vez que as construções com inversão do sujeito são mais aceitáveis se o objeto é um clítico.

- (10) a. L'ha mangiata la mamma.
b. ?Ha mangiato la torta la mamma.³⁷
(Comeu o bolo a mãe)

Kato & Tarallo (1993) interpretam a restrição mono-argumental como uma restrição que é sensível ao material fonologicamente realizado e não ao número de argumentos selecionados pelo verbo. Por isso, a má formação da ordem VS com verbos transitivos está relacionada à PF. A afirmação dos autores pode ser contestada quando verificamos que o PB apresenta a opção de objeto direto nulo, e ainda assim não permite inversão livre.

A falta de um sistema rico de clíticos torna o PB uma língua menos produtiva em processos de inversão. Isto acontece porque o uso frequente de um pronome lexical não favorece a posposição do sujeito. Segundo Kato & Tarallo (1993:17), a ordem VS pode ocorrer no PB quando o objeto é o clítico *me* e *te*.

- (11) a. Me surpreendeu a notícia.
b. A notícia me surpreendeu.
- (11') a. Te surpreendeu a notícia?
b. A notícia te surpreendeu?
- (12) a. A notícia surpreendeu você?
b. A notícia surpreendeu ele.
c. A notícia surpreendeu a gente.

Em (11a) e (11'a), o objeto cliticizado *me* e *te* permite que o sujeito *a notícia* apareça posposto ao verbo *surpreendeu*. Já nas sentenças em (12), a inversão não ocorre porque não há ocorrências de clítico acusativo de 3ª pessoa no PB atual, assim, os pronomes *você*, *ele* e *a gente* não podem ser cliticizados.

Assim como os pesquisadores que advogam em favor da inversão do sujeito em contextos restritos e condicionados, Pilati (2002, 2006), em seu estudo sobre as construções VS do PB, defende que a inversão ocorre somente na presença de um elemento desencadeador (conforme veremos na seção 4.2.2). O PB perdeu a propriedade de inversão livre do sujeito, mas mantém a

³⁷ Para Salvi (1988 apud Kato & Tarallo 1993), as sentenças com verbo transitivo, objeto não cliticizado e sujeito indefinido são perfeitamente aceitáveis.

(i) Ha magiatto la torta um gato.
(Comeu o bolo um gato)

propriedade da aparente configuração *that-t*, como as típicas línguas de sujeito nulo.

3.2.1.2 SEM EFEITOS *THAT-T*

O PB não tem inversão livre, mas também não sofre os efeitos do filtro *that-t*. Essa situação não é esperada, visto que as línguas românicas que apresentam a configuração *that-t* aparente também apresentam inversão livre do sujeito. Esse estado de coisas não permite que o PB seja classificado como uma língua *pro-drop* prototípica, nem como uma língua genuinamente não *pro-drop*.

Segundo Rizzi (1982a), a propriedade de inversão livre das línguas de sujeito nulo possibilita a extração do sujeito de uma posição pós-verbal. Se o sujeito é extraído de uma posição pós-verbal, não há nenhum vestígio dele na posição que segue o complementizador *que*. Neste caso, a configuração *that-t* não aparece na sentença, pois a posição que segue o complementizador está preenchida por um expletivo nulo. Por meio da extração do sujeito de uma posição pós-verbal, o autor explica a aparente violação do filtro *that-t* no italiano e nas demais línguas que apresentam a inversão livre do sujeito.

De acordo com a generalização de Rizzi, o PB deveria sofrer os efeitos *that-t*. Uma vez que a inversão do sujeito não é livre nessa língua, a extração dele a partir de uma posição pós-verbal não deveria ser possível. Contudo, Menuzzi (2000), estudando a distribuição de quantificadores flutuantes (QFs), revela que o sujeito pode ser extraído de uma posição pós-verbal nas sentenças em que ocorre a aparente configuração *that-t*³⁸ no PB.

Segundo Sportiche (1988), os quantificadores do tipo *todo(s)* e *cada* quando se juntam com um NP formam um constituinte com a estrutura [_{NP} Q [_{NP} ...]]. Este tipo de quantificador pode se mover junto com o NP, como em (13a), ou o movimento pode se aplicar apenas ao NP, como em (13b). Uma estrutura [_{NP} Q t] restará em qualquer das posições-A intermediárias cujo NP completo (quantificador + NP) tenha transitado ao longo da derivação.

- (13) a. [_{IP} [_{NP} Todos [_{NP} os meninos]]_i têm [_{VP} t_i saído]]³⁹.
 b. [_{IP} [_{NP} Os meninos]]_i têm [_{VP} [_{NP} todos t_i] saído]].

Quando apenas o NP é movido e o quantificador permanece em alguma posição-A intermediária, como em (13b), temos um QF presente na sentença.

Para Menuzzi, essa situação serve de evidência em favor da extração do sujeito a partir de uma posição pós-verbal nos contextos que apresentam a configuração *that-t* no PB. Consideremos os pares mínimos abaixo adaptados de Menuzzi (2000)⁴⁰.

³⁸ O PB não dispõe de uma regra do tipo da regra *que*→*qui* do francês nem da estratégia do inglês de usar um complementizador nulo, como vemos nas sentenças abaixo:

- (i) Qui crois-tu (qui/*que) a fait ce bruit?
 (ii) Who do you believe (Ø/*that) made that noise?
 (Quem você acredita que fez aquele barulho?)

³⁹ Exemplos extraídos de Menuzzi (2000) e traduzidos para o português.

⁴⁰ Menuzzi apresenta os pares mínimos em (14) empregando interrogativas-Wh com uma expressão-Wh *D-linked* "que rapazes" no lugar do constituinte *os rapazes*. Alteramos as sentenças apresentadas pelo autor porque parece não existir um constituinte Wh que contenha *todos*: *[Que rapazes todos], *[Que todos rapazes], *[Todos que rapazes]. Mioto verifica que se trocamos o Wh

- (14) a. Os rapazes_i o Paulo desconfia que *ec* gostem [todos t_i] de Maria.
 *Os rapazes_i o Paulo desconfia que [todos t_i] gostem t_i de Maria.
- b. Os rapazes_i o Paulo desconfia que *ec* tenham beijado [todos t_i] a Maria.
 Os rapazes_i o Paulo desconfia que *ec* tenham [todos t_i] beijado t_i a Maria.
 *Os rapazes_i o Paulo desconfia que [todos t_i] tenham t_i beijado t_i a Maria.
- c. Os rapazes_i o Paulo disse que *ec* parecem ter beijado [todos t_i] a Maria.
 Os rapazes_i o Paulo disse que *ec* parecem ter [todos t_i] beijado t_i a Maria.
 Os rapazes_i o Paulo disse que *ec* parecem [todos t_i] ter t_i beijado t_i a Maria.
 *Os rapazes_i o Paulo disse que [todos t_i] parecem t_i ter t_i beijado t_i a Maria.

O argumento do autor é que o QF *todos* só é interpretado como anaforicamente relacionado ao NP sujeito *os rapazes* quando ocupa uma posição pós-verbal, como ocorre nas sentenças gramaticais. Quando o quantificador *todos* segue o complementizador e vem antes do verbo flexionado, como ocorre nas sentenças agramaticais, ele é interpretado como *todo mundo* (*everybody*) e não como um QF.

A partir das sentenças em (14), verificamos que se o sujeito *os rapazes* estiver topicalizado, o QF *todos* pode ser focalizado, como ilustra (15a), mas se o constituinte *os rapazes* for interpretado como o foco da sentença, o QF não mais deve ser lido como o foco, como em (15b).

- (15) a. Os rapazes_i, o Paulo desconfia que *ec* tenham beijado [TODOS t_i] a Maria.
 b. [OS RAPAZES] o Paulo desconfia que *ec* tenham beijado [todos t_i] a Maria.

De acordo com Menuzzi (2000), a agramaticalidade de algumas das sentenças em (14) não decorre do fato de os QFs serem incompatíveis com a posição nominativa Spec de IP encaixada. Se essa posição é precedida e regida por um antecedente apropriado como uma forma verbal, ao invés do complementizador *que*, o QF pode ocupar esta posição. A configuração ideal para que o QF ocupe o especificador de IP ocorre quando o verbo+flexão é movido para COMP, como em (16).

- (16) Os rapazes_i o Manuel recorda [_{CP} terem_k [_{IP} [_{NP} todos t_i] [_{I'} t_k comprado um presente pr'a Maria]]].

Levando em consideração que um QF pode preencher a posição Spec de IP encaixada, verificamos que a má formação de algumas das sentenças em (14) ocorre porque elas sofrem os efeitos do filtro *that-t*.

O PB evita a configuração *that-t* extraindo o sujeito de uma posição pós-verbal. A aparente violação do filtro *that-t* ocorre nas línguas de sujeito nulo porque elas apresentam um expletivo nulo no Spec IP. Assim, parece que nenhum elemento está nessa posição. O que contribui para que se pense que o sujeito foi extraído da posição pré-verbal e não da pós-verbal. Veremos a seguir os poucos contextos nos quais a posposição do sujeito ainda ocorre em PB.

por um foco, o argumento de Menuzzi fica melhor (sob a assunção que o foco também sofre movimento Wh).

3.2.2 RESQUÍCIOS DE INVERSÃO EM PB – PILATI (2002, 2006)

Pilati (2002, 2006) analisa os aspectos sintáticos e semânticos das sentenças com a ordem verbo-sujeito no PB. As sentenças com o sujeito pós-verbal focalizado recebem o nome de “orações apresentativo-descritivas”. Seguindo a análise de Nascimento (1984), a autora defende que o sujeito aparece depois do verbo nos casos em que ele recebe uma “interpretação de lista”. Essa interpretação está relacionada ao tipo de foco expresso pelo sujeito que, conforme Pilati, é o foco identificacional. Ainda defende que os casos de ordem VS em PB são sentenças com inversão locativa. A autora analisa sentenças como aquelas em (17):

- (17) a. Chegaram as cartas.
b. Já almoçou todo mundo.
c. Hoje tomou posse o novo ministro da educação.

Pilati se afasta da análise de Nascimento ao considerar que a ordem VS também ocorre com verbos transitivos, como em (17c), e que tais sentenças não são apenas apresentativas.

A proposta de tese da autora se baseia em duas ideias centrais:

(i) a codificação de foco é um fenômeno estritamente sintático: está ligada à seleção temática feita pelo predicado e às características das línguas em relação a fenômenos como possibilidades de movimento do verbo, categorização sintática de informações lexicais, e formas de atribuição de Caso; e (ii) a interpretação das orações em relação ao tipo de foco também é o resultado de um processo sintático. (Pilati 2006, p.161-162)

A partir dessas ideias, a autora afirma que as regras da interface fonética não impõem condições para a descrição do foco. Esse é gerado no sistema computacional por meio de uma configuração determinada pelas propriedades morfossintáticas da língua em articulação com os princípios da gramática universal. Segundo Pilati, a estrutura (PP)VS aparece em sentenças que têm foco identificacional. Como consequência direta do fato de apresentarem um elemento de natureza locativa ou temporal na posição de sujeito da sentença.

O sujeito pós-verbal não deve ser interpretado como foco de informação porque esse tipo de foco tem os traços de [- contrastividade e - exaustividade], assim, não apresenta nenhuma relação de [+/- inclusão]. Segundo a análise de Nascimento, a interpretação de lista só ocorre quando há uma relação de [+/- inclusão] em um grupo de referência, sendo o NP pós-verbal o elemento que está ou não incluído. Pilati segue a definição de exaustividade dada por Kiss (1998) e defende que se há uma relação de inclusão quando ocorre interpretação de lista, então as sentenças com a ordem VS apresentam o traço de exaustividade.

Nos dados analisados por Pilati aparecem sentenças com a ordem VOS que são separadas em dois grupos: as sentenças formadas com “predicados previsíveis”, como em (18), e as sentenças formadas com verbos leves, como em (19).

- (18) a. Tomou posse o novo presidente dos Estados Unidos.

- b. Hoje participará do debate o senador Cristóvam Buarque.
 - c. Pega fogo a disputa eleitoral na cidade de São Paulo.
 - d. Merece destaque o item (d).
 - e. Também faz parte do CD o cantor Leonardo.
 - f. Tem a palavra a Senadora Heloísa Helena.
- (19)
- a. Pega a bola o goleiro do flamengo.
 - b. Vence a gincana a equipe que fizer mais pontos.
 - c. Se o governador for cassado, assume automaticamente o governo o senador Benício Tavares.
 - d. Pela primeira vez, assume a presidência um operário.

Tais sentenças ocorrem em contextos específicos, não são produtivas em PB. Por isso, Pilati analisa o contexto envolvido em cada grupo de sentenças para verificar se o sujeito pós-verbal das sentenças com verbo transitivo também deve ser interpretado como foco identificacional.

A conclusão é que nos dois grupos o sujeito aparece no final da sentença porque é identificado como o elemento desconhecido por parte do ouvinte/leitor. Se ocorre uma função de "identificar" um elemento a partir de um contexto pragmático, é porque ocorreu uma relação de [+/- inclusão]. Dessa forma, a autora defende que o contexto pragmático contribui para que o sujeito das sentenças com ordem VOS seja interpretado como foco identificacional.

Pinto (1997), assim como Belletti (2001), defende que o sujeito nas sentenças VS do italiano tem a interpretação de foco de informação. De acordo com Pilati, esse tipo de interpretação não pode ser mantida para o sujeito pós-verbal no italiano. O argumento da autora é que se a ordem não marcada nessa língua é SV(O), é ela que apresenta foco neutro. E se a ordem VS é marcada, então o sujeito não deve ser interpretado como um simples foco de informação.

Com base nos dados analisados, Pilati afirma que as sentenças declarativas com ordem VS em PB apresentam dois padrões de comportamento. De um lado, há a inversão com verbos inacusativos que é menos restrita, de outro lado, há a inversão com verbo inergativo ou com verbo transitivo que é mais restrita.

Partindo do trabalho de Nascimento, a autora defende que as sentenças declarativas com a ordem VS, sem pausa entre os constituintes e com verbos inacusativo, inergativo e transitivo devem ser analisadas como sentenças com inversão locativa⁴¹. Somente verbos que selecionam tematicamente elementos locativos podem licenciar inversões locativas. A ordem VS em PB é identificada pela presença de elementos sintáticos à esquerda da sentença. Pilati ainda propõe que as sentenças com ordem VOS em PB, em contextos de narrações concomitantes, também são casos de inversão locativa. Em função do contexto discursivo em que essas sentenças ocorrem, não apresentam obrigatoriamente um PP em posição inicial.

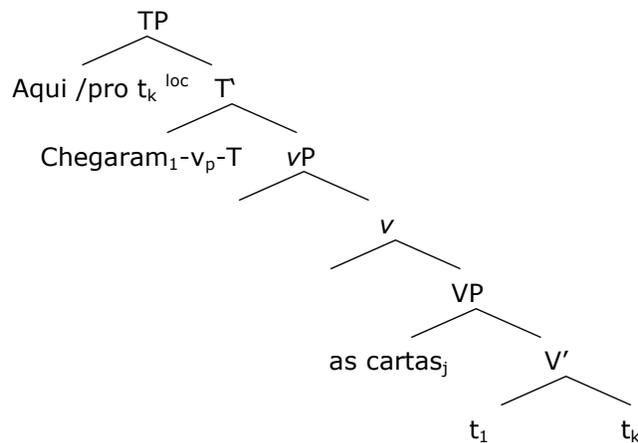
A autora ressalta que não analisa as sentenças VS em contextos pergunta-resposta. A justificativa da autora é que essas sentenças ocorrem em contextos sintáticos específicos, repostas a perguntas-Wh. E que o PB não apresenta

⁴¹ Pilati revisa a análise das sentenças VS em outras línguas, como a análise de Bresnan & Kanerva (1989) sobre as inversões locativas do chichewa, de Bresnan (1994) sobre as inversões locativas no chichewa e no inglês, de Levin & Rappaport (1995) sobre as inversões locativas no inglês, e de Pinto (1997) sobre as inversões locativas no italiano, e constata que as sentenças VS nessas análises apresentam as mesmas características das sentenças apresentativo-descritivas do PB. Dessa forma, Pilati classifica as sentenças VS em PB como casos de inversão locativa.

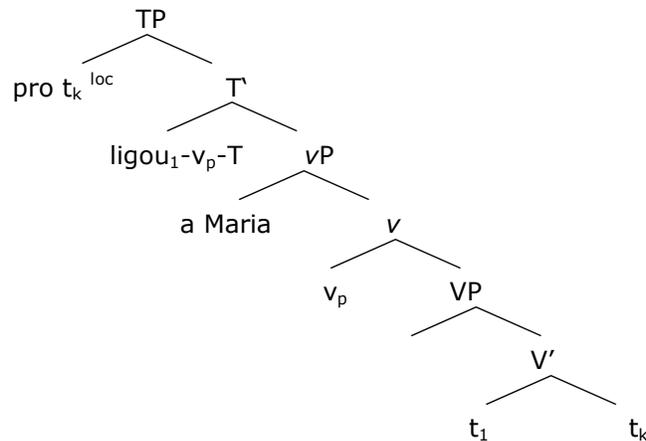
sujeito pós-verbal nas sentenças que respondem interrogativas-Wh, nesses contextos o sujeito vem antes do verbo e é interpretado como foco de informação.

Segundo a análise de Pilati, as sentenças com a ordem verbo-sujeito em PB são casos de inversão locativa e o sujeito é interpretado como foco identificacional. O verbo não vai para o domínio CP, permanece em T, e o sujeito em uma posição mais baixa do que T. Nas sentenças com verbo inacusativo, o sujeito ocupa Spec VP, como em (20). Nas sentenças com verbos inergativos e transitivos, o sujeito está em Spec vP, como em (21) e (22), respectivamente⁴². O locativo está na posição de sujeito das sentenças, em Spec TP. Quando ele não for fonologicamente realizado, Pilati assume a ocorrência de um elemento pronominal com referência locativa, como pro^{loc} , na posição pré-verbal.

(20) Aqui chegaram as cartas.

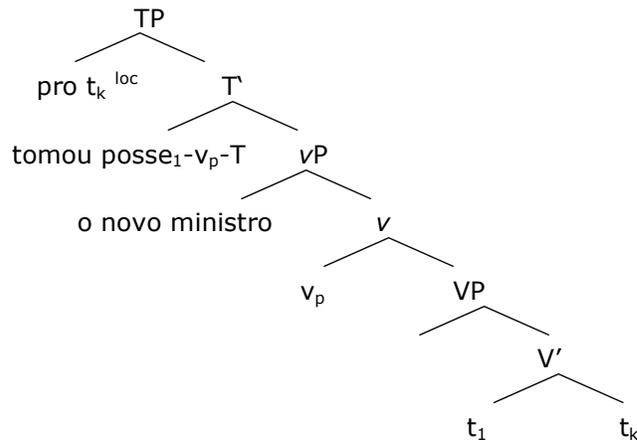


(21) pro^{loc} ligou a Maria/ Hoje ligou a Maria.



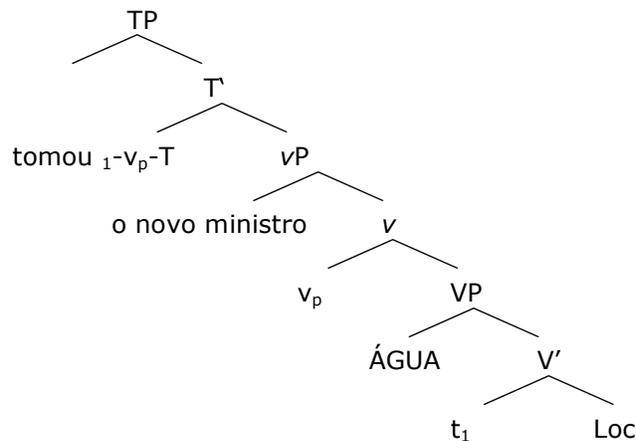
⁴² Todas as derivações apresentadas nessa seção foram extraídas de Pilati (2006:224-226).

(22) Tomou posse o novo ministro.



Nas sentenças VOS com predicados previsíveis ou com verbos leves, o VP entra na numeração como uma expressão idiomática. Nesses casos, o objeto é um quase-argumento que está incorporado a V, formando o complexo [VO]. De acordo com Pilati, os outros verbos transitivos não permitem inversão locativa devido à atribuição de Caso. O objeto recebe Caso acusativo dentro do vP , e bloqueia a possível relação de *probe-goal* entre T e *Loc*, como verificamos em (23).

(23) *Tomou água o novo ministro.



Com a relação *probe-goal* entre T e *Loc* bloqueada, o único elemento visível pela sonda T é o sujeito *o novo ministro*. Portanto, não há espaço para que se configure a ordem verbo-sujeito.

A autora aponta que o PB licencia o preenchimento de Spec TP por categorias que não são necessariamente o sujeito temático do verbo da sentença. A proposta defendida é que *Loc* é o sujeito sintático da predicação, e ocupa a posição mais alta da sentença. *Loc* é o elemento que porta a informação

antiga e c-comanda toda a sentença. Dessa relação sintática é que surge o foco identificacional, característico das inversões locativas. Para Pilati, foco identificacional é “o resultado da presença de um elemento com referência locativa ou temporal no Spec de TP com escopo sobre o resto da oração” (cf. Pilati 2006:222).

O estudo de Pilati, baseado em dados de uso da língua, mostra que a ordem VS ainda é empregada pelos falantes do PB, e que essa ordem não é o resultado da inversão livre. A autora não assume em seu modelo de análise uma posição específica de foco, mantendo o sujeito na posição temática. Pilati não explica por que o VP de um verbo inacusativo é igual ao VP de um verbo transitivo, com um argumento externo selecionado pelo verbo, como vemos em (20). O estudo da ordem VS está fora do escopo desta tese, mas de acordo com a análise que vamos propor nesse capítulo, manteríamos o sujeito pós-verbal em uma posição baixa de foco e o locativo em uma posição criterial Spec SubjP (cf. Rizzi 2004b; Rizzi & Shlonsky 2007, seção 4.3.2). Dessa forma, evitaríamos a presença de um elemento que não é o sujeito temático da sentença em uma posição com função gramatical, como Spec TP.

3.2.3 LÍNGUA *PRO-DROP* PARCIAL

Nas seções anteriores mostramos as propriedades que constituem as línguas de sujeito nulo e como o PB evita os efeitos da configuração *that-t*. As línguas de sujeito nulo permitem que a posição destinada ao sujeito não seja preenchida e, assim, dispõem da inversão livre do sujeito. Segundo Roberts (1996), o italiano permite sujeito nulo porque os sufixos flexionais do verbo recuperam a especificação de pessoa e número do pronome sujeito. O inglês não apresenta uma morfologia verbal que recupere o conteúdo do sujeito, como a do italiano, portanto, não licencia sujeito nulo.

O paradigma flexional do PB, ao contrário do paradigma do italiano e do português europeu (PE)⁴³, encontra-se simplificado. Este paradigma, que no início do século XIX apresentava seis formas distintivas (cf. Duarte 1996), como em (24a), atualmente apresenta apenas três formas de concordância, como em (24b).

- | | | | |
|---------|---|----|--|
| (24) a. | eu fal-o
tu fal-as
ele(a) fal-a
nós fal-amos
vós fal-ais
eles(as) fal-am | b. | eu fal-o
você fal-a
ele(a) fal-a
a gente fal-a
vocês fal-am
eles(as) fal-am |
|---------|---|----|--|

⁴³ Paradigma verbal do italiano e do PE apresenta seis formas distintivas:

Italiano:	io parl-o tu parl-i lui parl-a noi parl-iamo voi parl-ate loro parl-ano	PE:	eu fal-o tu fal-as ele fal-a nós fal-amos vós fal-ais eles fal-am
-----------	--	-----	--

A substituição da segunda pessoa do singular *tu* e do plural *vós* pela segunda pessoa indireta *você(s)*, e a substituição do pronome de primeira pessoa do plural *nós* pela expressão *a gente*, enfraquece o sistema flexional do PB. Com um paradigma flexional reduzido, o sujeito passa a ser cada vez mais pleno nesta língua, pois, caso a sua posição não seja preenchida, a concordância verbal pode não recuperá-lo na sentença.

Segundo Galves (1996), o enfraquecimento da flexão no PB é responsável pela falta de oposição entre 1^a, 2^a e 3^a pessoas. A concordância nesta língua apresenta apenas uma oposição binária, pessoa (1^a)/não-pessoa (3^a), articulada a uma oposição singular/plural. Partindo desta consideração, Duarte (1996:110) associa a distinção pessoa/não-pessoa ao traço de número, e apresenta quatro combinações possíveis para o paradigma flexional do PB, como ilustra (25).

- (25) + pessoa / - plural > -o
 + pessoa / + plural > -mos
 - pessoa / + plural > -m
 - pessoa / - plural > -0

Duarte verifica que, devido ao enfraquecimento do sistema flexional e pronominal no PB, o sujeito nulo apenas ocorre com a 3^a pessoa na modalidade escrita (cf. o gráfico 4 da autora, p. 116). Os sujeitos de 1^a e 2^a pessoas são representados cada vez mais pelo pronome lexical ou um nome (cf. os gráficos 2 (p. 113) e 3 (p. 115) da autora)⁴⁴. A redução do paradigma flexional não possibilita mais a identificação do pronome nulo *pro* em posição de sujeito. A possibilidade de sujeito nulo na 3^a pessoa não é mais livre, uma vez que deve haver no contexto um referente que possa identificar o *pro*.

Na modalidade falada da língua, há uma queda do sujeito nulo na 3^a pessoa e um aumento expressivo no uso do sujeito pleno. Na peça analisada pela autora, referente ao ano de 1992, os sujeitos nos casos de 3^a pessoa eram todos nulos no texto escrito. A análise da gravação desta peça mostra uma diminuição de 13% do sujeito nulo de 3^a pessoa. Nos casos de 1^a pessoa a queda foi de 10% e nos casos de 2^a nenhuma diferença significativa ocorreu.

Kato & Tarallo (1993) também atestaram a presença do sujeito nulo na modalidade escrita do PB nos casos em que a concordância (26a) ou o contexto (26b) permitem que possamos identificar o sujeito.

- (26) a. No Brasil, *cv* vivemos no futuro, não no presente.
 b. Eu pensava que *cv* sabia matemática.

E, na modalidade falada, a tendência é um uso redundante do sujeito, como ilustra (27):

- (27) a. No Brasil, *nós* vivemos no futuro, não no presente.
 b. Eu pensava que eu sabia matemática.

⁴⁴ O sujeito nulo na 1^a e 2^a pessoas encontrados atualmente correspondem a sentenças independentes com verbos simples no presente e no passado, para os casos de 1^a pessoa, como em (i), e em algumas interrogativas, para os casos de 2^a, como (ii).

- (i) a. *pro* Não posso mais ficar aqui a tarde toda, não.
 b. *pro* tirei quatro notas vermelhas.
 c. *pro* Preciso dar um jeito na minha vida.
 (ii) a. *pro* já se esqueceu?
 b. *pro* falou com ele? (cf. Duarte 1996, p. 119-120)

Considerando os dados relativos à baixa frequência do sujeito nulo, apresentados nos trabalhos de Duarte (1996) e de Galves (1996), e a existência cada vez mais expressiva de um sujeito redundante na modalidade falada, a tendência atual é que o sujeito seja preenchido. O PB está passando por uma fase de transição de uma língua *pro-drop* para não *pro-drop*. De acordo com Duarte (1996:123), a simplificação no paradigma flexional alterou as características de língua *pro-drop* que o PB apresentava no início do século XIX. Atualmente é visto como uma língua *pro-drop* parcial, na qual o sujeito nulo ainda se mantém apenas na escrita.

Outro fator que contribui com a pouca ocorrência de sujeito nulo no PB, pelo menos na modalidade falada, é o enfraquecimento do sistema de clíticos. Os falantes dessa língua estão substituindo-os por pronomes tônicos. Segundo os dados de Omena (1978), os clíticos objetos com função anafórica foram trocados por pronomes tônicos (24%) ou por uma categoria vazia (76%). A mudança no sistema de clíticos do PB afetou principalmente o acusativo de 3ª pessoa *o/a*. Uma sentença como (28a) dificilmente é empregada por falantes desta língua, salvo na escrita formal e por pessoas com alto grau de escolaridade. Já as sentenças (28b) e (28c) são tipicamente usadas pelos falantes do PB.

- (28) a. Os livros, guardei-os na estante.
 b. Os livros, guardei eles na estante.
 c. Os livros, guardei cv na estante.

De acordo com Decat (1989:127), os clíticos permitem às sentenças maior liberdade quanto à ordem dos sintagmas. Com o seu quase desaparecimento, a ordem de constituintes foi se tornando mais rígida, chegando a ponto de ser, ela própria, um marcador de função sintática.

Kato (1991) ressalta que a mudança no sistema clítico atinge apenas o clítico de 3ª pessoa, mas não os clíticos de 1ª e 2ª pessoas, *me* e *te*, respectivamente. Assim, a autora expõe um paradigma uniforme de clíticos no PB com um clítico nulo para a 3ª pessoa estando em variação com o pronome tônico *ele(a)/eles(as)*.

(29) Pronomes Tônicos	Clíticos
eu	me-
você	te-
ele/ela	∅

O clítico nulo é representado pelo pronome tônico *ele/ela/eles/elas*. Os clíticos *me* e *te* aparecem antes do verbo no PB. Nas sentenças com verbo auxiliar e verbo principal, o clítico aparece anteposto ao segundo verbo, como ilustra (30a). Se o clítico está posposto ao verbo auxiliar, como em (30b), a sentença é agramatical em PB.

- (30) a. Maria pode *me* emprestar o livro.
 b. *Maria pode-*me* emprestar o livro.

Segundo Galves (1996:400), a flexão também afeta a perda dos clíticos à medida que "um verdadeiro sistema de clíticos, ou seja, de pronomes cuja caracterização lexical é serem núcleos – e não sintagmas – que se movem para a flexão na derivação sintática, implica uma concordância rica". Para a autora, os

clíticos que ainda ocorrem no PB, embora com pouca frequência, foram reinterpretados como pronomes plenos (sintagmas), os quais são deslocados por uma regra de adjunção, e não mais como núcleos movendo-se para Agr. O pronome aparece nas locuções verbais sempre anteposto ao verbo principal devido a uma restrição de localidade sobre essa adjunção, uma vez que o clítico deve estar adjungido à primeira projeção funcional que contém o verbo.

O sistema flexional enfraquecido e a perda do clítico de 3ª pessoa distanciam o PB das línguas de sujeito nulo prototípicas, como o italiano, o espanhol e o PE. Contudo, a ocorrência da ordem VS, como atestada em Pilati (2002, 2006), e o uso do sujeito nulo na modalidade escrita da língua não permitem que o PB seja classificado como uma língua não *pro-drop*, como o inglês. Dessa forma, o mais adequado ainda é enquadrar o PB como uma língua *pro-drop parcial*, assim como propõe Duarte (1996). Na próxima seção mostramos que o objeto, diferentemente do sujeito, pode não ser realizado fonologicamente em PB.

3.2.4 ASSIMETRIA SUJEITO–OBJETO

A propriedade de ser o sujeito da sentença confere características especiais a um constituinte, as quais não vêm à tona quando o constituinte é o objeto da frase. Diferentemente do que ocorre com sujeito, o objeto nulo é perfeitamente possível e comum no PB atual, como mostra Cyrino (1997,2000).

- (31) a. "... o meu problema agora é onde botar para ser alfabetizada..."
 b. "Eu achei ruim demais..."
 c. "Quer dizer, o ideológico influencia..."
 d. "Lá vende assim por um preço baixíssimo..."

O fenômeno do objeto nulo tem propriedades particulares que diferenciam o PB de outras línguas que apresentam esse mesmo fenômeno.

A assimetria sujeito-objeto também aparece quando esses constituintes veiculam propriedades sintáticas e semânticas, como foco. A focalização do sujeito apresenta particularidades que não estão presentes na focalização do objeto, se este é o último constituinte da sentença. Observando como o objeto é focalizado em (32), vemos que nenhum reposicionamento dele é necessário. Uma vez que o objeto se encontra na posição natural para receber o acento sentencial.

- (32) Maria comprou [_F um carro].
 (O que Maria comprou?)

Se, por outro lado, o objeto não é o único constituinte à direita do verbo, ele pode se posicionar no final da sentença para receber o acento e a interpretação de foco, como em (33).

- (33) A Maria comprou ontem [_F um carro].
 (O que Maria comprou ontem?)

Quando o objeto aparece à esquerda do verbo, ele só pode ser interpretado como foco contrastivo, como em (34). Um simples objeto foco de informação não sofre deslocamento na sentença em PB, sempre aparece depois do verbo.

(34) UM CARRO a Maria comprou (não uma moto).

Uma clivada objeto não responde uma pergunta-Wh porque o objeto clivado, diferente do sujeito clivado, está associado aos traços de contraste/exaustividade, como em (35).

(35) a. O que a Maria comprou?
b. #Foi O CARRO que a Maria comprou.

O sujeito não precisa se posicionar na posição mais encaixada para receber o acento sentencial e a interpretação de foco de informação em PB. Já vimos nas seções anteriores que essa língua não permite a inversão livre e está deixando de ser uma língua de sujeito nulo. Ainda, diferente do que ocorre com o objeto, não é fácil identificar quando o sujeito focalizado está deslocado na sentença, visto que pela sua natureza de sujeito já ocupa uma posição alta na estrutura sintática.

A extração do sujeito e do objeto é outro ponto que ressalta a assimetria entre os dois. A extração-Wh do sujeito é bem mais difícil de ocorrer do que a extração do objeto, próprio das particularidades referentes ao sujeito. Rizzi (2007:153) afirma que o movimento do sujeito pode ser bloqueado em função do congelamento criterial, fato que não ocorre com o objeto.

(36) a. *Who do you think [that [t Subj will come]]?
(Quem você pensa que chegará?)
b. Who do you think [that [Mary Subj will meet t]]?
(Quem você pensa que Maria encontrará?)

Rizzi transforma o Princípio de Projeção Estendida (EPP) em uma posição criterial SubjP (falaremos dessa posição e do critério sujeito na próxima seção). De acordo com o autor, a assimetria sujeito-objeto interfere na extração-Wh. Em (35a), a expressão sujeito *who* sai da sua posição temática, vai para Spec SubjP da sentença encaixada, e é congelada nessa posição. Qualquer outra extração dessa expressão-Wh é barrada. Em (36b), a expressão objeto *who* está livre para a extração porque não há nenhum critério objeto, nenhuma posição especial na qual o objeto deva satisfazer um critério e, portanto, ser congelado ali. Na seção que segue, tratamos da proposta de Rizzi (2004b) e Rizzi & Shlonsky (2007) sobre a posição SubjP e o critério sujeito.

3.3 CRITÉRIO SUJEITO E A POSIÇÃO SUBJP

Chomsky (1981) assume que toda sentença deve ter sujeito e propõe o Princípio de Projeção Estendida (EPP). Alexiadou e Anagnostopoulou (1998) afirmam que as línguas diferem com relação ao modo como EPP é satisfeito: línguas como o inglês e o francês satisfazem EPP com um XP, tipicamente DP,

ocupando o especificador de TP, enquanto línguas como o grego e o espanhol satisfazem o mesmo requerimento com um elemento- X^0 ocupando a posição núcleo T. Nesse caso, os traços nominais sufixados ao verbo exibem um papel crucial na satisfação de EPP. Rizzi (2004b) afirma que EPP é a manifestação da posição criterial *Subject Phrase* (SubjP), cujo núcleo atrai uma expressão nominal e determina a articulação sujeito-predicado.

O autor retoma, modificando em alguns pontos, a proposta de Cartinaletti (2000). Rizzi assume que dentro do domínio TP há mais de uma projeção para o sujeito. Dessa forma, ele dissocia a posição responsável pelos traços de concordância (AgrP) de uma posição mais alta cujo critério sujeito é satisfeito. Essa posição garante EPP e permite que os traços interpretativos do sujeito sejam expressos na articulação sujeito-predicado.

Rizzi & Shlonsky (2007) adotam as ideias centrais apresentadas em Rizzi (2004b):

- i. Um elemento movido para uma posição dedicada a alguma propriedade interpretativa de escopo-discursiva, uma posição criterial, é congelado nesse lugar (*Criterial Freezing*).
- ii. EPP clássico, o requerimento que as sentenças têm sujeito, pode ser reafirmado como um requerimento criterial, o Critério Sujeito, formalmente semelhante ao Critério Tópico, Critério Foco, Critério Wh etc. (cf. Rizzi 1996, 1997).

De acordo com (ii), o sujeito temático se move para uma posição criterial. Por meio de (i), ele é congelado nessa posição devido ao congelamento criterial. O movimento do sujeito e de outros complementos não é similar já que não há nenhum critério objeto, paralelo ao critério sujeito.

A partir disso, os autores afirmam que a extração do sujeito só é possível quando ele pode saltar a posição criterial de sujeito. Uma vez que um critério não pode ser satisfeito "de passagem". As estratégias da extração do sujeito usadas pelas diferentes línguas explicam as formas de evitar a posição de congelamento. Alternativamente, as línguas podem desenvolver estratégias para formar cadeias A' com sujeitos encaixados sem movê-los.

Segundo Rizzi (2004b), EPP clássico pode ser vantajosamente realizado como um critério sujeito: o núcleo funcional Subj, distinto e mais alto do que T e outros núcleos na estrutura funcional da sentença (Cinque 1999), atrai um nominal para o seu Spec e determina a articulação sujeito-predicado. O núcleo Subj gera a seguinte configuração:

(37) [DP [Subj XP]]

A configuração em (37) é parafraseada da seguinte forma: "Sobre DP, relato um evento XP". O sujeito compartilha, então, uma propriedade interpretativa de tópico, a relação "aboutness" que liga sujeito e predicado assim como tópico e comentário. Ao mesmo tempo, o sujeito é distinto de um tópico em outros aspectos: diferentemente do tópico, sujeito não requer *D-linking*, tanto que a estrutura sujeito-predicado pode ser enunciada em contextos *out-of-the-blue*, enquanto uma estrutura tópico-comentário não pode (cf. Rizzi 2004b).

Rizzi & Sklonsky (2007) apontam duas formas de construir interrogativas e outras construções A' que envolvem sujeitos (encaixados) sem violação do critério sujeito:

- i. Sujeito fixo: o sujeito não se move, permanece na posição criterial Spec SubjP. Uma construção A' bem formada envolvendo o sujeito é obtida sem nenhum movimento (retomada) ou por meio do movimento de um constituinte mais longo, incluindo o sujeito "congelado" (*pied-piping*).
- ii. *Skipping*: o sujeito se move, mas deve saltar a posição de congelamento e é extraído diretamente da sua posição temática ou de alguma outra posição interna ao predicado.

Em conformidade com as estratégias acima, o caso mais simples de (i) é o uso do pronome resumptivo para as construções A' envolvendo sujeitos encaixados; um caso típico de (ii) é a extração do sujeito de uma posição mais baixa, com *pro* expletivo satisfazendo o critério sujeito. Quando um *pro* satisfaz o critério sujeito, livra o sujeito temático dos efeitos de congelamento criterial e ele pode se mover para a periferia esquerda.

Rizzi & Shlonsky colocam a seguinte questão: como um expletivo pode satisfazer o critério sujeito? A existência de expletivo, normalmente vista como uma evidência para EPP, também é vista como uma crítica à tentativa de vincular a obrigatoriedade de sujeito a uma propriedade interpretativa especial associada à posição sujeito. O argumento é que a obrigatoriedade de sujeito é tratada como um princípio puramente formal, uma vez que um expletivo é desprovido de conteúdo interpretativo.

Os autores apontam que algumas línguas, como o alemão, satisfazem outros requerimentos criteriosais, o critério-Wh, por exemplo, com um movimento Wh parcial e um elemento-Wh do tipo expletivo satisfazendo o critério Q. O que ocorre é que o uso de expletivos aparece muito mais na posição sujeito do que em construções A'. Uma vez que muitas línguas não têm qualquer tipo de movimento A' parcial, enquanto alguma forma de expletivo sujeito, nulo ou visível, é presumivelmente disponível em todas as línguas.

Os autores ainda ressaltam o *status* especial que o critério sujeito tem no sistema de critérios. O nóculo Subj define a zona estrutural que conecta os sistemas CP e IP. Desse modo, Rizzi & Shlonsky defendem que ele compartilha propriedades de ambos os sistemas. O campo CP é especializado em criar posições que expressam propriedades de escopo-discursiva (topicalidade, foco, escopo de diferentes tipos de operadores sentenciais) e tais posições são formalmente opcionais. Apenas aparecem na estrutura quando condições discursivas e intenções comunicativas requerem-nas. De outra maneira, elas permanecem inertes. Uma característica saliente do campo IP é a obrigatoriedade, pelo menos a obrigatoriedade dos núcleos que formam o esqueleto da hierarquia funcional IP. Assim, Rizzi & Shlonsky assumem que o nóculo funcional Subj compartilha propriedades dos dois sistemas que ele conecta: como o sistema CP, é dedicado à propriedade de escopo-discursiva, e como o sistema IP, é obrigatoriamente expresso.

Há certa tensão entre essas duas propriedades, opcionalidade formal (propriedade de escopo-discursiva), de um lado, e obrigatoriedade (EPP), de outro. E o expletivo é uma forma de resolver essa tensão. Quando condições discursivas, intenções comunicativas ou estrutura temática do verbo requerem uma estrutura presentacional, em que determinado evento não é descrito como sendo "about" um certo argumento, um expletivo é usado para satisfazer formalmente o critério sujeito.

Rizzi (2006:18) descreve a relação entre sujeito e tópico: "...sujeito e tópico tem alguma coisa em comum: algum tipo de predicação é envolvida em

ambos os casos, um processo selecionando um argumento como ponto de partida da descrição do evento, e expressando o evento como alguma coisa envolvendo aquele argumento.” Essa relação é chamada de *aboutness*. O autor classifica Top e Subj como segue:

- (38) Top: +aboutness Subj: +aboutness
 +D-linking +/- D-linking

Se Rizzi está correto em afirmar que SubjP, em alguns casos, não é associado a propriedade *D-linking*, é somente associado a *aboutness*, então é possível que algum elemento não-temático sem propriedades *D-linking* possa satisfazer EPP. O autor observa que em japonês, um XP não-temático sem propriedades *D-linking* pode satisfazer EPP quando sufixado por alguma partícula *aboutness*.

De acordo com a proposta de Rizzi (2004b, 2006) e Rizzi & Shlonsky (2007), os elementos que desencadeiam a inversão locativa, nas estruturas VS identificadas por Pilati (2002, 2006), e os elementos presentes em outras sentenças comuns no PB, DPs pré-verbais que não checam nominativo, como os exemplos em (39) de Costa & Galves (2002), podem ser analisados como constituintes que satisfazem EPP ou, nos termos de Rizzi, o critério sujeito nas sentenças.

- (39) a. O relógio quebrou os ponteiros.
 b. Aquele carro furou os pneus.
 c. A mesa quebrou as pernas.
 d. A revista xerocou.

Os constituintes pré-verbais em (39) não exercem a função de agente da sentença, e nem não são eles que recebem Caso nominativo. Segundo Costa & Galves, estas sentenças são de um tipo especial, sem a projeção Spec TP e com elemento pré-verbal não figurando em uma posição A. Assumindo a hipótese *split-IP*, os autores defendem a seguinte estrutura para sentenças como as de (39).

- (40) [_{AgrSP} DP_i [_{AgrSP} S_i Agr [_{TP} V-Φ [_{VP} t_V pro_i]]]]

O argumento dos autores é que se os traços de concordância de V não entram em uma relação de concordância especificador-núcleo, eles podem checar os traços de AgrS e concordar com o DP pré-verbal. O DP pré-verbal não pode estar em Spec AgrSP porque os traços de AgrS seriam identificados por ele, e o V não poderia mais checar seus traços, ficando sem identificação. A proposta de Costa & Galves, que não assumem adjunção do sujeito a TP, pode ser equiparada à proposta de Rizzi & Shlonsky (2007). De acordo com Rizzi (c.p), os DPs pré-verbais das sentenças em (39) ocupam Spec SubjP, satisfazendo o critério sujeito daquelas sentenças.

Já a proposta de Pilati (2006:222) difere da proposta dos autores supracitados. Para Pilati, Spec TP pode ser preenchido por categorias que não são necessariamente o sujeito temático do verbo. Nas inversões locativas, por exemplo, Loc pode ocupar o especificador de TP e ser interpretado como o “sujeito” da relação de predicação. Nas palavras da autora: “um sujeito sintaticamente licenciado pela oração, mas que não é o sujeito tematicamente selecionado pelo do verbo”. Na análise da autora, um elemento sem função

gramatical, como o locativo, ocupa uma posição gramatical (posição A). De acordo com a abordagem cartográfica, desenvolvida em Rizzi (2004b, 2006) e Rizzi & Shlonsky (2007), a posição Spec SubjP pode ser ocupada por elementos pré-verbais que não exercem função de agente, e que podem satisfazer o critério sujeito na sentença.

3.4 CRITÉRIO FOCO

Nesta seção apresentamos algumas propriedades relacionadas ao critério foco proposto por Rizzi (1996, 1997 e trabalhos posteriores).

Critério Foco:

- (i) Um operador [Foc] deve estar em configuração Spec-núcleo com um X^0 [+Foc].
- (ii) Um X^0 [+Foc] deve estar em configuração Spec-núcleo com um operador [Foc].

3.4.1 CATEGORIA FOC P – PARALELISMO CP–VP–DP

O critério foco é satisfeito pelo elemento que ocupa o especificador da projeção específica do foco – FocP. No segundo capítulo, na seção sobre a proposta cartográfica e o foco, mostramos que a categoria FocP pode ser projetada no domínio sentencial (CP – Rizzi 1997), no domínio verbal (vP – Belletti 2001) e no domínio nominal (DP – Aboh 2004).

O paralelismo entre os domínios CP-vP-DP é tratado no trabalho de Drubig (2007). O autor defende a Hipótese do Isomorfismo e assume que as fases (CP e vP) derivacionais têm estrutura idêntica. Portanto, posições relacionadas à estrutura de informação devem ocorrer tanto à esquerda da margem (*edge*) da fase-vP quanto à esquerda da margem da fase-CP.

De acordo com Drubig, a hipótese de isomorfismo deriva das variações na ordem de palavras tipologicamente atestada na representação da estrutura de informação através das línguas. Implicação teórica dessa hipótese é a seguinte: a simetria das categorias sintáticas sugere que o isomorfismo das periferias funcionais pode não ser limitado às sentenças, mas deve se estender a outras categorias, como o DP. Drubig propõe que a hipótese de isomorfismo se estende a todas as posições de margem (*edge*) funcionais.

Givón (1990, *apud* Drubig, 2007) afirma que a posição sujeito *default* dispara uma interpretação de tópico. Portanto, se um sujeito deve ser interpretado como foco, e não como tópico, alguma coisa especial deve ocorrer na sentença para que o sujeito seja corretamente interpretado. Seguindo a hipótese do isomorfismo lançada em Drubig e a proposta de Aboh (2004), verificamos que a ativação de FocP dentro de DP não permite que o sujeito focalizado em posição *default* seja, equivocadamente, interpretado como tópico.

3.4.2 DUAS FORMAS DE SATISFAÇÃO: FOC VAZIO E FOC PREENCHIDO

O critério foco pode ser satisfeito de duas formas: com o núcleo Foc fonologicamente realizado ou com o núcleo Foc vazio, sem realização fonológica. Algumas línguas, como o japonês e o Gungbe, apresentam uma partícula morfológica de foco identificada como o núcleo Foc, como observamos nas sentenças do Gungbe abaixo (cf. Aboh 2004).

- (41) Ùn nywen dò [Sètù **yà** [Màrí **wɛ** é dà
1sg know that Setu top Mary foc 3sg marry
'I know that, as for Setu, he married Mary'

Nesses casos, a partícula foco (como *wɛ* em (41)) é inserida diretamente em Foc, entrando em relação de concordância com o constituinte que está à sua esquerda na sentença.

Nas línguas que não apresentam nenhuma partícula morfológica de foco, como o italiano, o espanhol, o francês, o critério foco pode ser satisfeito por meio da *concordância dinâmica* (cf. Rizzi 1996, 1997) com o núcleo Foc dotado do traço [+F], sem nenhuma realização fonológica. O PB não apresenta nenhuma partícula morfológica de foco, como o Gungbe e o japonês, mas defendemos que, em alguns casos, a cópula e o complementizador preenchem o núcleo Foc. Dessa forma, podem ser considerados morfemas foco em PB.

3.4.3 MORFEMAS FOCO: CÓPULA E COMPLEMENTIZADOR

Uma sentença com a estrutura [*Ser foco que*] pode não ser um caso típico de clivada plena, assim como uma sentença com a estrutura [*XPqueVO*] pode não corresponder à clivada truncada. O elemento focalizado pode não aparecer antes do complementizador, que, por sua vez, pode destacar na sentença o elemento que o segue, ocorrendo uma relação de complementação (núcleo-complemento). Para casos como esses, propomos que o complementizador entra na derivação como um morfema foco.

A focalização de um constituinte por meio de uma relação de complementação também ocorre nas sentenças em que a cópula apenas faz parte do mecanismo da focalização, não figura como um verbo lexical. Nesses casos, a função da cópula é apenas destacar o foco nas sentenças, como vemos em (42)⁴⁵.

- (42) a. A Maria tem vontade de desfilhar na Mangueira no carnaval em 2009.
b. A Maria tem **é** vontade de desfilhar na Mangueira no carnaval em 2009.
c. A Maria tem vontade **é** de desfilhar na Mangueira no carnaval em 2009.
d. A Maria tem vontade de desfilhar **é** na Mangueira no carnaval em 2009.

⁴⁵ Mito (2004) aponta que o PB tem um tipo de pseudoclivada que não exibe a expressão-Wh relativa, como (i):

(i) A Maria **é** é interessante.

O apagamento da expressão-Wh é possível porque a cópula é um morfema foco que transita pela sentença em busca do elemento que deve ser focalizado.

- e. A Maria tem vontade de desfilar na Mangueira **é** no carnaval em 2009.
 f. ?A Maria tem vontade de desfilar na Mangueira no carnaval **é** em 2009.

Nas sentenças em (42) e naquelas em que o elemento focalizado segue o complementizador, o morfema foco, seja o complementizador ou a cópula, ocupa Foc, mas o foco não ocupa o especificador de FocP. Isso não é compatível com a definição criterial assumida em Rizzi (1996, 1997), na qual um critério é satisfeito por meio da relação Spec-núcleo. Rizzi & Shlonsky (2007) propõem uma caracterização mais geral da configuração criterial que codifica tanto a relação Spec-núcleo quanto a relação núcleo-núcleo. As duas configurações têm em comum localidade: nada intervém entre o núcleo criterial e o elemento que satisfaz o critério. A definição criterial proposta pelos autores dá conta dos casos de focalização em que o elemento focalizado segue o núcleo foc.

- (43) Para um traço criterial [+F], X_{+F} é localmente c-comandado por A_{+F} .

A configuração criterial *default* é a relação Spec-núcleo. Se ela não é possível, uma relação de complementação pode ocorrer, sempre respeitando localidade. Quando o elemento focalizado está no Spec FocP em relação direta com o complementizador ou a cópula em Foc, a adjacência entre os dois deve ser mantida. Isso se verifica tanto nas interrogativas *Wh-que* quanto nas sentenças *Foco-que*.

- (44) a. *Quem ontem que comprou um livro?
 b. Quem que ontem comprou um livro?
 c. Quem que comprou um livro ontem?
 d. Ontem quem que comprou um livro?
 e. Quem ontem comprou um livro?
- (44') a. *_F O João] ontem que comprou um livro.
 b. _F O João] que ontem comprou um livro.
 c. _F O João] que comprou um livro ontem.
 d. Ontem _F o João] que comprou um livro.
 e. #O JOÃO ontem comprou um livro.
- (45) a. *Quem rapidamente que comeu o bolo?
 b. Quem que rapidamente comeu o bolo?
 c. Quem que comeu o bolo rapidamente?
 d. Rapidamente quem que comeu o bolo?
 e. Quem rapidamente comeu o bolo?
- (45') a. *_F A Marta] rapidamente que comeu o bolo.
 b. _F A Marta] que rapidamente comeu o bolo.
 c. _F A Marta] que comeu o bolo rapidamente.
 d. Rapidamente _F a Marta] que comeu o bolo.
 e. #A MARTA rapidamente comeu o bolo.
- (46) a. *Quem na próxima semana que viajará?
 b. Quem que na próxima semana viajará?
 c. Quem que viajará na próxima semana?
 d. Na próxima semana quem que viajará?
 e. Quem na próxima semana viajará?

- (46') a. *_F[A Ana] na próxima semana que viajará.
 b. _F[A Ana] que na próxima semana viajará.
 c. _F[A Ana] que viajará na próxima semana.
 d. Na próxima semana _F[a Ana] que viajará.
 e. #A ANA na próxima semana viajará.

As sentenças em (a) mostram que a adjacência entre *Quem-que* e *Foco-que* não pode ser desfeita por nenhum elemento, seja um advérbio seja um adjunto. Como assumimos no capítulo anterior, é uma adjacência real que não permite sequer categorias vazias entre eles (cf. Mioto 1996, 2001). O PB não apresenta movimento de I para C, mas se a cópula é realizada como morfema foco, o núcleo Foc (que nas interrogativas é igual a C) é lexicalizado por ela. Dessa forma, ocorre ou o movimento do constituinte focalizado para o seu especificador ou uma relação local de complementação.

As sentenças em (b-d) são gramaticais porque o elemento que estava entre *Quem/Foco* e o complementizador foi para uma outra posição. As sentenças em (e) mostram que nada impede que um elemento se coloque entre a expressão-Wh e o verbo ou entre o foco e o verbo, o sinal (#) indica que a sentença não é adequada naquele contexto. O sujeito focalizado não deve ser interpretado como simples foco de informação. As sentenças (e) em (44',45',46') são perfeitamente possíveis, mas em um contexto de correção. As sentenças em (a) são sentenças bem formadas no PB quando o foco não é o sujeito nem a expressão-Wh, como (47').

- (47) a. Quando que o João comprou um livro?
 b. Como que a Marta comeu o bolo?
 c. Quando que a Ana viajará?
- (47') a. O João, ontem que ele comprou um livro.
 b. A Marta, rapidamente que ela comeu o bolo.
 c. A Ana, na próxima semana que ela viajará.

Benincà e Poletto (2001) defendem uma relação *one-to-one* entre posição e função: cada interpretação pragmática corresponde a uma posição sintática no CP. A recursão de uma projeção não é admitida. Dessa forma, propõem que não há nenhuma posição TopP abaixo de FocP, que por sua vez não é uma projeção simples, mas é um conjunto de projeções. As autoras assumem que mais de um elemento pode estar no campo foco, mas somente um deles será entoacionalmente marcado. A projeção FocP não é um simples XP, mas constitui um campo que pode englobar mais de um constituinte com propriedades focais, formando a estrutura [Topic Focus1 Focus2].

Não podemos justificar a agramaticalidade das sentenças em que um elemento intervém entre o foco e o complementizador com a proposta das autoras. Para elas não há categoria TopP abaixo de FocP, mas isso não significa que um elemento não possa estar inserido entre um foco e um complementizador. O que as autoras defendem é que os constituintes que podem aparecer depois do foco na periferia esquerda da sentença, que normalmente são classificados como tópico nas sentenças do italiano (cf. Rizzi 1997), devem ser interpretados como foco.

Benincà e Poletto não admitem a recursão de uma projeção, mas propõem que há um campo tópico e um campo foco no domínio CP. Cada campo pode ter

mais de um elemento topicalizado e focalizado, porém esses elementos não são do mesmo tipo. Por exemplo, no campo foco pode ter um foco de informação e um foco contrastivo. Assim, a relação *one-to-one* entre interpretação e posição sintática é garantida. Em nenhum momento, as autoras mencionam que nenhum elemento pode estar entre um foco e um complementizador. Observamos nas sentenças abaixo que não é a falta de projeção TopP abaixo de FocP que impossibilita um elemento de figurar entre o foco e o complementizador. Se o complementizador não está presente, elementos topicalizados podem aparecer depois da expressão-Wh ou do foco, como em (48a,a').

- (48) a. Quem, ontem, depois da festa, beijou o Pedro?
 a'. #A MARIA, ontem, depois da festa, beijou o Pedro.
 b. *Quem, ontem, depois da festa, que beijou o Pedro?
 b'. *A Maria, ontem, depois da festa, que beijou o Pedro.

Nada impede que elementos topicalizados estejam em uma posição mais baixa do que FocP. O sinal (#) em (9b) indica que o sujeito é interpretado como foco contrastivo, por isso, a sentença é inadequada nesse contexto. A proposta de Benincà e Poletto (2001) não explica a impossibilidade de elementos entre a expressão-Wh/foco e o complementizador *que* em PB. Ocorre um problema real de adjacência entre eles.

A adjacência entre o elemento focalizado e o complementizador presente nas clivadas plenas é um indício de que o *que* preenche o núcleo Foc. Na clivada invertida [Foco *ser que*] a cópula ocupa o núcleo Foc⁴⁶ e o complementizador permanece em uma posição mais baixa, que assumiremos ser o núcleo Fin (cf. veremos na seção sobre clivadas). A alternância entre a cópula ou o complementizador preenchendo o núcleo Foc é possível porque os dois são partículas foco em PB.

Assumindo que o complementizador também é um morfema foco nas interrogativas com a estrutura [*Wh-que*], assim como ele é nas clivadas, temos mais um motivo para compreender a tolerância do PB em relação ao Comp duplamente preenchido (cf. Mioto 2001). Se a expressão-Wh tem propriedades focais, pode ocupar o especificador de FocP. Por sua vez, o complementizador pode estar no núcleo Foc, checando o traço de foco da expressão-Wh.

Nossa proposta é que temos dois complementizadores homófonos em PB: *que*_{+F} e *que*_{-F} (cf. Kato & Ribeiro 2005). O complementizador *que*, quando parte da numeração marcado pelo traço [+F], é um morfema foco realizado morfologicamente e assinala que o elemento ligado a ele por meio da relação especificador-núcleo ou relação de complementação deve ser interpretado como o foco da sentença. O mesmo ocorre com a cópula⁴⁷ que parte da numeração marcada como *ser*_{+F} ou como *ser*_{-F}.

⁴⁶ Mioto (2001) aponta que Foc é a posição que aloja I quando ocorre o movimento de I para C; paralelamente, o *que* que acompanha as expressões Wh/Foc no PB preenche Foc, naturalmente com propriedades diferentes do homônimo que preenche Force nas declarativas encaixadas (e do que preenche C nas relativas); por fim, Foc pode ainda ser nulo no PB. Acrescentamos que a cópula, quando usada para focalizar, ao contrário de um verbo lexical comum, pode se mover para Foc em PB por causa das suas propriedades de morfema foco nessa língua.

⁴⁷ Belletti (2009) e Frascarelli & Puglielli (2008) propõem que a cópula é a realização lexical do morfema foco em muitas línguas. Nesse caso, a cópula já sai da numeração carregando o traço [+F], não há nenhuma violação a Condição de Inclusividade. Mas não estamos de acordo com a proposta de Frascarelli & Puglielli de que as construções com foco implicam necessariamente na presença de uma *small clause*.

3.4.4 TRAÇO FOCO E CONDIÇÃO DE INCLUSIVIDADE

Neste estudo, identificamos o foco como uma propriedade sintático-semântica gramaticalizada na forma de um elemento funcional (partícula foco – Gungbe), de uma morfologia especial (algum processo de afixação), de um traço morfossintático (nas línguas que não apresentam nem partícula nem morfologia especial). A existência da partícula foco em algumas línguas é uma evidência empírica para a postulação de uma posição especial dedicada ao elemento focalizado nas sentenças. (cf. Rizzi 2006; Belletti 2008).

Um modelo baseado no sistema de traços, desenvolvido por Chomsky (1995, 1998 e trabalhos posteriores), trabalha com a terminologia de traço formal (forte *versus* fraco). Rizzi (1997) identifica os traços criteriais que podem ser interpretáveis ou não-interpretáveis. De acordo com Belletti (c.p), a terminologia de traço formal não deve ser confundida com a terminologia de traço criterial. O traço puramente formal não está relacionado às propriedades interpretativas, como os traços que estão ligados ao discurso (tópico, foco), são traços como Caso, flexão que não exibem quaisquer funções na sintaxe. Já o traço criterial exibe uma função na sintaxe: por estar ligado à propriedade interpretativa de um elemento, dispara o movimento dele para uma posição específica, facilitando a interpretação desse elemento nos componentes de interface.

De acordo com a abordagem criterial, a prosódia tem acesso a sentença diretamente da estrutura, da representação sintática. Por isso, a necessidade de um constituinte com função discursiva estar em uma posição sintática específica. Aboh (2007) fala em traço formal para foco, mas, nesse caso, o autor não está se referindo ao sentido puramente formal, mas ao fato de ser um traço que está na numeração e que deve ser checado. A checagem desse traço ocorre na sintaxe porque, de acordo com a proposta cartográfica, um elemento foco ou tópico deve ocupar uma posição específica, entrar em relação especificador-núcleo. Belletti (c.p) afirma que não devemos empregar a terminologia de traço forte ou fraco, que é usada na identificação de elementos que têm somente função gramatical, para o foco. Para os elementos com propriedades sintáticas e semânticas devemos trabalhar apenas com a terminologia de traço criterial interpretável ou não-interpretável. A abordagem criterial tem sido desenvolvida por traços interpretáveis do sistema A', os quais não desaparecem das representações, mas requerem um licenciamento local.

Segundo Brunetti (2003), o problema de uma análise que codifica as propriedades do foco na sintaxe é a legitimidade do traço [+foco]. Como codificar uma categoria pragmática como foco dentro da computação? A autora afirma que o traço é uma propriedade de um item do léxico e a expressão focalizada pode conter mais do que um item lexical. Nesse caso, o traço é conduzido apenas por um item da expressão no início da derivação, o resto da expressão deve receber o traço via *percolação*. Brunetti questiona como saber qual dos itens da expressão focalizada é o que entra na derivação com o traço [+foco]? Se toda sentença é focalizada, terá percolação; se apenas o DP é o foco, não terá percolação do traço. Essa situação não é vantajosa para a teoria. Para a autora, o problema é o fato de a propriedade da focalização (*focushood*) não ser uma propriedade de um item lexical. Ela pode envolver um elemento

menor, ou mais frequentemente, um elemento maior. Brunetti afirma que o traço [+foco] viola a condição de inclusividade proposta por Chomsky (1995)⁴⁸.

Rizzi (2004) afirma que os traços podem ser criteriais (interpretáveis) ou formais (não-interpretáveis). O autor propõe que as construções tópico e foco envolvem núcleos especiais, e que o traço que corresponde ao constituinte topicalizado e focalizado, quando estes entram na derivação, é atribuído livremente aos núcleos funcionais, como um traço-*phi*. Assim, não aparece nenhum problema relacionado à condição de inclusividade. Essa marcação torna a expressão disponível para atração, e, normalmente, tem efeitos fonológicos refletidos pelos contornos entoacionais das sentenças com tópico e foco.

Aboh (2007) afirma que a estrutura de informação é uma propriedade do léxico, e os seus efeitos podem ser vistos em outros domínios além do sentencial. Noções relacionadas à estrutura de informação são parte do léxico, portanto, vêm da numeração. O autor defende esta tese com base nas línguas que codificam a estrutura de informação lexicalmente, por meio de partículas, morfemas.

Segundo Aboh, a numeração pré-determina a estrutura de informação da expressão linguística, e a sintaxe fixa as propriedades da estrutura de informação. Os falantes das línguas com marcadores morfológicos de foco adquirem as partículas referentes à estrutura de informação como parte do léxico. Nas línguas em que não há partículas morfológicas, como o inglês, a sua presença é revelada por outras pistas, como a prosódia, por exemplo. A estrutura de informação deve ser adquirida juntamente com as propriedades lexicais.

Duas sentenças podem ter a mesma numeração e divergir apenas com relação ao rearranjo das propriedades lexicais. De acordo com Aboh, sentenças interrogativas sempre envolvem uma partícula interrogativa, diferente de uma expressão-Wh, que pode ser nula em algumas línguas (inglês), e lexicalmente realizada em outras línguas (chinês mandarim, cf. Aboh & Pfau 2006). As propriedades sintáticas que desencadeiam a formação da interrogativa também governam a estrutura de informação requerida na resposta (por exemplo, foco de informação *versus* foco contrastivo). O núcleo funcional Foc presente na numeração de uma interrogativa sinaliza que a resposta também deve conter uma expressão focalizada.

Uma partícula dentro do domínio nominal define o foco da sentença em Gungbe. Aboh (2004) observa que a partícula foco sentencial *wé* requer a partícula *té* a nível nominal para que uma interrogativa-Wh seja bem formada (sempre com a ordem X-Foc, X o elemento focalizado ou interrogado). A interação entre o domínio sentencial e o domínio nominal é possível porque itens

⁴⁸ Alguns autores, como Brunetti (2003, 2004), Zubizarreta (1998), Szendrői (2001, 2002), Reinhart (2006), assumem que o traço foco viola a condição de inclusividade. Uma vez que não é claro como foco pode ser uma propriedade de um item lexical, nem como ele governaria a computação sintática dentro do mecanismo de checagem de traço proposto por Chomsky. Dessa forma, Zubizarreta (1998) propõe uma formulação enfraquecida da condição de inclusividade, a qual permite que um traço foco tenha um papel na computação sintática. Já Szendrői (2001, 2002), com base em Reinhart (1995), afirma que a existência de um traço foco na sintaxe deve ser rejeitada, e que o foco é codificado na prosódia através da proeminência principal. A correspondência entre proeminência prosódica e foco é possível por meio de um elo direto entre LF e PF. De acordo com essa proposta, foco não exibe qualquer papel na sintaxe: o movimento do foco não pode ser disparado por traço, nem há posições distintas de tópico e foco. A autora rejeita o modelo-T da gramática e propõe uma arquitetura em que LF e PF se comunicam diretamente. Nesse caso, a condição de inclusividade é preservada ao custo de transformar o modelo-T da gramática.

lexicais codificam expressões tópico e foco que se projetam na sintaxe e, como tal, são adquiridos. Para Aboh (2007), a aquisição da estrutura de informação, não só em Gungbe como em todas as línguas, ocorre bem cedo e é sensível a sintaxe.

O autor, buscando evidências para a sua hipótese, apresenta os resultados do estudo de Dyakonova (2004, *apud* Aboh, 2007) sobre aquisição da linguagem em inglês e russo. Inglês é uma língua SVO na qual o fronteamento de constituintes ocorre apenas para codificar noções pragmáticas. Já o russo é uma língua SVO que permite a variação na ordem das palavras quando noções pragmáticas estão em jogo. A predição é que se certas noções pragmáticas são adquiridas como propriedades sintáticas, então as crianças adquirindo russo deveriam realizar mais ordens de palavras do que a ordem básica SVO. Se a pragmática é adquirida depois da sintaxe, as crianças adquirindo inglês e russo usam somente a ordem SVO nas primeiras fases da aquisição. Depois que elas adquirem algumas noções pragmáticas é que empregam outras ordens de palavras.

Os resultados do estudo de Dyakonova confirmam a primeira predição: as noções pragmáticas são adquiridas como propriedades sintáticas. As crianças adquirindo russo, diferentemente das crianças adquirindo inglês, manifestam uma ordem de palavra mais livre, consequência direta da sintaxe da sua língua que é sensível às noções pragmáticas. Se as diversas ordens de palavras resultam de projeções funcionais distintas em russo, o fenômeno é claramente compatível com a visão de que as categorias funcionais relacionadas ao discurso são parte do léxico e, portanto, já estão na numeração.

A proposta de Aboh (2004, 2007) está de acordo com os pressupostos minimalistas, em particular, respeita a condição de inclusividade e o modelo-T da gramática. E, ao mesmo tempo, é uma proposta explicitamente cartográfica: propriedades informacionais são codificadas na sintaxe partindo da numeração e dirigem a derivação sintática. De acordo com essa visão, a sintaxe envia aos componentes externos via *Spell-out* representações nas quais as propriedades discursivas são transparentemente indicadas. Seguindo a proposta do autor, defendemos um modelo de interface sintaxe-prosódia e sintaxe-semântica em que tanto a prosódia quanto a semântica acessam apenas o *output* sintático (cf. Costa & Galves 2006; Bocci 2008). Os componentes PF e LF leem, além do esqueleto funcional X-barra, os traços de escopo-discursivos codificados na representação sintática. Dessa forma, não é necessário um elo direto entre prosódia e LF.

3.5 RESUMO DO CAPÍTULO

Iniciamos este capítulo apresentando alguns aspectos da sintaxe do PB que estão diretamente relacionados ao modo como os falantes desta língua focalizam o sujeito e o objeto. Vimos que Menuzzi (2000) defende a possibilidade de extração do sujeito a partir de uma posição pós-verbal. O estudo de Pilati (2004, 2006), baseado em dados de uso da língua, mostra que a ordem VS ainda é empregada pelos falantes do PB, mas não é o resultado de inversão livre. A partir disso, constatamos que o PB perdeu a propriedade de inversão livre do sujeito, mas mantém a propriedade da aparente configuração *that-t*, como as típicas línguas de sujeito nulo. Essa situação não é esperada, visto que as línguas

românicas que apresentam a configuração *that-t* aparente também apresentam a propriedade de inversão livre do sujeito. Esse estado de coisas não permite que o PB seja classificado como uma língua *pro-drop* prototípica, nem como uma língua genuinamente não *pro-drop*.

De acordo com Duarte (1996), a simplificação no paradigma flexional alterou as características de língua *pro-drop* que o PB apresentava no início do século XIX. Atualmente é visto como uma língua *pro-drop* parcial, na qual o sujeito nulo ainda se mantém apenas na escrita. Outro fator que contribui com a pouca ocorrência de sujeito nulo no PB, pelo menos na modalidade falada, é o enfraquecimento do sistema de clíticos.

Também verificamos que diferentemente do que ocorre com sujeito, o objeto nulo é perfeitamente possível e comum no PB atual, como mostra Cyrino (1997, 2000). A assimetria sujeito-objeto também aparece quando esses constituintes veiculam propriedades sintáticas e semânticas, como foco. A focalização do sujeito apresenta particularidades que não estão presentes na focalização do objeto. Rizzi (2007) defende que a extração-Wh do sujeito e do objeto é outro ponto que ressalta a assimetria entre os dois. A extração do sujeito é bem mais difícil de ocorrer do que a extração do objeto, próprio das particularidades referentes ao sujeito.

Rizzi (2004b, 2006) e Rizzi & Shlonsky (2007) propõem uma posição especial para o sujeito da sentença, Spec SubjP, que corresponde ao Princípio de Projeção Estendida (EPP). SubjP é uma posição criterial e está sujeita aos efeitos do congelamento criterial. Nenhuma posição criterial é dedicada ao objeto, este está livre para a extração.

Em outra seção, apresentamos o critério foco e as propriedades relacionadas à categoria FocP. Mostramos que o paralelismo entre os domínios CP-vP-DP, tratado no trabalho de Drubig (2007), é mais uma evidência de que a categoria FocP é projetada no domínio sentencial, verbal e nominal. Vimos que o critério foco pode ser satisfeito de duas formas: com o núcleo Foc fonologicamente realizado ou com o núcleo Foc vazio, sem realização fonológica. Algumas línguas, como o japonês e o Gungbe, apresentam uma partícula morfológica de foco identificada como o núcleo Foc. Outras línguas não apresentam nenhuma partícula morfológica de foco, como o italiano, o espanhol, o francês. Nessas últimas, o critério foco pode ser satisfeito por meio da *concordância dinâmica* (cf. Rizzi 1996, 1997) com o núcleo Foc dotado do traço [+F], sem nenhuma realização fonológica. O PB não apresenta nenhuma partícula morfológica de foco, mas defendemos que, em alguns casos, a cópula e o complementizador preenchem o núcleo Foc. E, assim, podem ser considerados morfemas foco em PB.

Neste estudo, identificamos o foco como uma propriedade sintático-semântica gramaticalizada na forma de um elemento funcional (partícula foco – Gungbe), de uma morfologia especial (algum processo de afixação), de um traço morfossintático (nas línguas que não apresentam nem partícula nem morfologia especial). A existência da partícula foco em algumas línguas é uma evidência empírica para a postulação de uma posição especial dedicada ao elemento focalizado nas sentenças. (cf. Rizzi 2006; Belletti 2008).

Na última seção deste capítulo, mostramos que o foco não viola a condição de inclusividade. Segundo a proposta de Aboh (2007), a numeração pré-determina a estrutura de informação, e a sintaxe fixa as propriedades dela. Os falantes das línguas com marcadores morfológicos de foco adquirem as partículas referentes à estrutura de informação como parte do léxico. Nas línguas em que não há partículas morfológicas, como o inglês, a sua presença é revelada por

outras pistas, como a prosódia, por exemplo. A estrutura de informação deve ser adquirida juntamente com as propriedades lexicais.

O objetivo deste capítulo foi relacionar alguns aspectos da sintaxe do PB que estão diretamente relacionados ao fenômeno da focalização. No próximo capítulo, mostraremos os resultados de alguns experimentos sobre a focalização, identificando as estratégias escolhidas pelos falantes do PB para focalizar o sujeito e o objeto.

4 ESTRATÉGIAS DE FOCALIZAÇÃO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

4.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo mostramos as estratégias de focalização dos constituintes em PB. Nossa finalidade aqui é descrever como os falantes do PB focalizam o sujeito e o objeto, uma análise teórica dos resultados encontrados na realização dos experimentos sobre focalização não faz parte do escopo do quarto capítulo. Levando em consideração a assimetria no comportamento do sujeito e objeto, optamos por apresentar esse capítulo em duas partes. Em um primeiro momento, mostramos como o objeto é focalizado nessa língua. A partir dos resultados do experimento realizado e das análises da focalização em outras línguas, verificamos se o PB apresenta ou não alguma peculiaridade que o diferencie das demais línguas no que diz respeito à focalização do objeto. A descrição do objeto focalizado em PB se justifica na medida em que visamos um quadro geral do fenômeno da focalização nessa língua. Na literatura sobre o assunto a atenção está voltada para o sujeito informacional, não há nenhum trabalho com dados empíricos sobre o objeto focalizado.

Em um segundo momento, concentramo-nos na focalização do sujeito. Esse é um ponto relevante, uma vez que a gramática do PB, diferentemente da gramática das outras línguas românicas, ainda não tem um *status* preciso no que tange ao comportamento do sujeito. Não há consenso na literatura sobre a classificação do PB quanto ao parâmetro do sujeito nulo, por exemplo. Quanto à focalização informacional do sujeito, optamos por apresentar as estratégias resultantes de experimentos realizados por alguns autores em trabalhos anteriores. No que diz respeito à focalização contrastiva do sujeito, mostramos os resultados do nosso próprio experimento. Ressaltamos que aqueles que já trabalharam com a focalização do sujeito em PB apenas analisaram o sujeito interpretado como foco de informação. A focalização contrastiva do mesmo não foi abordada por tais autores.

O mecanismo utilizado na focalização de constituintes muda de acordo com a sintaxe das línguas. Há línguas que permitem flexibilidade/variação na ordem de constituintes nas sentenças, como o italiano, o espanhol, o PE, o grego. Mas há línguas que não apresentam essa possibilidade de variação da ordem dos constituintes, como o inglês e o francês. O primeiro grupo permite que um sujeito apareça em posição pós-verbal na sentença quando tem a interpretação de foco de informação, enquanto o segundo grupo não dispõe deste recurso para focalizar o sujeito. O PB aparece como uma língua que ora está mais próximo do primeiro grupo ora do segundo, uma vez que permite variação na ordem de constituintes em alguns contextos e, ao mesmo tempo, apresenta-se como uma língua menos flexível.

Uma língua privilegia determinada estratégia de focalização em detrimento de outra que não acarreta qualquer violação gramatical. Por exemplo, o italiano não recorre à estratégia de focalização do francês ou àquela do inglês, ainda que essas não violem nenhum princípio gramatical. O francês adota a estratégia

clivada (reduzida) e não a estratégia de focalização *in situ* do inglês. Esse capítulo visa identificar as estratégias que os falantes do PB empregam para focalizar os constituintes.

A hipótese inicial é que, de um modo geral, os falantes do PB preferem destacar o constituinte focalizado sintaticamente, ao invés de destacá-lo apenas com recursos prosódicos. Disso, surge a hipótese de que a cópula com função de focalizar e o complementizador das clivadas podem ser considerados morfemas foco em PB. Outra hipótese é que as estratégias de focalizar o sujeito não correspondem exatamente às estratégias de focalizar o objeto. Em relação à focalização do sujeito, nossa hipótese é que o PB, por estar perdendo a propriedade de língua de sujeito nulo, emprega as estratégias de focalização das línguas de sujeito não-nulo, como o inglês e o francês. Quanto à focalização do objeto, parece não haver distinção no modo como os falantes das línguas em geral focalizam esse constituinte.

Esse capítulo está organizado em três partes: na primeira apresentamos as estratégias de focalização do objeto que resultaram da aplicação de um experimento realizado para esse estudo; na segunda mostramos como o sujeito é focalizado, apresentamos os resultados do experimento realizado por duas autoras para o foco de informação e, em seguida, o nosso experimento para o foco contrastivo; na última mostramos como as sentenças copulares comportam-se diferentemente das declarativas simples no que diz respeito à focalização do sujeito.

4.2 OBJETO FOCALIZADO

4.2.1 O EXPERIMENTO

O objetivo desse experimento era verificar quais as estratégias de focalização do objeto empregadas por falantes do PB. Como desconhecemos qualquer estudo empírico que trate das estratégias de focalização do objeto nessa língua, foi investigado tanto o fenômeno da focalização informacional quanto da focalização contrastiva desse constituinte.

4.2.1.1 METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesse experimento consistiu na aplicação de um questionário do tipo "múltipla escolha". Na elaboração desse questionário, foram manipulados contextos próprios de ocorrências de objeto focalizado informacionalmente e contextos próprios de ocorrências de focalização contrastiva do objeto. Esses contextos foram intercalados e misturados com outros contextos que não requeriam a focalização do objeto, como em (3). O questionário continha 10 situações discursivas com uma pergunta no final, para os casos de foco de informação – como em (1), ou com uma sentença a ser completada, para os casos de foco contrastivo – como em (2).

- (1) Estamos em um bar e na mesa ao lado João lê alguma coisa. Eu não consigo identificar o que é e pergunto a você: **O que o João está lendo?**
- a. () João está lendo um jornal.
 - b. () É um jornal que João está lendo.
 - c. () Um jornal que João está lendo.
 - d. () É um jornal.
 - e. () O que João está lendo é um jornal.
 - f. () Um jornal João está lendo.
- (2) **Léo comprou um carro** essa semana. Karin sabia da nova aquisição do amigo e quando escuta Vitor comentar que **Léo comprou uma moto** ela diz:
- a. () Foi um carro que Léo comprou.
 - b. () Léo comprou um carro.
 - c. () Um carro que Léo comprou.
 - d. () O que Léo comprou foi um carro.
 - e. () Um carro Léo comprou.
 - f. () Foi um carro.
- (3) Mário vê que seu amigo está aos prantos e pergunta: **O que aconteceu?**
- a. () Minha mulher me deixou.
 - b. () É a minha mulher que me deixou.
 - c. () O que aconteceu é que a minha mulher me deixou.
 - d. () Minha mulher que me deixou.

Cada um dos contextos apresentava 6 opções de respostas, exceto nos contextos em que o objeto não era focalizado. Caso o sujeito experimental não concordasse com nenhuma das opções, não precisaria assinalar nenhuma das alternativas dadas e deveria escrever a sentença que ele empregaria no contexto dado. Das 10 situações discursivas elaboradas, 5 requeriam a focalização informacional do objeto, 3 a focalização contrastiva e 2 sem focalização do objeto. Participaram do experimento 21 falantes de regiões diversificadas, de diferentes sexo e faixa etária (20 a 36 anos). Cabe ressaltar que desses 21 informantes, apenas 5 são estudantes de linguística. Ao todo foram obtidas 210 sentenças, sendo 105 com objeto focalizado informacionalmente, 63 com objeto focalizado contrastivamente, e 42 sentenças sem focalização do objeto. O Quadro 1 mostra os dados dos participantes.

QUADRO 1 – Identificação dos participantes do experimento.

PARTICIPANTES	SEXO	IDADE	REGIÃO
1	F	29	São Paulo/SP
2	F	26	Criciúma/SC
3	F	22	Florianópolis/SC
4	M	26	Brasília/BR
5	F	30	Urussanga/SC
6	F	25	Tubarão/SC
7	F	29	São Paulo/SP
8	F	20	Urussanga/SC
9	F	21	Blumenau/SC
10	M	27	Londrina/PR
11	F	33	Florianópolis/SC
12	F	28	Tubarão/SC
13	M	24	Florianópolis/SC
14	F	36	Porto Alegre/RS
15	F	30	Florianópolis/SC
16	F	25	Imbituba/SC
17	F	28	Orleans/SC
18	M	26	São Paulo/SP
19	F	30	São Paulo/SP
20	F	25	Porto Alegre/RS
21	F	29	Florianópolis/SC

Como a investigadora se encontrava em Siena/Itália no período de execução do experimento, o mesmo foi realizado por meio de correspondência eletrônica (e-mail)⁴⁹. Foi enfatizado aos participantes que escolhessem a alternativa mais natural possível em relação ao contexto apresentado, aquela que eles usariam em situação real de uso. Não foi feita nenhuma manipulação em relação à classe verbal empregada nos contextos usados no questionário.

4.2.1.2 RESULTADOS GERAIS

Nessa seção apresentamos os resultados gerais do experimento realizado. As estratégias escolhidas pelos falantes do PB para focalizar o objeto serão analisadas separadamente nas seções que seguem.

O total de sentenças com focalização informacional do objeto foi de 105. A estratégia preferida pela maioria dos participantes foi o uso da sentença SVO, objeto *in situ*, que apareceu em 99 sentenças. Apenas 6 sentenças clivadas apareceram como estratégia de focalização informacional do objeto, sendo 2 clivadas reduzidas e 4 pseudoclivadas. O gráfico abaixo mostra os valores percentuais do resultado obtido nesse experimento em relação ao objeto focalizado informacionalmente.

⁴⁹ Todos os participantes desse experimento receberam as instruções para a realização do mesmo por escrito no documento que apresentava os contextos discursivos e também por meio do contato virtual com a investigadora via *messenger* e *skype*.

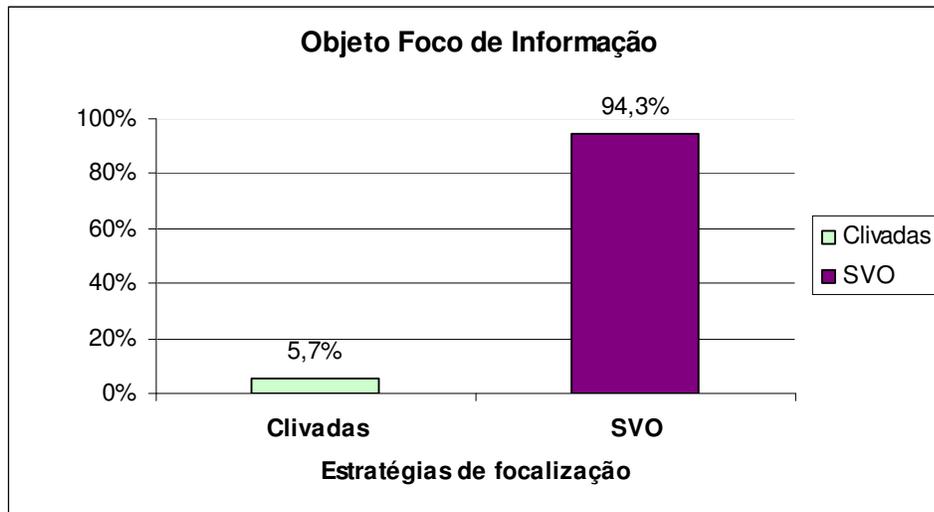


FIGURA 1 – Valor percentual de cada tipo de estratégia de focalização informacional do objeto escolhida pelos sujeitos experimentais.

Observamos na figura acima, que a estratégia de focalização *in situ* é a opção preferida dos falantes do PB quando está em jogo a focalização informacional do objeto. A estratégia clivada apareceu como estratégia de focalização informacional do objeto somente na forma de clivada reduzida e pseudoclivada. E, ainda assim, é um número irrelevante quando comparado com a escolha da sentença SVO. Cabe ressaltar que nenhum participante escolheu uma sentença clivada plena como resposta a uma interrogativa-Wh sobre o objeto.

Quanto à focalização contrastiva do objeto, obtivemos, dos contextos que requeriam esse tipo de foco, um total de 63 sentenças. Duas estratégias foram escolhidas: as clivadas, 59 ocorrências, e as sentenças SVO, 4 ocorrências. O resultado é a imagem especular do resultado obtido na focalização informacional do objeto.

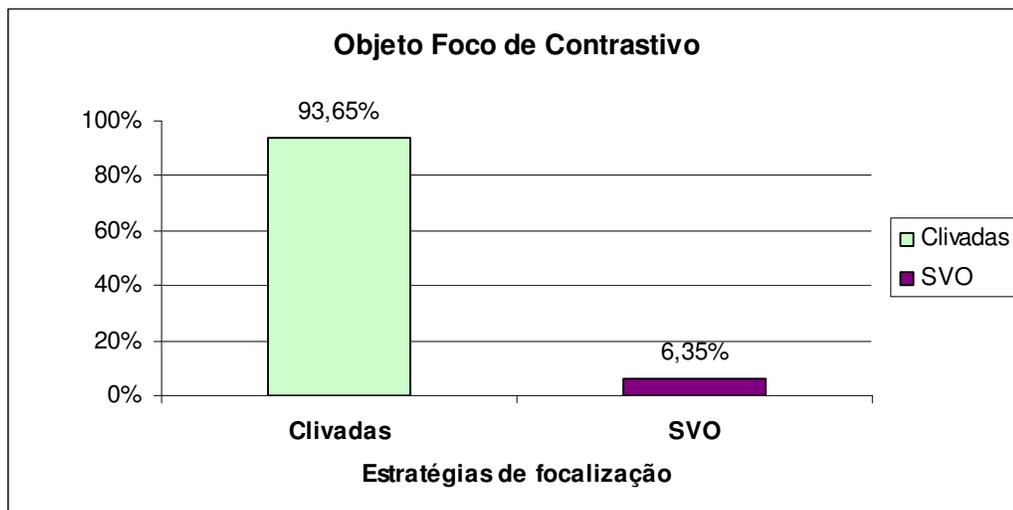


FIGURA 2 – Valores percentuais de cada tipo de estratégia de focalização contrastiva do objeto escolhida pelos sujeitos experimentais.

A Figura 2 mostra exatamente o contrário da Figura 1. A estratégia predominante para a focalização contrastiva do objeto é o uso das sentenças clivadas. Já a estratégia de focalização *in situ* foi escolhida somente por dois participantes.

As sentenças clivadas, escolhidas como estratégia de focalização contrastiva do objeto, são de três tipos: clivada plena, clivada reduzida e pseudoclivada.

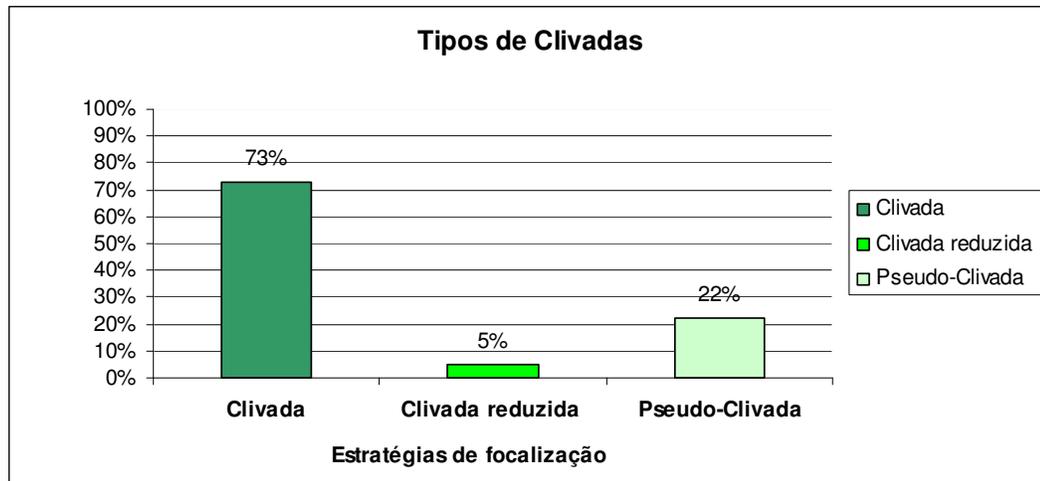


FIGURA 3 – Valores percentuais dos tipos de clivadas escolhidas pelos participantes.

Das 59 sentenças clivadas, 43 foram clivadas plenas, 3 clivadas reduzidas e 13 pseudoclivadas. As sentenças OSV e OqueSV, com objeto deslocado, não foram escolhidas como estratégia de focalização contrastiva do objeto. Apenas três participantes apontaram que, além das clivadas, empregariam essas sentenças.

4.2.2 COMO FOCO DE INFORMAÇÃO

4.2.2.1 SUJEITO–VERBO–OBJETO

A estratégia de focalização *in situ* (sentenças SVO) foi o resultado predominante no experimento realizado para os casos de objeto interpretado como foco de informação. Nesse estudo, consideramos a focalização *in situ* como um processo que não envolve movimento do constituinte focalizado para uma parte alta da estrutura. Não quer dizer que o constituinte focalizado *in situ* está na posição em que recebe o papel temático na sentença.

Em se tratando da focalização do objeto, as línguas naturais não apresentam grandes diferenças entre si. Os falantes do PB, assim como os falantes do italiano, espanhol, PE e francês, deixam o objeto focalizado informacionalmente na posição mais encaixada da sentença. Nessa posição não ocorre nenhum conflito interpretativo entre sintaxe e PF.

Praticamente todos os participantes do experimento escolheram como resposta para uma interrogativa-Wh como aquelas em (4a) e (5a) a sentença com a ordem SVO, como (4b) e (5b).

- (4) a. O que Ana comprou?
b. Ana comprou [_F uma bolsa].
- (5) a. O que a enfermeira está carregando?
b. Ela está carregando [_F um estetoscópio].

A sentença SVO com objeto focalizado pode aparecer em contextos em que um advérbio está presente, como em (6):

- (6) a. O que a Maria comeu rapidamente?
b. A Maria comeu rapidamente [_F o bolo].
c. A Maria comeu [_F o bolo] rapidamente.

O advérbio *rapidamente* faz com que o objeto não seja o único constituinte à direita do verbo. Em contextos desse tipo, o objeto tende a permanecer na posição mais encaixada, depois do advérbio, mas nada exclui que ele esteja logo depois do verbo.

No que diz respeito ao objeto focalizado, o PB, assim como o inglês, permite um certo reordenamento na sentença para que o foco apareça na última posição. Mas nada impede que esse reordenamento não ocorra e o foco não seja o elemento mais encaixado.

- (7) a. O que O João deu para a Maria?
b. O João deu para a Maria [_F um presente].
c. O João deu [_F um presente] para a Maria.
- (8) a. Para quem o João deu um presente?
b. O João deu um presente para [_F a Maria].
c. ??O João deu para [_F a Maria] um presente.

Ainda que o objeto direto focalizado possa aparecer logo depois do verbo, como em (7c), verificamos que há opção de reordenamento entre o objeto direto foco e o objeto indireto. Já quando o foco é o objeto indireto, a sentença mais adequada é aquela em que ele está na posição mais encaixada. O reordenamento de constituintes em PB só é possível com elementos focalizados pós-verbais.

4.2.2.2 PSEUDOCLIVADA PLENA E REDUZIDA

Outra estratégia de focalização informacional do objeto que apareceu nos resultados do experimento, ainda que em número irrelevante, foi a pseudoclivada, em sua forma plena e reduzida, como em (8b,d) e (9b,d), respectivamente.

- (8) a. O que a enfermeira está carregando?
b. O que a enfermeira está carregando é [_F um estetoscópio].

- c. O que o João está lendo?
 d. O que o João está lendo é [_F um livro].
- (9) a. O que a enfermeira está carregando?
 b. É [_F um estetoscópio].
 c. O que o João está lendo?
 d. É [_F um livro].

A pseudoclivada é uma sentença copular que destaca o foco sintaticamente. Tem como sujeito uma relativa livre introduzida por uma expressão-Wh e como predicado a cópula e o constituinte focalizado.

Ainda que o total de ocorrências de pseudoclivada tenha sido muito baixo, apenas 6 das 105 sentenças com objeto interpretado como foco de informação, é perfeitamente aceitável que tais sentenças apareçam como respostas a interrogativas-Wh. Nesses casos, o objeto nada mais faz do que veicular a informação não pressuposta. Diferentemente da interpretação do objeto em uma clivada plena. Nesse experimento, nenhum participante escolheu a clivada plena como uma estratégia de focalização informacional do objeto.

Nas pseudoclivadas reduzidas, em (9b,d), a pressuposição não é fonologicamente realizada. Muitos falantes tendem a não repetir a informação conhecida pelos participantes do discurso em uma situação pergunta-resposta. E, por isso, respondem só com a cópula e o constituinte focalizado. Esse tipo de resposta é uma das formas mais naturais de responder uma pergunta em uma situação de produção oral.

Mioto (2003) aponta que uma pseudoclivada tem a mesma estrutura da A₂ da *Assertion Structure* (AS) proposta por Zubizarreta (1998) para o foco não-contrastivo (= foco de informação).

- (10) a. O que João está lendo é um livro.
 b. A₂: O x tal que João está lendo x = [_F um livro].

A semelhança entre as estruturas em (10a), uma pseudoclivada, e (10b), A₂ do foco não-contrastivo, é uma evidência de que a pseudoclivada pode veicular um simples foco de informação, ainda que o constituinte focalizado seja o objeto.

4.2.3 COMO FOCO CONTRASTIVO

4.2.3.1 SUJEITO-VERBO-OBJETO

As sentenças com a ordem SVO foram assinaladas como estratégia de focalização contrastiva do objeto apenas por dois participantes do experimento, aparecendo somente em 4 ocorrências do total dos dados. Esse resultado é o oposto do resultado obtido quando o objeto tem a interpretação de foco de informação.

Em um contexto como (11a), dois sujeitos experimentais completaram a informação dada com a sentença em (11b).

- (11) a. Todos os dias **Marta ganha uma flor de um admirador secreto**. Zeca contou aos amigos do escritório que **Marta ganha um chocolate todos os dias**. Pedro sabendo que isso não é verdade diz:
- b. A Marta ganha UMA FLOR⁵⁰ (todos os dias), não um chocolate.

A estratégia de focalização *in situ* não constitui a opção preferida dos falantes do PB em contextos que requerem uma leitura contrastiva do objeto. Antes de analisarmos os resultados do experimento, esperávamos uma ocorrência maior da estratégia de focalização *in situ* para o objeto foco contrastivo. Uma vez que o PB é uma língua na qual o reordenamento de constituintes dificilmente ocorre.

A investigação das estratégias de focalização do objeto confirma a nossa hipótese inicial de que, sem a possibilidade de reordenamento livre dos constituintes e não escolhendo a estratégia de focalização *in situ*, o uso da cópula é o recurso preferido pelos falantes do PB para focalizar tanto o sujeito quanto o objeto. Isso vai ao encontro da afirmação de Negrão (2001) de que o PB, por ser uma língua voltada para o discurso, privilegia marcar na sintaxe a função informacional dos constituintes da sua sentença. Veremos no decorrer desse capítulo, especialmente na seção sobre a cópula, que esse verbo transita pela sentença sem maiores problemas em busca do constituinte que deve ser focalizado.

4.2.3.2 CLIVADA PLENA E REDUZIDA

A sentença clivada plena apresenta o constituinte focalizado entre a cópula e o complementizador (*que*), como nos exemplos em (12). Esse tipo de sentença apareceu como estratégia de focalização do objeto apenas nos contextos que requeriam foco contrastivo, diferentemente do que ocorre quando o sujeito é focalizado, conforme verificaremos na seção sobre o sujeito. A clivada plena foi o tipo de estratégia predominante nos dados do experimento, das 63 ocorrências de objeto focalizado contrastivamente, 43 foram clivadas plenas, um total de 68,25%.

- (12) a. É UMA FLOR que Marta ganha (todos os dias).
 b. Foi A GABRIELA que ele conheceu.
 c. Foi UM CARRO que Léo comprou.

Os contextos nos quais os participantes escolheram as clivadas para focalizar o objeto, como aquelas em (12), são os que aparecem em (13).

- (13) a. Todos os dias **Marta ganha uma flor de um admirador secreto**. Zeca contou aos amigos do escritório que **Marta ganha um chocolate todos os dias**. Pedro sabendo que isso não é verdade diz:

⁵⁰ Nessa tese, o uso de maiúsculas representa o foco contrastivo e de identificação. No experimento, não empregamos esse recurso gráfico.

- b. Pedro e Luca viajaram para Barcelona. Lá **Pedro conheceu a Gabriela** e, por esse motivo, decidiu não voltar mais ao seu país. Os amigos de Pedro conversam sobre sua atitude e um deles diz: Tudo isso porque **ele conheceu a Joana**. Você sabe que não é verdade e diz:
- c. **Léo comprou um carro** essa semana. Karin sabia da nova aquisição do amigo e quando escuta Vitor comentar que **Léo comprou uma moto** ela diz:

Para cada um desses contextos, havia 6 alternativas para que o participante escolhesse aquela que considerasse mais natural como continuação da situação discursiva. Por exemplo, para (13b) foram dadas as alternativas em (14).

- (14) a. () Ele conheceu a Gabriela.
 b. () Foi a Gabriela que ele conheceu.
 c. () Quem ele conheceu foi a Gabriela.
 d. () A Gabriela ele conheceu.
 e. () Foi a Gabriela.
 f. () A Gabriela que ele conheceu.

Observamos em (14) que dentre as opções fornecidas havia tipos distintos de sentenças, como: SVO, clivada plena, pseudoclivada, OSV, clivada reduzida e *OqueSV*.

A sintaxe da sentença clivada deixa explícito que houve uma operação de focalização. Essa operação se processa de tal forma que a estrutura resultante tem uma posição destinada para o constituinte focalizado. Cabe ressaltar que nem toda estrutura que contém um constituinte entre a cópula e o complementizador deve ser considerada uma clivada.

Para que uma sentença seja caracterizada como uma clivada o XP que segue a cópula deve ser interpretado como foco. Quando uma sentença apresenta a estrutura [*ser* + XP + *que* [_{TP} ec...]] e o constituinte focalizado não é o XP, a mesma não será classificada como uma clivada. Por exemplo, podemos imaginar uma situação em que algumas pessoas conversam sobre um livro que sumiu da biblioteca. Um dos participantes do discurso pergunta (15a), em seguida, outra pessoa responde com a sentença (15b).

- (15) a. Qual foi o livro que sumiu da biblioteca?
 b. Foi um livro que a Maria leu.

Nesse contexto, o constituinte pós-cópula é a informação velha e a interpretação focal recai sobre a relativa *que a Maria leu*. (15b) também não seria classificada como uma sentença clivada quando ela responde uma pergunta do tipo *O que aconteceu?*, pois nesse caso, toda a sentença é focalizada (foco amplo).

Ressaltamos que as sentenças clivadas também são usadas em contextos de foco de identificação (cf. Kiss 1998). Uma situação discursiva em que a clivada veicula esse tipo de foco é quando ocorre uma identificação exaustiva. De acordo com Kiss, a identificação ocorre da seguinte maneira: do conjunto de elementos dados contextualmente, é identificado um único elemento para o qual

o predicado se aplica. Diferentemente da clivada com interpretação contrastiva, na clivada com foco de identificação não há espaço para um contraste entre dois elementos. O constituinte focalizado marcado pelo traço de exaustividade deve ser lido como [*x e apenas x*]. No capítulo 5 apresentaremos uma análise das sentenças clivadas, portanto, nessa seção não nos referimos as propriedades sintáticas desse tipo de sentença. Nosso objetivo aqui é descrever as estratégias possíveis de focalização de sujeito e objeto que aparecem em PB.

O apagamento da pressuposição na clivada plena resulta nas sentenças conhecidas como clivadas reduzidas. Em nosso experimento obtivemos somente 3 ocorrências desse tipo de sentença com objeto foco contrastivo, um total de 4,7% dos dados. Nesse caso, a sentença é composta pela cópula e o foco, como em (16).

- (16) a. É UMA FLOR.
b. Foi UM CARRO.

Apresentamos na última seção desse capítulo uma descrição de sentenças copulares no PB que mostram que a função da cópula é justamente marcar o foco das sentenças. Assim, tanto em situações de pergunta-resposta quanto em contextos de contraste/correção é normal que alguns falantes optem pelo uso da clivada reduzida ou pseudoclivada reduzida.

4.2.3.3 PSEUDOCLIVADA

Na seção 2.2.2. definimos a pseudoclivada como uma sentença copular que destaca o foco sintaticamente. Também afirmamos que esse tipo de sentença também é natural em contextos de pergunta-resposta, embora os falantes do PB prefiram a declarativa simples SVO. Outra situação em que a pseudoclivada aparece como estratégia de focalização do objeto é em contextos de contraste/correção, como aqueles dados em (13). Para esses contextos, alguns participantes optaram pelas sentenças em (17).

- (17) a. O que Marta ganha é UMA FLOR.
b. Quem o Pedro conheceu foi A GABRIELA.
c. O que Léo comprou foi UM CARRO.

No experimento realizado, obtivemos um total de 13 ocorrências de pseudoclivadas, 20,63% dos dados, um número mais significativo se comparado com as ocorrências desse tipo de sentença como estratégia de focalização informacional do objeto. A ocorrência menor de pseudoclivada e sentenças SVO em relação à clivada plena quando o objeto é focalizado contrastivamente indica que os falantes preferem não manter o objeto com esse tipo de interpretação na posição mais encaixada da sentença. O deslocamento do objeto sobressai à focalização *in situ* quando está em jogo uma interpretação de contraste/correção. A clivada objeto mostra claramente que esse constituinte não está em uma posição baixa, por isso, que essa sentença não foi escolhida nenhuma vez como estratégia de focalização informacional desse constituinte. Os resultados do nosso experimento confirmam a hipótese de Belletti (2008c) de que a clivada sujeito foco de informação e a clivada não-sujeito possuem

estruturas diferentes. No próximo capítulo, veremos a análise proposta para essas sentenças.

4.2.3.4 OBJETO–*QUE*–SUJEITO–VERBO

No experimento realizado, as sentenças *OqueSV* e OSV não foram escolhidas como estratégia de focalização contrastiva do objeto, mas por serem possíveis nesse contexto e importantes para a análise que apresentaremos no próximo capítulo, mostramos a descrição das mesmas.

A construção *OqueSV* difere da sentença OSV por apresentar o complementizador *que* entre o objeto e o sujeito, como em (18).

(18) UM LIVRO *que* a Maria leu.

A sentença em (18) não responde adequadamente uma interrogativa-Wh do tipo *O que a Maria leu?*. O objeto focalizado é associado ao valor positivo de um ou ambos os traços [contraste/exaustividade].

Se o objeto em (18) não sofrer deslocamento, teremos a construção *queSVO* que é agramatical em PB:

(19) **Que* a Maria leu um livro.

O objeto não pode ficar *in situ* porque o complementizador requer a presença de um elemento focalizado para que se configure uma relação especificador-núcleo entre os dois. De acordo com Miotto (2003), a interdependência verificada entre um foco e o complementizador é um argumento em favor de que a focalização ocorre por meio de uma configuração especial, *Spec-núcleo*, contra a focalização em adjunção a IP.

A construção *OqueSV* também pode aparecer em uma sentença encaixada. Apenas se realiza nessa posição quando o verbo lexical seleciona um CP [-Wh], como em (20a), ou em interrogativa sim/não, como em (21a).

(20) a. O Pedro disse *que* UM LIVRO *que* a Maria leu.
b. *UM LIVRO o Pedro disse *que* *que* a Maria leu.

(21) a. O Pedro perguntou se UM LIVRO *que* a Maria leu.
b. *UM LIVRO o Pedro perguntou se *que* a Maria leu.

A agramaticalidade de (20b) e (21b) decorre do deslocamento do objeto para a sentença matriz. Na sentença encaixada, a interdependência entre o complementizador *que* e o constituinte focalizado também deve ser mantida. Essa situação não se verifica na sentença OSV encaixada sem complementizador, como veremos na próxima seção.

4.2.3.5 OBJETO–SUJEITO–VERBO

Nas sentenças OSV o objeto é sempre associado a uma interpretação de contraste/correção⁵¹, o seu deslocamento não permite que essa construção apareça em um contexto de pergunta-resposta, como em (22).

- (22) a. O que a Maria leu?
b. #UM LIVRO a Maria leu.

A sentença (22b) fornece mais informações do que a pergunta solicita. Nesse caso, o objeto deslocado só pode estar associado aos traços [+contrastivo/+exaustivo]. A estrutura OSV também pode figurar nas sentenças encaixadas, como na declarativa em (23) e na interrogativa sim/não em (24).

- (23) a. O Pedro disse que UM LIVRO a Maria leu (não a revista).
b. UM LIVRO o Pedro disse que a Maria leu (não a revista).
- (24) a. O Pedro perguntou se UM LIVRO a Maria leu (não a revista).
b. UM LIVRO o Pedro perguntou se a Maria leu (não a revista).

Diferentemente do que ocorre com as sentenças *OqueSV* encaixadas, nas construções OSV encaixadas o objeto focalizado pode se deslocar para a sentença matriz, como em (23b) e (24b). Não há nada que impeça esse deslocamento. Essa diferença indica que nas sentenças do tipo *OqueSV* o complementizador e o foco configuram uma relação especial que acarreta em agramaticalidade quando a mesma é violada.

Nas encaixadas que selecionam um CP [-Wh], como ilustra (25), o objeto focalizado pode permanecer *in situ* (25a) ou deslocado (25b,c), mas, ele não pode estar antes do complementizador, como mostra a agramaticalidade de (25d):

- (25) a. O Pedro disse que a Maria leu UM LIVRO.
b. O Pedro disse que UM LIVRO a Maria leu.
c. UM LIVRO o Pedro disse que a Maria leu.
d. *O Pedro disse UM LIVRO que a Maria leu.

(25d) é agramatical porque o complementizador *que* ocupa a posição mais alta na estrutura da sentença encaixada, o constituinte focalizado *um livro* não pode estar acima dele. Analisando a estrutura das clivadas plenas, verificamos que a ordem entre o foco e o complementizador é Foco-Comp, enquanto nas declarativas OSV encaixadas é Comp-Foco. Esse fato indica que a posição do complementizador não deve ser a mesma nos dois tipos de sentenças. De acordo com a proposta de Belletti (2008a,c), o CP das clivadas não é do mesmo tipo do CP das declarativas subordinadas. No próximo capítulo mostraremos como é o CP das clivadas.

⁵¹ O PB é uma língua que não permite que o objeto com simples interpretação de foco de informação apareça em posição inicial. Há línguas como o Siciliano (Cruschina 2004,2006) e o Húngaro (Belletti 2008) nas quais o objeto focalizado informacionalmente pode estar deslocado, formando a ordem OSV.

De um modo geral, observamos que as estratégias de focalização do objeto empregadas pelos falantes do PB são focalização *in situ* (SVO) e as sentenças clivadas (clivada plena e pseudoclivada). Quando o objeto tem a interpretação de foco de informação, o uso de SVO sobressai ao uso das clivadas; quando o objeto tem interpretação contrastiva, as sentenças clivadas constituem a estratégia preferida. O resultado do experimento realizado aponta que as estratégias de focalização contrastiva do objeto formam justamente a imagem especular das estratégias de focalização informacional desse constituinte. O PB se comporta como as outras línguas aqui analisadas em relação à focalização do objeto. Não há nada de peculiar que diferencie o processo de focalizar esse constituinte em PB desse mesmo processo nas demais línguas.

Na próxima seção apresentamos as estratégias de focalização do sujeito. Essa parte pode ser dividida em dois blocos: no primeiro, mostramos os resultados de experimentos realizados por outros autores acerca da focalização informacional do sujeito; no segundo bloco, apresentamos os resultados do experimento realizado na preparação da tese sobre a focalização contrastiva do sujeito. Como o fenômeno da focalização informacional do sujeito no PB já foi abordado por outros autores, optamos por mostrar as estratégias de focalização e as análises dadas pelos mesmos. Ressaltamos que a análise proposta nessa tese para os casos de focalização do objeto e do sujeito será apresentada no quarto capítulo. O objetivo aqui é apontar as estratégias de focalização do PB com base em dados experimentais, não em dados intuitivos, baseados em juízos de gramaticalidade.

4.3 SUJEITO FOCALIZADO

4.3.1 COMO FOCO DE INFORMAÇÃO

4.3.1.1 ANÁLISE DE FERNANDES (2007)

4.3.1.1.1 O EXPERIMENTO

Fernandes (2007) investiga a focalização informacional do sujeito nas duas variedades do português: Português Brasileiro e Português Europeu. Analisa a relação entre o peso fonológico dos constituintes e a posição ocupada pelo sujeito focalizado nas sentenças. A autora argumenta em favor de uma análise unificada para as sentenças com foco informacional no sujeito em PB. Também defende que a focalização em PB é sintática e prosódica ao mesmo tempo. Nesta seção apresentamos apenas a discussão da autora referente ao PB.

Fernandes realizou dois experimentos: um questionário escrito do tipo 'teste de múltipla escolha' e entrevistas para que os falantes produzissem sentenças com foco informacional no sujeito. No primeiro experimento, Fernandes investigou se os falantes do PB empregam o sujeito focalizado em

posição pré-verbal ou pós-verbal. No segundo experimento, verificou qual a opção de focalização utilizada pelos falantes, quando submetidos a um questionário 'semi-aberto'. Nesse experimento não eram dadas alternativas aos falantes que deveriam dar oralmente respostas elaboradas por eles e que considerassem naturais às perguntas dos contextos precedentes. A autora gravou 3 falantes nativos do PB com o mesmo grau de escolaridade (segundo grau completo) e do sexo feminino. O total de sentenças foi de 56 sentenças gravadas por cada participante, dessas algumas eram neutras e outras com sujeito focalizado.

O segundo experimento, que é aquele nos interessa aqui, foi dividido em três etapas: na primeira os falantes deveriam responder oralmente as questões referentes ao contexto dado; na segunda etapa, a investigadora questionava se os falantes percebiam alguma diferença nas respostas dadas ao contexto que requeria sujeito focalizado e nas respostas dadas ao contexto que requeria sentença neutra, caso a resposta fosse afirmativa, eles deveriam reproduzir as sentenças; na terceira etapa, a investigadora perguntava aos falantes se eles responderiam à questão do tipo "Quem fez algo?" de maneira diferente das respostas dadas na primeira etapa. Se a resposta fosse afirmativa, era solicitado que os falantes respondessem às perguntas de maneira diferente da qual produziram na primeira etapa do experimento.

4.3.1.1.2 RESULTADOS: SENTENÇAS SVO E CLIVADAS

Segundo os resultados de Fernandes, em PB, ocorre preferencialmente o uso de sentenças na ordem SV(O) com o sujeito portando a proeminência principal (chamadas pela autora de sentenças com foco prosódico) ou o uso de sentenças clivadas plenas e clivadas invertidas. Como nos exemplos abaixo:

- (26) a. [_F A Maria] beijou o João.
b. Foram [_F as velhas] que lavaram as luvas.
c. [_F As velhas] é que lavaram as luvas.

Os valores percentuais das estratégias de focalização informacional do sujeito atestadas no experimento de Fernandes podem ser vistos na figura que segue.

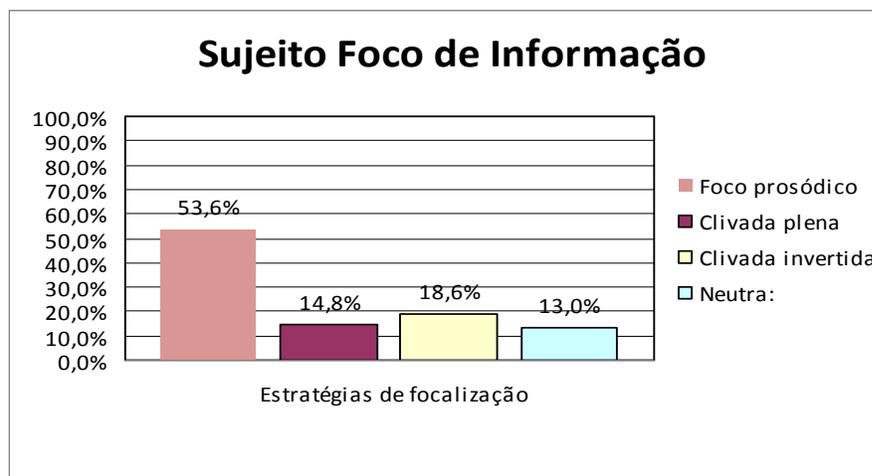


FIGURA 4 – Valores percentuais das estratégias de focalização informacional do sujeito adaptados do estudo de Fernandes (2007).

A sentença pseudoclivada não apareceu nos dados de Fernandes como estratégia de focalização informacional do sujeito. A autora relaciona esse não aparecimento com o fato de o PB ser uma língua orientada para o tópico. Portanto, requer que o elemento relevante do discurso esteja preferencialmente em primeiro lugar na sentença. As tabelas⁵² abaixo mostram os resultados da primeira e da terceira etapa do experimento.

- i. Primeira etapa: estratégia de focalização informacional do sujeito como a primeira opção.

QUADRO 2 – Valores percentuais das estratégias de focalização informacional do sujeito escolhidas como primeira opção pelos participantes do experimento de Fernandes (2007). Esse quadro é uma adaptação do quadro (10, p. 169) da autora.

FALANTES	NEUTRA	FOCO PROSÓDICO	CLIV1	CLIV2	CLIV3
F	1,8% (1)	98,2% (55)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)
G	0,0% (0)	100% (56)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)
T	0,0% (0)	100% (56)	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)

⁵² **Neutra** significa que o participante não empregou nem recurso sintático nem prosódico para focalizar o sujeito. **Foco prosódico** é a sentença SVO, focalização *in situ*. **Cliv1** corresponde à clivada invertida, **Cliv2** corresponde à clivada plena e **Cliv3** corresponde à pseudoclivada.

- ii. Terceira etapa: estratégia de focalização informacional do sujeito como a segunda opção.

QUADRO 3 – Valores percentuais das estratégias de focalização informacional do sujeito escolhidas como segunda opção pelos participantes do experimento de Fernandes (2007). Esse quadro é uma adaptação do quadro (12, p. 170) da autora.

FALANTES	NEUTRA	FOCO PROSÓDICO	CLIV1	CLIV2	CLIV3
F	0,0% (0)	0,0% (0)	67,9% (38)	32,1% (18)	0,0% (0)
G	0,0% (0)	0,0% (0)	100% (56)	0,0% (0)	0,0% (0)
T	0,0% (0)	0,0% (0)	0,0% (0)	100% (56)	0,0% (0)

Na primeira etapa os participantes deveriam responder uma pergunta-Wh sobre o sujeito. Nessa fase, todos responderam com a sentença SV. Depois a investigadora questionava-os se eles responderiam aquela mesma pergunta de outra forma, se a resposta fosse “sim”, eles responderiam novamente. Nessa outra etapa, a opção escolhida foi a clivada invertida (94 sentenças, de um total de 168) e a clivada plena (74 sentenças, de um total de 168). A última coluna das duas tabelas mostra que a sentença pseudoclivada não foi escolhida como estratégia de focalização informacional do sujeito por nenhum dos três sujeitos experimentais.

Segundo Fernandes, o sujeito foco de informação só aparece depois do verbo nas sentenças com verbos inacusativos e quando o sujeito é ‘fonologicamente pesado’⁵³, como (27):

(27) Chegou [_F o porto-riquenho]. (Quem chegou?)

Para Fernandes, nas sentenças VS inacusativas do PB, assim como nas copulares e existenciais, o traço EPP é checado por um pronome expletivo nulo.

Em sentenças com verbos transitivos e inergativos, a posposição do sujeito focalizado não é possível, mesmo que o sujeito seja ‘fonologicamente pesado’. De acordo com Fernandes, o PB é uma língua de sujeito nulo, mas dada sua pobreza morfológica de concordância pessoal, é uma língua que usa a ordem dos elementos na sentença para interpretar um DP como sujeito da sentença em PF. Zubizarreta (1998) propõe que o francês utiliza a estrutura de informação para que PF interprete o sujeito nas sentenças dessa língua. Para Fernandes, o pronome expletivo nulo não é possível com sentenças inergativas VS e transitivas VOS. Nesses casos o pronome expletivo nulo não ganha índices referenciais, compatíveis com o sujeito pós-verbal, através da concordância verbo-pessoal. Assim, não é possível que PF interprete o DP pós-verbal como sujeito da sentença.

Em decorrência disso, há uma fixação maior do DP sujeito na posição pré-verbal nas sentenças para que o mesmo seja corretamente identificado como sujeito em PF. Se a concordância verbal fosse rica em PB, ela poderia dar pistas

⁵³ A autora considera um constituinte ‘pesado fonologicamente’ quando é formado por mais de uma palavra fonológica. O sujeito “o porto-riquenho” é composto de duas palavras fonológicas, um sintagma sintático e seis sílabas [(o.por.to)ω(ri.que.nho)ω].

para que PF identificasse o DP pós-verbal como sujeito da sentença. O experimento de Fernandes mostra que a ordem SV é predominante até mesmo nas sentenças com verbos inacusativos.

A autora, seguindo Kato & Ribeiro (2005), propõe que tanto nas sentenças SV(O) quanto nas clivadas canônicas e invertidas o sujeito focalizado informacionalmente ocupa uma posição fora do domínio TP, em Spec CP.

Uma evidência sintática apontada por Fernandes para a sustentação da sua proposta, de que não só o sujeito das clivadas, mas também o sujeito da sentença SV(O) ocupam Spec CP, é a semelhança das sentenças interrogativas-Wh com as construções de sujeito focalizado.

- (28) a. Quem que chutou a bola?
a'. Quem chutou a bola?

- (29) a. [_F O João] que chutou a bola⁵⁴.
a'. [_F O João] chutou a bola.

Nas sentenças em (28), a expressão-Wh está em Spec CP. Segundo a autora, há um paralelismo entre as sentenças em (28) e em (29). O sujeito focalizado em (29a) e (29a') ocupa o especificador de CP. A única diferença é que na primeira sentença o núcleo de CP é lexicalmente preenchido pelo complementizador *que*.

Outra evidência sintática assinalada pela autora para corroborar com a sua análise é a distribuição dos advérbios altos com leitura orientada para o sujeito, como 'inteligentemente' na sentença abaixo:

- (30) a. ??Inteligentemente **o João** leu o livro.
b. **O João** inteligentemente leu o livro.
[Quem inteligentemente leu o livro?]

Segundo Fernandes, a posição mais natural para o advérbio é entre o sujeito focalizado e o verbo. Essa intervenção é possível porque o sujeito não está no especificador de TP, mas no domínio CP.

Por fim, a autora fornece uma evidência fonológica para a posição A-barra do sujeito focalizado informacionalmente no PB. Essa evidência é a possibilidade de haver um acento frasal depois do sujeito focalizado (seja ele clivado ou não). Uma vez que nas sentenças neutras, com sujeito em Spec TP, não aparece esse acento depois do sujeito. A estrutura entoacional codifica uma mesma estrutura sintática para todos os casos de focalização informacional do sujeito em PB: sentenças SV(O) e clivadas.

Partindo dessas evidências empíricas, Fernandes propõe as seguintes derivações sintáticas para as sentenças com sujeito focalizado em PB⁵⁵:

- (116') [_{CP} As venezuelanas_i [_{C'} +F [_{TP} t_i lavaram as luvas]]]
(117') [_{TP} *pro* foram_j [_{CP} as venezuelanas_i [_{C'} que_{+F} [_{TP} t_i lavaram as luvas]]]]]
(118') [_{CP} As velhas_i [_{C'} é_j +F [_{TP} t_j [_{CP} que_{-F} [_{TP} t_i choraram]]]]]]]
(119') [_{CP} As velhas_i [_{C'} que_{+F} [_{TP} t_i choraram]]]
(120') [_{CP} As velhas_i [_{C'} +F [_{TP} t_i choraram]]]

⁵⁴ Exemplos extraídos de Fernandes (2007:322).

⁵⁵ Foi mantida a enumeração dos exemplos conforme aparece em Fernandes (2007:326).

As derivações acima estão baseadas na análise de Kato & Ribeiro (2005) que propõem a existência de dois tipos de complementizadores homófonos nas sentenças clivadas, 'que_{+F}' e 'que_{-F}', e um traço de foco 'F' não realizado lexicalmente no PB.

Na sentença clivada (117') e na clivada invertida sem a cópula (119'), o sujeito é movido para Spec CP para checar o traço foco [+F] com 'que_{+F}' em C por meio da relação especificador-núcleo. Enquanto na clivada invertida com a cópula (118'), o sujeito está no Spec CP₂ em relação especificador-núcleo com C dotado de traço [+F] não realizado lexicalmente. O sujeito não ocupa Spec CP₁ porque nessa posição não consegue checar seu traço [+F], já que o complementizador possui o traço [-F].

Nas sentenças com foco prosódico (116') e (120'), o sujeito focalizado também é movido para fora de TP, para Spec CP. Nesses casos, o traço foco do sujeito é checado por meio da relação especificador-núcleo com um traço [+F] não realizado lexicalmente em C. Tanto nas sentenças clivadas quanto nas sentenças com foco prosódico, Fernandes propõe que o movimento do sujeito focalizado para Spec CP ocorre na sintaxe visível, não em LF. Ainda afirma que o movimento sintático do sujeito para fora de TP é codificado na estrutura entoacional em PF através do acento frasal associado à direita do sujeito focalizado.

O sujeito focalizado nas sentenças VS inacusativas também é movido para Spec CP para checar seu traço de foco, mas somente em LF, como em (122'):

(122') Em LF: [CP as meninas belas_i [C' +F [TP *pro* [T'[T [vP [VP chegaram t_i]]]]]]]

Segundo Fernandes, a checagem do traço foco ocorre em LF para que a ocorrência da ordem VS seja possível em PF.

Resumindo, a proposta de Fernandes é a que nos casos de focalização informacional do sujeito em PB as estratégias escolhidas pelos falantes dessa língua são: sentenças SV(O) com foco prosódico e sentenças clivadas (canônicas e invertidas). Em todos esses casos o sujeito ocupa o especificador de CP. A evidência prosódica para tal afirmação é que o acento tonal carregado pelo sujeito em sentenças neutras e sentenças com foco prosódico é o mesmo. Porém, apenas essas últimas apresentam a associação de um acento frasal à fronteira direita do sujeito focalizado. Essa associação tonal indica que o sujeito foco de informação não deve estar em Spec TP, como ocorre nas sentenças neutras, mas em uma posição mais alta, fora de TP. Se o sujeito focalizado informacionalmente permanecesse em Spec TP, deveria carregar um acento tonal específico que o distinguísse da produção em sentença neutra.

A análise defendida por Fernandes (2007) não é satisfatória se o objetivo é propor uma análise para todas as estratégias de focalização do PB, tanto no caso do sujeito quanto no caso do objeto. Quando consideramos, além da focalização informacional do sujeito, a focalização contrastiva do sujeito e a focalização informacional e contrastiva do objeto verificamos pontos importantes que influenciam na posição ocupada pelo constituinte focalizado. A autora assume que a entoação é uma evidência forte de que o sujeito foco de informação ocupa uma posição no domínio CP, uma vez que ela diferencia a sentença declarativa simples de uma SVO com sujeito foco de informação. Uma sentença SVO com sujeito foco contrastivo também não tem a mesma marcação prosódica de uma declarativa simples. Nesse caso, tanto o sujeito foco de informação quanto o

sujeito foco contrastivo estariam ocupando a mesma posição na sentença? Fernandes assume que o foco é lido da configuração sintática, então, como os componentes de interface interpretariam a diferença entre os dois tipos de foco? No capítulo 5, apontaremos algumas evidências que não permitem manter o sujeito foco de informação em Spec CP.

Como Fernandes investigou apenas as estratégias de focalização informacional do sujeito em PB, propôs uma análise que não pode ser estendida para o objeto foco de informação, por exemplo. A autora também defende que o movimento do sujeito foco de informação para Spec CP ocorre na sintaxe visível, mas quando o verbo da sentença é inacusativo, esse movimento espera até LF. Veremos na análise proposta no quinto capítulo, para os casos de focalização de sujeito e objeto em PB, que o constituinte focalizado sempre se move na sintaxe visível para a posição responsável pela checagem do traço [+F]. Não há necessidade de assumir um movimento em LF, até mesmo porque os componentes de interface interpretam o foco diretamente da configuração sintática.

Outro fato que observamos é que nos resultados de Fernandes a sentença pseudoclivada não aparece como uma possível estratégia de focalização informacional do sujeito. A autora relaciona a falta de pseudoclivada com o fato de o PB ser uma língua voltada para tópico. Essa afirmação por si só não é consenso na literatura do assunto. Também veremos nas seções que seguem que a pseudoclivada é uma estratégia de focalização recorrente quando o sujeito é foco contrastivo. E apareceu nos dados de Guesser (2007) como uma estratégia de focalização informacional do sujeito⁵⁶ significativa.

4.3.1.2 ANÁLISE DE GUESSER (2007)

4.3.1.2.1 O EXPERIMENTO

Guesser (2007) estuda a focalização informacional do sujeito em PB baseada em dados experimentais. A autora realizou um experimento para identificar as estratégias empregadas pelos falantes do PB para focalizar informacionalmente o sujeito. A focalização contrastiva do sujeito não faz parte do escopo do trabalho de da autora. O experimento realizado é uma adaptação ao PB do experimento empregado por Belletti & Leonini (2004) no estudo da inversão do sujeito por falantes de italiano L2.

O experimento consistiu na apresentação de 22 cenas de filme em PowerPoint com duração de mais ou menos 15 a 20 minutos. Em cada cena há um personagem que lança uma pergunta sobre a situação apresentada ali e que deve ser respondida pelo sujeito experimental. Além disso, a investigadora fez outras perguntas relacionadas a cada cena. Também há perguntas distrativas (*fillers*) para que os sujeitos não empreguem sistematicamente o mesmo tipo de resposta. A instrução dada aos participantes foi que respondessem da forma mais natural possível. Cada participante foi testado individualmente, as respostas foram gravadas em áudio, depois transcritas e analisadas. As sentenças sem

⁵⁶ Côrtes Junior (2006), em seu estudo sobre clivadas e pseudoclivadas, aponta a pseudoclivada como uma estratégia recorrente na focalização informacional do sujeito (25%, contra 33% de clivada plena).

Nesse caso, ocorre cancelamento da cópula.

(35) Pseudoclivada

a. Quem falou foi um rapaz.

b. $[_{TP} \text{ Foi}_i \dots [_{Top} [_{Foc} [_{Top} [_{VP} t_i [_{SC} \text{ um rapaz } [_{CP} \text{ Op que falou}]]]]]]]$ \Rightarrow

c. $[_{TP} [_{CP} \text{ quem falou}]_k \text{ foi}_i \dots [_{Top} [_{Foc} \text{ um rapaz}_j [_{Top} [_{VP} t_i [_{SC} t_j t_k]]]]]]]$

A derivação parte da estrutura da clivada, como vemos em (35b). A cópula vai para T. Depois ocorre movimento do foco para Spec FocP acima de VP. O movimento do CP relativo para posição de sujeito da sentença (Spec TP), como em (35c), é o que diferencia a derivação da pseudoclivada da derivação da clivada. Segundo Guessser, o operador nulo na relativa predicado da SC em (35b) é uma realização não lexical do pronome *quem*.

O operador relativo nulo é identificado por meio da concordância com os traços do sujeito da SC *um rapaz*. Quando ocorre movimento do CP relativo, os traços do operador nulo não são mais recuperáveis. Dessa forma, o operador deve ser realizado na forma da expressão interrogativa *quem*. Esse elemento tem seus próprios traços, não necessita de uma relação de concordância com o sujeito da SC *um rapaz*. A falta do complementizador *que* em (35c) pode ser explicada assumindo o princípio de Doubly-Filled Comp.

De acordo com Guessser, analisando as estruturas clivadas como uma família derivada de uma sentença clivada, as estratégias de focalização do sujeito informacional em PB sofrem uma redução de sete para quatro tipos. Resultando em 50% de construções clivadas, 38% de sentenças SV, 8% de sentenças VS e 4% de passivas, conforme verificamos na figura que segue.

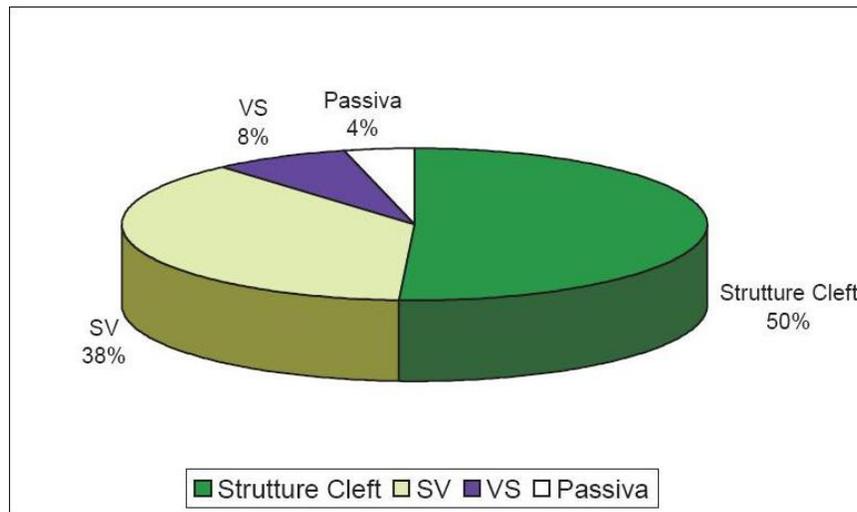


FIGURA 5 – Valores percentuais das estratégias de focalização informacional empregadas pelos falantes do PB no experimento de Guessser.

FONTE: Guessser (2007:105)

Guessser atestou que a variação que ocorre nas estratégias de focalização informacional do sujeito, principalmente entre o uso de clivadas e de sentenças SVO, não se manifesta individualmente nos participantes do experimento. Cada

indivíduo escolhe uma estratégia como predominante e a produz na grande maioria dos contextos.

O trabalho de Guesser é de cunho descritivo a respeito do modo como os falantes do PB empregam o sujeito foco de informação. A autora não forneceu uma análise para os casos de focalização *in situ* do sujeito. E em relação às clivadas, Guesser assume a análise de Belletti (2007), mas se mostra hesitante quanto ao tipo de foco veiculado pela clivada em contexto pergunta-resposta, como verificamos nas palavras da autora.

Nesse trabalho, fica em aberto a questão a respeito do tipo de foco veiculado pelas clivadas e clivadas truncadas, se se trata de foco de identificação ou de informação nova. Entretanto, assumir-se-á que, mesmo que a interpretação de foco de identificação esteja em jogo nas clivadas, essa interpretação é resultante do fato que o elemento focalizado ocupa a posição Focus na periferia de VP. (p. 113. Tradução minha).

A afirmação da autora não pode ser mantida para o PB, uma vez que o sujeito foco das clivadas só tem a interpretação de foco de identificação quando for exaustivo. E essa interpretação não é vinculada a um contexto pergunta-resposta que requer apenas uma informação não-pressuposta. Como os dados de Guesser resultam de perguntas-Wh, do tipo 'Quem fez isso?', não é possível identificar o sujeito clivado como foco de identificação. Ainda, segundo Kiss (1998), o foco de identificação envolve necessariamente movimento A-barrá para a periferia esquerda da sentença. Esse tipo de foco não permanece em uma posição baixa na estrutura.

Mioto (2001, 2003), Mioto & Negrão (2006) e Quarezemin (2005) apontam que uma clivada não responde uma interrogativa-Wh em PB justamente porque o constituinte clivado está associado à interpretação exaustiva ou contrastiva, não podendo, assim, ser interpretado como simples foco de informação. A proposta desses autores é válida para os casos de clivada objeto, mas, como mostram os resultados de Guesser (2007) e Fernandes (2007), não podem ser mantidas para as clivadas que veiculam sujeito foco de informação. Propomos nessa tese que a clivada sujeito que aparece como resposta a uma interrogativa-Wh veicula foco de informação. O foco de identificação não está em jogo nesse contexto.

4.3.2 COMO FOCO CONTRASTIVO

4.3.2.1 O EXPERIMENTO

O objetivo desse experimento foi identificar as estratégias de focalização contrastiva do sujeito. Como já apontado, a literatura sobre o fenômeno da focalização em PB apenas trata do sujeito foco de informação. Nossa intenção é recolher dados empíricos sobre focalização do sujeito e do objeto, tanto informacional quanto contrastivo, para montar um quadro geral da focalização desses constituintes em PB.

4.3.2.1.1 METODOLOGIA

Para a realização desse experimento foram elaborados 10 contextos que requeriam focalização contrastiva do sujeito. Esse experimento, assim como o experimento do objeto focalizado, foi realizado por meio de correspondência eletrônica. Participaram do experimento 19 falantes do PB de regiões diversificadas, de diferentes sexo e faixa etária (21 a 36 anos; 1 informante com 10 anos e 1 participante com 56 anos). O quadro a seguir mostra os dados dos sujeitos experimentais.

QUADRO 4 – Identificação dos participantes do experimento.

PARTICIPANTES	SEXO	IDADE	REGIÃO
1	F	10	Urussanga/SC
2	F	26	Criciúma/SC
3	F	22	Florianópolis/SC
4	M	26	Brasília/BR
5	F	30	Urussanga/SC
6	F	25	Tubarão/SC
7	F	29	Lages/SC
8	F	21	Urussanga/SC
9	F	21	Blumenau/SC
10	M	27	Londrina/PR
11	F	33	Florianópolis/SC
12	F	28	Tubarão/SC
13	M	24	Florianópolis/SC
14	F	36	Porto Alegre/RS
15	F	30	Florianópolis/SC
16	F	25	Imbituba/SC
17	F	28	Orleans/SC
18	F	31	São Paulo/SP
19	F	56	Urussanga/SC

Os falantes deveriam completar a situação discursiva dada pela investigadora com uma sentença completa, entendendo por completa uma sentença não formada apenas pelo sujeito focalizado. Ainda que nos contextos elaborados fosse praticamente impossível o falante introduzir uma sentença somente com o sujeito, uma vez que não havia perguntas do tipo 'Quem fez isso? / Quem comprou isso?' a serem respondidas.

A instrução enfatizada aos falantes era para que produzissem as sentenças que considerassem mais naturais possíveis em relação ao contexto discursivo apresentado. Essa instrução foi enfatizada visto que grande parte dos participantes não era composta por estudantes ou pesquisadores de linguística e muitos acreditam que o linguista está interessado na verificação da norma culta da língua. Assim, poderiam formar sentenças estilizadas que normalmente não empregariam em situação natural⁵⁷. Abaixo listamos alguns dos contextos elaborados para esse experimento.

⁵⁷ A maioria dos falantes demonstrou certo receio em relação ao fato de não ter respeitado as normas da língua formal. Muitos chegaram a pedir que fosse desconsiderada a falta de acentuação, vírgula, concordância. O que demonstra que muitas pessoas associam a pesquisa linguística às

- i. Seus amigos estão comentando que "A MARTA⁵⁸ fala francês". Você sabe que isso não é verdade, pois A MARTA não sabe francês. E você também sabe que A JOANA fala francês. Então você entra na sala e diz:
- ii. Seus amigos estão comentando que "O PEDRO comprou um carro". Você sabe que isso não é verdade, pois O PEDRO não comprou nenhum carro agora. E você também sabe que o comprador do carro é O MARCO. Então você entra na sala e diz:
- iii. Seus amigos estão comentando que "O MATEUS participou do soletrando". Você sabe que isso não é verdade, pois O MATEUS não sabe soletrar. E você também sabe que O GUSTAVO participou do soletrando. Então você entra na sala e diz:

Cada participante completou 10 situações discursivas diversas, totalizando 190 sentenças com sujeito focalizado contrastivamente. Não faz parte do escopo desse estudo investigar se o tipo de verbo (inacusativo, inergativo ou transitivo) interfere na escolha por determinada estratégia de focalização do sujeito foco contrastivo. Dessa forma, não foi feita nenhuma manipulação em relação à classe verbal empregada nos contextos.

4.3.2.1.2 RESULTADOS GERAIS

Nessa seção apresentamos os resultados gerais do experimento realizado. As estratégias escolhidas pelos falantes do PB para focalizar contrastivamente o sujeito serão analisadas separadamente nas seções que seguem.

O total de sentenças com focalização contrastiva do sujeito foi de 190. A estratégia preferida pela maioria dos participantes foi o uso das sentenças clivadas, que apareceram em 149 sentenças. Assim como no experimento de Guesser (2007), as clivadas aqui são de diversos tipos: clivada plena (36a), clivada invertida (36b), clivada reduzida (36c), pseudoclivada (36d), pseudoclivada invertida (36e), e clivada truncada (*SqueVO*)⁵⁹ (36f). Uma outra estratégia escolhida por alguns dos participantes foi a sentença SVO (36g), focalização *in situ*, que teve um total de 38 ocorrências. De uma forma bem menos significativa, a sentença copular especificacional (36h) ocorreu em 3 sentenças.

- (36) a. Foi A PAULA que ganhou o prêmio.
b. A JOANA é que fala francês.
c. Foi A JULIA.

regras da gramática normativa. Alguns falantes se recusaram a participar do experimento afirmando que "não sabiam escrever nem falar corretamente".

⁵⁸ Os nomes próprios foram escritos com o uso de maiúsculas para que os participantes visualizassem bem a relação entre dois personagens na situação discursiva dada. Esse recurso gráfico não se refere a um acento prosódico sobre o sujeito.

⁵⁹ Empregamos o nome clivada truncada proposto por Guesser (2007) para as sentenças com a ordem *SqueVO* do PB.

- d. Quem participou do soletrando foi O GUSTAVO.
- e. É O MIOTO quem sabe sintaxe.
- f. O ENÉIAS que perdeu as eleições.
- g. O MARCO comprou um carro.
- h. A ganhadora do prêmio é A PAULA.

A Figura 6 a seguir mostra os valores percentuais do resultado obtido nesse experimento em relação às estratégias de focalização do sujeito foco contrastivo.

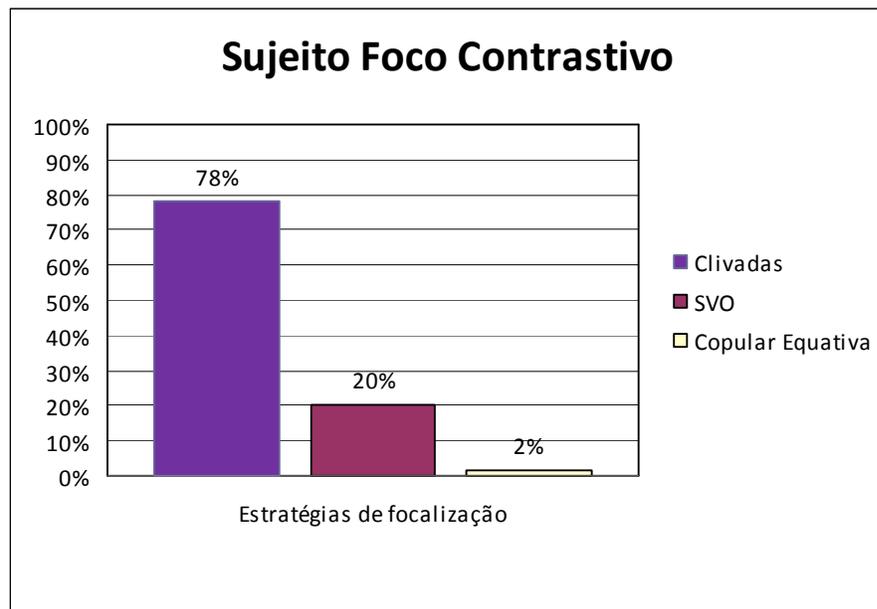


FIGURA 6 – Valores percentuais das estratégias de focalização contrastiva do sujeito.

Assim como verificamos nos resultados do experimento sobre a focalização contrastiva do objeto, o uso das clivadas sobressai em número significativo à focalização *in situ*, SVO. Uma questão que se coloca é: a estrutura da clivada que veicula sujeito contrastivo é a mesma da clivada que veicula sujeito foco de informação?; ou ainda, a estrutura das clivadas com sujeito e objeto contrastivos é a mesma? Na análise proposta por Fernandes (2007), a clivada sujeito foco de informação tem a mesma estrutura da sentença SVO com sujeito focalizado informacionalmente. Como a análise de Fernandes diferenciaria uma clivada com sujeito foco de informação de uma clivada com sujeito foco contrastivo? Como a proposta da autora explicaria o número elevado de ocorrências de clivadas em contexto de pergunta-resposta sobre o sujeito, e nenhuma clivada plena em contexto de pergunta-resposta sobre o objeto? Essas questões serão abordadas no próximo capítulo da tese.

Quanto às sentenças clivadas, constatamos a ocorrência de 6 tipos diferentes: clivada plena (52 sentenças do total de 190), clivada invertida (10 sentenças), clivada reduzida (8 sentenças), pseudoclivada (49 sentenças), pseudoclivada invertida (14 sentenças), clivada truncada-*SqueVO* (16 sentenças). A Figura 7 aponta os valores percentuais de cada tipo de clivada empregada pelos participantes do experimento.

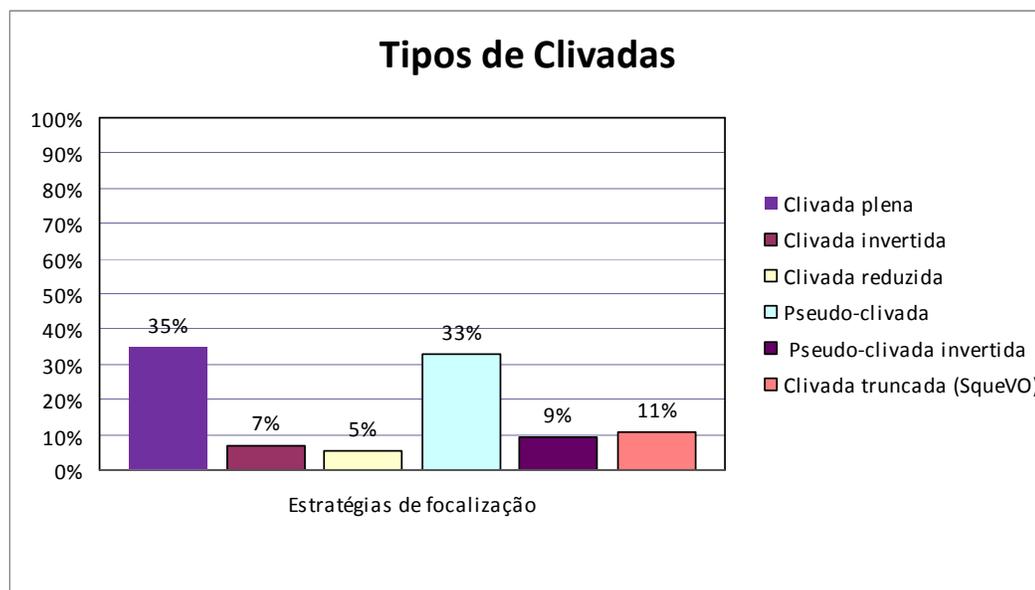


FIGURA 7 – Valores percentuais de cada tipo de clivada que apareceu nos dados do nosso experimento.

A Figura 7 indica que de todas as clivadas os dois tipos de sentenças predominantes como estratégias de focalização contrastiva do sujeito são a clivada plena e a pseudoclivada, seguidas pela clivada truncada e pseudoclivada invertida. Assim como Guesser (2007) constatou em seu experimento, observamos que cada indivíduo escolhe um tipo de estratégia, clivada ou focalização *in situ*, e a emprega em todos os contextos. O quadro abaixo mostra que cada participante optou por uma estratégia de focalização ao invés de alternar entre uma e outra.

QUADRO 5 – Estabilidade dos falantes na escolha de determinada estratégia de focalização.

NÚMERO DE PARTICIPANTES	CLIVADAS	SVO	COPULAR	TOTAL
11	10	0	0	110
3	0	10	0	30
2	9	1	0	20
1	9	0	1	10
1	8	0	2	10
1	5	5	0	10

Verificamos no Quadro 5 que 11 participantes optaram somente pela estratégia clivada. 3 indivíduos empregaram apenas sentenças SVO, focalização *in situ*. 2 participantes usaram 9 sentenças clivadas e 1 SVO. 1 indivíduo usou 9 clivadas e apenas 1 sentença copular especificacional. 1 sujeito empregou 8 clivadas e 2 copulares especificacional. 1 único participante apresentou variação entre as duas estratégias: em 5 contextos optou pelas clivadas e em outros 5 contextos pelas sentenças SVO. Esse participante também foi o único que apresentou uma variação considerável no uso da clivada: empregou 1 pseudoclivada, 1 pseudoclivada invertida, 2 clivadas truncadas e 1 clivada reduzida.

Quanto ao uso da focalização *in situ*, sentenças SVO, ressaltamos que os 3 participantes que escolheram somente essa estratégia fizeram uma observação de que o sujeito seria “falado fortemente”⁶⁰ na produção oral daquelas sentenças. Esse “falado fortemente” significa que o sujeito receberia um acento diferente dos demais constituintes, destacando-se na sentença. Fernandes (2007) denominou foco prosódico para as sentenças SVO com sujeito foco de informação. Uma questão a ser respondida no próximo capítulo é se o sujeito foco de informação em uma sentença SVO ocupa a mesma posição do sujeito foco contrastivo também em uma sentença SVO.

4.3.2.2 CLIVADA PLENA E INVERTIDA

A clivada plena é a sentença que apresenta o constituinte focalizado entre a cópula e o complementizador. É a estratégia de focalização contrastiva do sujeito preferida pelos falantes do PB. Em nosso experimento ocorreu 52 vezes, totalizando 35% das ocorrências de clivadas. Pelo menos 2 participantes empregaram a clivada plena nos 10 contextos fornecidos pela investigadora, como verificamos em (37).

- (37) a. Foi O MARCO que comprou o carro.
b. Foi A JULIA que viajou.
c. Foi A PAULA que ganhou o prêmio.
d. Foi O CEDRIC que beijou sua mulher.
e. É A JOANA que fala francês.
f. Foi O ENÉIAS que perdeu as eleições.
g. É A SANDRA que mora em Urussanga.
h. É O MIOTO que sabe sintaxe.
i. Foi A GIU que abraçou o aluno.
j. Foi O GUSTAVO que participou do soletrando.

Nas clivadas invertidas, como o próprio nome sugere, o constituinte focalizado está antes da cópula. O total de ocorrências desse tipo de clivada foi de 10 sentenças. Observamos que em todas as sentenças clivadas invertidas a cópula está no tempo presente, como em (38). Nenhum falante usou uma clivada invertida com a cópula no passado, como em (39).

- (38) a. O MARCO é que comprou um carro.
b. A JULIA é que viajou.
c. A PAULA é que ganhou o prêmio.
d. O CEDRIC é que beijou sua mulher.
e. A JOANA é que fala francês.
f. A SANDRA é que mora em Urussanga.
g. O MIOTO é que sabe bem sintaxe.
h. O GUSTAVO é que participou do soletrando.

- (39) O MARCO foi que comprou um carro.

⁶⁰ Termo empregado por um dos participantes.

Esse tipo de clivada não foi selecionado pelos falantes do PB como estratégia de focalização contrastiva do objeto. Uma possível explicação para isso é que no experimento realizado para a focalização do objeto as opções de estratégias de focalização eram dadas e o falante deveria apenas selecionar aquela que seria mais natural para ele. Assim, entre escolher uma clivada plena e uma invertida, optavam pela primeira. Já no experimento da focalização contrastiva do sujeito, nenhuma opção de estratégia foi dada, o falante deveria completar o contexto a sua maneira. Dessa forma, apareceram nos dados mais tipos de clivadas.

Observando as sentenças clivadas invertidas em (38), verificamos que a cópula pode intervir entre o foco e o complementizador. Esse tipo de intervenção não é possível com outros elementos, como um advérbio, por exemplo.

- (40) a. *Foi O PEDRO **ontem** que viajou.
b. Foi O PEDRO que viajou **ontem**.
c. Foi O PEDRO que **ontem** viajou.
d. **Ontem** foi O PEDRO que viajou.
- (41) a. *Foi A ANA **inteligentemente** que leu o livro.
b. Foi A ANA que leu o livro **inteligentemente**.
c. Foi A ANA que leu **inteligentemente** o livro.
d. Foi A ANA que **inteligentemente** leu o livro.
e. **Inteligentemente** foi A ANA que leu o livro.

A cópula é o único elemento que pode quebrar a adjacência entre o foco e o complementizador nas sentenças clivadas. Esse fato indica que a cópula, assim como o complementizador, pode ser considerada um morfema foco em PB. Abordaremos esse tópico na última seção desse capítulo.

4.3.2.3 CLIVADA REDUZIDA

As clivadas reduzidas são as sentenças formadas pela cópula e o constituinte focalizado. A pressuposição é cancelada pelos falantes nesse tipo de clivada. Embora tenham aparecido poucas ocorrências de clivadas reduzidas em nossos experimentos, sabemos que é natural e recorrente o uso da clivada reduzida em contextos de focalização de constituintes. Em nosso experimento, foi solicitado aos participantes que completassem as situações discursivas dadas com sentenças completas. O que evitou o uso desse tipo de estratégia de focalização.

Alguns autores (cf. Côrtes Junior 2006) analisam a sentença formada pela cópula e o foco como casos de pseudoclivada reduzida, ao invés de clivada reduzida. Em nosso experimento constatamos que 5 das 8 ocorrências da sentença [Cópula Foco] aparecem seguindo uma clivada plena, como vemos em (44).

- (44) a. Não foi a Sandra que ganhou⁶¹ foi A PAULA.
b. Não é a Marta que sabe francês, é A JOANA.
c. Não foi a Ana que viajou, foi A JULIA.

⁶¹ Dois participantes empregaram essa sentença com o objeto nulo.

- d. Não foi o Pedro que comprou um carro foi O MARCO.
- e. Não foi a Tharen que abraçou um aluno foi A GIU.

Não apareceu nos dados nenhuma sentença em que a clivada reduzida estivesse seguindo uma pseudoclivada. Esses dados indicam que se os falantes fossem continuar as sentenças [Cópula Foco] em (44), formariam sentenças clivadas plenas, como em (45).

- (45) Não é a Marta que sabe francês, é A JOANA *que sabe francês*.

Como os falantes preferem não repetir a informação compartilhada pelos participantes do discurso, cancelam a pressuposição, restando apenas a cópula e o foco.

4.3.2.4 PSEUDOCLIVADA PLENA E INVERTIDA

O segundo tipo de clivada mais empregada pelos falantes do PB como estratégia de focalização contrastiva do sujeito foi a pseudoclivada plena. Essa sentença é formada por um CP relativo, a cópula e o foco. A diferença entre a pseudoclivada plena e a invertida é que nessa última o CP relativo aparece no final da sentença. Vejamos abaixo os dois tipos de pseudoclivadas que apareceram em nossos dados.

- (46) a. Quem viajou foi A JULIA.
b. Quem mora em Urussanga é A SANDRA.
- (47) a. Foi A JULIA quem viajou.
c. É A SANDRA quem mora em Urussanga.

Em nosso experimento, obtivemos um total de 49 sentenças como aquelas em (46), e 14 ocorrências de sentenças como aquelas em (47). A expressão-Wh presente nas pseudoclivadas plenas (46) e invertidas (47) não deixa dúvida de que o CP dessas sentenças é relativo. Fato que pode ser questionado nas clivadas que apresentam o complementizador no lugar da expressão-Wh (cf. Mito & Negrão 2007).

Na seção sobre a focalização informacional do objeto, mostramos a observação de Mito (2003) que a estrutura da pseudoclivada plena corresponde à A_2 do foco não-contrastivo de Zubizarreta (1998). Isso não impede que uma pseudoclivada veicule um constituinte que esteja associado ao traço de contraste.

4.3.2.5 SUJEITO-QUE-VERBO-OBJETO

As construções *SqueVO* são identificadas nessa tese como clivadas truncadas (cf. Guesser 2007). Diferentemente do resultado obtido no experimento sobre o objeto focalizado contrastivamente, nos dados do experimento sobre o sujeito focalizado contrastivamente encontramos 16 casos

de clivadas truncadas. O não aparecimento da cópula nesse tipo de clivada se deve ao truncamento da sentença. Alguns exemplos de clivadas truncadas com sujeito foco contrastivo que apareceram em nossos dados são aqueles em (42).

- (42) a. O MARCO que comprou um carro.
 b. A PAULA que ganhou um prêmio.
 c. O ENÉIAS que perdeu as eleições.
 d. O MIOTO que sabe sintaxe.

Verificamos que as clivadas invertidas têm a estrutura [*Foco é que*] e as clivadas truncadas têm a estrutura [*Foco que*]. Para Kato e Raposo (1994), Modesto (2001) e Lopes-Rossi (1996), uma sentença do tipo [*Foco é que*] tem a mesma estrutura sintática de uma sentença do tipo [*Foco que*]. O que acontece é que a cópula que está presente nas primeiras não é fonologicamente realizada nas últimas. Segundo esses autores, a adjacência entre o foco e o complementizador *que* é aparente, uma vez que a derivação dessas sentenças conta no mínimo com categorias vazias entre eles⁶².

De acordo com Mioto (1996), uma sentença [*Foco que*] é diferente de [*Foco é que*]. O autor assume que o complementizador está adjacente ao foco quando a cópula não está inserida entre eles. Mioto discorda da assunção dos autores supramencionados de que há pelo menos uma categoria vazia entre o foco e o complementizador. Na seção anterior mostramos que um elemento não pode intervir entre o foco e o complementizador nas clivadas plenas, isso também ocorre com as sentenças do tipo [*Foco que*].

- (43) a. *A JOANA **rapidamente** que acabou os exercícios.
 b. A JOANA que **rapidamente** acabou os exercícios.
 c. A JOANA que acabou **rapidamente** os exercícios.
 d. A JOANA que acabou os exercícios **rapidamente**.
 e. **Rapidamente** A JOANA que acabou os exercícios.

Assim como Mioto (1996, 2003), defendemos que a adjacência entre o foco e o complementizador nas sentenças [*Foco que*] é real. Tanto que nenhum elemento pode intervir entre os dois. As sentenças com a estrutura [*Foco que*] e [*Foco é que*] correspondem a dois tipos de clivadas: à clivada truncada e à clivada invertida, respectivamente.

4.3.2.6 SUJEITO-VERBO-OBJETO

A focalização *in situ*, SVO, é uma estratégia recorrente em PB, tanto para o sujeito quanto para o objeto focalizado. A única diferença é que os falantes focalizam o sujeito na posição superficial em contextos de pergunta-resposta e contextos de correção, enquanto eles dificilmente focalizam o objeto na posição superficial em contextos de correção (ver Figura 2). O que indica que o objeto foco contrastivo deve deixar a sua posição de base para ser corretamente interpretado pelos componentes de interface.

⁶² Mioto (2001:117) representa esta aparente adjacência da seguinte forma:
 [_{FocP} Wh_i [_{IP} ... [_{XP} que [_{IP} ... t_i ...]]]]

A estratégia SVO aparece como a terceira opção mais empregada pelos falantes nos contextos que requerem focalização contrastiva do sujeito, atrás da clivada plena e pseudoclivada plena. Contabilizamos um total de 38 ocorrências de SVO com sujeito foco contrastivo em nosso experimento.

- (48) a. O ENÉIAS perdeu as eleições (não o FHC).
 b. A GIU abraçou um aluno (não a Tharen).
 c. O GUSTAVO participou do soletrando (não o Matheus).

Considerando o resultado dos experimentos de Guessier (2007) e Fernandes (2007), verificamos que os falantes do PB preferem empregar a estratégia SVO mais para os casos de sujeito foco de informação do que para os casos de sujeito foco contrastivo. Uma questão a ser respondida no próximo capítulo é se o sujeito foco contrastivo na sentença SVO ocupa a mesma posição do sujeito foco de informação.

Uma diferença entre a sentença SVO com sujeito foco de informação e a sentença SVO com sujeito foco contrastivo é que no último caso é possível a intervenção de um advérbio alto, como *provavelmente*, entre o sujeito e o verbo principal, como em (49).

- (49) O JOÃO ontem bateu o carro (não o Paulo).

Esse tipo de intervenção não é possível em contexto de pergunta-resposta, como vemos em (50).

- (50) a. Quem ontem bateu o carro? / Quem bateu o carro ontem?
 b. #_{[F} O João] ontem bateu o carro.
 c. _{[F} O João] bateu o carro ontem.
 d. Ontem _{[F} o João] bateu o carro.

A sentença (50b) oferece mais informação do que requer a pergunta (50a), por isso, é inadequada nesse contexto⁶³. Um sujeito foco de informação não pode estar separado do verbo por um advérbio alto. Se o sujeito é interpretado como tópico, o advérbio alto pode figurar entre ele e o verbo.

- (51) a. O João, ele ontem bateu o carro.
 b. O João, ontem ele bateu o carro.

A retomada do sujeito pelo pronome em (51) indica que ele deve ser interpretado como o tópico da sentença.

Bocci (2006) afirma que o sujeito pré-verbal foco contrastivo em italiano recebe um acento marcado igual ao acento do objeto direto deslocado. Essa atribuição de acento faz com que uma sentença SVO com sujeito foco contrastivo tenha o mesmo contorno prosódico de uma sentença OSV. A proposta de Bocci pode ser estendida ao PB, a sentença (48b), repetida em (52a), parece ter a mesma marcação prosódica de (52b).

- (52) a. A GIU abraçou um aluno (não a Tharen).

⁶³ Figueiredo-Silva (c.p) aponta que o sujeito foco de informação apenas permite a intervenção de um tipo específico de advérbio entre ele e o verbo, como em (i).

(i) a. Quem quase beijou o João?
 b. _{[F} A Maria] quase beijou o João.

- b. UM ALUNO a Giu abraçou (não um desconhecido).

Essa é mais uma característica que diferencia uma sentença SVO com sujeito foco contrastivo de uma sentença SVO com sujeito interpretado como simples foco de informação. A construção OSV pode ser comparada à sentença (52a) porque as duas são usadas em contextos de contraste/correção. Já a comparação entre as sentenças OSV e SVO com sujeito foco de informação não é permitida porque as duas são empregadas em contextos distintos. Uma é usada para contrastar dois elementos e a outra em contexto pergunta-resposta. Dessa forma, não podem apresentar a mesma marcação prosódica.

4.3.2.7 COPULAR ESPECIFICACIONAL

As sentenças copulares especificacionais são assim denominadas porque apresentam um elemento X especificado por um elemento Y. Essas sentenças também são chamadas de copulares equativas porque apresentam uma relação de igualdade entre dois constituintes, como vemos em (53).

- (53) a. A professora é a cantora do bairro. (DP=DP)
b. A cantora do bairro é a professora.

A princípio parece não haver diferença entre as sentenças em (53), mas quando empregadas em situações de pergunta-resposta como em (54), verificamos que as duas são usadas em contextos distintos.

- (54) a. Quem é a professora?
b. Quem é a cantora do bairro?

Para responder (54a) o falante emprega a sentença (53a), do contrário temos uma resposta inadequada à pergunta. Enquanto a interrogativa (54b) deve ser respondida apenas pela sentença (53b). Esse fato indica que o elemento focalizado nas sentenças copulares especificacionais sempre aparece depois da cópula.

Nos dados do nosso experimento encontramos somente 3 ocorrências de sentença copular especificacional como estratégia de focalização contrastiva do sujeito.

- (55) a. A ganhadora do prêmio é A PAULA.
b. A feliz ganhadora do prêmio foi A PAULA.
c. O especialista em sintaxe é O MIOTO.

Verificamos que independentemente do contexto, pergunta-resposta ou correção, o sujeito focalizado aparece seguindo a cópula nas sentenças especificacionais.

4.4 CÓPULA COMO PARTÍCULA FOCO?

Segundo Miotto (2006), fatos novos surgem para a focalização do sujeito quando o verbo da sentença é a cópula. Neste caso, precisamos distinguir entre sentenças copulares predicativas (56a), copulares especificacionais (equativas) (56b), pseudoclivadas (56c), clivadas plenas (56d) e clivadas reduzidas (56e).

- (56) a. Maria é feliz.
 b. O músico é o meu vizinho.
 c. Quem cantou foi o músico.
 d. Foi o músico que cantou.
 e. Foi o músico.

Em sentenças predicativas, como (56a), o sujeito é naturalmente focalizado antes da cópula. Assim, (56a) é uma resposta adequada para (56'a):

- (56') a. Quem é feliz?
 b. Quem é o teu vizinho?
 c. Quem cantou?

Esta é a situação em que uma sentença copular mais se aproxima das sentenças com verbos lexicais (em especial verbos transitivos) no que diz respeito à focalização do sujeito, uma vez que a inversão do sujeito dificilmente ocorre com verbos lexicais.

Já as copulares especificacionais (equativas) exibem um grau de afastamento das predicativas porque elas reservam preferencialmente a posição pós-cópula para o foco de informação, embora ainda aceitem um foco de informação antes da cópula. Assim, a resposta preferencial para (56'b) não é (56b), mas (57), com o foco depois da cópula.

- (57) O meu vizinho é [_F o músico].

E, por fim, as copulares (56c-e) que são sentenças clivadas reservam preferencialmente a posição pós-cópula para o foco de informação. O constituinte focalizado na clivada reduzida não pode preceder a cópula em nenhum contexto, nem pergunta-resposta nem correção.

Generalizando, propomos nesse estudo que a cópula que aparece nas sentenças em (56c,d,e) é diferente da cópula que aparece nas predicativas e equativas. No caso das sentenças clivadas, a cópula que tem a função específica de focalizar um constituinte (ela faz parte do processo da focalização na sentença). Já nas predicativas, como em (56a), a função da cópula é somente predicar. No caso da equativa, em (56b), a cópula apresenta uma dupla função: pode especificar ou predicar. De acordo com Belletti (2008c), a cópula pode se gramaticalizar na forma de uma partícula foco. Para a autora, a cópula é a realização do núcleo Foc nas clivadas. Frascarelli & Puglielli (2008), também defendem que a cópula é um marcador foco em muitas línguas. Assim, afirmam que a cópula empregada no processo de focalizar já parte da numeração marcada com o traço [+F].

Brunetti propõe uma análise unificada de focalização na qual o foco entra na derivação como um morfema entoacional que ocupa núcleo C e o elemento

focalizado aparece como o complemento de CP. Nessa tese defendemos que a cópula pode ser considerada um morfema foco realizado morfologicamente. Em algumas sentenças, a cópula transita livremente em busca daquilo que deve ser focalizado (cf. Miotto 2006).

- (58) a. O Pedro tem é [_F medo de cobras].
b. O Pedro tem medo é [_F de cobras].
c. João quer é [_F sambar na Portela].
d. João quer sambar é [_F na Portela].
e. Lula tem é [_F falado pouco].
f. Lula tem falado é [_F pouco].

A cópula das clivadas e das sentenças em que ela é usada apenas para destacar constituintes, como em (58), é considerada um morfema foco realizado morfologicamente em PB.

4.5 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentamos as diversas formas que os falantes do PB empregam para focalizar o sujeito e o objeto tanto informacionalmente quanto contrastivamente. O capítulo está dividido em dois blocos: um sobre as estratégias de focalizar o objeto e outro sobre as estratégias de focalizar o sujeito.

Primeiramente mostramos os resultados do experimento sobre o objeto focalizado realizado no desenvolvimento desta tese. O total de sentenças com focalização informacional do objeto foi de 105. A estratégia preferida pela maioria dos participantes foi o uso da sentença SVO, objeto *in situ*, que apareceu em 99 sentenças (94,3%). Apenas 6 sentenças clivadas (5,7%) apareceram como estratégia de focalização informacional do objeto, sendo 2 clivadas reduzidas e 4 pseudoclivadas. Quanto à focalização contrastiva, obtivemos, dos contextos que requeriam esse tipo de foco, um total de 63 sentenças. Duas estratégias foram escolhidas: as clivadas, 59 ocorrências (93,65%), e as sentenças SVO, 4 ocorrências (6,35%). O resultado é a imagem especular do resultado obtido na focalização informacional do objeto, como observamos na Figura 8.

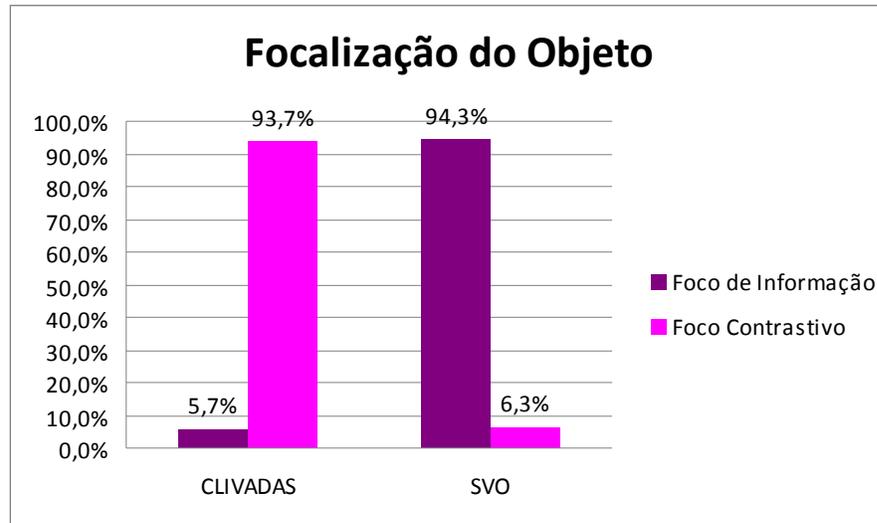


FIGURA 8 – Média geral das estratégias de focalizar o objeto mais recorrentes de acordo com o tipo de interpretação focal.

Em um segundo momento apresentamos os resultados dos experimentos realizados por Fernandes (2007) e Guessser (2007) sobre o sujeito foco de informação. Segundo os resultados de Fernandes, em PB, ocorre preferencialmente o uso de sentenças na ordem SV(O) com o sujeito portando a proeminência principal (foco prosódico, 56,3%) ou o uso de sentenças clivadas plenas (14,8%) e clivadas invertidas (18,6%). Guessser obteve como resultado sete tipos diferentes de resposta com sujeito interpretado como foco de informação: sentenças SV; sentenças VS; clivadas; clivada reduzida; pseudoclivada; clivada truncada; passiva. Dentre esses tipos sentenciais, duas estratégias são predominantes: a sentença SV, correspondendo a 37,71% dos dados, e a pseudoclivada, correspondendo a 31,61% dos dados. De acordo com Guessser, analisando as estruturas clivadas como uma família derivada de uma sentença clivada, as estratégias de focalização do sujeito informacional em PB sofrem uma redução de sete para quatro tipos. Resultando em 50% de construções clivadas, 38% de sentenças SV, 8% de sentenças VS e 4% de passivas.

Em relação à focalização contrastiva do sujeito, mostramos os resultados do nosso experimento. O total de sentenças com focalização contrastiva do sujeito foi de 190. A estratégia preferida pela maioria dos participantes foi o uso das sentenças clivadas, que apareceram em 149 sentenças (78%). Verificamos que as clivadas aqui são de diversos tipos: clivada plena, clivada invertida, clivada reduzida, pseudoclivada, pseudoclivada invertida, e clivada truncada (*SqueVO*). Outra estratégia escolhida por alguns dos participantes foi a sentença SVO, focalização *in situ*, com um total de 38 ocorrências (20%). De uma forma bem menos significativa, a sentença copular especificacional ocorreu apenas em 3 sentenças (2%).

A Figura 9 mostra uma média geral das estratégias mais empregadas pelos falantes do PB para focalizar o sujeito com interpretação de simples foco de informação e com interpretação contrastiva.

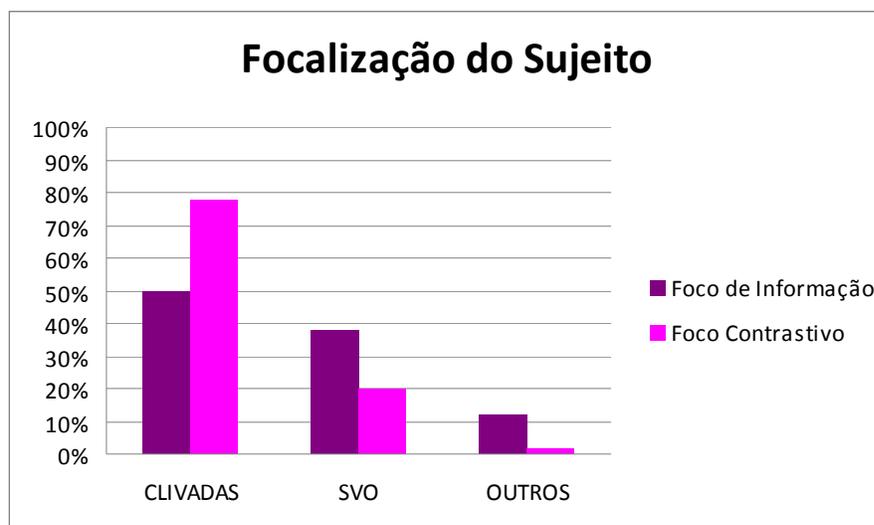


FIGURA 9 – Média geral das estratégias de focalizar o sujeito mais recorrentes de acordo com o tipo de interpretação focal.

O gráfico acima mostra que a estratégia clivada é recorrente tanto no caso do sujeito foco de informação quanto no caso do sujeito foco contrastivo. Enquanto a sentença SVO é mais empregada nos contextos de sujeito foco de informação.

A partir dos dados mostrados nesse capítulo, constatamos que as estratégias escolhidas para focalizar o sujeito com interpretação de foco de informação são bem equilibradas. Já em relação ao objeto foco de informação, verificamos uma preferência pela sentença simples SVO, como mostra a Figura 10.

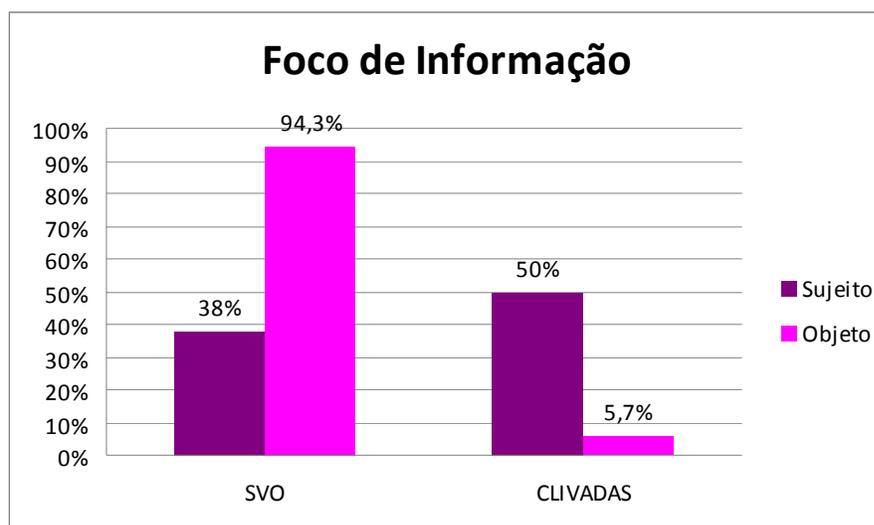


FIGURA 10 – Comparação entre as estratégias de focalizar o sujeito e o objeto em casos de foco de informação.

O equilíbrio que aparece na escolha das estratégias empregadas nos casos de sujeito foco de informação não ocorre nos casos de sujeito foco contrastivo. Os falantes recorrem claramente ao recurso da clivagem para destacar o foco contrastivo, seja ele sujeito ou objeto.

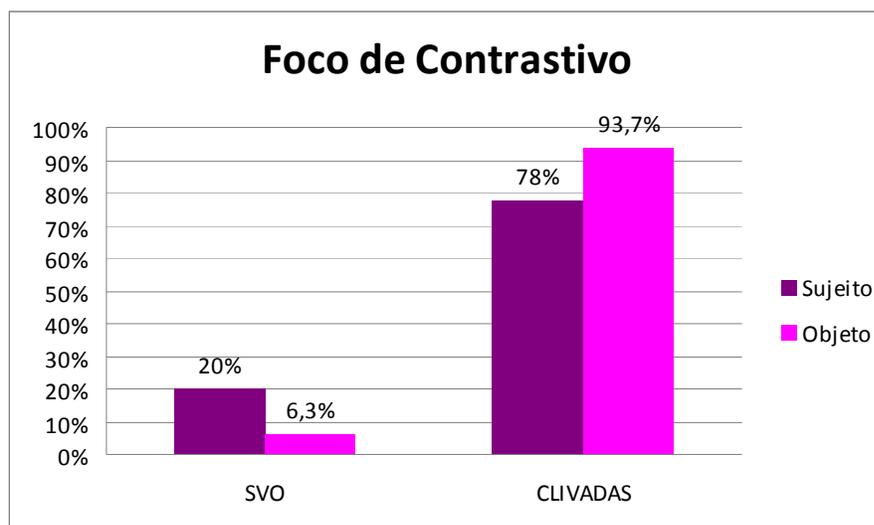


Figura 11 – Comparação entre as estratégias de focalizar o sujeito e o objeto em casos de foco contrastivo.

Neste capítulo também mostramos que a cópula das clivadas e das sentenças em que ela é usada apenas para destacar constituintes é considerada um morfema foco realizado morfologicamente em PB (cf. Miotto 2006; Belletti 2008c; Frascarelli & Puglielli 2008). Nosso propósito no terceiro capítulo foi descrever as estratégias de focalização, e levantar algumas questões que devem ser investigadas. No próximo capítulo, apresentaremos uma proposta de análise para os casos de focalização descritos aqui, buscando responder as questões que deixamos em aberto no decorrer deste capítulo.

5 ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE FOCALIZAÇÃO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

5.1 Introdução

Neste capítulo propomos uma análise, propomos uma análise, nos moldes da abordagem cartográfica, para cada estratégia de focalização empregada pelos falantes do PB. Como apontado no terceiro capítulo, a assimetria sujeito-objeto se reflete no processo de focalização dos constituintes. Por isso, uma proposta de análise que considera as propriedades sintático-semânticas de cada um desses constituintes se justifica.

O PB é uma língua que não apresenta inversão livre do sujeito, mas não é considerada uma língua de sujeito nulo genuína. O PB é classificado atualmente como uma língua *pro-drop* parcial. Tanto que essa língua ainda apresenta resquícios de inversão (cf. Pilati 2006), e não apresenta efeitos *that-t* (cf. Menuzzi 2001), que são algumas das propriedades que caracterizam as línguas de sujeito nulo, como o italiano. O PB é uma língua que emprega uma clivada sujeito em contexto pergunta-resposta, e não permite uma clivada objeto nesse mesmo contexto, como o francês. Mas permite que uma pseudoclivada, tanto sujeito quanto objeto, responda uma interrogativa-Wh. Isso é um reflexo da estrutura sintática diferente desses dois tipos de sentença. Quando analisamos paralelamente as estratégias de focalizar o sujeito e o objeto, verificamos que uma proposta de análise unificada para as estratégias de focalização de constituintes em PB não é satisfatória.

Nossa hipótese é que a focalização no PB não deve ser vista como um fenômeno estritamente prosódico. Os elementos focalizados aparecem destacados na sentença em PB de duas formas: (i) por meio da sintaxe; (ii) através de uma combinação entre prosódia e uma posição sintática específica de foco. O uso recorrente das construções clivadas (de todos os tipos), não só nos casos de foco contrastivo, é um forte indício de que os falantes do PB preferem destacar o constituinte focalizado, seja ele sujeito ou objeto, na sintaxe. Se a focalização fosse puramente prosódica, a estratégia *in situ* não dividiria espaço com a estratégia clivada nos casos de foco de informação. E apareceria em número mais significativo nos casos de foco contrastivo. Além disso, as partículas morfológicas de foco e tópico presentes em algumas línguas naturais apontam para a existência de posições específicas na estrutura sintática para os constituintes que veiculam propriedades sintáticas e semânticas.

Neste capítulo, apresentamos a nossa proposta de análise para os casos de focalização *in situ* (SVO) e para as construções clivadas em seus variados tipos. Na seção sobre a focalização *in situ*, tratamos primeiro do sujeito foco, em um segundo momento, tratamos do objeto foco. Quanto à focalização nas clivadas, apresentamos inicialmente três propostas de análises para estas sentenças: a proposta de Modesto (2001), a de Mioto & Negrão (2007) e a de Belletti (2008a,b). Em seguida, mostramos a análise que defendemos nesta tese para as construções clivadas sujeito e objeto.

5.2 ANÁLISE DA FOCALIZAÇÃO *IN SITU* – SVO

5.2.1 SUJEITO

5.2.1.1 FOCO DE INFORMAÇÃO NO DOMÍNIO SUBJP

Uma das estratégias de focalizar o sujeito em PB é o uso da sentença simples SVO. Diferentemente, do italiano, espanhol e PE, não há nenhuma alteração na ordem linear dos constituintes na sentença. No caso da focalização *in situ* do sujeito, a ordem SV é combinada com uma prosódia especial que destaca o sujeito, como ocorre em inglês.

De acordo com as características da sintaxe do PB apresentadas no terceiro capítulo, verificamos que essa língua não apresenta inversão livre, estrutura VS do tipo do italiano, como uma estratégia de focalizar o sujeito. Ainda que apresente sujeito nulo em certos contextos, aparente violação aos efeitos *that-t*, resquícios de inversão (locativa ou do tipo *Choveu a noite toda*), Esse estado de coisas corrobora com a proposta de Belletti, Bennati, Sorace (2007) que dissocia a ocorrência de inversão livre (VS) do parâmetro *pro-drop*. Os resultados das autoras mostram que os falantes de uma língua não sujeito nulo L1, como o inglês, quando expostos ao italiano como L2, fazem uso de sujeito nulo, redefinem o valo do parâmetro *pro-drop*, mas não empregam sentenças VS em contexto de focalização do sujeito. Para as autoras, a inversão livre constitui uma estratégia de focalizar o sujeito disponível apenas nas línguas que acessam diretamente uma posição baixa específica de foco. Os falantes do PB ainda empregam o sujeito nulo em certos contextos, mas a inversão livre não ocorre porque a posição FocP acima de vP não está disponível para o sujeito focalizado nessa língua.

A focalização *in situ* do sujeito não é somente uma consequência da prosódia especial que incide sobre ele. Propomos que PF recebe a estrutura do componente sintático, identifica que o sujeito pré-verbal está em uma posição dedicada a sua propriedade de escopo-discursiva, e depois atribui a ele um acento especial. Aparentemente, uma sentença SVO neutra tem a mesma numeração de uma sentença SVO com sujeito focalizado. Uma sentença como (1) pode ser empregada em dois contextos distintos, como verificamos em (1').

(1) O Pedro chegou às 3 horas.

- (1') a. Quando o Pedro chegou?
b. Quem chegou às 3 horas?

Quando empregamos (1) em resposta a (1'a) o sujeito *O Pedro* faz parte da pergunta e o foco é o adjunto *às 3 horas*. Nenhum acento especial é atribuído ao sujeito. No caso em que (1) responde (1'b), o sujeito *O Pedro* é o foco de informação da sentença e está em uma posição sintática específica. Um acento especial aparece sobre ele, acarretando uma prosódia particular.

Uma mesma sequência de constituintes pode ser usada com uma marcação prosódica diferente. Para que a sentença (1) seja interpretada corretamente pelos sistemas de interface PF e LF nos dois casos é necessário que a sintaxe envie alguma pista. Uma vez que assumimos o modelo-T tradicional no qual os componentes PF e LF não interagem entre si. Se a focalização *in situ* do sujeito fosse estritamente prosódica, como LF interpretaria corretamente aquele constituinte? A ativação de uma posição específica de foco na estrutura, FocP dentro de DP (cf. Aboh 2004), sinaliza para PF e LF que o sujeito que está ali é o foco da sentença. Defendemos que a focalização *in situ* do sujeito é um processo sintático e prosódico. Não seguimos uma análise na qual a sintaxe gera *outputs* e os filtros nas interfaces PF e LF devem escolher o *output* que satisfaz seus requisitos (cf. Costa & Figueiredo Silva 2006, Tavares Silva 2004).

Não há duas abordagens independentes: sintaxe de um lado, e fonologia do outro. Há um sistema único que trabalha conjuntamente sintaxe-prosódia (cf. Bocci 2006). A computação parte do léxico (numeração) em direção a sintaxe, que aplica as operações necessárias para estruturar a sentença, depois a sintaxe envia a representação para PF, que aplica as regras intrínsecas ao seu componente. Não concordamos com um modelo de análise no qual a sintaxe envia uma representação para o componente fonológico, que aplica as regras prosódicas, depois a representação volta para a sintaxe, que coloca os constituintes nas suas devidas posições, e, por fim, vai até LF.

O recurso da posição sintática específica de foco junto com uma prosódia especial no sujeito é empregado pelas línguas que não permitem o reordenamento de constituintes, como o inglês (Belletti 2008, Aboh 2004). Uma língua como o italiano não precisa recorrer à marcação prosódica, a posição sintática é suficiente para destacar o foco da sentença.

- (2) a. Piero è arrivato alle 3.
(Quando è arrivato Piero?)
b. (Alle 3) è arrivato Piero (alle 3).
(Chi è arrivato alle 3?)

O sujeito foco de informação sempre aparece em posição pós-verbal em italiano, como em (2b), ele ocupa uma posição baixa de foco. Nenhum acento especial aparece sobre ele. Se o sujeito está em posição pré-verbal, como em (2a), deve estar topicalizado. O único caso de sujeito pré-verbal focalizado em italiano é com interpretação contrastiva.

O sujeito FI⁶⁴ em PB não ocupa uma posição foco tão baixa quanto à posição foco do italiano, mas também não está em uma posição fora do domínio sentencial. Fernandes (2007) propõe que o sujeito FI ocupa o especificador de CP em PB (cf. capítulo 4). Se essa é a posição ocupada por um sujeito FI, então também dever valer para o objeto FI. Em PB, o objeto no domínio CP não pode estar associado apenas à informação nova. Necessariamente envolve contraste/correção, tanto que não podemos responder uma interrogativa-Wh com uma sentença OSV. Nas línguas em que o sujeito FI ocupa uma posição no domínio CP, siciliano (3) e húngaro (4)⁶⁵, por exemplo, o objeto FI também pode figurar nessa posição sem envolver contraste/correção, como nos exemplos em (b).

⁶⁴ Empregamos, neste estudo, a abreviação FI para o foco de informação e FC para o foco contrastivo.

⁶⁵ Exemplos extraídos de Cruschina (2004) e Belletti (2008a), respectivamente.

- (3) a. Montalbano sono. (Chi è?)
(Montalbano sou)
b. N'articulu scrissi. (Chi scrivisti airi?)
(Um artigo escrevi)
- (4) a. Hans telefonált. (Who called?)
(Hans telefonou)
b. Mari egy pulóvert vett. (Mit vett Mari?)
(Maria um suéter comprou)

Nos exemplos em (3) e (4), tanto a sentença com a ordem SV quanto a sentença com a ordem OV podem ser empregadas em contextos de pergunta-resposta. Em PB, as sentenças com objeto deslocado não respondem uma interrogativa-Wh. Isso é confirmado com o nosso experimento acerca das estratégias de focalização informacional do objeto. Nenhum falante selecionou a sentença com deslocamento explícito do objeto como opção de focalização informacional desse constituinte.

Também não estamos de acordo com o argumento de Fernandes que o sujeito FI ocupa a mesma posição da expressão-Wh porque ele é o elemento que a substitui na resposta. É certo que um elemento-Wh e um foco não podem coocorrer na sentença porque disputam pela mesma posição, mas apenas a expressão-Wh e o foco contrastivo devem sempre estar no domínio CP. Vejamos:

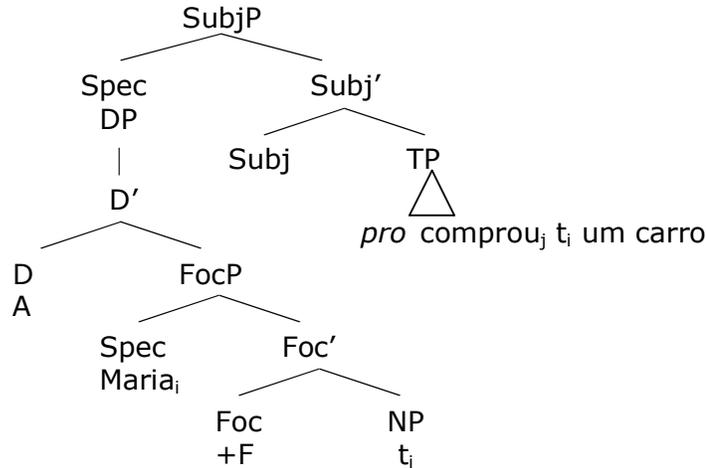
- (5) a. Quem comprou o carro?
b. [_F O Pedro] comprou o carro.
- (6) a. O que o Pedro comprou?
b. #[_F O carro] o Pedro comprou.

Em (5b), não há deslocamento do sujeito focalizado para a periferia esquerda, por isso, a sentença pode ser empregada nesse contexto. Já em (6b), o deslocamento do objeto focalizado é explícito e a sentença não é adequada ao contexto. Se o argumento de Fernandes, de que o foco deve ocupar a mesma posição da expressão-Wh, é válido para o sujeito, então também deveria valer para o objeto. Uma vez que ele é o constituinte que substitui a expressão-Wh na resposta. Entretanto, verificamos através do contraste entre as sentenças em (5) e (6) que isso não é possível.

Quanto à distribuição de advérbios e o sujeito FI, verificamos que um advérbio alto não pode ocorrer entre o sujeito e o verbo quando a sentença é empregada em um contexto pergunta-resposta.

- (7) a. Quem recebeu o prêmio elegantemente?
a'. ?Quem elegantemente recebeu o prêmio?
b. #O Mauro elegantemente recebeu o prêmio.
c. Elegantemente o Mauro recebeu o prêmio.
d. O Mauro recebeu o prêmio elegantemente.

A sentença (7b) pode ser usada em um contexto de contraste/correção, do tipo: O MAURO frequentemente joga futebol, não o Luca. A mesma situação não se verifica se entre o sujeito e o verbo houver um advérbio baixo, como em (8).



O sujeito não está relacionado a nenhum traço de contraste/correção que desencadeie um deslocamento para a periferia esquerda. E possui um critério inerente a sua propriedade de sujeito que deve ser satisfeito. Por isso, o DP *a Maria* vai para o especificador de SubjP entrando em relação direta com o núcleo Subj. O NP sujeito *Maria* checa o traço [+F] do núcleo Foc, pois ocupa o especificador de FocP. Segundo Rizzi & Shlonsky (2007), o traço EPP é convertido em critério sujeito na abordagem cartográfica/criterial, o constituinte que checa esse traço está sujeito ao congelamento criterial. A posição criterial de sujeito (SubjP) é dissociada da posição de checagem de Caso nominativo (TP). Assim, é possível que o sujeito focalizado satisfaça dois critérios discursivos em uma posição criterial. Se permanecesse em Spec TP, ainda que tivesse FocP projetado em DP, o sujeito focalizado checaria uma propriedade gramatical (Caso) e uma propriedade discursiva (foco) na mesma posição, e que não é uma posição criterial. Com essa análise é possível satisfazer tanto o critério foco quanto o critério sujeito sem violar o congelamento criterial. Não há nenhum problema com o fato de um mesmo constituinte satisfazer dois critérios concomitantemente. Rizzi (c.p) aponta que há alguns casos em italiano em que essa situação se verifica, como na interrogativa indireta, em (11).

- (11) Gianni non sapeva [quale LIBRO] avessero raccomandato di leggere, non quale articolo.
(João não sabia qual livro tinha recomendado para ler, não qual artigo)

Todo o sintagma *quale libro* satisfaz o critério foco e dentro desse bloco a expressão *quale* satisfaz o critério Q. A expressão *quale libro* não pode sofrer movimento para a posição inicial porque viola o congelamento criterial.

- (12) *Quale LIBRO Gianni non sapeva [____ [avessero raccomandato di leggere, non quale articolo.

Propomos que o sujeito sai diretamente da posição criterial (Spec VP), não passa por Spec TP (cf. Menuzzi 2001). Não há nenhum problema com a checagem de Caso nominativo, pois é feita por meio de *Agree*. Chomsky (2001) afirma que Caso não desencadeia movimento porque há a relação sonda-alvo entre dois elementos de uma cadeia que elimina do sistema o traço não-

interpretável de Caso através de *Agree*. O desencadeador do movimento de constituintes é um traço- ϕ , como EPP.

A posição FocP interna a DP nos casos de sujeito foco de informação nas sentenças SV do PB não é uma posição *default* como é FocP acima de vP e FocP no domínio CP. Mas é necessária visto que o PB emprega a sentença SV como estratégia de focalizar o sujeito, e que as interfaces PF e LF interpretam a sentença da configuração sintática. O PB não é uma língua que acessa a posição baixa de foco nos casos de sujeito FI, como o italiano. O PB emprega essa posição de uma forma diferenciada, recorrendo ao uso da sentença clivada, como o francês.

5.2.1.2 FOCO CONTRASTIVO NO DOMÍNIO CP

O sujeito também é focalizado contrastivamente em posição pré-verbal, uma estratégia de focalização *in situ*. Nesse caso, assim como ocorre com o sujeito FI, há uma prosódia especial sobre ele que o destaca na sentença, e a diferencia de uma sentença SVO neutra, sem sujeito focalizado.

Uma questão que se coloca é se a prosódia sobre o sujeito foco de informação é a mesma que aparece sobre o sujeito foco contrastivo, e se os dois ocupam a mesma posição sintática na estrutura. O sujeito FI aparece em contextos de pergunta-resposta, enquanto o sujeito FC aparece em contextos de contraste/correção. Assim, verifica-se que do ponto de vista semântico há uma diferença entre os dois focos e que essa diferença deve ser identificada pelo componente LF para que eles sejam corretamente interpretados.

De acordo com Belletti (2009), há uma diferença prosódica entre a sentença SV com sujeito FI e a sentença SV com sujeito FC em inglês. Ainda que essa diferença seja sutil, é captada pelos falantes nativos dessa língua. Segundo a autora, a focalização contrastiva do sujeito em italiano pode ser comparada a focalização prosódica do inglês. Nos dois casos o sujeito está na posição pré-verbal, sem alteração na ordem de constituintes, ocupa uma posição sintática própria de foco e é marcado por uma prosódia especial que sinaliza ao interlocutor que o falante está corrigindo uma informação prévia. Isso também vale para o PB.

Bocci (2008) mostra que o contorno prosódico de uma sentença SVO com sujeito FC é o mesmo de uma sentença OSV com objeto FC em italiano. O contorno entoacional de uma sentença SVO com sujeito FC em PB é equivalente ao contorno entoacional da sentença com deslocamento do objeto para a posição inicial. Tanto que uma sentença OSV não pode ser empregada em um contexto *out-of-the-blue*.

- (13) a.  UM LIVRO o João leu, não um jornal.
- b.  O JOÃO leu um livro, não o Pedro.

(OD) e com objeto indireto (OI) a ordem entre os dois pode ser modificada a depender de qual deles é o foco na sentença.

- (19) a. Para quem a Joana deu o livro?
 a'. A Joana deu o livro para [_F a Marta].
 b. O que a Joana deu para a Marta?
 b'. A Joana deu para a Marta [_F o livro].

A possibilidade de reordenamento entre os constituintes que aparecem depois do verbo é mais um indício da assimetria sujeito-objeto em PB. De acordo com Costa & Figueiredo Silva (2006), o comportamento dos complementos de verbos bi-transitivos mostra que o PB codifica o foco na sintaxe. Caso contrário, o rearranjo entre OD e OI não seria possível. Para os autores, o fato de o sujeito FI não aparecer depois do verbo nessa língua não indica que o foco não seja codificado na sintaxe. Na seção sobre o sujeito FI, mostramos que a inversão livre não é uma estratégia de focalização escolhida pelos falantes do PB porque essa língua, diferentemente do italiano, não permite a ativação da posição foco acima de vP para os casos de focalização do sujeito.

5.2.2.2 FOCO CONTRASTIVO NO DOMÍNIO CP

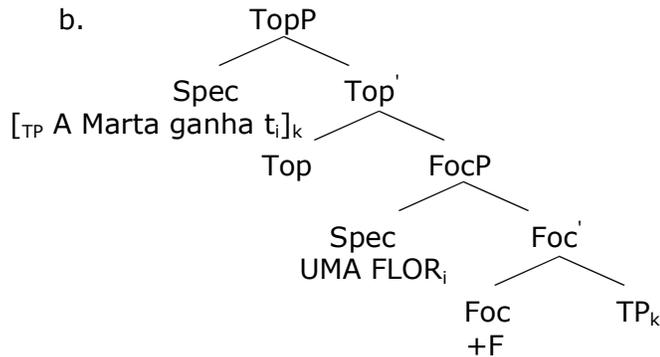
A sentença SVO pode ser empregada em contexto de focalização contrastiva no PB sem violar nenhum princípio gramatical. Contudo, os resultados do nosso experimento sobre a focalização do objeto apontam que os falantes preferem destacar o objeto foco contrastivo sintaticamente, recorrendo à sentença clivada.

Para os casos em que o objeto FC está *in situ* temos três possibilidades de análise: objeto permanecendo na sua posição temática; objeto em Spec FocP baixo e relação de *Agree* com o domínio CP; objeto em Spec FocP alto e *remnant movement* de TP (movimento proposto por Kayne 1994).

A primeira possibilidade é descartada visto que assumimos a abordagem cartográfica que reserva uma posição específica para o constituinte que apresenta uma propriedade discursiva particular, como foco. A segunda análise envolve uma posição sintática específica para o foco, mas não é tão restritiva, já que permite que um elemento que não é um simples foco de informação esteja nessa posição. Se um foco contrastivo também pode ocupar Spec FocP acima de vP, o componente LF dificilmente diferenciará um FI de um FC. Ainda que se assumam a relação *Agree* entre uma posição no domínio CP e a posição baixa de foco, acarretando leitura de contraste, não estaremos respeitando a relação entre a posição sintática foco e o tipo de foco (cf. Rizzi 2004; Belletti 2004a,b).

A terceira análise se mostra como a mais apropriada de acordo com a abordagem cartográfica assumida nesta tese. Essa análise é proposta por Belletti (2004a) para as sentenças do italiano com objeto FC *in situ*, e pode ser estendida às sentenças SVO do PB com objeto FC. Assumindo essa proposta, mantemos a hipótese restritiva entre posição sintática e tipo de foco. E marcamos na sintaxe a função de escopo-discursiva do objeto FC. Vejamos a representação da sentença (20a).

(20) a. A Marta ganha UMA FLOR (todos os dias), não um chocolate.



O movimento do objeto FC para o especificador de FocP ocorre na sintaxe visível, não espera até LF. O critério foco é satisfeito na sintaxe. Essa representação não fere nenhum princípio de economia, uma vez que o *remnant movement* de TP também é justificado por razões discursivas.

5.3 ANÁLISE DA FOCALIZAÇÃO NAS CLIVADAS

5.3.1 ALGUMAS PROPOSTAS DE ANÁLISES PARA AS CLIVADAS

5.3.1.1 MODESTO (2001)

Modesto (2001) considera a construção clivada uma estratégia de focalização em PB. O autor define as clivadas como sentenças especificacionais que implicam contraste, exaustividade e exclusividade devido ao movimento A' do elemento clivado. As sentenças abaixo são exemplos de construções clivadas dados por Modesto.

- (21) a. É a Suzanita que quer casar.
(sentença clivada – CL)
b. A Suzanita é que quer casar.
(sentença clivada – CL)
c. Inteligente é a Mafalda.
(sentença copular pseudoclivada – CPC)
d. A conta pago eu.
(sentença não copular pseudoclivada – NCPC)
e. Quem quer casar é a Suzanita.
(sentença pseudoclivada – PC)
f. É a Suzanita quem quer casar.
(sentença pseudoclivada extraposta – PCE)

Segundo o autor, em todas as sentenças em (21) há movimento A' de algum tipo, e é esse movimento que dispara uma leitura de exaustividade,

exclusividade e contraste. Por isso, Modesto classifica todas aquelas sentenças como sendo do tipo clivadas. O que varia nelas é a posição ocupada pelo constituinte movido: na clivada (21a) ele está em Spec CP; na clivada (21b) em Spec FP; e nas outras sentenças (21c-f) em Spec TP, conforme verificamos em (22).

- (22) a. [_{CP} [_{IP} é [_{CP} a Suzanita_i [_{C'} que [_{IP} t_i quer casar]]]]]
 b. [_{FP} a Suzanita_i [_{IP} é [_{CP} t_i [_{C'} que [_{IP} t_i quer casar]]]]]]]
 c. [_{TP} inteligente_i [_{T'} é_k [_{AGR_P} a Mafalda_j [_{AGR'} t_k [_{VP} [_{V'} t_k [_{AP} [_{NP} t_j] [_{AP} t_i]]]]]]]]]]]
 d. [_{TP} a conta_i [_{T'} pago_k [_{AGR_P} eu_j [_{AGR'} t_k [_{VP} t_j t_k t_i]]]]]]]
 e. [_{TP} quem quer casar_i [_{T'} é_k [_{AGR_P} a Suzanita_j [_{AGR'} t_k [_{VP} [_{V'} t_k [_{NP} [_{NP} t_j] [_{NP} t_i]]]]]]]]]]]
 f. [_{TP} [_{TP} t_i [_{T'} é_k [_{AGR_P} a Suzanita_j [_{AGR'} t_k [_{VP} [_{V'} t_k [_{NP} [_{NP} t_j] [_{NP} t_i]]]]]]]]]]]]]
 [_{TP} quem quer casar]]]

Nas clivadas, o elemento que sofre movimento é o foco; enquanto na pseudoclivada, a parte não-clivada que é movida. Segundo Modesto, essa diferença ocorre porque as duas sentenças satisfazem diferentemente os requerimentos prosódicos.

Para derivar a pseudoclivada, o autor se baseia na proposta de movimento-p de Zubizarreta (1998). Assim, propõe que o movimento do material não-focalizado ocorre para que haja coincidência do acento focal, atribuído pela FPR (*Focus Prominence Rule*) e do acento nuclear, atribuído pela NSR (*Nuclear Stress Rule*). O foco, restando na posição mais encaixada, recebe o acento mais proeminente.

Modesto ressalta que a pseudoclivada é a única estratégia de focalização em que há correspondência entre FPR e NSR. Quando ocorre focalização sem o uso da pseudoclivada, o PB dispõe da clivada ou de uma sentença com acento marcado sobre o foco, como em (23a).

- (23) a. **O João** trouxe o vinho.
 b. *Trouxe o vinho **o João**.

A agramaticalidade de (23b) evidencia que o movimento-p não ocorre livremente em PB. Para Modesto, tal movimento é restrito às pseudoclivadas. Dessa forma, o autor observa que o princípio de alinhamento de proeminência não vigora em todos os casos de focalização em PB. Ele propõe um princípio a ser satisfeito em PF, como aquele em (24), e outro em LF, como aquele em (25).

- (24) a. Se um constituinte lexical C é marcado por F, então o núcleo de C deve receber acento nuclear.
 b. Um constituinte C marcado por F recebe um asterisco extra na grade métrica.

- (25) Se um constituinte lexical C é marcado por F, então C é movido para [specFP].

O princípio em (24) assegura que o constituinte focalizado seja devidamente acentuado em PF, e o princípio em (25) garante que o foco ocupe uma posição na qual o traço [+foco] é verificado.

De acordo com Modesto, em (23a) o constituinte focalizado é movido para Spec FP. A diferença entre uma sentença clivada e uma sentença simples é que o movimento do foco para Spec FP na clivada ocorre sempre na sintaxe visível e na

sentença não-clivada somente em LF. O único caso em que não ocorre movimento do constituinte clivado para Spec FP é quando ele aparece depois da cópula, como em (21a). Modesto afirma que a cópula seleciona um CP que é capaz de checar o traço [+foco] dos constituintes focalizados, dispensando, assim, a ativação de FP.

O CP marcado como [+foco] nas clivadas requer movimento obrigatório de um elemento com propriedades focais para que o traço [+foco] seja verificado. Assim, a derivação converge em PF. Mas nas sentenças não-clivadas/simples o movimento do foco ocorre em LF e, ainda assim, a derivação converge em PF. Fato que leva Modesto a assumir que o traço [+foco] em CP é forte e em FP é fraco. Por isso, sempre há movimento visível do foco na clivada.

5.3.1.2 MIOTO & NEGRÃO (2006)

Para os autores, o processo da clivagem envolve dois tipos distintos de sentenças plenas: clivadas e pseudoclivadas. Essas sentenças apresentam uma cópula, um foco e um CP. O preenchimento do CP diferencia sintaticamente os dois tipos de sentenças. Na clivada o complementizador “que” preenche o núcleo C, enquanto na pseudoclivada uma expressão-Wh preenche o especificador de CP.

A presença da expressão-Wh nas pseudoclivadas não deixa dúvida de que o CP dessas sentenças é relativo. E esse CP pode aparecer no início ou no fim da sentença, como em (26):

- (26) a. [_{CP} O que o menino comeu] foi o bolo.
b. Foi o bolo [_{CP} o que o menino comeu]⁶⁷.

Já o CP das clivadas só pode aparecer no final da sentença, não é possível uma clivada com CP no início, como vemos em (27b).

- (27) a. Foi o bolo [_{CP} que o menino comeu]⁶⁸.
b. [*Que o menino comeu] foi o bolo.

A sentença clivada e pseudoclivada tem a mesma estrutura das sentenças relativas, por isso, o CP das (pseudo-)clivadas é muitas vezes classificado como um CP relativo. Mioto & Negrão afirmam que o CP da clivada não é do tipo relativo como é o CP da pseudoclivada. Os autores apontam algumas diferenças semântica/pragmática entre as duas sentenças.

Em primeiro lugar, propõem que o tipo de foco veiculado pela clivada é diferente do foco veiculado pela pseudoclivada. Segundo os autores, uma clivada não responde adequadamente uma interrogativa-Wh.

- (28) a. O que o menino comeu?

⁶⁷ Os exemplos apresentados nessa seção foram extraídos dos autores.

⁶⁸ Mioto & Negrão ressaltam que alguns autores da literatura gerativista, como Akmajian (1970), Higgins (1973), Emonds (1976), Chomsky (1977), consideram tanto a sentença (27a) quanto a sentença (26b) exemplos de clivadas “puras”. Akmajian desenvolve uma análise unificada para clivadas e pseudoclivadas, propõe que as duas sentenças derivam de uma mesma estrutura. Nesse ponto, Mioto & Negrão, afastam-se da literatura gerativistas, uma vez que não consideram as sentenças em (26) clivadas “puras”.

- b. #Foi o bolo que o menino comeu.
- c. #O bolo que o menino comeu.
- d. #O bolo o menino comeu.

O foco deslocado na periferia esquerda não tem a interpretação de um simples foco de informação, que é o tipo de foco solicitado por uma pergunta-Wh. Já o foco não-deslocado pode ser de identificação, de contraste ou de informação. Para Miotto & Negrão, apenas as pseudoclivadas são capazes de veicular foco de informação, além de foco contrastivo. Miotto (2003) mostra que a estrutura da pseudoclivada reproduz a A₂ da AS (*Assertion Structure*) do foco não-contrastivo, segundo a análise de Zubizarreta (1998).

- (29) a. O que o menino comeu?
 b. O que o menino comeu foi [_F o bolo].
 c. A₂: O x (tal que o menino comeu x) = [_F o bolo]

Outra diferença apontada pelos autores leva em consideração a distinção especificacional/predicacional (cf. Boskovic 1997). Enquanto a pseudoclivada pode ser do tipo especificacional (30a) e predicacional (30b), a clivada só pode ser do tipo especificacional (30c).

- (30) a. O que a Maria é é escandalosa.
 b. O que a Maria é é escandaloso.
 c. É escandalosa que a Maria é.
 d. *É escandaloso que a Maria é.

A agramaticalidade de (30d) decorre da leitura predicacional da clivada. Uma observação levantada por Miotto & Negrão é que a pseudoclivada invertida, que é considerada uma clivada por alguns autores⁶⁹, não pode ser do tipo especificacional.

- (31) a. É escandaloso o que a Maria é.
 b. *É escandalosa o que a Maria é.

Se a pseudoclivada é uma clivada "pura", deveria comportar-se como uma clivada e permitir apenas a leitura especificacional. As sentenças em (31) mostram que a pseudoclivada invertida pode ser somente do tipo predicacional.

A propriedade comum da clivada e da pseudoclivada é que focalizam o elemento que aparece depois da cópula. A primeira tem o núcleo C preenchido por um complementizador *que*, a última apresenta uma expressão-Wh no especificador de CP. A clivada só pode ser do tipo especificacional e não veicula um simples foco de informação, enquanto a pseudoclivada pode ser especificacional ou predicacional e pode veicular qualquer tipo de foco.

Quanto à estrutura das clivadas, os autores apontam alguns problemas na análise que considera o CP encaixado do tipo relativo e que postula uma *small clause* SC como complemento da cópula (cf. Lopes Rossi 1994, Kato 1993), como em (32).

- (32) a. Foi [_{SC} [o bolo] [_{NP} ∅ [_{CP} que_i o menino comeu t_i]]].
 b. Foi [_{SC} [o bolo] [_{NP} a coisa [_{CP} que_i o menino comeu t_i]]].

⁶⁹ Ver nota 69.

c. Foi [_{SC} [o bolo] [_{CP} o que_i o menino comeu t_i]]].

Na SC em (32), o sujeito é o foco e o predicado é um CP com o Spec preenchido por uma expressão-Wh (32c), ou por um NP, nulo (32a) ou lexical (32b), seguido de uma relativa com o CP preenchido pelo *que*. De acordo com Miotto & Negrão, se o constituinte *o bolo* é o sujeito e não o predicado da SC, como se explica que ele não é alçado para checagem de caso nominativo? Como se explica que o predicado da SC é naturalmente alçado na pseudoclivada? E ainda, por que o predicado da SC na clivada não pode ser alçado?

(33) *Que o menino comeu foi [_F o bolo].

Os autores também verificam que essa análise não é compatível com uma sentença como (30c), repetida abaixo.

(34) É [_{SC} [escandalosa] [_{NP} ∅ [_{CP} que_i a Maria é t_i]]].

Em (34), o adjetivo *escandalosa* é o sujeito da SC. Adjetivo é uma categoria que normalmente não é selecionada como sujeito de uma sentença.

Ainda apontam que o vestígio contido no CP da clivada não pode ser substituído por um pronome, como mostra a agramaticalidade de (35b). Se esse CP fosse realmente relativo, essa substituição deveria ser possível.

(35) a. Quem foi que o professor reprovou?
b. *Foi [_{SC} [o aluno] [_{NP} ∅ [_{CP} que o professor reprovou ele]]].

Outra proposta para a estrutura da clivada analisada por Miotto & Negrão é a de Kiss (1998) que postula que o CP encaixado é o complemento da cópula.

(36) a. It is me_i [_{CP} who_i ∅ [_{IP} t_i is sick]].
b. It is me_i [_{CP} ∅_i that [_{IP} t_j is sick]].
c. It was to John_i [_{CP} t_i that [_{IP} I spoke t_i]].

A cópula é gerada como núcleo de F(ocus)P e *that* está na posição normal de complementizador. O foco ocupa o Spec FP, ele é gerado nessa posição quando não pode sofrer movimento. Como no caso de evitar a extração de uma ilha relativa (36a) ou evitar os efeitos *that-t* (36b). Quando não há nenhuma restrição para o movimento do constituinte focalizado, a clivada é derivada por movimento cíclico do foco que passa por Spec CP e vai até Spec FP, como em (37).

(37) [_{IP} It [_{FP} FOCO [_F be [_{CP} Φ/Wh [_C that/Φ [_{IP}]]]]]]

Essa análise estipula uma seleção categorial imprópria: I c-seleciona FP cujo núcleo c-seleciona um CP. Também não fica claro por que o foco na periferia esquerda ora é movido, ora é gerado diretamente lá: se ele, como as expressões-Wh interrogativas, tem estatuto de operador, fica por explicar como se estabelece a ligação entre ele e a variável sintática, se não existe movimento.

O ponto favorável da análise de Kiss (1998) é que possibilita a derivação da clivada via movimento A' do constituinte focalizado. Miotto & Negrão ressaltam que o movimento A' do foco evidencia que o CP da clivada não é relativo, uma

vez que um CP relativo é uma ilha forte para a extração. E também não permite um tratamento unificado para as sentenças clivadas e pseudoclivadas.

Diante destes fatos, os autores propõem que a clivada é derivada via movimento do foco, como verificamos em (38).

(38) [_{IP} *pro* [_{I'} é [_{VP} [_V *t_é* [_{CP=FocP} *foco* [_{C=Foc} *que* [_{IP} *t_{foco}*....]]]]]]]]

Nessa representação, I c-seleciona um VP cujo núcleo c-seleciona um CP que tem as mesmas propriedades de FocP. Diferentemente da análise de Kiss, I não c-seleciona FP. A cópula é um inacusativo que tem como complemento um CP marcado com o traço [+foco], assim, o especificador de CP deve ser preenchido pelo constituinte focalizado⁷⁰. A escolha da cópula por um CP marcado pelo traço [+foco] é comparada à escolha do verbo *perguntar*, que seleciona um CP com o traço [+interrogativo]. Nesse caso, o Spec deve ser preenchido por uma expressão-Wh interrogativa ou o núcleo C é preenchido pelo complementizador interrogativo *se*.

Mioto & Negrão apresentam argumentos relacionados à prosódia, sintaxe e semântica em favor de que as sentenças clivadas não contêm uma relativa, diferentemente das pseudoclivadas. Quanto à prosódia, os autores verificam que o local do *pitch* mais proeminente da sentença muda quando ela é uma clivada e quando é uma relativa. A sentença (39) foi empregada por falantes do PB em diferentes contextos, como em (40a) e em (40b).

(39) Foi o aluno que foi reprovado.

- (40) a. Quem foi que foi reprovado?
b. Qual aluno pediu revisão de prova?

Por meio da análise das gravações da sentença (39), os autores verificam que, conforme o tipo de sentença que está em jogo, clivada ou relativa, o local do *pitch* muda. Quando (39) responde (40a), o acento proeminente está na sílaba tônica [-lu-] do constituinte clivado. Quando (39) responde (40b), o valor de *pitch* mais proeminente está na sílaba que porta o acento nuclear da sentença, [-va-] de *reprovado*. A diferença no valor de *pitch* também se mostra significativa.

⁷⁰ Mioto & Negrão (2006) apontam alguns problemas referentes à estrutura sugerida por eles para as clivadas, mas, ainda assim, adotam a representação em (38) como pano de fundo para a proposta de que as clivadas não contêm uma relativa. Dois problemas são apontados pelos autores: como é possível a concordância entre a cópula e o foco (i), se o foco ocupa uma posição A'; por que o *que* não é opcional (ii), como acontece com as interrogativas encaixadas.

- (i) Somos nós que fazemos o serviço pesado.
(ii) a. Ele perguntou o que (que) ela comeu.
b. Somos nós *(que) fazemos o serviço pesado.

Ressaltamos que a opcionalidade do complementizador nas clivadas não é possível porque ele se comporta como um morfema foco em PB na sentença clivada. Em uma interrogativa encaixada ou matriz, o complementizador pode ser dispensado porque a expressão-Wh pode satisfazer o critério foco através da concordância dinâmica, sem a presença de um morfema foco em Foc.

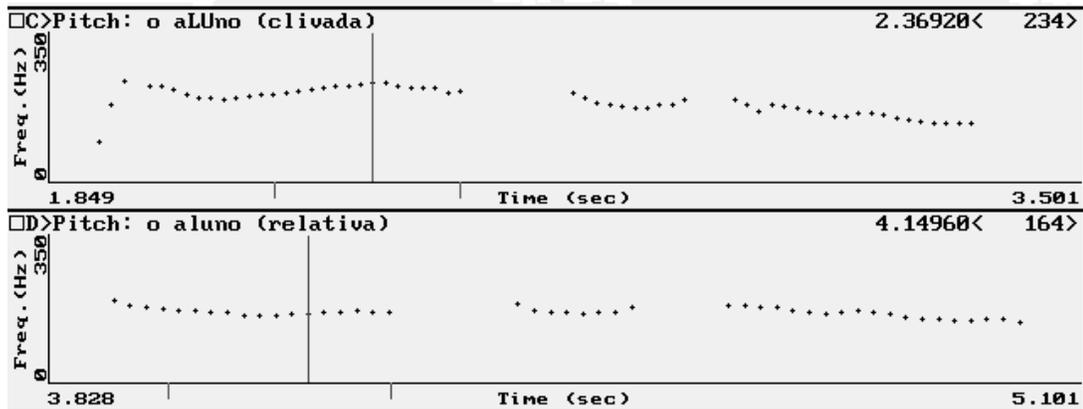


FIGURA 1 – Valores de *pitch* da sílaba [-lu-] na clivada e na relativa.

Fonte: Miotto & Negrão (2007)

Na Figura 1, verificamos o contorno prosódico da sentença clivada (tela C) e da sentença relativa (tela D). O constituinte *aluno* foi isolado e o traço vertical maior representa a sílaba [-lu-]. No canto direito de cada tela, aparece o valor de *pitch* dessa sílaba, que é 234Hz na clivada e 164Hz na relativa. Miotto & Negrão assumem que a diferença na marcação prosódica das duas sentenças pode ser o reflexo de uma estrutura sintática também diferente.

Com relação à sintaxe, os autores afirmam que se o CP encaixado da clivada é relativo, ele não pode estar separado do pivô, neste caso, o foco. Fato que não se confirma na clivada em (41b)

- (41) a. Foi UM LIVRO que a Maria leu (não uma revista).
b. UM LIVRO foi t_i que a Maria leu (não uma revista).

Quando a sentença é uma relativa verdadeira, como (42a) quando responde (42b), a separação entre o pivô e o CP encaixado de fato não acontece, como verificamos pela agramaticalidade da sentença em (43a).

- (42) a. Foi um livro que a Maria leu.
b. Qual foi o livro que sumiu da biblioteca?
- (43) a. *Um livro foi t_i que a Maria leu.
b. Um livro que a Maria leu foi que sumiu da biblioteca.

Para salvar a sentença, é necessário o movimento de todo o CP relativo, como em (43b).

Outro fator que também é apontado pelos autores como um argumento contra a assunção de que as clivadas contêm uma relativa é a função sintática e temática exercida pelo pivô (ou o foco das clivadas), externo ao CP encaixado, e pela categoria vazia, interna ao CP. Nas sentenças clivadas o Caso e o papel- θ do foco e da categoria vazia devem ser o mesmo. Vejamos o que acontece na sentença (44):

- (44) Foi UM LIVRO que a Maria leu t_i .

Em (44), o foco *um livro* e o seu vestígio t_i recebem papel- θ (tema) do verbo *ler* e os dois são marcados pelo Caso acusativo.

Quando temos uma relativa verdadeira, como em (45), há uma independência verificada entre o Caso e o papel- θ do pivô e da categoria vazia.

- (45) Eu encontrei a menina que *ec* beijou o João.

Em (45), o pivô *a menina* recebe papel- θ (tema) e o Caso acusativo do verbo *encontrar*, enquanto a *ec* recebe papel- θ (agente) e Caso nominativo atribuído pelo verbo *beijar*.

A partir da independência entre o pivô e a *ec* nas relativas e a dependência do constituinte clivado e do seu vestígio nas clivadas, Miotto & Negrão (2006) verificam que o foco ocupa uma posição A' que não tem qualquer função gramatical, ao passo que o pivô das relativas está em uma posição argumental.

Os autores observam ainda que o pivô da relativa não pode ser de qualquer natureza categorial. Fortes restrições são impostas sobre a natureza categorial do elemento que pode funcionar como pivô de uma relativa. As sentenças em (46) mostram que adjetivos, advérbios e verbos (=VPs) podem ser clivados.

- (46) a. É escandalosa que ela é.
b. Foi calmamente que ele partiu.
c. É viajar que ele quer.

Constituintes do tipo adjetival, adverbial ou verbal não figuram como pivô de sentença relativa, mas podem ser clivados sem que tragam algum problema para a gramaticalidade da sentença. Dessa forma, os autores verificam que o CP de sentenças como as de (46) não pode ser do tipo relativo.

Quanto ao aspecto semântico, Miotto & Negrão ressaltam que as sentenças clivadas, por apresentarem identificação exaustiva, não aceitam quantificadores distributivo-universais, elementos introduzidos por *também* e *até*, e quantificadores existenciais preenchendo a posição de foco.

- (47) a. *Foi cada livro/todo livro que a Maria leu.
b. ??Foi também um livro que a Maria leu.
c. *Foi até um livro que a Maria leu.
d. ??Foi algum livro que a Maria leu.

Tais constituintes não devem ocupar a posição do elemento clivado porque não realizam identificação por exclusão, propriedade fundamental do foco exaustivo das clivadas. Se o constituinte clivado veicula interpretação de mero foco de informação, então não deve aparecer nenhuma restrição quanto ao tipo de elemento clivado. Essa mesma restrição não se aplica às sentenças relativas, como verificamos pela gramaticalidade dos exemplos abaixo.

- (48) a. O jornalista entrevistou cada/todo artista que participou do evento.
b. O jornalista entrevistou também o segurança que participou do evento.
c. O jornalista entrevistou até o segurança que participou do evento.
d. O jornalista entrevistou alguém que participou do evento.

De acordo com Miotto & Negrão, as clivadas e pseudoclivadas têm em comum a propriedade de focalizar o constituinte que aparece depois da cópula. A estrutura das duas é diferente. A clivada tem um complementizador preenchendo o CP encaixado, enquanto a pseudoclivada apresenta uma expressão-Wh. O foco

veiculado por elas também não é o mesmo. A pseudoclivada pode veicular o foco de informação, contrastivo e de identificação, já a clivada não pode veicular um mero foco de informação.

5.3.1.3 BELLETTI (2008A,C)

Segundo Belletti (2008c), as clivadas podem veicular tanto foco de informação quanto foco contrastivo e todos os tipos de clivadas derivam da mesma estrutura. A autora aponta duas propriedades cruciais das sentenças clivadas: (i) têm um CP reduzido; (ii) o CP reduzido pode ou não estar dotado com traço EPP. Belletti investiga qual a posição ocupada pelo constituinte focalizado nas clivadas sujeito e nas clivadas não-sujeito do francês. E se o CP dos dois tipos de sentenças clivadas é o mesmo.

Uma particularidade da cópula, especialmente nas clivadas, é que envolve focalização. A proposta da autora é que a periferia vP da cópula é reduzida e contém somente o núcleo foco. Belletti sugere que a própria cópula é a realização do núcleo foco nas clivadas. Isso provê uma caracterização natural do fato frequentemente observado através das línguas segundo o qual a cópula tende a se realizar lexicalmente como uma partícula foco (cf. capítulo 4).

Belletti assume que a cópula das clivadas em geral seleciona uma *small clause* (SC) como complemento⁷¹. E que a SC complemento da cópula é um CP, como representado em (49).

(49)Be [CP]

Os pontinhos à esquerda da cópula indicam que há uma periferia vP ali. Nessa periferia há um núcleo próprio de foco de informação que aloja em seu especificador um constituinte com esse mesmo tipo de interpretação.

A SC das clivadas é um CP *split*, dentro dele há um sujeito da SC e um CP predicado. O sujeito da *small clause* CP é um DP sobre o qual o CP introduzido por um complementizador relativo predica alguma propriedade. A partir disso, Belletti (2008c) afirma que se a SC é uma sentença obtida através de uma relação de predicação, e que se a presença de uma relação de predicação for igualada a uma propriedade formal do tipo "ter um traço EPP", é possível caracterizar formalmente uma SC como qualquer projeção categórica dotada de um traço EPP.

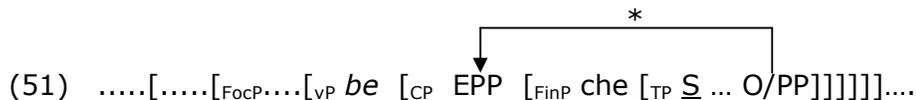
Dessa forma, a autora considera a SC da cópula presente nas clivadas um CP com um traço EPP e denomina esse CP de *CP small*. O CP de uma clivada sujeito é um CP reduzido que não contém a parte mais alta da projeção CP, a categoria Force. O DP sobre o qual o CP *small* predica alguma propriedade é o constituinte que se move para ser associado com a interpretação de foco.

(50) [TP CE ..↓ ... [FocP [[VP être [CP ... [EPP Jean [FinP qui [a parté]]]]]]]]

⁷¹ A hipótese de que a cópula tem como complemento um *small clause* é levantada nos trabalhos de Burzio (1986) e Stowell (1983). Posteriormente desenvolvida nos trabalhos de Moro (1997) e Rothstein (2000).

O sujeito do CP *small*, *Jean*, preenche o especificador do núcleo conduzindo o traço EPP, que está ativo dentro do CP *small*. A posição EPP da SC é uma posição do tipo A, como a posição sujeito das sentenças TP regulares nas quais uma relação de predicação é estabelecida com o predicado verbal. Isso é possível em uma clivada sujeito, uma vez que esse constituinte é compatível com o traço EPP. Mas o que ocorre nas clivadas objeto? A *small clause* CP terá um traço EPP a ser checado?

A posição EPP do CP *small* não pode ser preenchida por um objeto direto ou indireto. As condições de *Relativized Minimality* (RM) não permitem que um objeto se mova para a posição EPP cruzando sobre um sujeito interveniente.



O sujeito das clivadas é o único constituinte que pode alcançar a posição EPP, ou ser colocado diretamente ali. A consequência disso é que somente o sujeito pode alcançar a posição de foco de informação na periferia vP da cópula. Belletti exclui qualquer possibilidade de um objeto ser colocado diretamente na posição EPP com um *pro* na sua posição temática devido às restrições de licenciamento de um *pro* objeto. O problema da intervenção necessariamente se coloca nessa situação. Belletti mostra exemplos de pseudo-relativas que também não permitem um objeto como núcleo devido às condições de localidade.

- (52) a. *Ho visto Maria che Gianni/i ragazzi salutava/salutavano.
 (Vi Maria que João/os garotos cumprimentava/cumprimentavam)
 b. *Ho visto con Maria che Gianni parlava.
 (Vi com Maria que João falava)
 c. Ho visto Maria che parlava con Gianni.
 (Vi Maria que falava con João)

A autora diferencia uma clivada sujeito de uma clivada não-sujeito. A proposta é que para as clivadas objeto o CP complemento da cópula não tem um traço EPP ativo, assim, não é considerado um CP *small*, no sentido técnico do termo. Mas continua sendo um CP reduzido, sem o núcleo Force. O CP de uma clivada objeto é um CP truncado/reduzido. A falta de EPP permite que outro constituinte que não o sujeito da SC se mova dentro do CP reduzido sobre o sujeito em TP, sem causar qualquer efeito de minimalidade. Diferentemente do movimento do sujeito interpretado como foco de informação nas clivadas, o movimento na clivada objeto é do tipo A'. Enquanto a focalização da clivada sujeito pode ocorrer na periferia vP da cópula e corresponde à focalização de informação nova, a focalização de constituintes não-sujeito nas clivadas corresponde à focalização de periferia esquerda da sentença. Esse tipo de focalização envolve mais do que informação nova, é tipicamente uma focalização contrastiva. A proposta é que as clivadas constituem uma forma de focalização em geral, a focalização do sujeito pode ser de informação nova, mas a focalização de argumentos não-sujeito é somente contrastiva⁷².

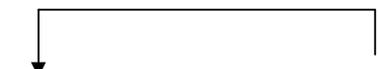
⁷² Belletti aponta que uma clivada sujeito também pode ser um caso de focalização contrastiva. O movimento do sujeito clivado, nesse caso, será para a periferia esquerda do CP reduzido como ocorre nas clivadas não-sujeito.

A autora mostra que a clivada sujeito responde adequadamente uma interrogativa-Wh, e que a mesma situação não se verifica com o objeto. Isso ocorre nas línguas nas quais as clivadas são empregadas como estratégia de resposta.

- (53) Q: Qu'est-ce-que t'as acheté (/Qu'as-tu acheté)?
(O que você comprou?)
A: *C'est un livre
(Foi um livro)
- Q: Avec qui es-tu sorti?
(Com quem você saiu?)
A: *C'est avec Jean
(Foi com João)

As respostas clivadas reduzidas, que são perfeitamente possíveis em contextos pergunta-resposta sobre o sujeito em francês, não ocorrem quando o objeto direto ou indireto é o foco.

Belletti propõe a seguinte derivação para as clivadas não-sujeito:

- (54) *be* [_{CP} FORCE ... [_{FocP} ... [_{FinP} *che* [_{TP} S ...O/PP]]]]...
- 

Como o traço EPP não está presente, não há nada que impeça o deslocamento do objeto para FocP. Segundo Belletti (2008c), todas as clivadas, sujeito e não-sujeito, selecionam como complemento um CP reduzido. Esse CP pode ou não ter um traço EPP ativo. Quando isso ocorre, é um CP *small clause* na qual se aplica uma relação de predicação entre um DP sujeito e um CP predicado. Por razões de minimalidade, apenas o sujeito pode checar o traço EPP. Quando não há traço EPP no CP reduzido, a focalização na clivada é igual à focalização de periferia esquerda da sentença matriz, mas nesse caso ocorre dentro do CP reduzido complemento da cópula.

Em relação à posição do complementizador dentro das clivadas, a autora propõe que *che* é a realização de Fin, não de Force. Analisando sentenças declarativas com CP encaixado, como em (55), e sentenças com verbo de percepção, como em (56), observamos que a ordem entre o elemento focalizado e o complementizador é sempre *C-Foc*.

- (55) a. Ho detto che GIANNI avrebbero assunto (non Maria)
(Disse que o JOÃO teriam contratado (não Maria))
b. *Ho detto GIANNI che avrebbero assunto (non Maria)
(Disse o JOÃO que teriam contratado (não Maria))
- (56) a. Ho visto che GIANNI avrebbero assunto (non Maria)
(Vi que o JOÃO teriam contratado (não Maria))
b. *Ho visto GIANNI che avrebbero assunto (non Maria)
(Vi o JOÃO que teriam contratado (não Maria))

A agramaticalidade de (55b) e (56b) decorre da ordem *Foc-C* entre elemento focalizado e o complementizador. Se o complementizador deve necessariamente

vir antes do foco nessas sentenças, é porque está em uma posição mais alta do que FocP, conseqüentemente, mais alta do que Fin.

No caso das clivadas, a ordem entre o elemento focalizado e o complementizador é sempre *Foc-C*.

- (57) a. È GIANNI che assumeranno (non Maria)
 (É o JOÃO que contratarão (não Maria))
 b. È CON GIANNI che parleranno del problema (non com Maria)
 (É COM JOÃO que falarão do problema (não com Maria))
 c. È GIANNI che ha parlato (non Maria)
 (É JOÃO que falou (não Maria))

O fato de o foco estar sempre antes do complementizador nas clivadas fortalece a proposta de que nessas sentenças não há espaço para a projeção Force dentro da SC complemento selecionada pela cópula. Partindo do fato de que a ordem entre Foc e C nas clivadas é sempre *Foc-C*, e seguindo a proposta de que o CP complemento da cópula é sempre reduzido/truncado, o complementizador só pode ser a realização de Fin.

Belletti observa que se o complementizador nas clivadas não é a realização de Force, então a focalização das clivadas que veiculam foco contrastivo é igual à focalização de periferia esquerda das sentenças não-clivadas.

- (58) a. GIANNI assumeranno (non Maria)
 (O JOÃO contratarão (não Maria))
 b. CON GIANNI parleranno del problema (non com Maria)
 (COM JOÃO falarão do problema (não com Maria))
 c. GIANNI ha parlato (non Maria)
 (JOÃO falou (não Maria))

Nas sentenças em (58), o foco contrastivo ocupa o especificador de uma posição foco alta dentro do CP articulado. Essa é exatamente a mesma posição ocupada pelo elemento focalizado encaixado nas clivadas em (57). Entretanto, Belletti faz notar que ainda que o processo de focalização seja o mesmo nos dois tipos de estrutura, as sentenças em (57) e (58) não são semanticamente equivalentes.

Somente as clivadas implicam uma identificação única do elemento focalizado (cf. Kiss 1998). Também denotam uma pressuposição de existência acarretada pela presença da cópula. Tanto que um quantificador negativo pode perfeitamente ser focalizado contrastivamente em uma declarativa simples (59a), mas não em uma clivada (59b).

- (59) a. NESSUNO ho incontrato (non tutti)
 (NINGUÉM encontrei (não todos))
 b. *(Non) È NESSUNO che ho incontrato (non tutti)
 ((Não) É NINGUÉM que encontrei (não todos))

A clivada apresenta uma restrição semântica sobre os elementos focalizados que veicula que não ocorre nas declarativas simples. Isso é próprio do valor semântico-discursivo implicado pelo uso da clivada, a pressuposição de existência implica que pelo menos um elemento seja identificado como o foco da sentença.

A ordem *Foc-C* nas clivadas mais a distinção semântica entre clivadas que veiculam foco contrastivo e as sentenças simples com foco contrastivo são indícios de que o complementizador presente nas clivadas não é do mesmo tipo daquele encontrado nas declarativas encaixadas expressando a força ilocucionária da sentença⁷³.

Em relação à posição do complementizador *que*, a proposta de Belletti é que ele sempre se origina em Fin. Quando um CP subordinado pleno é selecionado, o complementizador se desloca para Force para checar a força declarativa ilocucionária da sentença. Por meio desse mecanismo é que o complementizador pode expressar a natureza finita da sentença e a sua força ilocucionária ao mesmo tempo. Se o núcleo Force não está presente, *que* expressará somente a finitude da sentença. Esse é precisamente o caso das clivadas, uma vez que o complementizador permanece em Fin e ali expressa a natureza finita da sentença encaixada.

Para as línguas que permitem mais de uma realização do complementizador na sentença, como é o caso do PB, Belletti assume a análise de movimento como cópia (cf. Chomsky 1995 e trabalhos posteriores). Vejamos:

(60) O João disse **que** o Pedro **que** comprou um carro.

Segundo a autora, os complementizadores são dois *spell-outs* de cópias diferentes que estão localizadas nos núcleos Force e Fin. A origem do complementizador é em Fin (*merge* externo), depois sofre um *re-merge* interno em Force. Embora seja assumido na literatura que é a cópia mais alta que é enviada para *spell-out*, é possível, considerando principalmente o caso do CP reduzido das clivadas, que ambas as cópias sejam foneticamente realizadas⁷⁴.

A análise de Belletti (2008a,c) difere sob o ponto de vista semântico da análise de Mioto & Negrão (2007) e de Modesto (2001). Esse último classifica clivado as clivadas como sentenças especificacionais que implicam contraste, exaustividade e exclusividade devido ao movimento A' do elemento clivado. Mioto & Negrão afirmam que enquanto a pseudoclivada pode veicular qualquer tipo de foco (contrastivo, de identificação ou de informação), a clivada veicula somente foco contrastivo ou de identificação. Para os autores, um simples foco de informação não é veiculado por uma clivada.

Sob o ponto de vista sintático, na análise de Modesto e de Mioto & Negrão não há possibilidade de o foco ocupar uma posição na parte baixa da sentença, como propõe Belletti para as clivadas sujeito foco de informação do francês. Na seção que segue, apresentamos nossa proposta de análise para as clivadas do PB que veiculam foco de informação. Conforme verificamos no quarto capítulo, a clivada sujeito também é empregada pelos falantes do PB em um contexto pergunta-resposta que não envolve contraste/correção.

⁷³ Nesta tese, defendemos que o complementizador das clivadas é um morfema foco em PB. Não é a realização de Force, e sim do núcleo Foc.

⁷⁴ Para as línguas que podem ter dois complementizadores diferentes realizados em Force e Fin, respectivamente, ou para línguas que realizam o complementizador das clivadas de uma forma diferente do complementizador declarativo, Belletti sugere que o complementizador em Fin teria a propriedade de não se mover para Force, uma vez que um traço relevante seria expresso por um complementizador diretamente *merged* em Force.

5.3.2 CLIVADAS FOCO DE INFORMAÇÃO – SUJEITO

A sentença clivada é uma estratégia de focalização informacional do sujeito que foi constatada no estudo de Guessier (2007) e Fernandes (2007). De acordo com Modesto (2001) e Mioto & Negrão (2007), o constituinte clivado sempre está relacionado aos traços de contraste ou exaustividade. Concordamos com os últimos autores que há certos constituintes que quando clivados só veiculam uma interpretação contrastiva ou exaustiva. Mas não há como negar que uma pergunta-Wh sobre o sujeito pode ser respondida com uma sentença clivada que não implica contraste.

- (61) a. Quem fez esse bolo?
b. Fui [_F eu] que fiz.
- (62) a. Quem compra frutas na feira?
b. É [_F a Ana] que compra frutas na feira.

Modesto (2001) afirma que sempre ocorre movimento A' de algum tipo nas sentenças clivadas, independentemente se o elemento clivado for um sujeito ou um objeto. E que a leitura exaustiva associada à clivada é resultante desse movimento.

O autor ainda assume que em algumas sentenças clivadas não é o constituinte focalizado que sofre movimento, mas a parte pressuposta. Para esses casos, Modesto propõe o movimento-p (cf. Zubizarreta 1998). Defendemos uma análise que justifica o movimento de um constituinte na sentença em função da sua propriedade de escopo-discursiva. Assim, não estamos de acordo com uma proposta que defende o movimento daquilo que não é o foco. O autor justifica a sua análise recorrendo ao alinhamento entre proeminência de foco, FPR (*Focus Proeminence Rule*), e acento nuclear, NSR (*Nuclear Stress Rule*). Contudo, há casos em que PF acentua o elemento focalizado ainda que esse não figure na posição mais encaixada da sentença. Isso ocorre quando o sujeito é focalizado *in situ*. Nesse caso, o alinhamento entre FPR e NSR não é mantido, pois PF atribui o acento ao foco sem que ele figure na posição final.

A nossa proposta para a representação das clivadas também diverge da análise de Modesto no que diz respeito ao fato de o constituinte focalizado ocupar posições diferentes conforme o tipo de clivada em jogo. De acordo com a abordagem cartográfica seguida nessa tese, o foco nas clivadas sempre ocupa o especificador de FocP. O autor ainda assume que o movimento do foco nas clivadas ocorre ora na sintaxe visível ora em LF e que o traço [+foco] é forte em CP e fraco em FP. Defendemos aqui que o movimento do constituinte focalizado sempre ocorre na sintaxe visível, uma vez que os componentes PF e LF interpretam o foco diretamente da configuração sintática. O traço [+foco] é um traço criterial que deve ser checado em uma posição específica ou por meio da relação especificador-núcleo ou por meio da relação núcleo-complemento. Esse traço não precisa ser apagado na sintaxe, ele resiste até PF e LF sem que o sistema computacional elimine a sentença.

Mioto & Negrão (2007) propõem que o elemento clivado está sempre associado à leitura contrastiva/exaustiva. Os autores não aceitam a sentença clivada em contexto pergunta-resposta que é próprio do foco de informação, como observamos nas sentenças em (63) extraídas do texto dos autores.

- (63) a. O que o menino comeu?
 b. #Foi o bolo que o menino comeu.
 c. #O bolo que o menino comeu.
 d. #O bolo o menino comeu.

O resultado do nosso experimento sobre a focalização do objeto mostra que nenhum falante escolhe a sentença clivada como uma estratégia de resposta a uma pergunta-Wh sobre o objeto. O exemplo dado por Miotto & Negrão é de clivada objeto, eles não exemplificam com clivada sujeito. Nada exclui que a clivada sujeito possa aparecer em contexto pergunta-resposta (cf. Guessier 2007 e Fernandes 2007). A clivada sujeito apresenta particularidades que não estão presentes na clivada objeto, próprio da assimetria sujeito-objeto presente nas línguas. Isso vai ao encontro da análise de Belletti (2008a,c) de que a estrutura da clivada sujeito é diferente da clivada não-sujeito, apenas a primeira pode veicular foco de informação ou foco contrastivo.

De acordo com Belletti (2009), a focalização do sujeito em francês e italiano envolve a posição focal baixa, mas de uma forma diferenciada. O italiano emprega essa posição de modo direto, enquanto o francês faz uso dela de modo mais articulado, introduzindo a cópula. Essa diferença na ativação de FocP se deve as diferentes estratégias de resposta empregada nas duas línguas.

A clivada sujeito em francês é uma estratégia de focalização que pode ser comparada à inversão livre do italiano, uma vez que nos dois casos está em jogo a ativação de FocP acima de vP. A cópula sem conteúdo semântico empregada pelos falantes do francês torna possível a ativação da posição foco pós-verbal, como em (64a).

- (64) a. [_{TP} Ce [_T être_i [_{FocP} Jean_j [_{VP} t_i [_{SC} t_j [_{CP} qui a parlé]]]]]]
 (expletivo Foi João que falou)
 b. [_{TP} pro [_T ha parlato_i [_{FocP} Gianni_j [_{VP} t_i t_j]]]]]
 (expletivo Falou João)

Observamos, a partir de (64), que FocP figura como complemento do verbo lexical *parlare* em italiano, já FocP em francês figura como complemento da cópula *être*. A clivada canônica ou reduzida, que também é muito frequente em francês, permite que o sujeito foco de informação esteja em uma posição específica de foco. O uso da clivada como estratégia de focalizar o sujeito que exprime apenas informação nova é uma forma de focalização por meio de uma posição sintática particular, como ocorre nos casos de inversão livre do italiano. Belletti (2009) afirma que a clivada é um tipo de estratégia de focalização pós-verbal.

No PB, assim como no francês, não há acesso direto da posição focal baixa para o sujeito FI. A saída encontrada pelos falantes do PB é empregar a sentença SVO com uma prosódia especial ou a clivada. O trabalho de Belletti, Bennati & Sorace (2007) aponta para uma dissociação entre o parâmetro do sujeito nulo e a possibilidade de inversão livre. Segundo Belletti, a inversão livre ocorre somente quando o sujeito consegue acessar diretamente a posição FocP baixa. Dessa forma, elas assumem que a falta de inversão livre é uma consequência das diferentes estratégias de respostas que podem ser empregadas pelos falantes. Belletti (2009) agrupa as línguas segundo o tipo de estratégia de focalização do sujeito empregada: por posição sintática ou por prosódia especial.

- (65) a. VS do Italiano: PE, Romeno, Paduano...
 b. Clivada (reduzida) do Francês: Japonês, Norueguês, Malaiala...
 c. SV do Inglês: Húngaro⁷⁵, Basco, Gungbe...

As línguas do grupo (a) e (b) destacam o foco através da posição, enquanto as línguas do grupo (c) destacam o foco por meio da prosódia especial no sujeito junto com uma posição FocP não *default* (dentro de DP). O PB pode ser visto como uma língua que ainda permite sujeito nulo, pelo menos na escrita, mas que não apresenta inversão livre. Quando a inversão ocorre, está condicionada a presença de algum elemento no início da sentença (cf. Pilati 2006). Por isso, não entra na classificação do grupo (a). A focalização do sujeito em PB é particular porque essa língua se enquadra tanto no grupo (b) quanto no grupo (c) da classificação proposta por Belletti. Ou seja, emprega só posição sintática ou prosódia especial mais posição sintática para destacar o foco. Uma estratégia não exclui a outra, depende da escolha dos falantes dessa língua⁷⁶.

A análise das clivadas sujeito FI do PB proposta nesta tese assume em parte a análise de Belletti (2008a,c), para o francês, e em parte a análise de Mito & Negrão (2006), para o PB. Defendemos que o complementizador *que* das clivadas é a realização de um morfema foco, por isso, parte da numeração marcado como [+F]. Seguimos Mito & Negrão e propomos que o constituinte clivado sofre movimento A' (cf. Kiss 1998). No caso da clivada que veicula um sujeito FI, a focalização ocorre na periferia de vP, como propõe Belletti. Na análise da autora, o complementizador se origina em Fin, e ali permanece. Na análise de Mito e Negrão, o complementizador é a realização de Foc⁷⁷. Propomos aqui que o complementizador se origina em Fin, mas se move para Foc por ser um morfema foco em PB. Esse movimento é do mesmo tipo do movimento do complementizador para Force nas sentenças subordinadas (cf. Belletti 2008c). Também concordamos com Belletti (2008a,c) que o CP das clivadas não é do mesmo tipo do CP das subordinadas. A autora afirma que nas clivadas, em geral, o CP é reduzido/truncado, sem a projeção da categoria ForceP.

Kiss (1998) assume que FocP c-seleciona um CP nas clivadas. Como a própria autora aponta, não há motivação para essa seleção categórica. Para evitar uma seleção indesejada, propomos, seguindo as evidências apresentadas em Mito & Negrão, que a cópula seleciona diretamente um CP e que esse CP não é relativo. A focalização ocorre na periferia da sentença introduzida pelo

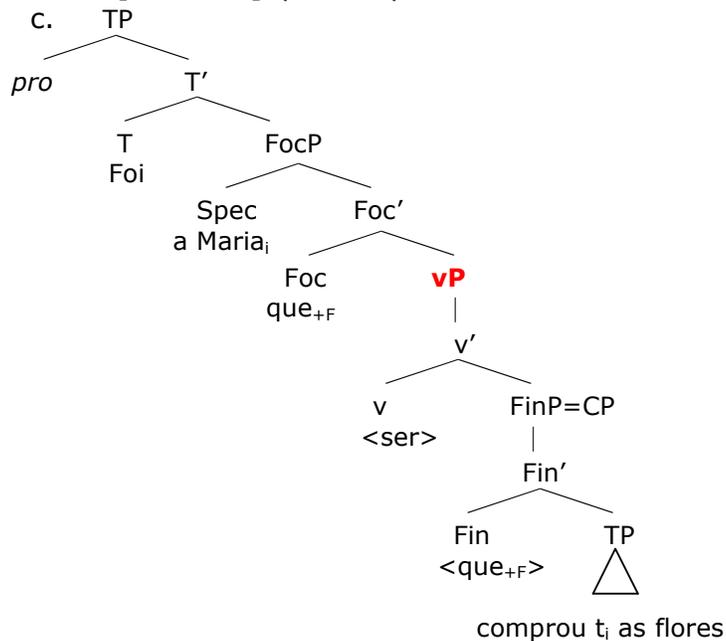
⁷⁵ O húngaro é uma língua de sujeito nulo que mantém o sujeito foco em posição pré-verbal, mas permite que o objeto foco de informação esteja na periferia esquerda da sentença (OSV). Dessa forma, verificamos que a propriedade de sujeito nulo é necessária, mas não é uma condição suficiente para que os falantes da língua empreguem a posposição do sujeito como uma estratégia de resposta à pergunta-Wh. De acordo com Belletti (2008a), se uma língua tem a propriedade de sujeito nulo, as respostas às interrogativas-Wh sobre o sujeito apenas contêm um sujeito pós-verbal (VS) se a posição foco está ativa na periferia de vP. Se a posição para o foco de informação é aquela da periferia esquerda da sentença, então SV é a ordem esperada. Consequentemente, OV também é esperada no caso de objeto foco de informação. O PB mantém o objeto FI na posição foco baixa, mas não permite que o sujeito FI ocupe essa mesma posição.

⁷⁶ O experimento realizado nessa tese para a verificação das estratégias de focalização contrastiva do sujeito mostra que o falante que opta pela clivada emprega essa estratégia em todas as situações de focalização contrastiva do sujeito, não varia entre usar a clivada e a sentença SVO. Já aquele que escolhe a estratégia de focalização *in situ*, não alterna com o uso da clivada. Não há variação no uso da clivada e no uso da sentença SVO em um mesmo falante do PB.

⁷⁷ Mito (2001, p. 26) propõe que o verbo *ser*, em uma sentença clivada, seleciona um CP com um traço [(-wh,)+foc] para ser verificado, o foco ocupa o especificador e o *que* está no núcleo de uma categoria sincrética que incorpora um ForceP declarativo e um FocP [(-wh)].

complementizador com movimento A' do foco nos casos de foco contrastivo ou de identificação. Para as clivadas com sujeito foco de informação, seguimos Belletti (2008c) e propomos que a focalização ocorre na periferia da cópula. Vejamos a representação proposta nessa tese para a clivada sujeito foco de informação.

- (66) a. Quem comprou as flores?
b. Foi [_F a Maria] que comprou as flores.



Na representação em (66c), a cópula vai para T. O complementizador, que é um morfema foco, deixa a sua posição e vai para Foc, dali sonda o constituinte que deve ocupar o especificador de FocP. Por razões de minimalidade relativizada (cf. discutiremos a seguir), o sujeito *a Maria* é o único constituinte que pode preencher Spec FocP na periferia da cópula, que é uma posição argumental⁷⁸. O sujeito sai da posição temática para evitar um congelamento criterial na posição sujeito da subordinada. Assim, o critério foco é satisfeito e a sentença está pronta para ser enviada aos componentes de interface, PF e LF. Seguimos Belletti que propõe que o CP introduzido pelo complementizador é um CP truncado/reduzido sem a projeção da categoria Force, o CP na clivada corresponde à projeção FinP ou FocP.

A ordem entre o complementizador e o foco nas clivadas é sempre [Foco-que], já nas sentenças subordinadas, o foco sempre deve seguir o complementizador, resultando na ordem [que-Foco], como em (67).

- (67) a. O Pedro disse que a Maria leu UM LIVRO.
b. O Pedro disse que UM LIVRO a Maria leu.

⁷⁸ É difícil definir a natureza da posição FocP baixa em relação à distinção A/A'. Diferentemente da posição FocP na periferia esquerda da sentença que é uma posição A', a posição baixa de foco também está relacionada à propriedades argumentais, como concordância. Rizzi (c.p) propõe que FocP na periferia de vP seja considerada uma posição mista que envolve propriedades criteriais (A') e propriedades gramaticais (A).

- c. UM LIVRO o Pedro disse que a Maria leu.
d. * O Pedro disse UM LIVRO que a Maria leu.

A agramaticalidade de (67d) resulta do fato de o complementizador estar na posição mais alta do CP, em Force, e, assim, não é possível que o foco esteja acima dele. A menos que o foco esteja na periferia esquerda da sentença matriz, como em (67c). A possibilidade de o foco aparecer antes do complementizador nas clivadas indica que o *que* não está em Force.

As sentenças clivadas invertidas, como em (68), mostram que o complementizador em PB não pode ser originado diretamente em Foc. Se assim fosse, não teríamos espaço para a cópula. Ela também é um morfema foco em e, nesse caso, é a realização de Foc.

- (68) a. [_F A Maria] é que comprou as flores.
b. [_{TP} [_{FocP} A Maria_i [_{Foc} é_{+F} [_{VP} <ser_{+F}> [_{FinP} que [_{TP} comprou t_i as flores]]]]]]]]

Além das clivadas invertidas, a sentença subordinada encaixada, como aquela em (69), que é muito comum em PB, pode ser analisada conforme a proposta de Belletti de que o complementizador se origina sempre em Fin.

- (69) O Pedro disse [_{Force} **que** a Maria [_{Fin} **que** comprou as flores.

Outra sentença clivada que também é empregada em contexto de focalização informacional do sujeito pelos falantes do PB é a sentença [*SqueVO*] que é identificada por Guesser (2007) como uma clivada truncada.

- (70) a. [_F A Maria] que comprou as flores.
b. [_{TP} [_T Foi [_{FocP} A Maria_i [_{Foc} que_{+Fi} [_{VP} ser [_{FinP} <que_{+Fi}> [_{TP} comprou t_i as flores]]]]]]]]]]

Na clivada truncada, a cópula seleciona um CP e, em seguida, vai para T. Pelo fato de a cópula estar uma posição inicial, ela pode ser apagada sem problemas. De acordo com Kato & Raposo (1996), o apagamento da cópula nas clivadas pode estar relacionado aos traços fracos do verbo em PB. Uma vez que T possui traços fortes de V em PE, a regra de apagamento de cópula não se aplica nesta variedade de português. Os autores consideram o *que* das clivadas como uma realização morfológica de F.

Mioto (1996) afirma que uma sentença [Foco que] é diferente de uma sentença [Foco é que]. O autor não considera (70a) uma espécie de sentença clivada. Para Mioto, uma sentença *SqueVO* mostra o deslocamento explícito do sujeito para a periferia esquerda da sentença. A adjacência entre o constituinte focalizado e o *que* é real, não há intervenção da cópula. Mioto afirma que a sentença *SqueVO* não é uma clivada invertida com apagamento da cópula porque não é possível eliminar um elemento da derivação que não está em uma posição inicial.

Observamos em (70b) que a adjacência entre o foco e o complementizador se mantém. A cópula não estava entre os dois e, posteriormente, foi apagada. O emprego de uma sentença *SqueVO* pelos falantes do PB, como uma estratégia de focalização informacional do sujeito, não nos permite analisar essa sentença como um caso de deslocamento explícito do sujeito para o domínio CP. Dessa forma, propomos que a sentença [Foco que] é

uma clivada truncada (cf. Guessier) e a sentença [Foco é que] uma clivada invertida, dois tipos distintos de clivadas. Ou seja, não estamos de acordo com a proposta de Kato & Raposo (1996) que as duas sentenças são o mesmo tipo de clivada (invertida).

A proposta de Belletti (2008c) para as clivadas sujeito FI é que a cópula seleciona uma SC rotulada como um CP *small*. Há uma posição EPP dentro da SC que só pode ser ocupada pelo sujeito, do contrário, fere a Minimalidade Relativizada. Para os casos de clivada não-sujeito ou clivada sujeito FC, a autora segue na linha de Mito & Negrão (2006) e afirma que a cópula seleciona diretamente um CP. Nos dois casos o CP é reduzido, sem a categoria Force. Quando o foco é de informação, o sujeito focalizado está em Spec FocP na periferia da cópula. Quando o foco é contrastivo, sujeito ou objeto ocupam Spec FocP na periferia esquerda da sentença introduzida pelo complementizador.

O nosso experimento sobre a focalização do objeto mostra que a clivada canônica não é empregada como uma estratégia de resposta a uma interrogativa-Wh sobre o objeto. Mas uma pseudoclivada objeto pode ser empregada nesse mesmo contexto. Se se assume que a SC selecionada pela cópula tem um traço EPP na posição sujeito, nas clivadas que veiculam FI, como explicar a possibilidade de o objeto estar nessa mesma posição em uma pseudoclivada que responde uma interrogativa ordinária. Na análise de Belletti (2008c), é o traço EPP da SC que exclui a possibilidade de uma clivada objeto FI. A autora aponta que, em termos de distinção A/A', a posição EPP da SC é uma posição do tipo A, como a posição sujeito de sentenças TP cuja relação de predicação é estabelecida com o predicado verbal. No caso do complemento CP da cópula em clivadas não-sujeito, Belletti assume que não há nenhum traço EPP a ser satisfeito. Desse modo, não há nenhuma restrição ao movimento A' do objeto sobre o sujeito.

Na análise proposta nessa tese, não assumimos uma SC como complemento da cópula nas clivadas. Também não concordamos com a postulação de um traço EPP na posição sujeito da SC, como propõe Belletti. De acordo com Rizzi & Shlonsky (2007), a posição EPP é uma posição criterial que não pode servir de passagem para um constituinte sujeito, pois viola o congelamento criterial. É possível mover um elemento da posição sujeito da SC se ali não houver um traço EPP. Ou seja, se for uma posição TP regular só marcada com traço nominativo, dissociada da posição SubjP que é marcada com traço EPP (cf. Rizzi & Shlonsky 2005). Mas na proposta de Belletti, ainda que ela denomine posição TP defectivo, há traço EPP na posição sujeito da SC, ou seja, o constituinte que ali está não deve mais se mover devido o congelamento criterial.

A pergunta que se coloca é: assumindo a análise proposta nessa tese, o que exclui a formação da clivada objeto no contexto pergunta-resposta em PB? Uma vez que a clivada objeto não pode aparecer em contexto pergunta-resposta porque necessariamente envolve movimento A' do foco para uma posição específica na periferia esquerda do CP complemento. A resposta segue na linha do princípio de Minimalidade Relativizada que exclui o movimento do objeto para a posição foco na periferia vP da cópula passando sobre o sujeito. Dessa forma, propomos que a má formação de uma clivada objeto FI ocorre devido às condições impostas pela Minimalidade Relativizada. Assumimos no que se refere à distinção A/A' que a posição Foco baixa é "mista": tem propriedades argumentais, como concordância, e propriedades criteriais. Dessa forma, não consideramos FocP na periferia de vP uma posição A' prototípica, nem uma posição só argumental. É pela sua característica de ser mista que é sensível aos

efeitos de minimalidade. Dessa forma, o objeto não consegue alcançar Spec FocP na periferia da cópula. A ativação da projeção FocP em dois domínios diferentes – periferia da cópula e periferia esquerda da subordinada – sinaliza aos componentes PF e LF que dependendo do domínio em que o constituinte clivado se encontra, ele deve ser interpretado como foco de informação ou foco contrastivo/de identificação.

Belletti (2008c) ainda propõe que, de acordo com a teoria de Fase (Chomsky 2005), é excluída a possibilidade de um movimento longo, sem qualquer passo intermediário dentro do CP, pois o CP complemento da cópula é enviado para *Spell-out*. Esse CP é truncado/reduzido não contém uma posição *edge* que permitiria ao objeto não ser enviado para *Spell-out* e se mover até Spec FocP na periferia da cópula. Não contém qualquer posição que não seja uma posição criterial como, por exemplo, a posição foco. Mas o movimento intermediário para essa posição não é permitido devido ao congelamento criterial. Como consequência, somente o sujeito clivado pode ocorrer na periferia de vP da cópula. E essa posição foco corresponde à focalização informacional. Se um sujeito clivado é contrastivo, ele não alcança essa posição. Assim como o objeto, ocupará a posição foco na periferia esquerda da sentença encaixada, como veremos na próxima seção.

Guesser (2007) propõe um tratamento unificado para a clivada e a pseudoclivada. Para derivar a pseudoclivada partindo de uma clivada, a autora propõe que cópula na clivada sujeito foco de informação também seleciona uma SC. Contudo, as evidências apresentadas em Mito & Negrão (2006) corroboram com o fato de que a clivada e a pseudoclivada não têm a mesma estrutura. E, ainda, é perfeitamente possível responder uma interrogativa-Wh sobre o objeto com uma sentença pseudoclivada, como em (71) (cf. Krug de Assis 2001).

- (71) a. O que o Marco leu?
b. O que o Marco leu foi [_F um livro].

Mito (2003) verifica que a pseudoclivada reproduz com fidelidade a A₂ da AS (*Assertion Structure*) do foco não-contrastivo proposta por Zubizarreta (1998). Para Mito (2004), a pseudoclivada responde uma interrogativa-Wh porque o foco está em uma posição baixa. Nesse caso, ele ocupa o especificador de Foc na periferia de vP. Se a pseudoclivada, diferentemente da clivada, não impõe nenhuma restrição quanto ao tipo de elemento focalizado, sujeito ou objeto, em contexto pergunta-resposta, é porque as duas sentenças não têm a mesma estrutura. A representação de uma pseudoclivada segue as análises que propõem uma SC selecionada pela cópula (cf. Moro 1997; Heycock & Kroch 1999), com o sujeito da SC sendo o foco e o predicado sendo a relativa, como em (72). Mantemos para as pseudoclivadas com foco de informação a ativação de FocP na periferia da cópula.

- (72) a. Quem leu o livro foi [_F o Marco].
b. [_{TP} [_{CP} Quem leu o livro]_j [_T foi [_{FocP} o Marco]_i [_{vP} ser [_{SC} t_i t_j]]]]

Em (72b), verificamos que o predicado da SC é alçado para a posição sujeito da sentença matriz. A SC selecionada pela cópula não tem um traço EPP na posição sujeito, assim, nada impede que o objeto figure nessa posição. Guesser (2007) propõe que o CP complemento da SC na pseudoclivada é

realizado como uma relativa livre, com operador nulo na posição final da estrutura. Vejamos a representação dada pela autora:

- (73) a. Quem falou foi um rapaz.
- b. $[_{TP} \text{ Foi}_i \dots [_{Top} [_{Foc} [_{Top} [_{VP} t_i [_{SC} \text{ um rapaz } [_{CP} \text{ Op que falou}]]]]]]]] \Rightarrow$
- c. $[_{TP} [_{CP} \text{ quem falou}]_k \text{ foi}_i \dots [_{Top} [_{Foc} \text{ um rapaz}_j [_{Top} [_{VP} t_i [_{SC} t_j t_k]]]]]]]$

Em (73b), o operador nulo é identificado por meio dos traços de concordância com o sujeito *um rapaz* da SC. A forma *quem* é adquirida quando o CP se move para a posição sujeito da sentença, em (73c), uma vez que não é mais possível recuperar os traços do operador nulo. A autora ainda supõe que a não realização do complementizador *que* nas pseudoclivadas pode estar relacionada ao filtro Doubly-Filled Comp. Esse argumento não pode ser mantido para uma língua que apresenta muita interrogativa formada por uma expressão-Wh mais o complementizador sem resultar em agramaticalidade, como em (74).

- (74) a. **Quando que** o Pedro comprou uma casa?
 b. **Quem que** comprou uma casa?
 c. **O que que** o Pedro comprou?

Além disso, sentenças pseudoclivadas formadas pelo pronome relativo e o complementizador são possíveis em PB, como vemos em (75), ainda que não tenha aparecido nenhuma sentença desse tipo nos resultados de Guesser.

- (75) a. **Quem que** fala em sala de aula é o Pedro.
 a'. É o Pedro **quem que** fala em sala de aula.
 a''. O Pedro é **quem que** fala em sala de aula.
 b. **Quem que** comprou uma casa foi a Paula.
 b'. Foi a Paula **quem que** comprou uma casa.
 b''. A Paula foi **quem que** comprou uma casa.
 c. **O que que** o Pedro ganhou foi uma bicicleta.
 c'. Foi uma bicicleta **o que que** o Pedro ganhou.
 c''. Uma bicicleta foi **o que que** o Pedro ganhou.

A representação de um pseudoclivada com o objeto focalizado informacionalmente é a mesma de (72b). O objeto focalizado ocupa Spec FocP na periferia da cópula.

- (76) a. O que o Marco leu foi $[_F \text{ um livro}]$.
 b. $[_{TP} [_{CP} \text{ O que o Marco leu}]_j [_T \text{ foi } [_{FocP} \text{ um livro}_i [_{VP} \text{ ser } [_{SC} t_i t_j]]]]]]$

Se a posição sujeito da SC tivesse um traço EPP, não seria possível explicar ocorrência de uma pseudoclivada objeto em contexto pergunta-resposta. Ainda que isso seja possível em PB, verificamos, pelos dados de nosso experimento, que os falantes preferem a opção *default*, sentença SVO, como estratégia de focalização informacional do objeto. Ressaltamos que diferentemente da clivada que só é empregada em contexto de pergunta-resposta quando o elemento focalizado é o sujeito, a pseudoclivada pode ser usada nesse mesmo contexto com sujeito ou objeto focalizados. Dessa forma,

uma análise que propõe um tratamento sintático unificado para a clivada e a pseudoclivada não é a mais adequada para o PB.

A proposta desta tese é que em todas as sentenças clivadas com sujeito foco de informação, seja ela uma clivada canônica, truncada, reduzida ou pseudoclivada, a posição foco baixa (na periferia da cópula) é explorada, mas de uma forma diferente. Nas clivadas, a cópula seleciona diretamente um CP como complemento, enquanto nas pseudoclivadas ela seleciona uma SC. Na próxima seção mostraremos que as clivadas que veiculam foco contrastivo ou de identificação não impõem nenhuma restrição quanto ao elemento focalizado, sujeito ou objeto.

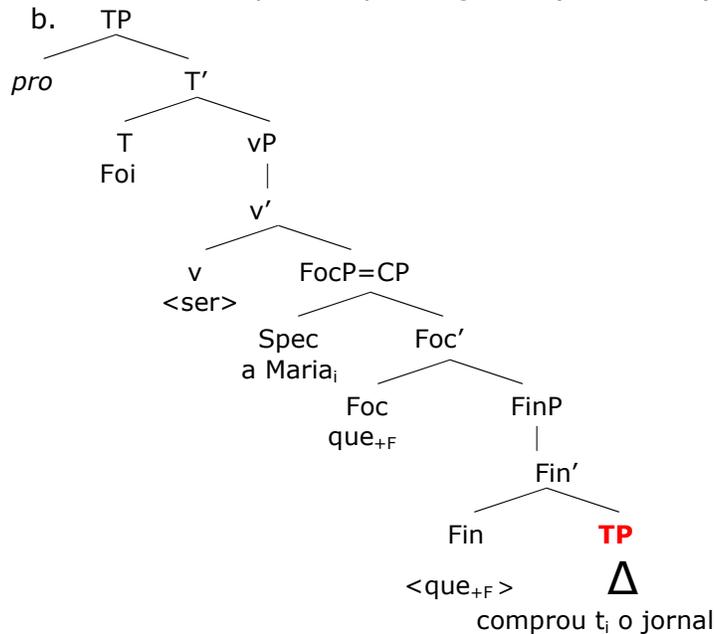
5.3.3 CLIVADAS FOCO CONTRASTIVO – SUJEITO E OBJETO

A estratégia clivada sobressai significativamente à estratégia *in situ* nos casos de focalização contrastiva do sujeito e do objeto em PB (cf. capítulo 4). Os nossos experimentos mostram que os falantes do PB preferem destacar sintaticamente o constituinte focalizado a deixá-lo *in situ* na sentença. Esse resultado é justificado pela abordagem cartográfica que defende que um elemento com uma função discursiva específica deve estar em uma posição sintática correspondente à sua função. E as sentenças clivadas de um modo geral, clivada plena, invertida, reduzida, truncada e pseudoclivada, reservam uma posição sintática específica para o foco, seja o sujeito ou o objeto.

No que se refere às clivadas que veiculam foco contrastivo, assumimos a análise de movimento A' do foco (cf. Kiss 1998, Miotto & Negrão 2006, Belletti 2008a,c). A cópula na clivada seleciona um CP reduzido, sem Force. Como no caso das clivadas sujeito FI, o complementizador das clivadas que envolvem contraste/exaustividade não é gerado diretamente em Foc, origina-se em Fin. No caso específico da pseudoclivada contrastiva, a cópula seleciona uma SC.

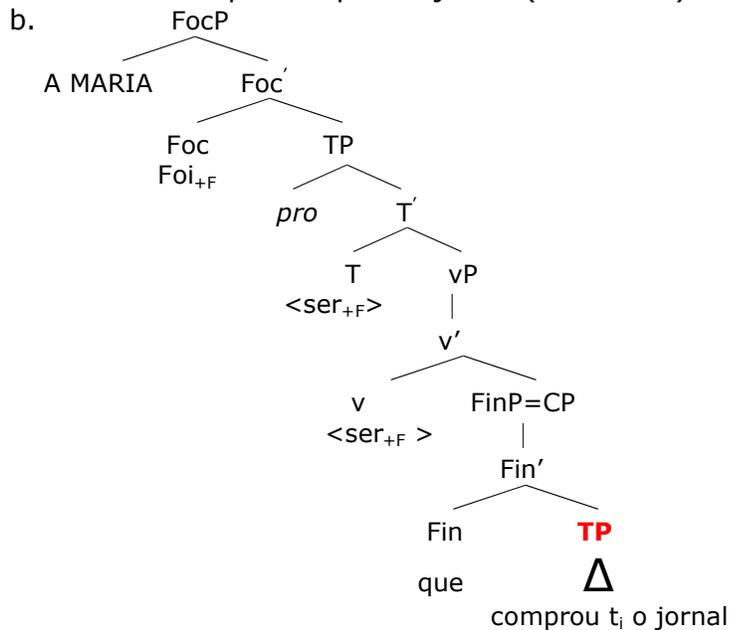
A clivada com sujeito FC pode ser plena, como em (77), invertida, como em (78), reduzida, como em (79), e truncada, como em (80).

(77) a. Foi A MARIA que comprou o jornal (não a Ana).



Nessa representação, o sujeito foco está na periferia esquerda da sentença encaixada. O complementizador parte da numeração marcado pelo traço [+F], por isso, sai de Fin e vai para Foc. Assim, o critério foco é satisfeito por meio da configuração Spec-núcleo.

(78) a. A MARIA foi que comprou o jornal (não a Ana).



Na clivada invertida (78a), o foco alcança a periferia esquerda da sentença matriz. Esse tipo de sentença mostra que o complementizador não pode ser originado diretamente em Foc. Se assim fosse, não haveria espaço para a cópula entre os dois. A cópula também é a realização de morfema foco em PB, e em algumas sentenças, é ela, e não o complementizador, que ocupa Foc.

(79) a. Foi A MARIA.

b. $[_{TP} [_T \text{Foi}] [_{VP} <\text{ser}>] [_{FocP} \text{A Maria}_i] [_{Foc} [_{FinP} \text{que} [_{TP} \text{comprou } t_i \text{ o jornal}]]]]]]]$

Na clivada reduzida em (79a), apenas a cópula e o foco são pronunciados. Toda a sentença encaixada é apagada. Nas clivadas reduzidas, o complementizador não sai de Fin, o critério foco é satisfeito por meio da relação de c-comando local entre a cópula e o sujeito focalizado (cf. Rizzi & Shlonsky 2007).

(80) a. A MARIA que comprou o jornal (não a Ana).

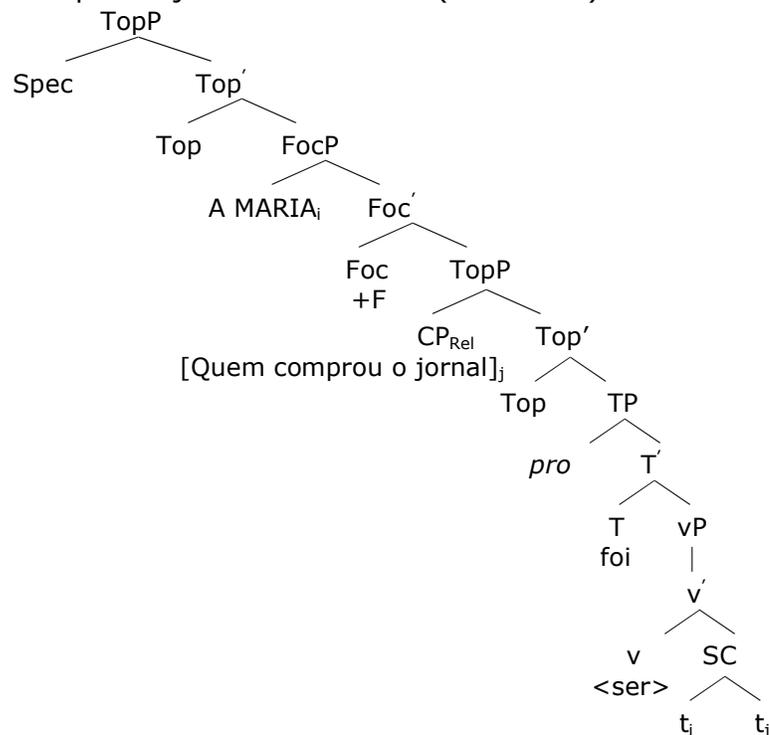
b. $[_{TP} \text{FOI}] [_{VP} <\text{ser}>] [_{FocP} \text{A Maria}_i] [_{Foc} \text{que}_{+F}] [_{FinP} <\text{que}_{+F}>] [_{TP} \text{comprou } t_i \text{ o jornal}]]]]]$

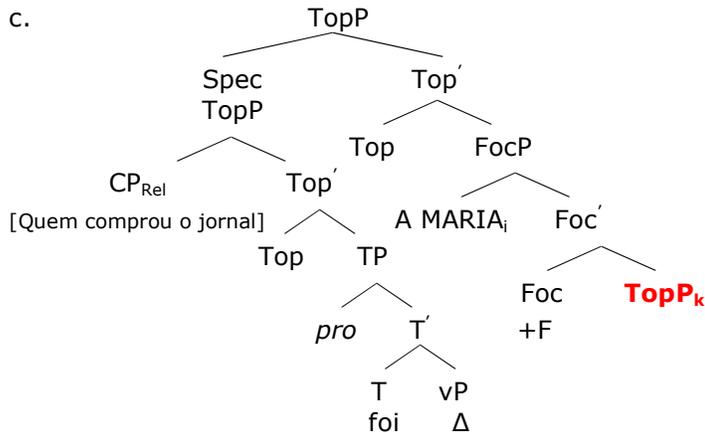
Na derivação de uma clivada truncada, como (80a), a cópula seleciona um CP (=FocP), mas depois ela é apagada. Não há nenhum problema com o apagamento da cópula porque ela está em posição inicial, (80a) não é derivada de uma clivada invertida, como (78a). Na clivada truncada, o foco está na posição FocP na periferia esquerda da sentença subordinada, não da sentença matriz como ocorre na clivada invertida.

Outro tipo de sentença clivada muito usada em contexto de contraste/correção sobre o sujeito é a pseudoclivada. Nessa sentença, a cópula seleciona uma SC com sujeito foco e o predicado o complemento relativo. A representação da pseudoclivada é dividida em duas partes. Na primeira, ocorre o movimento do sujeito focalizado para FocP na periferia esquerda da sentença, e, em seguida, o movimento da relativa complemento para TopP abaixo de Foc, como em (81b). Na segunda parte da derivação, TopP complemento de Foc sofre movimento remanescente (cf. Kayne 1994) para TopP acima de FocP, como em (81c).

(81) a. Quem comprou o jornal foi A MARIA (não a Ana).

b.

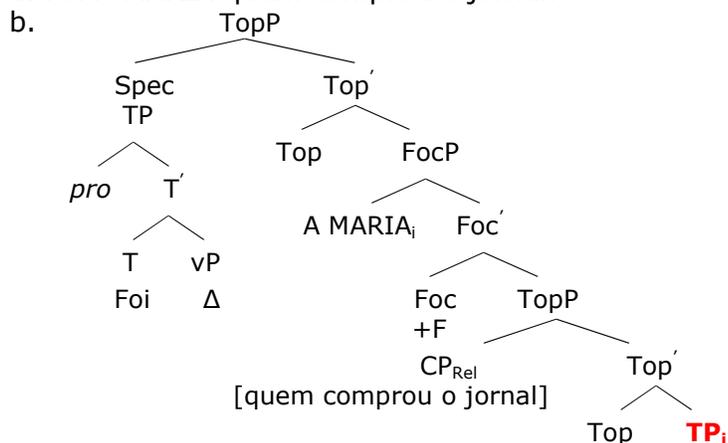




Na pseudoclivada a cópula seleciona uma SC. Quando o foco é de informação, ele ocupa Spec FocP na periferia da cópula (como vimos na seção anterior). No caso do sujeito foco contrastivo, ele ocupa Spec FocP na periferia esquerda da sentença matriz. Mas para que isso ocorra é necessário o movimento remanescente de algum tipo, caso contrário, a ordem da sentença [relativa-cópula-foco] não é obtida. Dessa forma, propomos que o complemento relativo vai para Spec TopP abaixo de FocP, como TopP também é uma posição criterial e a relativa é a informação pressuposta da sentença, ela é congelada ali. Em seguida, todo o TopP sofre movimento remanescente para a posição acima de FocP. Nenhum princípio é desrespeitado nessa derivação.

A pseudoclivada ainda é empregada como estratégia de focalização contrastiva do sujeito na forma invertida, com o foco antes da relativa encaixada, como em (82). Nesse caso, a base da derivação é a mesma daquela mostrada em (81b). Na invertida, quem sofre movimento remanescente é TP, como verificamos em (82b).

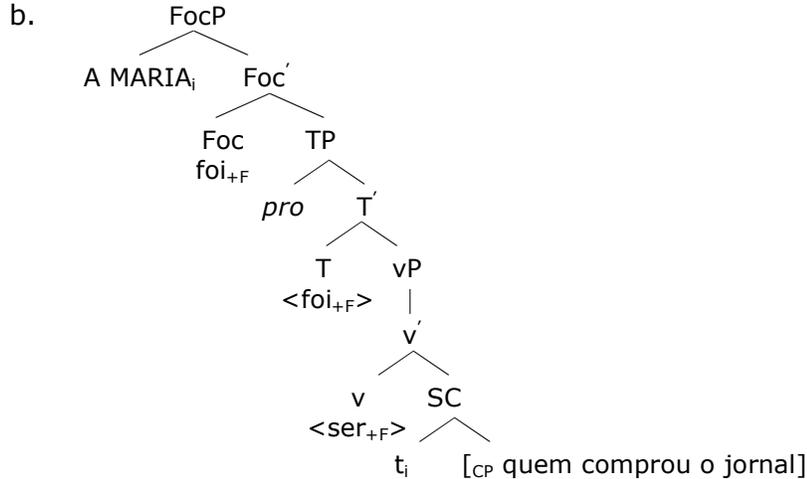
(82) a. Foi A MARIA quem comprou o jornal.



O primeiro elemento que se move é o sujeito focalizado, depois a relativa complemento vai para Spec TopP. Resta, então, TP só com a cópula e os vestígios do foco e da relativa. Assim, há espaço para o movimento remanescente.

No caso de uma pseudoclivada invertida com foco em posição inicial, como em (83a), a representação dispensa movimento da relativa e qualquer tipo de movimento remanescente.

(83) a. A MARIA foi quem comprou o jornal.



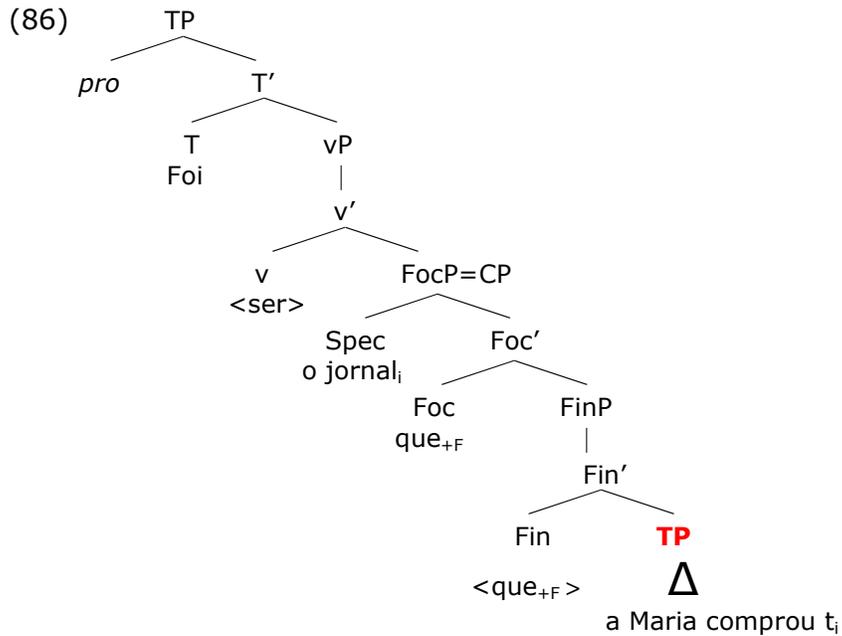
Em (83b), a cópula vai para Foc porque parte da numeração marcada com o traço [+F]. O Caso do DP *a Maria* que ocupa a posição sujeito da SC na pseudoclivada é adquirido por meio de uma cadeia não-trivial. Fica por explicar por que na pseudoclivada objeto esse constituinte figura como o sujeito da SC, mas não deve ser alçado para uma posição de nominativo.

As clivadas objeto empregadas como estratégia de focalização contrastiva são de dois tipos geralmente: clivada plena e pseudoclivada. A focalização do objeto não apresenta as particularidades existentes na focalização do sujeito, próprio da assimetria entre esses dois constituintes. As línguas, de um modo geral, focalizam o objeto da mesma forma. No caso das clivadas, o objeto ocupa uma posição foco na periferia esquerda da sentença encaixada. A clivada plena objeto, diferentemente da clivada plena sujeito, apenas é empregada em contexto de contraste/correção. Não é usada para responder uma interrogativa-Wh, como vemos a seguir.

(84) a. O que a Maria comprou?
b. #Foi O JORNAL que a Maria comprou.

(85) Foi O JORNAL que a Maria comprou (não o livro).

A derivação da clivada objeto é como aquela em (86):



Observamos que a focalização ocorre na periferia da sentença introduzida pelo complementizador e que o CP encaixado é reduzido, sem a categoria Force. Nenhum efeito de Minimalidade Relativizada ocorre na sentença porque o objeto sai da sua posição argumental e vai para uma posição A'. Dessa forma, não há problema no fato de o objeto passar pelo sujeito em Spec TP.

A cópula na pseudoclivada objeto FC seleciona uma SC, assim como ocorre com a pseudoclivada sujeito FC. A derivação é exatamente a mesma da pseudoclivada com sujeito FC, só que o elemento que ocupa Spec FocP é o objeto.

- (87) a. O que a Maria comprou foi O JORNAL (não o livro).
 b. $[_{TopP} [_{FocP} O \text{ JORNAL}_i [_{Foc} +F [_{TopP} [_{CPrel} O \text{ que a Maria comprou}]_j [_{TP} \text{ foi} [_{VP} <ser> [_{SC} t_i t_j]]]]]]]]$
 c. $[_{TopP} [_{CPrel} O \text{ que a Maria comprou}]_j [_{TP} \text{ foi} [_{VP} <ser> [_{SC} t_i t_j]_k] [_{FocP} O \text{ JORNAL}_i [_{Foc} +F [_{TopP} \text{TopP}_k]]]]]]$

A derivação de (87a) também é dividida em duas partes: primeiro ocorre o deslocamento do objeto para Spec FocP acima de TP e o movimento do CP relativo para Spec TopP abaixo do foco (87b); em seguida, todo TopP baixo sofre movimento remanescente para a posição inicial da sentença, gerando a ordem [relativa-cópula-foco], como em (87c).

A pseudoclivada invertida também é empregada em contextos de focalização contrastiva do objeto, como vemos em (88).

- (88) a. Foi O JORNAL o que a Maria comprou (não o livro).
 b. $[_{TopP} [_{FocP} O \text{ JORNAL}_i [_{Foc} +F [_{TopP} [_{CPrel} o \text{ que a Maria comprou}]_j [_{TP} \text{ foi} [_{VP} <ser> [_{SC} t_i t_j]]]]]]]]$
 c. $[_{TopP} [_{TP} \text{ Foi} [_{VP} <ser> [_{SC} t_i t_j]]]_k] [_{FocP} O \text{ JORNAL}_i [_{Foc} +F [_{TopP} [_{CPrel} o \text{ que a Maria comprou}]_j [_{TP} \text{TopP}_k]]]]]]$

Nesse caso, a base da derivação (88b) é a mesma da pseudoclivada com foco em posição final. A diferença é que na invertida o TP sofre movimento remanescente para Spec TopP na posição inicial. Depois que o objeto focalizado e a sentença relativa saem de TP, é ele que se move para garantir a conversão da sentença nas interfaces PF e LF.

O objeto focalizado ainda pode aparecer na posição inicial da pseudoclivada, como em (89a).

- (89) a. O JORNAL foi o que a Maria comprou.
 b. [_{FocP} O JORNAL_i [_{Foc} foi_{+F} [_{TP} <ser_{+F}> [_{VP} <ser_{+F}> [_{SC} t_i o que a Maria comprou]]]]]

Em (89b), o objeto focalizado sai da SC e ocupa a posição específica do foco na periferia esquerda da sentença matriz. A cópula também se move para Foc em virtude do seu traço [+F]. A relativa permanece na posição de complemento da SC.

A finalidade desta pesquisa foi apresentar as estratégias empregadas pelos falantes do PB para focalizar o sujeito e o objeto, de acordo com dois tipos de interpretação focal: de informação e de contraste. Nosso objetivo foi mostrar um panorama do fenômeno da focalização nessa língua, sem se limitar ao sujeito, verificando se a assimetria sujeito-objeto se mantém quando a focalização está em jogo. Estudos sobre a focalização informacional do sujeito no PB são mais frequentes (cf. Quarezemin 2005; Fernandes 2007; Guessier 2007), por isso, também investigamos as estratégias de focalizar contrastivamente o sujeito. Nenhum estudo com dados experimentais sobre as estratégias de focalizar o objeto, tanto como foco de informação quanto como foco contrastivo, havia sido feito até o momento presente em PB.

A hipótese inicial de que uma análise adequada para as estratégias de focalizar constituintes deve levar em consideração a assimetria sujeito-objeto se confirmou. Depois de investigadas as estratégias de focalizar o sujeito e o objeto em PB, verificamos que uma análise que propõe que o sujeito FI figura em uma posição no domínio CP não pode ser mantida. Uma vez que o objeto FI não alcança essa mesma posição nessa língua. Essa proposta pode ser mantida nas línguas em que tanto o sujeito FI quanto o objeto FI figuram no domínio CP, como o siciliano e o húngaro (cf. Cruschina 2004, 2006; Belletti 2008a). Ainda verificamos que a assimetria sujeito-objeto presente na focalização desses constituintes não permite um tratamento unificado para as clivadas e pseudoclivadas. Ressaltamos que não faz parte do escopo dessa tese um estudo acurado sobre as sentenças clivadas e pseudoclivadas. Propomos uma análise para as mesmas em virtude delas aparecerem significativamente como uma estratégia de focalizar tanto o sujeito quanto o objeto em PB. Esse resultado mostra que os falantes preferem destacar sintaticamente os constituintes, colocando-os em uma posição específica conforme a sua propriedade de escopo-discursiva.

5.4 RESUMO DO CAPÍTULO

No que se refere às estratégias para focalizar o sujeito, verificamos que duas opções são escolhidas pelos falantes: focalização *in situ* (como o inglês) e sentenças clivadas (como o francês). Nesse aspecto, o PB está distante da sua língua irmã, o PE, e de outras línguas românicas, como o italiano e o espanhol. A focalização *in situ* ocorre muito mais nos casos em que o sujeito é interpretado como foco de informação. Nos contextos de contraste/correção desse constituinte, a estratégia clivada sobressai significativamente à focalização *in situ*. Mas a clivada também aparece como estratégia escolhida por muitos falantes em contextos de pergunta-resposta (cf. resultados de Guessier 2007 e Fernandes 2007 mostrados no capítulo anterior).

A partir dos dados empíricos sobre as estratégias de focalização do sujeito em PB, verificamos que uma análise que considera a clivada apenas como um caso típico de focalização contrastiva de constituintes (cf. Mioto & Negrão 2006) não é satisfatória para essa língua. Esse tipo de análise dá conta dos casos de focalização contrastiva tanto do sujeito quanto do objeto, mas não explica o uso da clivada sujeito em contexto de foco de informação e o não uso da clivada objeto nesse mesmo contexto. Dessa forma, adaptamos a análise de Belletti (2008a,c) para o francês às clivadas sujeito foco de informação do PB. Como mostramos neste capítulo, foram feitas algumas modificações na análise da autora para explicar alguns casos não considerados por Belletti, por exemplo, o fato de uma pseudoclivada objeto responder uma pergunta-Wh. A distinção clara entre o uso da clivada sujeito e o não uso da clivada objeto para responder uma interrogativa-Wh mostra que sujeito e objeto clivados não ocupam a mesma posição estrutural. Ao contrário do objeto, o sujeito nas clivadas plenas nem sempre está em uma posição alta, no domínio CP, depende do tipo de interpretação focal associada a ele. Se o sujeito foco de informação ocupasse uma posição alta, no domínio CP (como defende Kato & Ribeiro 2005; Fernandes 2007), essa distinção não viria à tona.

Quanto às estratégias para focalizar o objeto, observamos que os falantes do PB preferem a focalização *in situ*, nos casos de foco de informação, e as sentenças clivadas, nos casos de foco contrastivo. Pelo fato de o objeto figurar na posição final da sentença, e não ter nenhum critério a satisfazer, como no caso do sujeito, as línguas comportam-se, de um modo geral, da mesma maneira no que diz respeito à focalização desse constituinte. Se o objeto é foco de informação, está na posição foco baixa (acima de vP); se o objeto é foco contrastivo, está na posição foco alta na periferia esquerda da sentença.

Os resultados dos experimentos sobre a focalização do sujeito e do objeto, com interpretação nova e de contraste/correção, apresentados nesta tese, são justificados pela abordagem cartográfica. O número elevado de sentenças clivadas nos contextos de focalização aponta que os falantes preferem marcar na sintaxe a função discursiva de um constituinte, nesse caso, o foco. E a diferença no uso da clivada sujeito/objeto em contexto que requer apenas informação nova indica que duas posições sintáticas diferentes estão em jogo: periferia da cópula (sujeito) e periferia esquerda da sentença (objeto). Dessa forma, observamos que cada tipo de foco está associado a uma posição estrutural específica. E que os componentes de interface PF e LF interpretam a sentença da configuração sintática, por meio de um processo transparente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto Cartográfico investiga a estrutura hierárquica dos constituintes sintáticos de forma detalhada e sistemática, identificando representações complexas com posições dedicadas a diferentes interpretações. Estudamos alguns textos clássicos sobre o desenvolvimento da cartografia. Pollock (1989), investigando a variação da ordem verbo-advérbio nas sentenças do inglês e do francês, constata que é o movimento do verbo que está em jogo nas duas línguas em questão: o verbo não se move em inglês, pelo menos não para uma posição alta como no francês. A categoria IP é, então, desmembrada em dois núcleos funcionais: AgrP e TP. Agr e T são núcleos ligados à morfologia verbal, outras testas com conteúdo próprio contribuem na formação do esqueleto frasal (*split-IP*).

Rizzi (1997) postula uma série de categorias funcionais na periferia esquerda da sentença tornando o sistema CP uma estrutura complexa. A extensão do CP ocorre para acomodar certos constituintes com propriedades discursivas e de escopo, além de derivar sua interpretação da relação Spec-núcleo. O sistema CP passa a ser composto por quatro categorias funcionais que constituem dois subsistemas: ForceP-FinP e ToP-FocP. O trabalho de Cinque (1999) trata da ordem em que os advérbios aparecem na estrutura das sentenças nas diferentes línguas. O autor analisa evidências interpretativas, sintáticas e morfológicas. Segundo Cinque, os advérbios são licenciados na posição de especificador de núcleos específicos do sistema flexional. Belletti (2001) estuda as sentenças com a ordem verbo-sujeito (VS) do italiano e postula uma área acima de vP para os constituintes com funções discursivas de tópico e foco. Giusti (2002) investiga a sintaxe dos determinantes nas línguas românicas e germânicas. A autora defende um tratamento paralelo de D e C, e defende a projeção de categorias funcionais dentro do domínio nominal.

De acordo com a abordagem cartográfica, os sintagmas são estruturados e ordenados uniformemente por núcleos lexicais e funcionais através das línguas (Princípio de Uniformidade). Para a cartografia, todas as línguas compartilham os mesmos princípios de composição da sentença e do sintagma e o mesmo *make-*

up funcional. Isso não quer dizer que é sempre fácil estabelecer correspondências precisas entre as categorias funcionais visivelmente exibidas pelas diferentes línguas. Essa abordagem assume hierarquias distintas das projeções funcionais dominando VP, NP, AP, PP, IP etc. A universalidade das línguas está relacionada ao tipo de núcleos e especificadores que as projeções funcionais envolvem, em seu número, e em sua ordem relativa. As línguas diferem no tipo de movimento que elas admitem ou no conteúdo do que elas visivelmente realizam em cada núcleo e especificador.

O principal ponto de tensão entre abordagem cartográfica e o programa minimalista está na proliferação de categorias sintáticas proposta pelo primeiro modelo. Mas os pontos que aproximam as duas abordagens estão em vantagem sobre aqueles que as distanciam. Os dois modelos dão ênfase ao papel das interfaces; todos os núcleos propostos em uma representação cartográfica são interpretáveis no sentido do minimalismo; e relação Especificador-Núcleo é vista como uma configuração importante nas duas abordagens. À primeira vista, parece haver uma contradição entre as hipóteses principais dos dois modelos de pesquisa, mas na verdade esse distanciamento representa apenas uma divisão de trabalho. Segundo Cinque & Rizzi (2008), o foco do minimalismo está nos dispositivos que geram estruturas, enquanto os estudos cartográficos focalizam na qualidade das estruturas geradas. Desse modo, a interação entre as duas abordagens é perfeitamente possível.

O foco foi identificado, neste estudo, como o constituinte que veicula a informação não-pressuposta na sentença, enquanto a pressuposição veicula a informação partilhada pelos interlocutores em uma situação discursiva. O foco é visto como uma propriedade sintático-semântica gramaticalizada na forma de um elemento funcional (partícula foco – Gungbe), de uma morfologia especial (algum processo de afixação), de um traço morfossintático (nas línguas que não apresentam nem partícula nem morfologia especial). A existência da partícula foco em algumas línguas é uma evidência empírica para a postulação de uma posição especial dedicada ao elemento focalizado nas sentenças (cf. Rizzi 2006; Belletti 2008). Mostramos que o foco não viola a condição de inclusividade (cf. Chomsky 1995). Segundo a proposta de Aboh (2007), a numeração pré-determina a estrutura de informação, e a sintaxe fixa as propriedades dela. Os falantes das línguas com marcadores morfológicos de foco adquirem as partículas referentes à estrutura de informação como parte do léxico. Nas línguas em que não há partículas morfológicas, como o inglês, a sua presença é revelada por outras pistas, como a prosódia, por exemplo. A estrutura de informação deve ser adquirida juntamente com as propriedades lexicais.

Mostramos as propriedades semânticas e prosódicas que estão envolvidas no fenômeno da focalização de constituintes, e apresentamos as posições que o foco pode ocupar na estrutura sintática de acordo com a abordagem cartográfica. Quanto à relação estabelecida entre foco e prosódia, vimos a análise de Zubizarreta (1998) que propõe que o foco de informação recebe o acento via a NSR, enquanto o foco contrastivo/de identificação é acentuado por meio da regra de acento contrastivo. A análise de Costa (1998) está assentada nos mesmos pressupostos da análise de Zubizarreta. De acordo com o autor, a sintaxe é responsável pela distribuição de acento na sentença. Para Bocci (2004,2008), não há dois modelos independentes: sintaxe de um lado, e fonologia do outro. Há um único sistema que trabalha conjuntamente sintaxe-fonologia. No modelo do autor, a prosódia acessa somente o *output* sintático e interpreta um traço diretamente da estrutura. Segundo Menuzzi & Miotto (2006), a sintaxe não determina diretamente as regras de atribuição de acento e de constituição dos

domínios prosódicos. Os autores propõem uma relação mais livre entre sintaxe-prosódia, de modo que a atribuição de acento nuclear não seja um reflexo direto da estrutura sintagmática.

Em relação à sintaxe do PB, verificamos que Menuzzi (2000) defende a possibilidade de extração do sujeito a partir de uma posição pós-verbal. O estudo de Pilati (2004, 2006), baseado em dados de uso da língua, mostra que a ordem VS ainda é empregada pelos falantes do PB, mas não é o resultado de inversão livre. A partir disso, constatamos que o PB perdeu a propriedade de inversão livre do sujeito, mas mantém a propriedade da aparente configuração *that-t*, como as típicas línguas de sujeito nulo. Essa situação não é esperada, visto que as línguas românicas que apresentam a configuração *that-t* aparente também apresentam a propriedade de inversão livre do sujeito. Esse estado de coisas não permite que o PB seja classificado como uma língua *pro-drop* prototípica, nem como uma língua genuinamente não *pro-drop*, sendo classificado como uma língua *pro-drop* parcial. O objeto pode ser nulo em PB e não precisa satisfazer nenhum requerimento criterial, como o sujeito. A assimetria sujeito-objeto se reflete no modo como os falantes desta língua focalizam estes constituintes.

Os resultados do experimento sobre o objeto focalizado mostram que, nos casos de foco de informação, a estratégia preferida pela maioria dos participantes é sentença SVO, objeto *in situ*, que apareceu em 99 sentenças (94,3%) de um total de 105. Apenas 6 sentenças clivadas (5,7%) apareceram como estratégia de focalização informacional do objeto, sendo 2 clivadas reduzidas e 4 pseudoclivadas. Quanto à focalização contrastiva, duas estratégias foram escolhidas: as clivadas, 59 ocorrências (93,65%), e as sentenças SVO, 4 ocorrências (6,35%). O resultado é a imagem especular do resultado obtido na focalização informacional do objeto.

Apresentamos os resultados dos experimentos realizados por Fernandes (2007) e Guessser (2007) sobre o sujeito foco de informação. Segundo os resultados de Fernandes, em PB, ocorre preferencialmente o uso de sentenças na ordem SV(O) com o sujeito portando a proeminência principal (foco prosódico, 56,3%) ou o uso de sentenças clivadas plenas (14,8%) e clivadas invertidas (18,6%). Guessser obteve como resultado sete tipos diferentes de resposta com sujeito interpretado como foco de informação: sentenças SV; sentenças VS; clivadas; clivada reduzida; pseudoclivada; clivada truncada; passiva. Dentre esses tipos sentenciais, duas estratégias são predominantes: a sentença SV, correspondendo a 37,71% dos dados, e a pseudoclivada, correspondendo a 31,61% dos dados. De acordo com Guessser, analisando as estruturas clivadas como uma família derivada de uma sentença clivada, as estratégias de focalização do sujeito informacional em PB sofrem uma redução de sete para quatro tipos. Resultando em 50% de construções clivadas, 38% de sentenças SV, 8% de sentenças VS e 4% de passivas.

Em relação à focalização contrastiva do sujeito, mostramos os resultados do nosso experimento. O total de sentenças com focalização contrastiva do sujeito foi de 190. A estratégia preferida pela maioria dos participantes foi o uso das sentenças clivadas, que apareceram em 149 sentenças (78%) de um total de 190. Verificamos que as clivadas aqui são de diversos tipos: clivada plena, clivada invertida, clivada reduzida, pseudoclivada, pseudoclivada invertida, e clivada truncada (*SqueVO*). Outra estratégia escolhida por alguns dos participantes foi a sentença SVO, focalização *in situ*, com um total de 38 ocorrências (20%). De uma forma bem menos significativa, a sentença copular especificacional ocorreu apenas em 3 sentenças (2%).

A partir dos dados investigados, constatamos que as estratégias escolhidas para focalizar o sujeito com interpretação de foco de informação estão em equilíbrio. Já em relação ao objeto foco de informação, verificamos uma preferência pela sentença simples SVO. O equilíbrio que aparece na escolha das estratégias empregadas nos casos de sujeito foco de informação não ocorre nos casos de sujeito foco contrastivo. Os falantes frequentemente recorrem ao recurso da clivagem para destacar o foco contrastivo, seja ele sujeito ou objeto.

No que se refere às estratégias para focalizar o sujeito, verificamos que duas opções são escolhidas pelos falantes: focalização *in situ* (como o inglês) e sentenças clivadas (como o francês). Nesse aspecto, o PB está distante da sua língua irmã, o PE, e de outras línguas românicas, como o italiano e o espanhol. A focalização *in situ* ocorre muito mais nos casos em que o sujeito é interpretado como foco de informação. Nos contextos de contraste/correção desse constituinte, a estratégia clivada sobressai significativamente à focalização *in situ*. Mas a clivada também aparece como estratégia escolhida por muitos falantes em contextos de pergunta-resposta (cf. resultados de Guessier 2007 e Fernandes 2007).

Belletti (2009) agrupa as línguas segundo o tipo de estratégia de focalização do sujeito empregada: por posição sintática ou por prosódia especial.

- (i) a. VS do Italiano: Português Europeu, Romeno, Paduano...
- b. Clivada (reduzida) do Francês: Japonês, Norueguês, Malaiala...
- c. SV do Inglês: Húngaro, Basco, Gungbe...

As línguas do grupo (a) e (b) destacam o foco através da posição, enquanto as línguas do grupo (c) destacam o foco por meio da prosódia especial no sujeito junto com uma posição FocP não *default* (dentro de DP). O PB pode ser visto como uma língua que ainda permite sujeito nulo, pelo menos na escrita, mas que não apresenta inversão livre. Quando a inversão ocorre, está condicionada a presença de algum elemento no início da sentença (cf. Pilati 2006). Por isso, não entra na classificação (a). A focalização do sujeito em PB é particular porque essa língua se enquadra tanto no grupo (b) quanto no grupo (c) da classificação proposta por Belletti. Ou seja, emprega só posição sintática ou prosódia especial mais posição sintática para destacar o sujeito focalizado. Uma estratégia não exclui a outra, depende da escolha dos falantes dessa língua. Negrão (2001) afirma que o PB, por ser uma língua voltada para o discurso, privilegia marcar na sintaxe a função informacional dos constituintes da sua sentença.

A partir dos dados empíricos sobre as estratégias de focalização do sujeito em PB, verificamos que uma análise que considera a clivada como um caso típico de focalização contrastiva de constituintes (cf. Mito & Negrão 2006) não é satisfatória para essa língua. Esse tipo de análise dá conta dos casos de focalização contrastiva tanto do sujeito quanto do objeto, mas não explica o uso da clivada sujeito em contexto de foco de informação e o não uso da clivada objeto nesse mesmo contexto. Dessa forma, adaptamos a análise de Belletti (2008a,c) para o francês às clivadas sujeito foco de informação do PB. Como mostramos nesse capítulo, foram feitas algumas modificações na análise da autora para explicar alguns casos não considerados por Belletti, por exemplo, o fato de uma pseudoclivada objeto responder uma pergunta em PB. A distinção clara entre o uso da clivada sujeito e o não uso da clivada objeto para responder uma interrogativa-Wh mostra que sujeito e objeto clivados não ocupam a mesma posição estrutural. Ao contrário do objeto, o sujeito nas clivadas plenas nem sempre está em uma posição alta, no domínio CP, depende do tipo de

interpretação focal associada a ele. Se o sujeito foco de informação ocupasse uma posição alta, no domínio CP (como defende Kato & Ribeiro 2005; Fernandes 2007), essa distinção não viria à tona.

Quanto às estratégias para focalizar o objeto, observamos que os falantes do PB preferem a focalização *in situ*, nos casos de foco de informação, e as sentenças clivadas, nos casos de foco contrastivo. Pelo fato de o objeto figurar na posição final da sentença, e não ter nenhum critério a satisfazer, como no caso do sujeito, as línguas comportam-se, de um modo geral, da mesma maneira no que diz respeito à focalização desse constituinte. Se o objeto é foco de informação, está na posição foco baixa (acima de vP); se o objeto é foco contrastivo, está na posição foco alta na periferia esquerda da sentença.

A abordagem cartográfica justifica os resultados dos experimentos sobre a focalização do sujeito e do objeto, apresentados nesta tese. O número elevado de sentenças clivadas nos contextos de focalização aponta que os falantes preferem marcar na sintaxe a função discursiva de um constituinte, nesse caso, o foco. E a diferença no uso da clivada sujeito/objeto em contexto que requer apenas informação nova indica que duas posições sintáticas diferentes estão em jogo: periferia da cópula (sujeito) e periferia esquerda da sentença encaixada (objeto). Dessa forma, observamos que cada tipo de foco está associado a uma posição estrutural específica. E que os componentes de interface PF e LF interpretam a sentença da configuração sintática, por meio de um processo transparente.

REFERÊNCIAS

- ABOH, E. O. "Information Structuring begins with the Numeration". Paper presented at the MPI conference on Information Structure in Adult and Child Language, Nijmegen, at the Syntax Circle, Meertens Institute, and at the Syntax seminar, University of Groningen, 2007.
- _____. "Topic and focus within D". *Linguistics in the Netherlands* 21: 1-12, 2004.
- BELLETTI, A. Anotações do curso "Acquisizione Del Linguaggio L2" realizado na Università di Siena, 2009.
- _____. "The CP of *clefts*" In *STIL - Studies in Linguistics*, CISCL Working Papers, v. 2, p. 7-18, 2008c.
- _____. "Answering strategies: New information subjects and the nature of clefts". In: *Structure and Strategies*, Routledge, 2008a.
- _____., BENNATI, E. & SORACE, A. "Theoretical and developmental issues in the syntax of subjects: evidence from near-native Italian", *Natural Language and Linguistic Theory*, 25:4, 657-689, 2007.
- _____. "Aspects of the low IP area", In Rizzi (Ed.) *The structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*, v. 2, p. 16-51. New York: Oxford University Press, 2004.
- _____. "Aspects of the low IP area", ms, Università di Siena, 2001.
- BENINCA, P. & POLETTI, C. "Topic, Focus and V2: Defining the CP Sublayers". In Rizzi (Ed.) *The structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 2. 52-75. New York: Oxford University Press, 2004.
- BERLINCK, R. "A construção V SN no português do Brasil: uma viagem diacrônica do fenômeno da ordem". In: F. Tarallo (Org.), *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.
- BERNSTEIN, J. "Demonstratives and Reinforcers in Romance and Germanic languages." *Lingua* 102: 87-113, 1997.
- _____. "Focusing the 'Right' Way in Romance Determiner Phrases." *Probus* 13-1:1-29, 2001a.
- BOCCI, G. "On the Syntax-Prosody Interface: An Analysis of the Prosodic Properties of Postfocal Material in Italian and Its Implications." *Nanzan Linguistics: Special Issue* 5, 13-42, 2008.
- _____. "Criterial positions and left periphery in Italian: evidence for the syntactic encoding of contrastive focus". *Nanzan Linguistics: Special Issue*, 2007.
- _____. "Contrastive focalization on topics and preverbal subjects in Italian: syntax free prosodic focalization or syntactic movement to FocP?", in *Rivista di Grammatica Generativa*, 2004.
- BRUNETTI, L. "Is there any difference between contrastive focus and information focus?". In: Matthias Weisgerber (Ed.) *Proceedings of the Conference "sub7 - Sinn und Bedeutung"*. Arbeitspapier Nr. 114, FB Sprachwissenschaft, Universität at Konstanz, Germany, 2004.
- _____. *A unification of focus*. Tese de Doutorado. Firenze: Università di Firenze, 2003.
- CARDINALETTI, A. "A second thought on *emarginazione*: Destressing vs 'Right Dislocation'". In: G. Cinque & G. P. Salvi. (Eds.). *Current Studies in Italian Syntax. Essays offered to Lorenzo Renzi*. North Holland, Amsterdam, p. 117-135, 2001.
- _____. "Toward s cartography of subjects positions" In Rizzi (ed.) *The structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*, v. 2, p. 115-165. New York: Oxford University Press, 2004.

- CHOMSKY, N. "Beyond Explanatory Adequacy" In Belletti (Ed.) *Structures and Beyond. The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 3. 104-131. New York: Oxford University Press, 2004.
- _____. *On Language and Nature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- _____. "Derivation by phase". In: M. Kenstowicz. (Ed.). *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, MA: MIT Press, 2001.
- _____. "Minimalist Inquiries: The Framework". In: R. Martin, D. Michaels, & J. Uriagereka. (Eds.). *Step by Step – Essays in Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.
- _____. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.
- _____. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- _____. & Lasnik, H. "Filters and Control". *Linguistic Inquiry*, v. 8, p. 425-504, 1977.
- _____. & Halle, M. *The sound pattern of English*. New York: Harper and Row, 1968.
- CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads. A Cross-linguistic Perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.
- _____. & RIZZI, L. "The Cartography Syntactic of Structures". In *STiL – Studies in Linguistics*, CISCL Working Papers, vol 2, p. 43-59, 2008.
- COELHO, I. *A ordem V DP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica*. Tese de Doutorado, UFSC, 2000.
- CORVER, N. & van KOPPEN, M. "A focus projection in the left periphery of DP: evidence from noun ellipse". In: *Edges in Syntax*, Cyprus College, May 15-17, 2006.
- COSTA, J. *Subject Positions and Interfaces: The Case of European Portuguese*. Mouton de Gruyter, Berlin-New York, 2004.
- _____. "Word Order and Discourse-Configurationality in European Portuguese". In Costa (Ed.) *Portuguese syntax: new comparative studies*. Oxford University Press, p. 94-115, 2000.
- _____. *Word Order Variation. A constraint-based approach*. Doctoral dissertation. HIL/Leiden University, 1998.
- _____. & FIGUEIREDO SILVA, M.C. "On the (in)dependence relations between syntax and pragmatics", in: V. Molnár & S. Winkler (Eds.) *The Architecture of Focus*, 83-104, 2006.
- _____. & GALVES, C. M. C. "External subjects in two varieties of Portuguese evidence for a non-unified analysis". In: Beyssade, C. et al. (Orgs.). *Romance languages and linguistic theory 2000*, v. 232. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 109-125, 2002.
- CRUSCHINA, S. *Il Focus di nuova informazione e la periferia sinistra: la struttura informativa della frase in Siciliano*, Dissertação de Mestrado, Università di Siena, 2004.
- CRUTTENDEN, A. *Intonation*. 2nd edition. New York: Cambridge University Press, 1997.
- CYRINO, S. M. L. "O objeto nulo no português brasileiro". In: Eberhard Gärtner, Christine Hundte Axel Schönberger (Orgs.) *Estudos de gramática portuguesa_vol III Frankfurt am Main*, TFM, p. 61-73, 2000.
- _____. *O objeto nulo no português do Brasil - um estudo sintático-diacrônico*. Londrina, PR: Editora da UEL, 1997.
- DECAT, B. "Construções de tópico em português: uma abordagem diacrônica à luz do encaixamento no sistema pronominal". In: Tarallo, F. (Org.). *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas: Editora Pontes, 1989.

- DRUBIG, H.B. "Phases and the typology of focus constructions". In *On Information Structure, Meaning and Form*, Schwabe, Kerstin and Susanne Winkler (Eds.), 33-66, 2007.
- DUARTE, M. E. "Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil". In: I. Roberts, M. Kato (Eds.), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- FERNANDES, F. *Ordem, focalização e preenchimento em Português: Sintaxe e Prosódia*, "Tese de doutorado", Universidade Estadual de Campinas, 2007.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. *A posição do sujeito no Português Brasileiro – frases finitas e infinitivas*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- _____. & Araújo, F. "Prosódia e ordem das palavras: o caso dos advérbios ditos monossilábicos átonos". *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – Revel*. v. 6, n. 10, 2008.
- FRASCARELLI, M. & PUGLIELLI, A. "Focus in the Force-Fin System Information Structure in Cushitic Languages", 2008. (http://host.uniroma3.it/dipartimenti/linguistica/docenti/Frascarelli_Puglielli_to_a_ppear.pdf)
- FROTA, S. *Prosody and Focus in European Portuguese*. Tese de Doutorado. Lisboa: Universidade de Lisboa. Publicado por Garland Publishing. New York/London, 1998.
- GALVES, C. M. C. Agreement, predication and pronouns in the history of Portuguese. In: COSTA, J. (Ed.). *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. Oxford University Press, 2000.
- _____. "O enfraquecimento da concordância no português brasileiro". In: Roberts, I. e Kato, M. (Orgs.), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- GIUSTI, J. "The functional structure of noun phrases: A bare phrase structure approach". In: Cinque (Ed.) *Functional Structure in DP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*, v. 1, p. 54-90. Oxford University Press, New York, 2002.
- GUESSER, S. *Soggetto nullo e focalizzazione del soggetto in Portuguese Brasiliano*, Dissertação de Mestrado, Università di Siena, 2007.
- HAEGEMAN, L. "DP-periphery and Clausal Periphery: Possessor doubling in West Flemish. In: Adger, de Cat, and Tsoulas (Eds.) *Peripheries*, Kluwer: Dordrecht. 211-240, 2004.
- HEYCOCK, C. & KROCH, A. "Pseudocleft connectedness: Implications for the LF interface level". *Linguistic Inquiry*, v. 30, p. 365-397, 1999.
- HIRST, D. & DI CRISTO, A. "A survey of intonation systems". In: Hirst, D. e Di cristo, A (Eds.). *Intonation Systems. A survey of Twenty Languages*. Cambridge University Press, 1998.
- HUANG. J. "On the distribution and reference of empty pronouns". *Linguistic Inquiry*, v. 15, n. 4, p. 531-574, 1984.
- KATO, M. A. "The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese". In: Kato, M. & E. Negrão (eds.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Madrid: Iberoamericana, 2000.
- _____. "Strong and weak pronominals and null subject parameter". *PROBUS*, v. 11, n. 1, p. 1-38, 1999.
- _____. & RIBEIRO, I. "Cleft sentences and wh-questions in Brazilian Portuguese: a diachronic analysis", Paper presented at the 35th LSRL. Austin: University of Texas, 2005.
- _____. & RAPOSO, E. *European and Brazilian Portuguese word order: questions, focus and topic constructions*. Campinas, Ms, Unicamp/UCSB, 1994.

- _____. & TARALLO, F. "The loss of VS syntax in Brazilian Portuguese". In I. V. Koch & B. Schliebe-Lange (Orgs.) *Linguistik in Brasil*. Tübingen: Niemeyer, 1993.
- KAYNE, R. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1994.
- _____. "Stylistic Inversion, Successive Cyclicity, and Move NP in French". *Linguistic Inquiry*, vol. 9, p. 595-621, 1978.
- _____. & POLLOCK, J.Y. "New Thoughts on Stylistic Inversion". In: A. Hulk & J. Y. Pollock. (Eds.). *Inversion in Romance*, OUP, 1999.
- KISS, K. "Focus Identificational versus Information Focus". *Language*, v. 74, n 2, p. 245-273, 1998.
- KRUG DE ASSIS, C. A. Sentenças clivadas e pseudo-clivadas no Português Brasileiro. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.
- LAENZLINGER, C. "Elements of Comparative Generative Syntax: A Cartographic Approach", 2007.
- LOPES-ROSSI, M. A. *A sintaxe diacrônica das interrogativas-Q do português*. Tese de Doutorado – Universidade de Campinas, 1996.
- MATEUS, M.H.M., ANDRADE, A., VIANA, M. E VILLALVA, A. *Fonética, fonologia e morfologia do português*. Universidade Aberta, Lisboa, 1990.
- MENUZZI, S. "That-Trace Effects in Portuguese". In C. Miotto, H. M. de Melo Moura, R. Pires de Oliveira, (Eds.), *Fórum Lingüístico*. v. 2, n. 2, p. 13-39, 2000.
- _____. & MIOTO, C. "Advérbios monossilábicos pós-verbais no PB: sobre a relação entre sintaxe e prosódia". *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 14, n. 2, 2006.
- MIOTO, C. "Pseudo-clivadas reduzidas em espanhol caribenho e em português brasileiro". Paper apresentado no Colóquio România Nova - ALFAL (*Associação de Lingüística e Filologia da América Latina*). Montevideo, 2008.
- _____. "Focus and Clefting". Paper apresentado no Workshop on Formal Linguistics, UFSC, 2006.
- _____. "Focalização e Quantificação". *Revista Letras*. Curitiba: Editora UFPR, 61, p. 169-189, 2003.
- _____. "Sobre o sistema CP no Português Brasileiro". *Revista Letras*. Curitiba: Editora UFPR, 56, p. 97-139, 2001.
- _____. & NEGRÃO, E. "As sentenças clivadas não contêm uma relativa". In: CASTILHO, A.T. DE; TORRES DE MORAIS, M. A., LOPES, R.E.V.; CYRINO, S.M.L. (Orgs.). *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. São Paulo, FAPESP; Campinas, Pontes, p. 159-183, 2007.
- MODESTO, M. *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. São Paulo: Humanitas – FFLCH (USP), 2001.
- MORO, A. *The raising of predicates*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- NASCIMENTO, M. *Sur la Postposition du Sujet dans le Portugais du Brésil*. Tese de Doutorado, Universidade de Paris VIII, 1984.
- NESPOR, M. & VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.
- OMENA, N. *Pronome Pessoal de Terceira Pessoa: Suas Formas Variantes em Função Acusativa*. Dissertação de Mestrado – PUCRJ, 1978.
- ORDOÑEZ, F. "Postverbal Asymmetries in Spanish". *Natural Language and Linguistic Theory*. v. 16, n. 2, p. 313-346, 1998.
- PILATI, E. *Aspectos sintáticos e semânticos das orações com ordem verbo-sujeito no português do Brasil*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília (UnB), 2006.

- _____. *Sobre a Ordem Verbo-Sujeito no Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília (UnB), 2002.
- PINTO, M. *Licensing and Interpretation of Inverted Subjects in Italian*. Tese de Doutorado. LED, Utrecht, 1997.
- POLLI, T. C. *A periferia à esquerda da sentença no Português Brasileiro: funções discursivas de seus constituintes e sua derivação*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo (USP), 2008.
- PONTES, E. *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas : Editora Pontes, 1987.
- POLLOCK, J. "Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP". In: *Linguistic Inquiry*, v. 20, p. 365-424, 1989.
- QUAREZEMIN, S. "O comportamento prosódico do foco no Português Brasileiro". Trabalho apresentado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2007.
- _____. *A focalização do sujeito no Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2005.
- REINHART, T. *Interface Strategies: Optimal and Costly Computations*, MIT Press, Cambridge, MA, 2006.
- _____. *Interface Strategies*, Utrecht, OTS Working Papers, 1995.
- Rizzi, L. Anotações do curso "Teoria Grammaticale" realizado na Università di Siena, 2008.
- _____. "On Some Properties of Criterial Freezing" in *STiL- Studies in Linguistics*, CISCL Working Papers on Language and Cognition, V. Moscati (Ed.) v. 1, p. 145-158, 2007.
- _____. "On the Form of Chains: Criterial Positions and ECP Effects" in *Wh-movement Moving on*, S. Cheng & N. Corver (Eds) 97-34, MIT Press, 2006.
- _____. "Locality and Left Periphery". In Belletti (Ed.) *Structure and Beyond. The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 3, New York : Oxford University Press, 2004b.
- _____. *The structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 2, New York: Oxford University Press, 2004a.
- _____. "Relative Minimalism Effects" In Baltin, M. & C. Collins (eds) *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*, 89-110, Blackwell Publishers, 2000.
- _____. "The fine structures of left periphery" In *Elements of Grammar*, L. Haegeman (Ed.) . p. 281-337, Klumer Academic Publishers, 1997.
- _____. "Residual verb second and the Wh-criterion". In Belletti, A & L. Rizzi (Eds.) *Parameter and functional heads*: 63-90. New York, Oxford, University Press, 1996.
- _____. *Relativized minimality*. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.
- _____. *Issues in Italian Syntax*. Foris Publication, Dordrecht, 1982.
- _____. & Shlonsky, U. "Strategies of Subject Extraction", in U. Sauerland and H.M, 2007.
- ROBERTS, I. "O português brasileiro no contexto das línguas românicas". In: Roberts, I. e Kato, M. (orgs), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas : Editora da UNICAMP, 1996.
- SELKIRK, E. *Phonology and syntax: The relation between sound and structure*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1984.
- SOBIN, N. "The Comp-trace effect, the adverb effect and minimal CP". *Journal of Linguistics* 38, 527-560, 2002.
- SPORTICHE, D. "A theory of Floating Quantifiers and Its corollaries for Constituent Structure". *Linguistic Inquiry*, v. 19, n. 3, p. 425-449, 1988.
- STARKE, M. *Merges Dissolves into Move*. Tese de Doutorado, University of Geneva, 2001.

- SZENDRÖI, K. "Stress-Focus Correspondence in Italian". *Proceedings of Going Romance 2000*, John Benjamins, Utrecht, 2002.
- _____. *Focus and the Syntax-Phonology Interface*. Tese de Doutorado, University College London, 2001.
- ZUBIZARRETA, M. L. *Prosody, Focus and Word Order*. MIT Press, 1998.